INTRODUCÇÃO

Á

HISTORIA DA LITTERATURA

PORTUGUEZA

OBRAS

DE

THEOPHILO BRAGA

(20 VOLUMES PUBLICADOS)

Visão dos Tempos, 2.ª edição	1 volume
Tempestades Sonoras (esgotado)	1 volume
Ondina do Lago	1 volume
Torrentes	1 volume
Folhas Verdes, 2.ª edição augmentada	1 volume
Historia da Litteratura portugueza	1 volume
Historia do Theatro portuguez *(No prelo)*	2 volum.
Historia da Poesia popular portugueza	1 volume
Cancioneiro popular da tradição oral	1 volume
Romanceiro geral colligido da tradição	1 volume
Cantos populares do Archipelago Açoriano	1 volume
Floresta de Romances	1 volume
Estudos da Edade Media	1 volume
Historia do Direito portuguez	1 volume
Poesia do Direito	1 volume
Contos Phantasticos	1 volume
Obras primas de Chateaubriand	1 volume
Obras primas de Balzac	1 volume
Edição popular dos Luziadas, com um prospecto chronologico da Vida de Camões	1 volume
Gaia, Romance de João Vaz	Folheto
Excavações bibliographicas	Folheto
Theocracias litterarias	Folheto
Historia da Poesia moderna em Portugal	Folheto
Stella Matutina	Folheto
Theses escolhidas de Direito	Folheto
Caracteristicas dos Actos Commerciaes	Folheto
Espirito do Direito Civil moderno	Folheto

HISTORIA

DA

LITTERATURA

PORTUGUEZA

POR

THEOPHILO BRAGA

1.

INTRODUCÇÃO

PORTO

IMPRENSA PORTUGUEZA — EDITORA

1870

INDEX

—

HISTORIA DA LITTERATURA PORTUGUEZA

INTRODUCÇÃO

Em 1867, em uma nota do *Cancioneiro popular*, appareceu pela primeira vez a promessa de uma *Historia da Litteratura portugueza*. A obra está prompta; não sabemos se será possivel vencer a indifferença geral por esta ordem de trabalhos. Se a parte principal tiver de jazer inedita ou se perder, aqui fica desde já a *Introducção*, como o fio conductor para o que aventurar-se a examinar os páramos da nossa litteratura.

Estão lançadas as bases, determinado o elemento nacional, discriminadas as influencias das litteraturas e civilisações estrangeiras que actuaram sobre nós, e ligada a cultura portugueza ás grandes tradições da Edade Media da Europa. A *Introducção á Historia da Litteratura portugueza*, inaugura uma critica nova; inventaram-na os Schlegel, os Grimm, Victor Le Clerc, Daunou, Paulin Paris, Fauriel, e outros; nada mais fizemos do que repassarmo-nos da sua luz. Trabalho modesto a par dos iniciadores, é grande em uma terra aonde nada se estuda e nada se respeita.

HISTORIA
DA
LITTERATURA
PORTUGUEZA

INTRODUCÇÃO

Sob a narração das grandes conquistas e da opulencia dos imperios gigantes, o espirito verdadeiramente philosophico vae intencionalmente procurar o que a efflorescencia rhetorica não soube dizer, e da immensa alluvião de factos allegados contenta-se com descobrir a lei primaria que dirige o movimento fatal. Seria incompleto o resultado, se, da approximação d'estas leis differentes, se não tivesse em vista um conhecimento superior — a sciencia do homem. Os factos da vida politica ou religiosa, das instituições e das descobertas, inspirados por paixões bastante violentas e moveis, não explicam tão bem o homem como as creações artisticas, filhas do sentimento desinteres-

sado, reveladas pela inspiração espontanea e immediata. Depois da renovação profunda dos estudos historicos no nosso seculo, a philosophia já se não compraz em descobrir sómente causas abstractas; quer vida, quer da evolução elevar-se ao conhecimento do sêr, reconstruir pela obra a psychologia do que a sentiu. Melhor do que a litteratura, nenhum facto do espirito satisfaz tão bem esta tendencia. Goëthe presentiu a nova sciencia que se está formando, na unidade das litteraturas de todos os povos. Quem escrever uma historia litteraria, tem, diante da serie das obras de arte, de deduzir o genio e o caracter intimo do povo que as sentiu, e sobretudo de pôr em relêvo as circumstancias exteriores que lhes deram origem. Nas litteraturas da edade media da Europa, vêmos, como lei constante, a lucta do espirito novo, que força as linguas nacionaes, ainda rudes, a exprimirem todo o sentimento de que está possuido, contra o rigor auctoritario das formas e tradições classicas que impuzeram o latim e os monumentos antigos. A lucta da independencia civil travada entre a burguezia e o Feudalismo e a Egreja, reflecte-se profundamente nas creações sentimentaes. A nacionalidade portugueza coincíde com a formação das linguas neo-latinas, que soltaram a sua gaguez pelo canto das epopêas legendares; ao formar-se tambem a sua pequena litteratura, teve ella de encontrar-se de frente contra o exclusivismo classico. Infelizmente, as litteraturas onde foi mais sympathica a renovação dos estudos da antigui-

dade, ficaram eivadas da imitação e votadas a uma esterilidade perpetua; e esses povos, os mais catholicos e os menos livres. Em Portugal deu-se esta lucta; o terrivel elemento classico triumphou. Quando a litteratura portugueza acompanha o genio nacional, amoroso e aventureiro, appresenta o *Amadis* e a prosa de Fernão Lopes, Gil Vicente e Camões, a *Historia Tragico-Maritima*, as *Cartas de uma Religiosa* e o romanceiro cavalheiresco. Quando o Romantismo continuou a lucta tenaz da edade media, libertando a manifestação do sentimento adscripto aos modelos sanccionados, tarde entrou em Portugal esse movimento; Garrett esteve sósinho em campo. Fazer a historia da Litteratura portugueza é mostrar como o genio mediévico teve uma diminuta revelação entre nós, por causa da excessiva auctoridade com que os modelos classicos se impozeram á admiração até hoje.

Ao percorrer os seus differentes periodos, chega-se a uma conclusão desoladora: como um povo formado artificialmente, nunca tivemos uma litteratura verdadeiramente nacional. Na litteratura allemã encontra-se a unidade do espirito germanico, apesar das differenças politicas dos innumeros ducados e principados. A um povo, que se constituiu por circumstancias casuaes, por uma desmembração e mesquinha assimilação, quando as grandes creações da edade media se haviam esgotado, o que lhe restava para fazer, depois de fechado esse estupendo cyclo de audacia e fecundidade, senão a imitação do que estava feito?

---

§. I

DAS RAÇAS E SUAS CREAÇÕES ARTISTICAS

Importancia da geographia moral—As migrações indo-européas —As raças e os climas— Definição moderna da historia— O temperamento dos peninsulares, segundo Stendhal — O caracter da raça transparece através das modificações da civilisação — Caracter da litteratura ingleza, segundo o genio *saxonio* e *normando* — O genio *gaulez* na litteratura franceza —Parallelo da Italia antiga e moderna; manifestação do genio *etrusco* — Fatalidade nas formas da Arte — Differença das escholas de pintura italiana explicadas pelos climas — Estado psychologico da inspiração — As sociedades modernas favorecem as creações artisticas? Falta de originalidade no povo portuguez, por falta de um fundamento organico da nacionalidade.

Só muito tarde descobriu o homem, que os actos que elle julgava mais livres, mais filhos da sua vontade consciente, eram motivados por influencias a que obedecia sem as conhecer. Depois de Vico estabelecer o principio de que o *homem era um producto de si mesmo*, Herder encetou a philosophia da historia pela descripção physica da terra, como do theatro dentro do qual a humanidade tinha de obrar. Não era o sol que tinha sido creado para nos allumiar de dia, nem as estrellas para nos darem luz durante a noite;

o rei da creação não decaíra ao vêr que obedecia ás mesmas leis que produzem no turbilhão dos mundos a harmonia ideal das espheras.. A historia, hoje, não é a narração dos factos, mas a investigação das causas; o vidente do passado tem de procural-as em todos os meios, em todas as forças; aproximal-as e deduzir as leis geraes e, por assim dizer, organicas da vida. Como as grandes correntes do mar, estabelecidas pela repressão dos promontorios e pela graduação das densidades, como a distribuição das plantas na rasão do calor e da luz, o homem, na sua primitiva migração da Bactriana, veiu insensivelmente desfilando em uma corrente de leste a oeste, seguindo a marcha do sol e as correntes magneticas do globo. (1) A cada modificação na atmosphera dá-se uma modificação profunda na sua organisação; Montesquieu foi dos primeiros a dar uma importancia séria á influencia dos *climas*, e por certo a diversidade das *raças* provém das acclimações successivas da humanidade nas suas migrações indo-europêas. Na ordem moral se observa a transformação e acquisição das faculdades. Na viagem longa da India para a Europa, cada paragem produziu uma organisação diversa, com aptidões differentes, uma alteração no senso moral. O Grego, em um clima brando, suave, em uma natureza risonha, collocado em um justo equilibrio das forças da natureza exte-

(1) Michelet, *Introd. à l'Histoire Universelle*, p. 11; Adolphe Pictet, *Origines Indo-Europeénes*.

rior com as do seu organismo, não se sente absorvido como entre a natureza oriental, nem desafiado na sua individualidade como na rispidez do norte. Gosa a vida por todos os póros; é uma infancia contínua, uma voluptuosidade da communicação, tem a vida da cidade, onde o conflicto dos interesses agita as paixões que formam a obra de arte. A Grecia descobriu á vida o sentimento do *Bello*. Depois dos Gregos os Romanos; uma nova paragem produz um novo estado moral; Roma era a *patria das leis*, como diziam os antigos jurisconsultos; nenhum povo levou mais longe a noção do sentimento do *Justo*. Mais alguns graus para o oeste, e os Celtas sentem-se aventureiros, sonhadores, de uma brandura feminina, vivem das grandes legendas; o Gaulez realiza a ideia da confraternidade, e funda a sua theogonia na ideia da immortalidade. O Germano, tendo de luctar mais com a natureza que o cerca, sente-se dotado de uma têmpera mais robusta; a aspereza do norte, e as invasões fazem da *independencia individual* a base do seu caracter. Os sentimentos da grande alma indiana apparecem ali, como as qualidades physicas e moraes de um avô se vão reproduzir no quarto ou quinto neto.

A natureza accumulára no Germano os restos da vida oriental que se dispersara na diffusão das raças; quando os povos do Meio-Dia estavam exhaustos, incapazes de produzir mais, as invasões germanicas vieram insuflar um novo vigor, o seu atavismo, uma seiva pura de vida.

Os modernos prophetas da historia predizem um cataclysmo similhante ao do seculo v, para sacudir a velha Europa e tiral-a do lethargo em que vae caíndo; é á raça Slava, ainda intacta, que compete a futura e terrivel missão.

Como as folhas das plantas variam segundo o ar em que respiram, a diversidade das raças humanas provém da mesma causa.

Blumenbach, na *Unidade da especie humana*, considera o Negro retinto e o loiro Dinamarquez como provindos do mesmo tronco. Uma distancia de graus modificou as nossas ideias eternas do bello, abre um abysmo entre a *Venus de Millo* e a *Venus Hottentote;* dá-nos uma glotica mais perfeita e harmoniosa, e a abstracção da linguagem traz o habito da cogitação. A doçura do ár ambiente, a estabilidade da temperatura, as aguas crystallinas, o céo puro fazem o temperamento sanguineo. (1) O temperamento sanguineo dá uma carnação viva, um thorax largo, proprio para receber grandes volumes de ar, uma circulação mais forte, d'onde resulta um augmento de calor, distribuido até as extremas radiculas nervosas: assim, impressões promptas, uma facilidade de movimentos, um bem estar descuidado, e uma graça e jovialidade espontanea. Eis a organisação do Grego.

Perturbações subitas da atmosphera levam á formação do temperamento bilioso.

(1) Cabanis, Chrichton, Darwin, Haller, Cullen, Pinel, Hallé, etc.

A bilis obra directamente sobre o systema nervoso e na circulação. As impressões são violentas, as ideias mais absolutas mas inconstantes. (1) A inquietação e o mal estar permanente produzem-lhe a actividade; vive mais na catastrophe; a organisação força-o ás grandes emprezas. Stendhal apresenta como typos d'este caracter Sam Domingos, Julio II, Carlos V, Cròmwell. Os grandes homens de Portugal têm todos este temperamento: Affonso Henriques, Gonçalo Mendes da Maia, Pedro Cru, Dom João II, Sá de Miranda, Pombal; mas o caracter bilioso funde-se com o temperamento melancholico, (2) porque a temperatura quente, periodicamente perturbada de novoeiros, e as aguas carregadas de saes pouco soluveis, nos forçam a esta transformação. O bilioso melancholico é taciturno como D. Pedro I ou Sá de Miranda, grave como os Reinícolos do seculo XVII, sensual como Dom Diniz, como Dom João V, mal humorado como Bocage ou o Lobo da Madragôa. As Chronicas e as memorias biographicas conservam factos e anedoctas para estas conclusões.

A feição, a essencia do caracter portuguez é uma hesitação constante, incapacidade de uma determinação prompta, que faz o povo soffredor, contemporisa-

(1) Observações de Stendhal, *Hist. de la Peint.* p. 236.

(2) «O bilioso-melancholico, variedade tão commum em Hespanha e Portugal, e no Japão, parece-me o temperamento da desgraça em todas as suas formas.» Stendhal, *Hist. de la Peinture en Italie*, pag. 237

dor e visionario, sem espirito de empreza, nem instincto industrial. Tiraram-lhe os Conventos, contrariaram-lhe o genio solitario; acabou o direito de conquista, cessou o genio da aventura, e ficou miseravel.

Estas verdades são duras de ouvir, mas é preciso que se digam. Para o melancholico o *amor é sempre um negocio serio.* (1) E que sômos aos olhos da Europa senão um povo de apaixonados? Lope de Vega na comedia de *Dorothêa*, dizia: «eu, senhora, tenho olhos de criança e alma de portuguez.» As *Cartas de uma Religiosa portugueza* propagaram a fama de que gosamos. Vicente Espinel, no *Escudero Marcos de Obregon*, diz: «namorava a todas como um portuguez.» Madame de Sevigné respondendo a uma carta sentimental, acautella-se no estylo com medo de se tornar uma *portugueza.* Quinet, na sua viagem a Hespanha, fala das portuguezas como irmãs da *Sacuntala* da India, assim apaixonadas e tristes; Lisboa é para elle uma cidade funerea; parece que a cada palavra vem a confidencia de uma revolução. O suicidio é uma doença contagiosa em Portugal; (2) o mysticismo torna-se aqui um quietismo sensual, como se vê nas anedoctas do convento das Freiras de Odivellas; a graça torna-se uma obscenidade, como se pode vêr a cada verso dos poetas satyricos, Bocage ou o Lobo, José Agostinho, Gil Vicente e Antonio José.

(1) Stendhal, Ob. cit.

(2) Durante a minha formatura suicidaram-se muitos estudantes, contando em seis annos tres condiscipulos. Os jornaes archivam estes factos todos os dias.

O clima de Portugal favorece em extremo o temperamento bilioso-melancholico; nos districtos mais elevados das provincias do norte, as neves mantêm na estação calmosa a frescura da atmosphera, tornando as noites frias mesmo nos ardores do verão. O estrago das matas do reino tem alterado a egualdade do clima, fazendo-o de ameno sáfaro e insalubre; os terrenos marginaes dos rios, desguarnecidos de arvoredo, têm alteado o alvêo com immensas areias, facilitando assim as enchentes e a formação dos pantanos. O solo do paiz é accidentado, variando o clima de provincia para provincia; ao passo que na Beira, Minho e Traz-os-Montes, a visinhança do mar ou as grandes montanhas e os valles profundos tornam o clima mais desegual e desabrido, apresentando na Serra da Estrella e no Gerez as vegetações das zonas frias, o Algarve com as suas grandes planicies, produz o algodoeiro das zonas quentes. A florescencia encerra a prova d'estes phenomenos; os cereaes recolhem-se mais cedo um mez na Extremadura e Alemtejo, do que em Traz-os-Montes, em Trancoso, na Guarda, em Almeida e no Sabugal; o pecegueiro, o damasqueiro e a cerejeira florescem em Chaves em Janeiro, em Montalegre em Dezembro, e em Coimbra nos principios de Fevereiro. As duas primaveras que o anno apresenta em Fevereiro e Outubro, são alternadas, a primeira de calor e chuva em todos os tres mezes de duração, a segunda é precedida de tres mezes de calma ardente e falta de agua até ao equinocio, em que começam as chuvas torrenciaes. Vejâmos

agora o caracter de cada provincia, como tão bem o caracterisou um dos maiores talentos da nossa terra; na rica Extremadura, é mais geral a miseria da população solitaria e ignorante, explorando o solo feracissimo como rotinas caducas, e apoucando o valor dos productos pela deficiencia de estradas. Na Beira, o systema agricola dos pousios não deixa á terra a largueza da sua producção, diminuida cada vez mais com a extenção dos baldios para pastos. Os campos de Coimbra, de bellos que foram, tornaram-se palustres e doentios. Accresce a todas estas causas a falta de communicações, que conservou o povo em uma rudeza e fanatismo invencivel. O Minho é a mais pequena de todas as provincias e a mais florescente em agricultura, em commercio e industria; aqui a actividade do homem venceu o terreno esteril tornando-o fecundo; ha mais população, mais fartura, mais desenvolvimento moral e mais vida e esperança nos destinos d'esta pobre nacionalidade. Traz-os-Montes é uma provincia montanhosa, fria em extremo no inverno, abrasada pelas calmas no verão, em rasão dos grandes montes que a cercam; tem immensos baldios, contando-se mais de dez leguas abandonadas desde a raia de Hespanha até ás proximidades da Barca d'Alva; ali o homem participa do caracter energico que lhe dá a natureza, é contrabandista. O Alemtejo é a provincia mais extensa, mais fertil, e a mais despovoada; a fecundidade do solo fez o habitante indolente e inerte; ama de preferencia o ser guardador de gado, a vida de campino; o seu

desleixo tem empobrecido a provincia por falta de não procurarem aguas. O clima do Algarve é amenissimo, uberrimo o terreno, mas desprezado; não conhecem os seus habitantes a vantagem das florestas, e vão sendo invadidos pelos areiaes; a vegetação é tropical, a bananeira, a palmeira, a cana de assucar, amendoaes, alfarrobaes e figueiraes florescem luxuriantes, mas os rios e as barras vão-se tornando incommunicaveis pela indolencia dos povos. A não ser no Minho, todas as outras provincias estão rotineiras e estacionarias. (1)

A vida intellectual está mais desprezada do que a desleixada agricultura; o portuguez é em geral scismador, vive mais das tradições do passado, do que das ideas novas, que repelle com indignação. De todas estas circumstancias tem resultado uma pobreza e tristeza geral, aggravada pela implantação dos systemas financeiros e administrativos de França pelos politicos desastrados que têm dirigido os destinos de Portugal. Pela historia da litteratura portugueza, bem contra vontade se vê que é um povo morto; não ha uma obra d'arte verdadeiramente filha do seu tempo, se exceptuarmos o milagre dos *Lusiadas*. As ricas tradições da nossa historia ficaram esquecidas pelos poetas que fa-

(1) Todos estes factos são extrahidos do bello livro ***Estudos sobre os Roteamentos e Colonias agricolas***, de Antonio de Avelar Severino, um verdadeiro homem de genio que teve a desgraça de morrer ás mãos de mediocridades. A indignação das injustiças fez-lhe perder a rasão, indo expirar este assombro da intelligencia no hospital de Rilhafolles! Sejam estas as primeiras palavras de justiça que dessedentem tão grande alma.

rejaram a antiguidade romana, e por muito tempo, antes de Garrett e do *Cancioneiro e Romanceiro geral Portuguez*, se acreditava que o nosso povo não tinha poesia nacional, ou pelo menos lhe faltara a originalidade nos seus romances. Triste condição de uma nacionalidade formada caprichosamente.

Assim como as montanhas de Portugal se derivam de Hespanha, bem como os principaes rios, (1) veiu tambem de lá a nacionalidade portugueza, produzida por uma desmembração artificial; assim no periodo epico da formação dos Romanceiros da Peninsula, do seculo XIV ao seculo XVI, a mesma corrente da inspiração popular passou de Hespanha para Portugal; era o mesmo sangue arabe mixto, o mesmo genio aventuroso e amigo de ouvir falar de extranhos successos, que fazia florescer em Portugal uma das mais esplendidas poesias da edade media.

Emfim os innumeros factos em que se observa a influencia dos climas, a transformação dos temperamentos, e a hereditariedade das raças, têm-se agrupado de modo que estão lançadas as bases para a grande descoberta moderna da *Geographia moral*. A historia da Arte, as creações da Litteratura, todas as obras em que a alma humana se deixar surprehender

(1) As serras do Gerez, do Suazo e de Marão, representam no Minho o monte Gaviarra, e em Bragança o Montesinho. As serras de Mamede, de Lessa, de S. João, de Vianna derivam-se dos montes de Toledo. Os rios Tejo e Douro nascem em Aragão.

na sua espontaneidade nativa, são os mais verdadeiros auxiliares da sciencia nova. *Nihil praeter facta*. Todas as vezes que o estylo, a rhetorica convencional ou o servilismo da moda de uma certa epoca velarem as manifestações francas do espirito, essa litteratura não tem valor, porque o genio creador está substituido por uma habil curiosidade. O leitor pode já vêr qual a indole d'esta Historia, e quaes os escriptores que dão uma feição accentuada á litteratura portugueza. A litteratura é uma creação fatal, um resultado das ideias religiosas, das formas linguisticas, das revoluções sociaes, da civilisação de cada cyclo. Os *Romanceiros* da Peninsula foram inspirados ao povo pela lucta e convivencia dos Arabes, pelo regimen e prepotencia feudal, pela creação dos fóros municipaes; os *Fabliaux* francezes pela lucta do terceiro estado; a *Iliada* e a *Odyssea* pela invasão das Colonias da Asia; a *Eneida* pelas tradições da futura grandeza de Roma; os *Lusiadas* pelas grandes descobertas que inauguraram a civilisação e um novo estado social do mundo moderno. É a esta altura que se devem tomar as creações do espirito, sob pena de violentar as intelligencias ás regras technologicas dos grammaticos, que dão eternos combates sobre o valor de uma palavra. Ora o grammatico é um especialista, que, a pretexto da sua especialidade, se acha com direito de ignorar tudo, sem perder a importancia de sabio. É preciso banir estes vendilhões do templo da arte; Jesus era manso e bom e teve de lançar mão do azurragne.

O nosso primeiro philosopho da edade media, reconheceu a influencia dos temperamentos e dos climas; El-rei Dom Duarte fala, no *Leal Conselheiro*, dos temperamentos e sua influencia no caracter: «E das compreiçoes em geeral se afirma que os *collericos*, de sanha, perfia, soberva som tentados, querendo semelhar ao fogo, de que condiçom mais participão em alteza e fervor. E os *sanguinhos* das cousas allegres, de bem querenças, festas, jogos, danças, tanger, cantar, montes, caças, pescarias, todo per spaço, folgança, mais som requeridos segundo a compreissom do aar, por que os obradores de taees cousas desordenadamente, e nem a tal fym como devem, vaydade recebem por gallardom. Os *freimaticos*, vyço de comer, bever, dormyr, sem trabalho do corpo nem do spirito, muyto desejam por o pesume de sua frieldade e humydade semelhante aas auguas. E os *menencoricos* das cousas tristes, davorrecymento de sy, doutrem, com desperaçom de todo bem, e grande sospeita dos malles som requeridos, semelhando por sua frieldade e secura a terra seca daugas, que fruito boo e proveitoso nom pode geerar.» (1)

A moderna formula da historia — «a lucta do homem contra a natureza, a lucta do espirito contra a materia, a lucta da liberdade contra a fatalidade» (2) torna-se tanto mais verdadeira ao passo que se estu-

(1) *Leal Conselheiro*, cap. LXXV, pag. 371. Escripto em 1425.
(2) Michelet, *Introd. à l'Hist. Universel*, p. 9.

dam as creações humanas. Como as formas religiosas têm um desdobramento successivo, polytheismo, dualismo, monotheismo e tritheismo ou dogma abstracto; como as formas politicas têm uma successão inevitavel, theocracia, aristocracia, monarchia e democracia; a Arte tem uma marcha egual: symbolismo poetico e morphico, Estatuaria, Pintura, Architectura e Musica. As epocas de creação estão acabadas. Passou a ignorancia creadora; entrámos no *periodo erudito;* cabe ao seculo XIX a metaphysica, a synthese suprema das causas, e a sua aproximação dos factos.

O genio da raça transluz debaixo das creações artisticas, ainda mesmo apezar dos preconceitos de eschola, e das exigencias de uma dada civilisação. Na litteratura ingleza, o sangue *saxonio* e o *normando* produzem duas correntes de inspiração, caracterisadas nos maiores escriptores. Taine concentrou os factos psychologicos na sua *Historia da Litteratura ingleza.* O Saxão tem o genio tenaz, batalhador, vive da incerteza, sorri-lhe a idea da morte, põe-se em lucta diante da natureza; a tenção violenta diante da catastrophe é o momento mais bello da sua vida; tem uma mythologia sombria, tradições medonhas, instinctos brutaes. Batido através da alta Asia, repellido pela aspereza dos steppes russos, baixa sobre os parceis do mar germanico como o alcyão da tormenta, vindo acoutar-se na Bretanha. Os Saxões, os Juttes e os Anglos são da mesma familia; para elles o céo de chumbo da Inglaterra é uma aurora, comparado com a cerração dos

mares do norte. São meio hypopótamos na ferocidade, e na voracidade: as bebidas mais corrosivas inebriam-os de alegria; a tenacidade da empreza traz-lhes a dedicação firme, a fidelidade eterna. A idea da morte é para elles uma phantasmagoria passageira. Um guerreiro do Norte, ao receber a morte, diz: «Por que me não hade succeder o mesmo que a meu pae; morreu já, e eu tambem morro.» Outro exclama diante do vencedor: «Recebo a morte de boa vontade, e esta hora me apraz.» Outro pede ao algoz, que lhe descarregue na fronte o golpe para vêr se elle é capaz de pestenejar: «Heide estar immovel, e tu observarás se eu ao menos pestenejo; estâmos acostumados a não fechar os olhos mesmo recebendo um golpe de morte; ensaiâmonos n'isto entre nós.» (1) Quando o influxo do christianismo veiu explorar o instincto supersticioso d'esta raça, ella não abandonou completamente as suas divindades terriveis; Thor, o deos que enviava o malho pelos ares, tinha bastante analogia com o Deos dos exercitos, como o descreve a Biblia, isolado no seu poder infindo e exclusivo; a descida aos infernos, o fim do mundo, o juizo universal, eram grandes legendas que seduziam a alma saxonia. Assim a poesia ingleza, filha d'estes sentimentos energicos, representa na sua espontaneidade a trilogia satanica: a *Duvida*, o *Mal*, o *Desespero*. (2) Quando o sôpro da antiguidade classica

(1) Stendhal, *Hist. de la Peint.* p. 8.
(2) Michelet, *Introd. à l'Hist. Universel.*

fazia reviver a alma humana, acordando-lhe a crença na arte, Shakespeare serve-se do ideal para pôr a fórmula da *duvida* no *Hamlet*. (1) No morticinio de uma revolução, Buttler ridicularisa com o *humour* o *Cavalheiro do Hudibras*, personificação das questões theologicas que occupavam simultaneamente a Inglaterra. Depois d'isso a Inglaterra nunca mais creu; o riso mata o encantamento, dispersa a nuvem que encobre o *deus absconditus*. Esterelisou-se ali o sentimento religioso aferrado á letra da Biblia. A Reforma, originada pelo instincto da liberdade, exagera-se para o puritanismo despotico. Milton accumula as forças para este lado; o *Paraiso Perdido* é a divinisação de Sátan; na inversão completa dos principios moraes, exalta a queda: *Mal! sê o meu bem.* (2)

Byron completa a trilogia satanica; saxonio puro, vê-se entre os *gentlemens* de caracter normando que o repellem; elle é o *Don Juan*, que desmascara a sociedade que o amaldiçôa, é o vagabundo *Childe Harold* errante pelo mundo, não achando descanso, nem consolação, nem esperança. A sua morte é a de um desesperado. Pelo grande facto da Renascença, renovação da alma nas fontes vivas da natureza, a cavalleria tornou-se um acto social em que a *honra* e o *amor* perderam o caracter aventuroso e mystico, para fixarem a *familia* moderna; a religião tornou-se tolerante; o direito per-

(1) To be, or not to be, that this the question.
(2) Evil be then my good! *Paradise*, B. IV. v, 110; etc.

deu o symbolismo severo, ficou logico, arvorando a rasão acima do *costume*. A datar d'este ponto o direito da Europa tende para a unidade. A Renascença trazendo a alma á naturalidade primitiva, em Inglaterra descobriu o veio saxonio, como as torrentes que descarnam o rochedo; Dayton, Greene, Marlow, Ben Jonhson são os corybantes d'este impeto genial, em que Shakespeare, na audacia da creação, chega a oppôr os seus typos ás creaturas de Deos. Elle vê para dentro da alma humana, deixa a nú as paixões, e põe-nas em collisão, para fazer sentir a verdade dos grandes principios. No estado psychologico do mundo moderno, em que a burguezia reclamava a sua parte de egualdade, os interesses da vida tornaram-se mais amplos. A uma forma de arte succedia-se outra: assim tinha de apparecer o Drama. Os primeiros escriptores de theatro traziam para a scena os typos taes como os observavam; o nosso Gil Vicente toca a obscenidade. Massinger, Ford, Webster, continuam a calçar o cothurno tremendo de Marlow.

Ao veio *saxonio* contrapõe-se o genio *normando*. Os Normandos eram Juttes e Anglos trazidos do norte para as costas do Meio Dia da Europa; desde o seculo IX e X que andavam em continuas invasões maritimas. Atacaram o norte de Portugal, e chegaram até Lisboa, deixando na nossa lingua grandes vestigios da sua passagem. (1) Terriveis e vagabundos como

(1) No Minho encontra-se na tradição oral a lenda scandinava do ferreiro *Viland*; a lingua portugueza conserva para cima de cem palavras de origem scandinava.

os seus irmãos saxonios, a frequencia nos climas suaves do sul enfraqueceu a irritabilidade biliosa, tornou-os brandos, assimiladores, amigos da novidade. Os climas mudam os temperamentos. (1) A conquista dos Normandos sobre os Saxões foi superficial: a final os vencidos imprimiram o seu caracter aos invasores, em menos de tres seculos. O espirito normando e saxão, no seu antagonismo, é sensivel no povo e na aristocracia ingleza. A litteratura ressente-se da influencia *normanda* na predilecção da fórma, na imitação dos modelos convencionaes, em um classicismo sem ideia, em um meio termo do bom, em menos espontaneidade e mais estylo. Dryden, Pope, Addisson, Waller seguem a moda litteraria, e ainda hoje fazem a predilecção dos espiritos academicos, dos que consideram a litteratura como uma habil curiosidade.

A hombridade saxonia e a cortezania e facilidade normanda fundiram-se, como o temperamento bilioso e sanguíneo, formando um caracter. O *humour* é o estado psychico filho d'esta fusão. O *humour* é um lampejo de alegria sobre um ar taciturno constante; é um mau estar, como de um habito que se perturba e se contraría. E' vago como uma jovialidade indecisa, e communicativo como uma doença local. O *humour* é o verdadeiro elemento da obra d'arte ingleza, a fórmu-

(1) O grande observador Stendhal sustenta, que o temperamento *fleugmatico* do hollandez póde tornar-se *bilioso* com a permanencia em Napoles. *Hist. de la Peinture*, p. 236.

la da sua esthetica. Sterne no *Tristam Shandy* e na *Viagem sentimental*, Swift nas *Viagens de Gulliver*, Fielding no *Tom Jones*, são inimitaveis; Xavier de Maistre pensava fazer humorismo e saíu-lhe uma engraçada *bluette* na *Voyage au tour de ma chambre*. Em philosophia o genio terrivel do saxão apparece em Hobbes, auctor da maxima —*homo hominis lupus;* e o sentimento do bello está quasi inteiramente substituido por faculdades utilitarias. A Inglaterra é a patria da philosophia positiva.

No seculo XV, já El-rei Dom Duarte considerava a influencia dos climas: «Primeiro da terra, compreissam. Esto veemos, graças a Nosso Senhor, como em geeral os mais de todos portuguezes *som leaes e de boos corações;* e os ingreses, vallentes homes d'armas, de grande e boo regimento em suas igrejas e casas, e assy quaesquer outras nações teem geeralmente alguas virtudes e fallecymentos, nem todollos do reino ou Senhorio igualmente os ajam, mas em geeral teem dello grande parte.» (1)

O caracter gaulez, audaz e mobil, com regularidade nos seus caprichos, logico na sua paixão, preferindo a prosa em vez da poesia, o conto engraçado e faceto á epopêa legendar, trocando a palavra abstracta em vez do symbolo material, possuindo-se primeiro do que ninguem pela verdade das grandes ideias, mas pelo que ellas tem de pratico e sociavel, adorando a de-

(1) *Leal Conselheiro*, pag. 218.

dicação da amisade e mais ainda o chiste de um bom dito, leviano mas intuitivo no alcance, bom e ao mesmo tempo implacavel na ironia, sensualista com ideias profundas e crentes sobre a immortalidade, o genio gaulez é a alma d'este ecclectismo intelligente, d'este instincto de sociabilidade, que caracterisa o francez em toda a parte do universo; faz do homem um negociante de quinquilharias e perfumarias capaz de ser um grande orador revolucionario; ensina-lhe a pôr em alarme a curiosidade com a novidade do cartaz, e leva-o ás conclusões seguras da philosophia positiva. Quando o direito universal tinha um symbolismo poetico, a França começava pela linguagem da rasão; quando a Europa gemia sob o peso do feudalismo e da egreja, o burguez ria-se no *fabliau*, desarmando todas as tyrannias. A lingua franceza tem-se tornado universal por este instincto da sociabilidade do genio gaulez; por ella se communicam os sentimentos mais cortezãos e respeitosos; confessa-o Brunetto Latini. É uma lingua vulgarisadora em toda a ordem de factos; enfeita a profundidade com uma facilidade apparente, com uma claridade franca. E' por isso que a França tem sido considerada com justiça como o coração da Europa, e do mundo, onde primeiro se sentem pulsar as emoções mais novas. A litteratura é toda influenciada por este genio; ora desenvolta, cheia de ironias e de contos da boa sociedade, como em Rabelais, du Faïl, Bonaventure des Pérriers, Beroalde de Verville e a Rainha de Navarra; sarcastica e mordente, como nos *fabliaux*

do seculo XII e XIII, e no velho theatro; pedante como em Marmontel, Delille; apaixonada e mystica em Fénelon e Sam Francisco de Sales, a litteratura franceza sacrifica a originalidade ao bom gosto, á sociedade, ao gracejo. Deixando de parte a harmonia e levando-se mais pelo ruído, o francez acompanha as revoluções tremendas com cantigas, faz com estribilhos vulgares o que outro povo não consegue com balas.

As influencias locaes e os caracteres de uma raça transparecem ainda mesmo através das modificações dos tempos e das civilisações. Na Italia antiga e moderna, cuja historia é mais conhecida, abundam os factos em que se estriba esta asserção. Nenhum povo tem permanecido tão similhante a si proprio, como o italiano; (1) costumes, tradições, superstições, está tudo intacto; não é a immobilidade chineza que os conserva, mas a sympathia irresistivel. As excavações de Pompeia mostram que a mulher italiana ainda usa o *venetus cuculus*, a agulha de aço com que prende os cabellos; o *pileus* usa-se até em Fondi; os *improvisatori* modernos, rodeados pela multidão, fazem o mesmo que o poeta Stacio em Roma. A alimentação é do mesmo regimen, o *prandium* ao meio dia; os preceitos das *Georgicas* ainda vigoram na agricultura; e as cercanias de Roma permanecem desertas, porque o aphorismo de Catão faz que se não mude o systema

(1) Provado por Michelet, na *Introducção á Historia Universal*, p. 61, edição de 1843. Resumiremos os factos que elle aproxima.

dos prados; os *Condotiere* precisam de dar largas ao antigo instincto bellicoso que fez da Italia um povo *late regem*. Os contos da feiticeira Circe continuam a povoar a imaginação popular; (1) segundo Niebuhr, os romanos de hoje acreditam na existencia da donzella Tarpeia em um poço do Capitolio. Os *Marsi*, curavam mordeduras das serpentes, e os *Giravoli* dos arredores de Syracusa pertendem hoje cural-as com saliva. Quando o christianismo se implantou na Europa, teve de vencer as tradições e superstições locaes; adoptou o systema do Pantheon, que romanisava todas as divindades. Assim o christianismo deixou permanecer todas as legendas na fórma, substituindo-lhes um sentido novo. Fez uma revolução insensivel. Os milagres de Medêa são attribuidos pelos napolitanos a San Domenico di Cullino; o templo de Romulus e Remus são hoje dos gemeos Sam Cosme e Damião; a capella de Santa Anna Petronilla está no sitio d'onde se precipitou Anna Perenna. (2)

Na Grecia moderna as tradições heroicas e muitos versos das tragedias de Eschyllo e Euripedes andam nos estribilhos populares. North Douglas, no *Ensaio sobre os Gregos*, achou na companhia dos mancebos jonios o semblante e a linguagem dos antigos hellenos; cantavam nas guitarras como os Rhapsodos, e ao toque da trombeta corriam á conspiração. O viajante

(1) Boustetten, *Viagem sobre o theatro da Eneida*, apud Michelet.

(2) Michelet aponta muitos outros factos, a p. 211 e 212.

diz suspirando: «vinte quatro seculos antes, seriam uns Alcibiades.»

No meio dia da França, na amenidade da natureza, e no socego das revoluções, a Provença vê florir no seu seio a poesia do amor e da galanteria; ainda modernamente a lingua d'*Oc* tem seus trovadores, como Jasmin, o poeta da pobreza.

Roussew Saint-Hilaire, na *Historia de Hespanha*, acha o mesmo gosto no vestuario que tinham os seus antigos dominadores. É o genio iberico, tenaz e supersticioso, que os submetteu na edade media aos Concilios em que os padres depunham os reis, o que ainda faz da Hespanha um povo monastico. As festas dos mortos dos Cabiras da Irlanda, são usadas hoje na Peninsula no *dia de finados*; (1) os rapazes vão cantando pelas portas, para receber as offerendas motivadas pela saudade.

As esperanças das raças celticas, personificadas na vinda de el-rei Arthur, ainda hoje alentam o nosso povo, tão decaído da sua antiga grandeza, no *sonho do Quinto Imperio do mundo*, em que Dom Sebastião, o Desejado, hade vir empunhar o sceptro das raças latinas. As tradições da velha Atlandida occupam a imaginação dos portuguezes das ilhas, que julgam vel-a nas cerrações da noite de Sam João. A fusão dos Iberos e Celtas na Peninsula foi imperfeita, como diz Guilherme Humboldt; de facto os Iberos, (talvez os

(1) Adolphe Pictet, *Os Cabiras*, p. 84, not. 1.

Pelasgos repellidos do Mediterraneo e acantoados na Peninsula deserta) trouxeram para aqui os seus instinctos de mineiro, a sciencia metallurgica, a religião tenebrosa que os tornou temidos, e escolheram os Pyreneos, como sitio de predilecção. O elemento docil, aventureiro, amoroso, os Celtas, assentaram-se para as bandas do mar; por isso nos costumes, no caracter e nas creações do espirito dos portuguezes transluz o genio celtico, não obstante as modernas descobertas da historia levarem á conclusão de que o povo portuguez nada tem de commum com os antigos invasores da Peninsula.

A Allemanha, como os grandes lagos que tem communicação subterranea com o mar, representa no mundo moderno a acção da India na civilisação dos seculos. Mais do que nenhum outro povo, o allemão tem o sentimento do symbolo; em religião, é mystico em Tauler, Ruysbrok, Bohem, não conhece os limites da crença na orthodoxia; em direito, substituiu á logica de ferro do Direito romano as ceremonias juridicas; na arte, a pintura ignora a expressão e a graça, fica dura, crua, sem movimento, para traduzir symbolicamente a ideia. Não tendo o genio poetico que formou as epopeas nacionaes de milhões e milhões de versos, onde se conta a historia de dynastias seculares, vae mais adiante; na sequencia do desenvolvimento das faculdades poeticas, cabe á Allemanha exclusivamente o genio metaphysico. Ella não tem o *Mahabharata*, nem o *Ra-*

mayna, mas tem os systemas metaphysicos de Hegel, de Schelling, de Fichte, de Kant.

Na successão das fórmas da arte, á Italia coube o descobrimento da pintura; na Grecia, a arte tornara a religião antropomórphica dando como divina a *estatua*, a Italia tomou a figura humana para objecto unico dos seus quadros. O Deos que a inspirava era tambem homem; infinito e mortal ao mesmo tempo, aí estava o mysterio, o incomprehensivel precisando de uma fórma d'arte menos concreta, mais vaga. Cada eschola de pintura, na Italia, tem caracteres, em que apparecem feições proprias, que se succedem fatalmente. O primeiro passo para vencer a rudeza morta da pintura byzantina, foi a ideia de aperfeiçoar os *baixos-relevos*. Sente-se aqui a transição da estatua para o quadro. A Toscana, aquella antiga Etruria, onde primeiro appareceram as artes e as sciencias na Peninsula italica, começou o movimento; a raça lançava-se para esta descoberta. Nicolau Pisano imitou na pintura as figuras em relevo dos tumulos antigos; vendo mais a fórma material que palpava, do que a *linha* cujo ideal procurava, não podia deixar de ser um excellente architecto. (1) Assim a eschola de Roma e de Florença são correctas no desenho (2); as figuras reproduzidas de um modo severo, tem muitas vezes, como diz Michelet, a secura architectural. (3)

(1) Stendhal, *Hist. de la Peint.* p. 50.
(2) Veja-se Raphael, Salvator Rosa.
(3) Obr. cit. pag. 57.

Apoz a esculptura veiu o mosaico, descoberta de Toscana. (1) Na observação psychologica, a *graça*, e a *delicadeza* são precedidas pela *altiveza* e pelo *terror*. Tal é o estyllo do florentino Cimabue; Gioto revelou-se tambem pelo desenho. Todos sabem a anedocta do pastorsinho que desenhava o rebanho nas superficies dos rochedos; a severidade da reproducção da figura fez-lhe descobrir o *retrato*. A eschola Lombarda eleva-se na pintura *á graça* (2) e ao *movimento;* a eschola de Napoles descobre os *effeitos da luz;* a eschola de Veneza não tem rival no *colorido*. (3) A exageração da vida da Renascença, a actividade da burguezia de uma Republica mercantil, fal-a precisar de emoções fortes; o *colorido* ali é vivo e exagerado. O Tintoreto pinta com furia, e compõe de improviso, ás braças. A eschola de Bolonha pertence a uma época em que a creação inconsciente vae acabando; ficam as regras que se tornam technicas. A inspiração cessa para dar logar á reflexão e ao estudo; formada depois de todas as outras (4) a eschola de Bolonha que podia ser, senão *eccletica?* (5)

E' esta a marcha dos systhemas de philosophia, que, como a Arte, observa geralmente os phenomenos da natureza. As creações do espirito fornecem factos

(1) Do monge Mino da Turita; p. 51 de Stendhal.
(2) Veja-se Leonardo de Vinci, Corregio.
(3) Veja-se Paulo Veronese, Giorgione, Ticiano.
(4) Michelet, Obr. cit. pag. 208.
(5) Veja-se os Carraches, Dominiquino, Primatice.

brilhantes para a physiologia. Todos os trabalhos devem confluir para enriquecer esta sciencia.

A lucta da liberdade contra a fatalidade, que constitue a historia, na accepção profunda d'esta palavra, torna-se sensivel na organisação do homem. Os nervos de *relação*, como o cerbero, cujos movimentos são livres, e o *grande sympathico*, cujos movimentos são fataes, produzem a vida na sua duplicidade. A vida do homem está n'este jogo dos orgãos, não só em si ou na consciencia, como através do tempo ou na historia. A inspiração é um effeito da exaltação do systema nervoso; a intelligencia está na rasão directa do phosphoro que entra na formação dos acidos gordos do cerebro. (1) Quando Goëthe dizia, que um rapaz não pode fazer uma obra d'arte, porque obedece cegamente á inspiração, dizia uma falsidade; quando se é natural obedece-se a si mesmo. Miguel Angelo e Julio Romano, dotados do temperamento bilioso, só pintaram figuras violentas, capazes de emoções fortes, surprehendidas em movimentos bruscos. (2) Na Arte, é onde mais se vê a fatalidade da organisação. A impressão que hade ser descripta no verso ou com a palheta é subita; o agente passivo não sabe, não prevê o modo como o objecto que contempla o impressiona. A não ser assim, o que o artista contemplava deixava de ser uma realidade, para reduzir-se a uma forma con-

(1) Factos provados na Chimica organica, e do dominio da Physiologia.

(2) Observação de Stendhal, pag. 216.

vencional ou symbolica. Sob este ponto de vista os cantos populares merecem uma importancia transcendente, e as litteraturas são tanto mais originaes quanto menos rhetoricas. A hereditariedade das predisposições ou faculdades é um facto irrefutavel, e bem pouco observado. Na biographia dos compositores de musica, circumstancias fataes accumulam no feto as faculdades harmonicas; Sebastião Bach, Rossini, Mozart, Beethoven, Weber, em todas as escholas, os maiores compositores nascem de familias que tinham predilecção pela musica. O *tino medico* andava vinculado na geração de Hippocrates. Os antigos eram rasoaveis na ideia de educação, fazendo que o filho seguisse o officio do pae. As influencias recebidas no ventre materno não são tão frequentes, mas imprimem-se profundamente. Não ha Messias sem um Precursor. Renan mostra que a raça judaica, sempre batida e opprimida no cativeiro, alegrava-se com as esperanças de um libertador. Esta ideia, a que se apellava na desolação extrema, impressionava as mães, que iam communicando aos fetos a exaltação em que as deixavam os cantos dos prophetas. Qual d'ellas realisaria as palavras terriveis do threnos? Quantas conceberiam, na esperança de trazer no seio a liberdade de Israel? Jesus era filho do povo, nascido justamente no meio onde o despotismo romano era mais insuportavel, e onde as emoções são mais indeleveis.

O estado psychico da inspiração é uma tensão violenta do systema nevorso, uma encephalgia, uma espe-

cie de eretismo chronico; é o *genus irritabile* do velho aphorismo. O genio só se revela pela lucta; as grandes crises fazem apparecer os grandes homens. Em uma epoca em que as garantias politicas se acham distribuidas em um justo equilibrio, em que a esphera de acção está descripta nos codigos, em que o interesse e o egoismo generalisam as virtudes negativas e impõem uma moral chata e o senso commum, o homem de genio abafa, vê-se ridicularisado, procura confundir-se com a multidão, tornar-se mediocre. As sociedades antigas favoreciam mais a livre manifestação do bello; a vida do *forum*, do *ágora* faziam que o homem se possuisse do respeito de si mesmo; falava como um deos, obrava segundo as impressões proprias, não conhecia o ridiculo, não havia contraste entre elle e os outros concidadãos. A cada passo tinha de recorrer á revolta para por um dique ao despotismo; nas festas nacionaes competia com os mais esbeltos, com os mais ligeiros, com os mais fortes. Roma era menos artistica, pela influencia legal; a jurisprudencia absorvera-lhe as faculdades; a maior parte dos jurisconsultos eram poetas, e nos poetas romanos foi Cujaccio descobrir os mais puros vestigios da legislação. A Italia tem uma atmosphera de revolução; sempre em lucta contra o poder papal e imperial, d'ali tem vindo os primeiros homens do mundo moderno: Francisco de Assis, Gioto, Galileo, Campanella, Vico, Machiavello, Napoleão, Rossini. A *balia* de Florença fazia nascer no povo espiritos como os de Dante e Miguel Angelo.

As impressões vivas tornam a vida mais intensa; a vida não se mede pelos annos, mas pelos successos passados dentro de um dado tempo.

As melhores épocas da arte moderna coincídem com o veneno dos Borgias; as victorias dos turcos fazem o fundo do quadro a *Melancholia* de Alberto Durer. O desterro abre a Dante a *selva oscura* da *Divina Commedia;* a tortura confirma Galileu no movimento da terra, alevanta Campanella até á *Cidade do Sol;* Palestrina, descobridor da musica religiosa, inspira-se da injustiça dos papas; Cimarosa, o sonhador divino do *Matrimonio secreto*, não fica em silencio presentindo a guerra do despotismo austriaco que lhe deu a morte. Foi a larga oppressão de seculos, a negação do principio da justiça durante a edade media, que gerou os homens da revolução. Essa geração levanta-se, como o gladiador de Byron quando se vê servindo de ludibrio no circo romano: «Barbaros do Norte, erguei-vos.» *Arise! ye Goths, and glut your ire!* (1)

Em Portugal, como em um microcosmos, a natureza humana mostra-se a mesma; a poesia floresce justamente quando os nossos cavalleiros traziam accesas as almenaras dos castellos roqueiros, e faziam sortidas, correrias nas terras dos sarracenos. Goesto Ansures, Gonçalo Hermingues, cantam os seus feitos. Na corte de Dom Sancho I e Dom Affonso II, os duros guerreiros, semi-godos, brilhavam com a graça

(1) *Childe Harold*, IV, 191-2.

das canções, grande parte das quaes formam hoje o *Cancioneiro* da Ajuda. Em uma d'essas canções um cavalleiro allude ao grito de guerra na tomada de Santarem por Dom Affonso I. O monarcha ajuntara alguns cavalleiros, desceu pelo Alemtejo, e foram com altas escadas lançal-as ao castello de Santarem. Era ao quarto de alva; as roldas dormitavam, as almenaras estavam apagadas. O rei dividira a sua comitiva em dous troços; um que ia pela banda do monte Alphão, outro que vinha das bandas da ribeira. Ao lançar as escadas, o ruido perturbou o somno das roldas, tocaram alarme, a mourisma deu de repente sobre os poucos cavalleiros que se fiavam no ardil. N'aquelle transe foi preciso levar tudo á viva força; os poucos portuguezes venceram. D'aí o grito de guerra conservado na canção:

Ay! Sentirigo, ay Sentirigo,
Al e Alphão, e al Sesserigo. (1)

Dom Diniz cultivou a poesia no meio das revoltas continuas dos seus bastardos. O melhor historiador portuguez, Fernão Lopes, egual a Froissart, apparece na revolução de Dom João I, quando o povo se elevou a terceiro estado. As luctas da menoridade de Affonso V, o despotismo antifeudal de Dom João II, as mortes

(1) *Fragmento de um Cancioneiro*, publicado por sir Lord Stuart, fl. 101; *Trovas e Cantares*, canç. 112.

dos duques de Vizeu e de Bragança preparam o faustoso seculo de Dom Manoel, trazendo o germen da inspiração de Gil Vicente, de Sá de Miranda, de Camões.

A moderna revolução que inaugurou entre nós o governo constitucional, não produziu Garrett, Herculano, Mousinho da Silveira? Tres grandes nomes, que resumem a feição do caracter portuguez.

As emigrações das raças, os seus cruzamentos, são a base da moderna historia; e nas creações artisticas, apezar de formadas por individualidades que estão fóra das influencias vulgares, bastante se revela esta fatalidade do sangue. Quando as primeiras frotas tyrias aportaram no Mediterraneo, já a Peninsula hispanica se achava habitada. Os que ali permaneciam, attribuiam-se a qualidade de autochtones, filhos da propria terra. Quem era essa raça mysteriosa aqui escondida? Ella achava-se ramificada pelo sul da Italia, pelo Meio Dia da França, chama-se a raça dos Iberos. O genio iberico, segundo Guilherme Humboldt, é o principio de unidade dos povos do Meio Dia. Antes de existir a sciencia ethnographica, as divisões de uma mesma raça tinham nomes que o commum dos historiadores julgava de povos independentes. D'aqui a grande confusão; dava-se o mesmo que nos nomes de logares.

O Ibero, com o seu caracter sombrio, com a sua sciencia metallurgica, vindo occupar a Peninsula aonde abundam os jazigos minereos, não é senão o Pelasgo perseguido pelos povos do Mediterraneo, que veiu

acoitar-se na falda dos Peryneos. A primeira invasão da Peninsula data da entrada dos Celtas da Asia, e dos Celtas gaulezes; os odios de raça encontraram-se n'este pequeno campo; o Ibero ficou vencido, mas, como tenaz e aferrado aos seus usos, absorveu os vencedores, do mesmo modo que os Saxões da Inglaterra, vencidos pelos Normandos, em menos de tres seculos assimilaram a si os invasores. Os Celtiberos, ou se fundissem, ou simplesmente cohabitassem, como quer Guilherme Humboldt, seguiram o instincto natural; o Ibero continuou a ser taciturno e escravo dos seus dogmas e ritos subterraneos, deixou-se ficar á sombra das montanhas; o Celta tinha saudades do mar aonde se embalava, dos rugidos que o adormeciam e o faziam sonhar, veiu insensivelmente isolando-se para a banda do littoral. N'esta época prehistorica, embora se não apresentem datas, as revoluções das outras raças da Europa vêm provar a verdade do que parece hypothese. Nas cidades primitivas os recursos da subsistencia impunham os limites da população; como uma especie de lei malthusiana, a cidade lançava fóra o excesso dos habitantes, com o mesmo instincto animal que separa o enxame novo.

Chegava a *primavera sagrada*, a época em que se desmembrava a nova colonia; vigorosa e infante eil-a pelo mundo, errante, á aventura, arrojando-se ao mar desconhecido, dando combates ás populações já assentadas. Foram assim as primitivas emigrações, e a fundação dos principaes imperios. Os Phenicios despren-

*

deram-se das cidades asiaticas por um *ver sacrum;* de raça semita e interesseira, foram elles que inauguraram o commercio no mundo. Vieram trazidos de longe pelas tradições da riqueza da Peninsula; os que já estavam cansados de se expôrem ao acaso dos errores longiquos não quizeram ir mais longe, deixaram-se ficar ao norte da Africa, aonde fundaram Carthago; os que obedeciam ao instincto do interesse e do lucro entraram na Peninsula, não como invasores mas como especuladores. Fraternisaram com os Celtiberos, fundiram-se lentamente com elles, a ponto de misturarem as suas mythologias. Em o nome *Endovelico,* que se acha nos monumentos peninsulares, apesar de estar adulterado pelos historiadores romanos, tem-se procurado essa fusão. (1) Quando os Carthaginezes vieram por seu turno, trouxe-se-os a ideia do dominio e da extensão do seu imperio. Peritos nas armas, era-lhes facil de vencer pela força e assombrar pelo valôr estes povos infantes, mineiros e pastores e em parte corsarios. A posse dos Carthaginezes era imperturbavel se as rivalidades com o poder romano não produzissem a derrota da segunda guerra punica.

Roma sacudiu da peninsula iberica o dominio carthaginez; possuida de um energico poder centralisador, começou por imprimir no territorio as suas divisões administrativas e fiscaes. Impoz-lhe o seu direito e a sua lingua em trôco dos seus productos e das suas di-

(1) *Estudos da Edade Media,* pag. 1 a 14.

vindades. Mas a liberdade pessoal sentia-se cortada pela esquadria das cidades romanas, apezar da forma politica dos municipios. A lingua latina, como uma lingua pura e universal, dava distincção ao que a falava; a Peninsula deu á litteratura romana muitos dos seus melhores escriptores; Seneca, Lucano, Marcial, Prudencio, Draconcio, Sam Damaso, fazem brilhar a lingua de Cicero na epoca de uma decadencia inevitavel. O portuguez Sam Damaso, guimaranense, fez, o primeiro, uma revolução profunda na poetica romana. O verso latino, que até então, á imitação dos poetas gregos, desprezava a *accentuação* natural pela *quantidade*, voltou nos primitivos hymnos da Egreja compostos por Sam Damaso, á mesma simplicidade do verso saturnino, ao octosyllabo popular. As revoluções nas linguas começam pelo verso; os primeiros monumentos das linguas neo-romanas são todos metrificados. Os hymnos da Egreja compostos pelos poetas christãos, grande numero dos quaes era da Peninsula, foram insensivelmente accomodando a *urbanidade* inflexivel do latim á glotica dos povos barbaros. As linguas, como disse Vico, tornam-se faladas, perdendo a gaguez no canto. Santo Agostinho fala da impressão profunda que lhe causava o canto dos hymnos ecclesiasticos nas egrejas de Milão: «Quantas vezes, Senhor, tenho chorado ao ouvir os vossos hymnos e os vossos canticos, profundamente impressionado escutando as vozes dos fieis reunidos, cantando melodiosamente! Aquellas vozes se apossavam do meu ouvido e a verdade penetrava o meu

coração; um sentimento piedoso se augmentava em mim; corriam-me as lagrimas das palpebras e eu sentia-me feliz em chorar assim.» (1) Pontifices, como Sam Damaso, dotados de sentimento artistico, reduziram o christianismo da sua esterilidade semita a uma religião poetica, tornada universal pelo sentimento.

A legislação romana não absorvera somente em si todas as faculdades da intelligencia, a ponto de excluir as creações da Arte; quiz tornar a natureza do homem um producto legal. A pessoa do cidadão estava offuscada pelo direito que o garantia; não era a natureza que o defendia mas os arrasoados dos *civilistas*. A *testamentifacção*, o poder que tem cada um de dispôr do que é seu para depois da sua morte, era considerado pelos jurisconsultos como uma concessão dos imperadores. Quando as idêas moraes se acham assim confundidas e adulteradas, é inevitavel a decadencia; desde que a força da lei se funda em palavras, a energia individual não tem um motor proprio, uma convicção que a determine.

N'este estado moral e politico, a ordem das cousas reclamava uma nova seiva de vida. Como as aves trazidas pels olor da mortande de um arraial, os Germanos, as raças do norte ainda rudes, sentiram o cheiro cadaveroso do velho mundo. Precipitaram-se como a fera sedenta, engrossando como um pincaro de neve.

(1) *Confissões*, L. IX, cap. VI. Santo Agostinho tinha uma alma de artista.

Atravessaram a Italia, a França, a Hespanha, chegando no seu impeto até Africa. Elles eram o verbo da resistencia e da independencia altiva; ao direito local substituiram o estatuto pessoal, ás cidades o campo, á politica a guerra. Os Godos da Peninsula, ao contacto com os romanos foram-lhe lentamente imitando a sua civilisação; a alta sociedade chegou a esquecer a mythologia de Odin pelas superstições romanas. O Godo, aristocrata, excluia o baixo povo, que lhe jurára fidelidade, da participação dos seus direitos; começou por imitar os codigos romanos, principalmente o Codigo Theodosiano. Esqueceu-se do culto da mulher, de que fala Tacito, e acceitou os costumes dos harens asiaticos; tornou o seu direito territorial no Codigo Wisigothico; perdeu a altivez do norte pela humildade do Christianismo. Era tudo isto um symptoma de decadencia que veiu confirmar-se na batalha de Guadelete. Os Godos da Peninsula sectarios de Ario tornaram-se orthodoxos por corrupção; a religião canonica exigia-lhes o sacrificio das suas tradições e da sua poesia. Na introducção ás *Tradições allemãs*, caracterisa Jacob Grimm a poesia dos Godos: «As tradições gothicas, tão bellas, tão numerosas, aniquillaram-se na maior parte, e não se avalia o alcance d'esta perda; pelo que nos deixou Jornandes se póde julgar a importancia das origens mais antigas e mais ricas que ainda existiam no seu tempo.» (1) Grimm explica assim esta perda:

(1) D'après l'Heretier, trad. de 1831, p. XXVI.

«A historia trata os Godos com severidade, por causa de terem abraçado o arianismo e combatido a orthodoxia;» — «o christianismo triumphante arruinou-lhes os monumentos do passado, prescrevendo como um dever o abandono dos velhos costumes, e o desprezo de todas as tradições do paganismo.»

Perdidas as legendas tradicionaes estava perdido o principio da nacionalidade, e a voz que a despertasse. Quando as caravellas mouriscas atravessaram o estreito, o Godo aristocrata conheceu que já não sabia resistir. Achou-se como a serpente sem veneno. Separado como estava do *lite* germanico, abandonou-o aos invasores e refugiou-se com o seu orgulho impotente nas Asturias. O germano *lite*, popular, se é que se deva empregar esta palavra, não tinha que temer mais dura tyrannia dos invasores. Deixou-se ficar.

A influencia da lingua gothica sobre a formação da lingua portugueza é profunda, se derivarmos o moderno artigo do Evangelho de Ulphilas e não do arabe. Da poesia goda suppõe-se ser o hymno popular traduzido por Dom Duarte no *Leal Conselheiro*. Muitas das lendas germanicas se acham implantadas, confundidas com as nossas lendas portuguezas. A lenda de *Nossa Senhora de Nazareth* salvando Fuas Roupinho, (1) a da *Roussada de Bemfica* contada por Fernão Lopes, (2) o *estratagema do Alcaide* em que consegue que lhe ale-

(1) Grimm, *Tradições allemãs*, t. II, p. 442.
(2) Idem, ib. t. II, p. 201.

vantem o cerco, (1) a de *Geraldo sem Pavor*, (2) o estratagema do marido de *Gaia* (3) são reminiscencias vivas das lendas germanicas.

Nas suprestições populares prohibidas pelas Constituições dos Bispados, vem ennumerada a *Camisa de Socorro*, costume privativamente germanico. (4) Fômos o primeiro que descobriu a origem do Direito portuguez nas cartas de Foral redigidas pelo Godo tornado *Mosarabe*. O mechanismo dos concelhos tira a designação dos nomes arabes; o symbolismo juridico é germanico, (5) tal como se encontra nos ritos dos Codigos barbaros. Entre os Foraes e o Codigo Wisigothico ha um abysmo; este adopta as bases da sociedade romana, os Foraes são revolucionarios, como se vê nos tres typos de Santarem, Salamanca e Evora.

A invasão arabe data do seculo VII; por ella entraram na Europa a philosophia de Aristoteles e a medecina de Avicena e Averroes. Com a lingua arabe veiu o gosto de poetar, e o verso octosyllabo do povo é por alguns eruditos modernos considerado como de origem arabe na sua prosodia. Quando a Europa estava sepultada na mais crassa ignorancia, mergulhada no obscurantismo religioso, a Peninsula florescia com o explendor da civilisação arabe; a rasão despertava, en-

(1) Idem, ib. t. II, p. 175.
(2) Idem, ib. t. II. p. 135.
(3) Idem, ib. t. II. p. 107.
(4) Idem, ib. cit. t. I, p. 410.
(5) *Hist. do Direito portuguez*, cap. IV.

passagem dos Cruzados, que ajudaram a conquista de Lisboa. As mesmas commoções políticas se deram no Meio Dia da Europa; o impeto revolucionario era contagioso; o grito da liberdade repetia-se por todas as cidades da Italia, e aquellas que primeiro alcançavam a independencia forneciam o typo para a exigencia de futuras garantias. Por toda a parte o alto clero se oppoz á revolução communal. As communas francezas serviam de typo ás que procuravam organisar-se. Em Portugal a concessão dos Foraes foi na maior parte pacifica, pela força das circumstancias. O typo do Foral de Salamanca, do Foral de Avila e o de Zamora foram o molde por onde se reduziram a lei as garantias locaes que o povo reclamava. As lendas religiosas foram tambem as mesmas, e a crença tinha a mesma intensidade; na Italia, em França, em Hespanha e em Portugal campêam as Cathedraes gothicas, como noivas, prestes a receberem a visita do amado; o mesmo sarcasmo nos contos decameronicos que defenderam a burguezia, o mesmo terror nas lendas da descida aos infernos, da condemnação do livre exame, do fim do mundo. A consanguinidade dos povos latinos é evidente. Porque é, pois, que estes povos se acham tam afastados, tão desligados, tão desconhecidos uns dos outros? A fixação do poder monarchico, a presistencia das casas reinantes foi estabellecendo certa rivalidade, e firmando a bastardia politica de puros irmãos. Foram os Reis que separaram o grande povo do Meio Dia, e a existencia d'elles é o unico obstaculo para a realisa-

ção do pan-latinismo. Como as areias movediças que o vento alastra pela terra, formando extensas dunas, vão continuamente avançando, e só chegam a ser fixadas e tornadas productivas pelos pinheiros marinhos, o unico dique que se lhes pode oppôr:—assim foram os reis, fixaram as barreiras imaginarias do seu dominio, tornaram os irmãos estrangeiros entre si, violaram a natureza a bem das suas dynastias. Mas a separação do territorio, que originára a separação moral, hade acabar, e já para isso tendem os modernos tratados de commercio, a elevação da industria, os telegraphos, os carrís. A realeza trabalha por um lado para fomentar a desunião pelas susceptibilidades e melindres diplomaticos, sem conhecer que a unidade da legislação civil é o mais brilhante protesto da irmandade dos povos latinos. Dia supremo da congratulação, alegra-nos a tua esperança. A incapacidade dos monarchas reinantes explica-se com a palavra do Apocalypse: *Por que o tempo está perto!*

A nacionalidade portugueza foi a ultima a formarse na desmembração dos povos latinos. Constituiu-se em uma epoca dominada pelo direito divino. Os reis tiravam da Biblia a investidura da realeza: *Per me reges regnant.* Todo o poder vinha de Deos; tal era o aphorismo vulgar, repetido no Codigo Wisigothico. Os monarchas dividiam o seu territorio em testamento pelos filhos. Affonso VI de Castella dotou sua filha D. Tareja com o territorio que se estendia da Galliza até ao Douro, e o mais que o seu marido Conde de

Borgonha pudesse conquistar dos mouros. No seculo XII se desmembrou o reino de Portugal; n'este tempo já estavam formadas as linguas romanas; já existiam trovadores; já se achavam ateadas as revoltas communaes; já os principios do direito romano iam revelando as audaciosas tradições imperialistas; já os grandes cyclos epicos percorriam a Europa; já as Cruzadas começavam a enfraquecer o feudalismo. O que cabia ainda para crear a este povo que se agrupava tão tarde? Nada. Por isso, para os espiritos geometricos não tivemos feudalismo, (1) nem revoltas communaes, (2) nem monumentos poeticos, (3) nem uma lingua propria, porque consideravam a portugueza um dialecto da hespanhola. (4) A formação da nacionalidade portugueza foi um artificio monarchico, que a natureza condemnou tirando-nos a originalidade em tudo o que emprehendemos.

(1) Opinião do snr. Herculano.
(2) Opinião dos editores das *Ordenações Affonsinas.*
(3) Critica de João Pedro Ribeiro.
(4) Ideia reinante, antes dos modernos estudos das linguas romanas.

---

§. II

GENIO DOS MOSÁRABES EM PORTUGAL

Impossibilidade dos historiadores portuguezes até ao principio d'este seculo em determinar a verdadeira origem do povo portuguez.—Formação artificial da nacionalidade portugueza: O elemento *aristocratico* ou leonez, é *classico*, imitador da cultura provençal e do latim.—Assimilação de colonias francezas.—Origem do cyclo epico da lingua d'Oil.—O elemento *popular* é o verdadeiramente *nacional*.—Como se formou a raça dos *Mosarabes*.—Influencia mutua do genio germanico e arabe.—O genio creador dos *Mosarabes*, em Religião, Arte, Direito e Poesia.—Como o predominio da monarchia absoluta esterilisou a raça *Mosarabe*, já combatida pelo catholicismo.

Qual será o genio artistico do povo portuguez? Como se poderá determinar n'esta fixação das nacionalidades da Europa moderna? Quaes as raças primitivas que se fundiram, para produzir este povo, o ultimo que se formou no grande cruzamento da edade media? Questões estas impossiveis de resolver para os historiadores do seculo passado, que embuidos das ficções da antiguidade grega e romana, iam filiar a nossa origem nos errores de Ulysses, de Diomedes, de Elysa e de Noé. Tinham invertido o cyclo erudito das epopêas

medievaes em historia de Portugal; admittiam uma degeneração continua dos primevos habitadores da Peninsula, por influencia das invasões carthagineza, romana, wisigothica e arabe, conservando-se sempre o elemento primario no habitante actual. Sonho nobiliarchico, que a renovação da historia e da philosophia moderna desfizeram como uma vã sombra. Portugal formou-se no seculo XII por circumstancias fortuitas, artificialmente; dado em dote de Dona Thereza por seu pae Affonso VI ao Conde Dom Henrique, foi a pouco e pouco libertando-se da suzerania feudal, até que morto o monarcha, se declarou independente. Nada ha aqui de organico para constituir uma nacionalidade, a não ser a vontade forte de um homem. Vejamos de que elementos se serviu essa vontade para fundir este povo que ainda hoje existe e se gloría do passado.

A classe nobre, ou os senhores das terras e dos castellos vieram de Leão; n'este tempo a nobreza era rude e analphabeta, apenas os cavalleiros mais namorados se requebravam nos serões da corte com imitações da poesia provençal; acostumados ás convenções palacianas, não podiam ter a espontaneídade creadora, imitavam. Mais tarde, quando trocaram a gloria das armas pelas letras, como os Marquezes de Santilhana e Vilhena, respeitavam ainda a auctoridade, eram classicos, sectarios das formas tradicionaes da cultura latina. Foi o predominio *aristocratico* da sociedade portugueza que tornou a sua litteratura radi-

calmente *classica*. A influencia da classe nobre na litteratura será desenvolvida ao tratar da acção da lingua d'Oc em Portugal. Um outro elemento não menos importante, mas tambem externo e, por assim dizer, inorganico, são as *colonias* de francezes que se estabeleceram no territorio de Portugal, trazidas para aqui pela politica astuta do Conde de Borgonha, que assim firmava a sua independencia com o auxilio dos seus naturaes. Pouco influiu este elemento na litteratura, ainda que bastantes vestigios se encontram das tradições e poemas da lingua d'Oil, do norte da França, nos primeiros seculos litterarios de Portugal. Os judeus, dispersos pelo mundo, tambem se encontram na fundação da monarchia, como se vê pelo Foral dado por Dom Affonso Henriques; até ao reinado de Dom João II a legislação civil foi sempre benigna para elles, e, embora a unidade e exclusivismo religioso os conservasse incommunicaveis, comtudo não pouco contribuiram para dar ao povo portuguez o genio mercantil e especulador, que o fez primeiro do que ninguem emprehender as grandes navegações.

Até aqui vêmos formar-se a nação como uma colonia leoneza que se destaca, não pelo *vêr sacrum* que trouxe cá os phenicios, mas por suzeranos que vêm tomar pósse de um solar de que prestam homenagem; vêmos tambem uma assimilação confusa e mesquinha de colonias francezas e judaicas que entre si se repugnam por indole e vida. Nada d'isto era bastante para formar uma nação, que teve a dita de tornar eterna a

sua acção na marcha da humanidade, que fez alguma cousa de grande, filho do seu caracter, se não existisse um elemento fundamental e organico, que tem passado até hoje desapercebido, — o godo *lite*, que se tornou *mosarabe*, e que nas revoltas communaes ficou sendo povo. Cabe ao snr. Herculano a gloria de ter primeiro do que ninguem assignalado na historia a vida politica da raça dos *Mosarabes*, raça fecunda e crente, apaixonada e branda, que, depois de fechado o grande cyclo de creação da edade media, ainda pôde crear uma forma religiosa, um typo artistico, um direito novo, e mais do que tudo uma poesia gigante. E' a raça *mosarabe* a essencia da nação portugueza; era ella que estava destinada a tornar a litteratura original e rica, se a opressão do catholicismo e o triumpho da monarchia absoluta a não tivessem aniquilado e confundido na gleba. Quando no seculo XII deu fórma á sua poesia nos *Romanceiros* e lendas piedosas, ninguem recolheu as estrophes, perderam-se no ar, e com ellas os signaes que denunciavam a vida. Analysemos, pois, como se formou a raça *mosarabe*, quaes os traços da sua existencia no solo portuguez, e que hereditariedade de genio lhe cabe pelo atavismo que n'ella se manifesta.

Não se pode comprehender a acção das raças germanicas na Peninsula, na sua invasão no seculo V, se nos esquecermos de que havia uma separação inaccessivel entre o *godo nobre* e o *godo plebeu;* o nobre, em conctato com os restos da civilisação romana que o

desnaturavam, fez o mesmo que mais tarde fez o godo plebeu em contacto com os invasores arabes cuja civilisação imitava. O godo nobre esqueceu os gestos altivos pela cortezania romana, imitou o codigo Theodosiano, organisou-se civilmente por elle no *Codigo Wisigothico*, perdeu o respeito da mulher, privativo das raças germanicas, e imitou os harens asiaticos, levando a degeneração ao ponto de trocar a divindade de Odin pelo fetichismo incredulo de Roma. Nas suas assembleas politicas, o godo plebeu ou *lite* não era admittido; foi um meio providencial para não contaminar-se; para o *lite* não vigoravam as disposições civilistas dos jurisconsultos romanos, regia-se pelo velho *costume* exarado nos codigos barbaros, mas que elle longe das antigas florestas conservava de memoria. A degeneração dos wisigodos avançou immenso em dois seculos; uma decadencia moral e perturbação social exacerbada com os desvarios da realeza, provocou a invasão dos arabes no seculo VII; foi repentina a conquista mussulmana, o godo estava enervado para poder resistir. O imperio dos Wisigodos na Peninsula caíu no dia da batalha de Guadelete; alguns restos que escaparam da catastrophe, e que o orgulho heraldico não deixava submetter-se ao jugo sarraceno, refugiaram-se para as montanhas das Asturias, commandados por Pelagio. D'aqui em diante temos fóra da acção o *godo nobre*, que vaga solitario, creando forças e continuando a desnaturar-se ao contacto das povoações ibericas com quem convivera durante o desterro voluntario.

*

O godo *lite*, que tanto soffria com os que servia como poderia soffrer com os que entravam á força, levado pelo amor que o prendia á terra de que o tinham tornado adscripticio, deixou-se ficar, esperando o rigor do novo dominio arabe. É este o momento vital da formação da raça. Os escriptores ecclesiasticos e chronistas contemporaneos, do seculo sete em diante, não cessaram de retratar com as côres mais sinistras o quadro da invasão arabe; representam rios de sangue, desolação geral, ruinas dos templos, ausencia de cultura litteraria, e consideram tudo como um flagello mandado por Deos; para elles, entre a cruz e o crescente existe um abysmo que nenhuma sêde de sangue póde encher, com odio eterno, irreconciliavel, de morte. As duas raças arabe e wisigothica, repellem-se, são como duas substancias que, ao contacto uma da outra, produzem uma explosão violenta; para esses chronistas ecclesiasticos é este instincto o que traz os foragidos das Asturias e os faz ir reconquistando a palmos o solo patrio; odio politico, repugnancia entre as duas religiões, aversão á diversidade de costumes e de linguas, era quanto bastava para communicar ardor á cruzada permanente que terminou na conquista de Granada! Triste erro da paixão patriotica dos chronistas, que se esquecem do godo *lite* que aceitou pacificamente a convivencia com os arabes, do mesmo modo que em tempos pre-historicos os Iberos se deixaram ficar em contacto com os Celtas que os modificaram. Os documentos que existem do tempo da invasão arabe estão em uma contradicção

completa com os historiadores; em vez do odio tenaz ha uma tolerancia generosa e illustrada da parte do arabe, e um respeito e imitação da parte do godo, a ponto quasi de se cruzarem em relações civis, celebrando-se ás vezes no mesmo templo as cerimonias das duas religiões antagonistas. Cabe, como dissemos, ao snr. Herculano esta grande descoberta na historia da Peninsula, e a legitima explicação dos elementos constituitivos do povo portuguez; antes porém de determinarmos o caracter artistico da raça *mosarabe*, aproveitaremos d'aquelle escriptor os factos que provam a coexistencia benigna e civilisadora do godo-*lite* com os arabes. Os emires mussulmanos fraternisaram com os leonezes; o typo heroico do Cid ora nos apparece combatendo os christãos á frente dos sarracenos, ora fortalece o poder real contra a prepotencia dos barões feudaes; elle é, como diz o snr. Herculano, o symbolo da coexistencia mutua das duas raças. De facto encontramos na poesia da Peninsula dois typos do Cid, que representam esta ideia, o Cid *popular*, que protege e ajuda os sarracenos, e o Cid aristocratico, que se obliterou na historia.

Diz Duran, que ha tantos retratos de Cid, quantos os partidos que luctavam em Hespanha, fazendo do heroe um symbolo de suas ideias, principios e interesses. Resumem-se em dois, apezar da diversidade de traços, esses typos: «Ha um Cid monarchico, *popular*, religioso e aventureiro; ha outro aristocratico, feudal, cavalheiresco e devoto; porém nunca se confundem no

principio politico que representam. O Cid feudal e devoto acha-se sómente consignado na *Chronica rimada* e em algum romance tirado d'ella; o monarchico-popular, santo e cavalheiresco, está formado no poema publicado por Sanchez, nas chronicas latinas e castelhanas, e provavelmente nos cantares que n'ellas se citam, ou que convertidos em prosa se inseriram no texto, e nos romances velhos que restam, ou em antigos compostos posteriormente no seculo XVI, quando predominavam o espirito cavalheiresco e os costumes palacianos. Este Cid, que se oppõe ao dos senhores, é o que triumphou das ideias feudaes, é a verdadeira figura popular que a escriptura e a tradição nos hão legado, condemnando ao olvido a do seu antagonista; é a que caracterisa em todas as epocas a idiosincrasia nacional, a necessidade de conquistar a unidade de territorio e as leis, a de acabar com a anarchia que impedia a reconquista do paiz contra os arabes. Este é o Cid, que como o povo, se ligava aos monarchas para libertar-se da opressão dos senhores; mas que ao mesmo tempo vencido de outra tyrannia que podia empecer a liberdade, ao par que acatava e fortalecia os reis, lhes falava severa linguagem de verdade, obrigando-os a respeitar a lei da opinião.» (1)

Na antiga chronica *Historia Roderici Didaci Campidocti*, que remonta ao seculo XIII, apparecem factos que provam esta fusão politica.

(1) Duran, *Romancero general*, t. II, p. 663, col. 1, nota 24.

Na batalha de Zalaka trinta mil sarracenos combatiam sob as bandeiras christãs do rei de Castella e Leão, ao passo que os cavalleiros christãos coadjuvavam as cimitarras do almoravide Iussuf. Affonso VI, no enlevo dos seus amores por Zaída, queria pôr no throno o filho da sevilhana que estremecia; em Portugal vêmos tambem Dom Affonso Henriques fazer uma alliança com Iben-Kasi; provam estes factos que os altivos e rancorosos godos das Asturias esqueciam ás vezes o exterminio jurado á raça invasora para fraternisar com ella, e com mais rasão ainda, que a classe dos *lites*, que desconhecia esses odios, mais se devia assimilar aos dominadores arabes, que lhes haviam deixado as terras, lares e templos, por uma simples capitação. Os Arabes, ao entrar na Peninsula, traziam comsigo uma civilisação desconhecida na Europa; deixaram a posse livre dos bens aos vencidos, e o professarem desassombradamente a sua religião, e governarem-se pelas suas leis, respeitando porem a auctoridade constituida, exigindo apenas um tributo proporcional á riqueza de cada um; depois da conquista ficaram existindo em Toledo sete egrejas para o culto christão, e outras muitas se foram edificando successivamente; conservaram-se as gerarchias da nobreza e do sacerdocio; os nobres, segundo a tolerancia dos conquistadores, continuaram a viver rodeados dos seus servos e clientes. A medicina e a mathematica, a philosophia de Aristoteles, e os contos orientaes, propagaram-se na Europa por intervenção dos Arabes de Hespanha;

a poesia lyrica estava no mais alto explendor, e para o godo rude, as pompas da linguagem dos kalifas e dos seus poetas, a vida opulenta e festiva sob o céo do Meio Dia que lembrava o céo do Oriente, era uma seducção constante; começaram a imitar esse viver extranho e fascinador, do mesmo modo que o godo nobre quizera inocular em si a cultura romana. A imitação dos arabes não consistia só na lingua, como vêmos nas queixas de Alvaro de Cordova, que era anteposta ao latim pelos escriptores, nem pela preferencia dos caracteres arabes aos romanos; muitas vezes sob as abobadas do mesmo templo celebravam-se os dois ritos, os christãos circumcisavam-se como os sarracenos, adoptavam o mesmo vestuario, cruzavam-se contraindo relações de casamento e parentesco, chegando a servir e subir nos exercitos sarracenos, e a occupar altas gerarchias nas cortes de Cordova e de Granada. D'esta imitação dos costumes e civilisação arabe, veiu o nome da raça que se formava insensivelmente, os *Mosarabes*, que como explica D. Pascual de Gayangos, vem do arabe *Musta'rab*, o que imita, ou que se quer tornar arabe. Tal é o sentido com que se encontra em um velha comedia, citada por Ticknor:

> *Muçárabes* nos llamamos,
> Por que entre Arabes mezclados
> Los mandamientos sagrados
> De nuestra ley verdadera
> Con valor y fé sincera
> Han sido siempre guardados.

Na poesia popular tambem encontramos provas d'esta quasi fusão; quem ler o velho romance anonymo anterior ao seculo XV, d'aquelle christão que foi á porta de Moraima, *morilla de un bel catar*, e se poz a falar em lingua de *aravia*, para que ella lhe abrisse a porta, pois vinha atraz d'elle a justiça, porque deixara morto um christão, provam á evidencia que os amores e aventuras apaixonadas eram frequentes, e a situação vulgar entre as duas sociedades que coexistiam. Moraima, a engraçada moirinha, queixa-se por se ter deixado enganar; o christão que lhe foi cantar em algaravia soube lograr os seus amores. No plano de conquista de Santarem, por Dom Affonso Henriques, o primeiro que subiu á muralha tambem sabia falar em *aravia* para enganar as roldas; era o ardido Mem Moniz que *sabia muy bem falar a lingua aravia*, como dizem as *Memorias avulsas* de Santa Cruz de Coimbra. O romance da moira *Moraima* não pertence ao povo portuguez, mas temos uma lenda do tempo de El-rei D. Affonso II, a dos amores tragicos de um cavalleiro portuguez pela moira Saluquia.

Embora nos não appareçam poesias populares dos primeiros tempos da monarchia, comtudo a luctas com as raças extranhas entre quem estava retalhada a Peninsula, despertaram uma ordem de sentimentos, que além de se tornarem communicativos pelo enthusiasmo, sel-o-hiam egualmente pelo canto. Estes restos da dominação sarracena deixaram profundas impressões na imaginação do povo, e constituem a serie dos ro-

mances da fronteira, a maior parte d'elles sem forma poetica. Cada castello, cada brazão é um poema anonymo, não escripto, mas grandioso. Das armas de Moura se conta do tempo de Dom Affonso II que uma seductora dama arabe chamada Saluquia, filha de Buaçon, senhor de muitas terras do Alemtejo, esperava com ancia seu noivo Brafama, alcaide do castello de Arroche a dez legoas de Moura. Alvaro e Pero Rodrigues, dois fidalgos, saem ao encontro do infeliz amante, combatem, vencem-no a final deixando-o morto em um valle. Disfarçam-se com o seu séquito com os trajos mouriscos e são recebidos no castello de Saluquia; a gentil dama acolheu-os julgando que era a comitiva do noivado; mas logo que reconheceu a traição, presentindo todo o successo, para não ficar cativa, precipitou-se do alto da sua torre.—Como esta são innumeras as lendas mouriscas antigas da fronteira, mas que não chegaram a ter forma poetica, ou de todo se obliteraram. Sobre o mesmo assumpto versa a parte mais importante do *Romancero* hespanhol; pelo modo como as mesmas lendas são tratadas se conhece o caracter do nosso povo, todo maravilhoso, pela fatalidade do seu genio celtico; nos romances hespanhoes agita-se a realidade, tudo é possivel, a empreza grandiosa não se faz pela intervenção do sobrenatural, mas pela força. É por isso que o cyclo carlingiano lançou tão profundas raizes em Hespanha.

A lingua arabe era conhecida pelos cavalleiros portuguezes, que se serviam d'ella muitas vezes para a tactica militar.

A lingua portugueza falada do Mondego para baixo, desde que os reis portuguezes foram conquistando o territorio até ao Algarve, era um mixto de arabe, que veiu a formar a lingua da prosa e dos documentos officiaes, a que se deve chamar *aravia*. Nas *Memorias avulsas de Santa Cruz*, vem a seguinte anedocta da tomada de Santarem: «Este meem muniz era mui ardido cavalleiro *e sabia muy bem fallar a aravia*... E depois que todos tres foram em cima do muro pozeram a huma parte meem moniz: e a uella que estava em cima do caramanchão quando sentio meem moniz que se hia alargando pelo muro por dar lugar aos que entravam disse-lhe: *manahu; e el respondeo-lhe em aravia*, e fezeo decer, e logo que foy em fundo cortou-lhe a cabeça e deitou-o aos de fora.» (1)

A litteratura arabe era conhecida em Portugal no seculo XIV. Nas *Memorias avulsas de Santa Cruz*, que são d'esta epoca, contando um combate de Dom Sancho I, cita uma chronica arabe: «E seguio os emcalços ataa os arraualdes de teriana, e em a qual entrada foi tam grande pelleya, que foy achado em *huma cronica que fez caçome capellam dos mouros de sevilha*, que tamanho e tam grande foy a mortimdade dos mouros que toda a agua do rio dalquiuir foy tinta de sangue.» (2)

A medicina que se conhecia em Portugal nos primeiros quatro seculos da monarchia era a dos arabes.

(1) Mon. hist. *Scriptores*, fasc. I, p. 28. col. 2.
(2) Mon. hist. *Scriptores*, fasc. I, p. 25.

Na vida de Dom Tello, traduzida em 1454, se diz: «enfermoo oarceriago o padre piedosso em a comgregaçam de uma infirmidade, *que em arabico se diz malfazalmum*, e nos chamamos apostema.» (1)

Na conta que o conde da Ericeira dá da livraria manuscripta do conde de Vimieiro, á Academia de Historia portugueza, diz: «Descubri n'esta livraria a Historia do Mouro Razis de Cordova, mandada traduzir do Arabigo em portuguez por El-Rei Dom Diniz a Gil Pires seu capellão, etc.»

Quando estas populações christãs foram reconquistadas, o laço religioso é que as unificava aos seus antigos senhores, porem os costumes eram arabes; no acaso da guerra, se tornavam a caír no dominio sarraceno, eram tambem tratadas com mais brandura. No seculo x o terreno comprehendido sob o titulo de Minho, Traz-os-Montes e Beira-Alta era bastante povoado, o que não era possivel se os colonos fossem simplesmente christãos leonezes; esses habitantes eram os principaes que trabalhavam para a independencia de Leão. Os territorios do Douro e Mondego já por este tempo appresentavam grande numero de egrejas e casaes. É metaphysicamente impossivel que tão numerosas populações saissem todas da caverna de Cavadonga; a intuição viva de Herculano confessa que lhe parecia sentir a vida d'essas povoações agitar-se debaixo das phrases barbaras dos diplomas. A contar do seculo IX,

(1) Ibid. *Scriptores*, fasc. I, p. 77.

encontram-se nos contractos celebrados entre estas differentes sociedades nomes gothicos ou romanos amalgamados em agnome e cognome com os nomes arabes; presbyteros e diaconos se assignam com nomes mussulmanos, e ás vezes filhos e irmãos entre si diversamente chamados com nomes arabes e gothicos. «Não é evidentemente esta confusão de denominações a imagem da assimilação, que, salva a differença do culto e da jurisprudencia civil, se operara lentamente entre os sarracenos e os hespano-godos sujeitos ao seu dominio?» (1)

Na magistratura civil, os nomes dos varios cargos tambem tinham designações arabes. «O resultado definitivo de todos estes factos, devia de ser no começo da monarchia a preponderancia do *elemento mosarabe entre as classes inferiores*, ao passo que entre a nobreza preponderava forçosamonte a raça asturo-leoneza.» (2) Na Extremadura, Alemtejo e Algarve, depois de separado Portugal de Leão, ficaram vivendo os sarracenos livres com a sua independencia garantida por Foraes, e pela immunidade da communa.

Aqui temos bastantes factos para attestarem a vida da raça *mosarabe*, legitimo elemento da nacionalidade portugueza. Resta-nos agora vêr como o genio dos *Mosarabes*, que se tornaram burguezes e povo, manifestou as suas faculdades creadoras. Tomamos os gran-

(1) Herculano, *Hist. de Portugal*, t. III, p. 195.
(2) Hercul. Ibid. p. 199.

des factos do espirito, Religião e Arte, Direito e Poesia, e aí acharemos alguma cousa de original e bello. Com a independencia politica absorvida pelo predominio da monarchia, o *mosarabe* inventivo ficou esterilisado, reduzido ao que hoje é o provinciano, desconfiado e triste, mas sempre aproveitando qualquer momento de alegria. Na Beira é onde mais se concentrou o elemento *mosarabe*, e aí encontramos bastante viva a poesia dos velhos romances; entrando no dominio litterario, uma outra raça, isto é a aristocracia leoneza, se mostra na esterilidade das suas imitações.

1. *Religião e Arte*

Um dos caracteres do christianismo mosarabe era o uso da linguagem vulgar para as cerimonias da liturgia, com exclusão completa do latim. Do seculo XII e XIII temos traducções *vernaculas* do Velho e Novo Testamento, e alguns hymnos da Egreja vertidos como o *Ave Maris Stella;* (1) foi com este instincto revolucionario que a lingua portugueza começou muito cedo a receber a sua forma escripta. Este mesmo pensamento do mosarabismo se encontra na empreza do Cardeal Ximenez defendendo a velha forma do culto no seculo XVI contra a invasão do catholicismo romano, não só conservando uma capella para o rito mosarabe na ca-

(1) Vid. Frei Fortunato de Sam Boaventura, *Ineditos de Alcobaça*, em 3 tomos.

thedral de Toledo, mas tambem mandando publicar em Alcala de Henares a grande *Biblia polyglota* de 1515.

Este facto, que ainda nos revela o espirito de opposição contra o catholicismo, é um ultimo lampejo de vida, provocado por um esforço de erudição ou curiosidade historica.

Santo Isidoro, Arcebispo de Sevilha, por ordem do concilio Toledano de 633, compoz um Missal e Breviario, para uso geral da Egreja de Hespanha. Diz Dom Rodrigo da Cunha, no *Catalogo dos Bispos do Porto:* «D'este Missal e Breviario, usaram muitos annos as egrejas de Hespanha, por confirmação da Sé Apostolica, que por varias vezes os aprovou, *pretendendo seus legados o contrario*, como se pode vêr em Ambrosio Morales (Liv. 12, cap. 19.) Ainda hoje na Sé de Toledo ha Capella particular em que se reza e diz Missa por esse Missal e Breviario, e lhe chamam a Capella dos *Moçarabes* e ao Officio, *officio Moçarabe*, ou Mixtarabe: não por outro respeito senão por que d'elle usavam os Christãos que viviam entre os Arabes, que conquistaram Hespanha, sujeitos a suas crueldades e tyrannias.» (1)

Na Chronica de Affonso o Sabio, mandada traduzir por El-Rei Dom Diniz, se falla do culto christão da raça dos mosarabes: «Despoys que a cidade de Toledo foy metida em poder dos mouros per preytesia... todos aquelles que hy quyzesem vyver so o senhoryo

(1) D. Rodrigo da Cunha, *Catal.* P. I. pag. 150, edição de 1742.

dos mouros era contheudo no trauto que tevessem sua ley, e vivessem segundo o que ela mandasse e ouvessem clerigos de myssa e bispos e outras ordeens. Estes christaãos, teveram das entom ataagora ho officio de Santo Ysidro e de Sam leamdre. E oie em dia o mantem seys Igrejas em Toledo, e chamansse os crerygos d'estas Igrejas *moçarves*. E vyverom os christãos de ssuum com os mouros e so seu poder teendo sua ley e e guardandoa ataa o tempo dos almoades que começaram em tempo do emperador dom afonsso no tempo que era dom biuam arcebispo de toledo.» (1) O culto *mosarabico* deve considerar-se como uma forma pura do christianismo, não viciada pelo instincto auctoritario e temporal do catholicismo romano. A egreja de Hespanha procurava derivar a sua origem da tradição immediata do apostolo Sam Thiago; assim não tinha que reconhecer a supremacia papal. No culto *mosarabico* o christianismo está desligado das affectadas formas liturgicas; não existia a confissão auricular, com que Roma tem adquirido o imperio das consciencias, e aspirado a realeza do mundo; na sagração não se partia a ostia. O povo cantava nas Egrejas, tomando parte nos officios ecclesiasticos com as suas *prosas* e sequencias, unico modo do sentimento religioso se tornar vivo e se não perder na abstracção. O catholicismo reco-

(1) *Historia geral de Hespanha*, composta por Affonso o Sabio e mandada traduzir por El-Rei Dom Diniz, cap. 198, ed. de Coimbra de 1863. (Apenas se imprimiram 192 pag. in-4.º)

nheceu os perigos que teria a simplicidade do *mosarabismo*, e combateu-o de frente, a ponto de o excluir totalmente da Peninsula. O *mosarabismo* era o christianismo sentido por uma raça poetica que o amoldara a si; Roma banindo-o com as censuras dos seus legados impunha-lhe uma religião cuja força não residia na divindade do dogma, mas na auctoridade do sacerdote que o professava. Quando Affonso o Sabio escrevia a *Historia geral de Hespanha*, haviam apenas seis egrejas do culto mosarabe em Toledo; a lucta continuou-se lenta e insensivel a ponto que, no tempo do Cardeal Ximenez (1) restava sómente uma capella onde se celebrava pelo Missal mosarabico; era uma opulencia cardinalesca conservada não como crença, mas com o intuito archeologico de uma tradição da egreja primitiva. Desde que o catholicismo imperou absolutamente na Peninsula, o povo não tornou a crêr, a não ser nos Autos de Fé, e sob o terror dos inquizidores; o christianismo, que fôra no tempo dos invasores arabes um consolo, tornara-se no tempo dos reis catholicos um pezadello. A Egreja de Braga tambem seguia o culto mosarabico. Assim esta nova raça dos povos modernos da Peninsula, creou inconscientemente uma nova e pura forma religiosa, introduzindo na sua essencia o principio da tolerancia communicado pela cultura arabe, que a Europa só começou a exigir no catho-

(1) Athanaze Cocquerel, *Histoire du Credo*.

licismo depois da Reforma e da emancipação das monarchias da suzerania papal.

O baixo godo da Peninsula, meio lembrado do velho culto odínico, abraçou o christianismo pelo que elle tinha de sentimental; não comprehendia as abstracções vagas e anti-racionaes dos mysterios, e seguiu por impulso natural a doutrina de Ario. Acreditava em Christo como homem, e repugnava-lhe a consubstanciação, e a sempiternidade do verbo. Esta crença no lado humano do grande instituidor que é senão um pressentimento da consciencia desassombrada, precedendo com a sua verdade espontanea os seguros resultados da theologia moderna? O baixo godo seguiu o arianismo, e foi essa a causa por que o catholicismo se tornou violento e agressivo na Peninsula, combatendo-lhe as suas tradições e os seus cantos. Resto do mosarabe, o povo portuguez tambem não comprehende a divindade sem a imagem material, e chora com a paixão de Christo, porque os que lhe falam, para serem ouvidos, têm de abstrair do verbo de Deos, para lhe descreverem a grandeza dos soffrimentos do homem.

Para o godo, ao contacto com o arabe, era a religião de seus paes o sentimento mais energico e profundo; adoptara a cultura, a lingua, os costumes mussulmanos, renovara a sua natureza germanica com o sangue oriental, ajuntara ao instincto da independencia das raças do norte a paixão meridional, mas permanecera sempre hispano-godo pelo seu aferro ao christianismo. Assim esta paixão profunda não podia deixar

de produzir uma certa exaltação e fervor, que é o que inspira as obras de arte. A raça dos *Mosarabes*, «cuja especial influencia na organisação primordial da monarchia portugueza, como diz o snr. Herculano, não tem sido apreciada,» (1) é profundamente creadora e artistica; vimos como déra uma fórma sua, filha do seu caracter ao sentimento religioso, simplificando o christianismo; egual audacia revela na modificação da Architectura, na creação de um direito novo e das ultimas epopêas da humanidade. Se a raça *Mosarabe* tem sido desconhecida na organisação politica da nacionalidade portugueza, mesmo para o historiador que primeiro descreveu essa influencia, mais tem sido desconhecido o seu genio artistico manifestado na architectura, no direito e na poesia. Os grandes terrores do fim do mundo despertaram o fervor da fundação de templos por toda a Europa no seculo X; foi quando a immobilidade pezada do acanhado estyllo byzantino, de origem erudita e tradicional, similhante a grossos *inforciatos*, se quebrou para sempre para dar logar a esplendidas e novas creações ogivicas. Os christãos que viviam por toda a Peninsula em contacto com os Sarracenos, obedeceram a esse impulso, e deram começo ás grandes cathedraes, pela tolerancia illustrada dos invasores. Quer do Norte da França, como é geralmente admittido, ou da Allemanha, o gothico ogival só entrou na Peninsula quan-

(1) Herculano, *Historia de Portugal*, Liv. VII, Parte I, p. 167, t. III.

do ia na sua evolução secundaria; assim os *Mosarabes*, ao edificarem os seus templos, reformaram a sombria architectura byzantina da egreja de Christo, tiraram-lhe o aspecto de refugio e deram-lhe a largueza da futura assembleia politica. Fundada ao lado da mesquita arabe, a egreja imitava insensivelmente a elegancia da architectura oriental, n'esta efflorescencia do ornato, apparentemente caprichosa, mas dominada por uma lei geometrica constante. Os escriptores contemporaneos da invasão, ao falarem da reedificação dos templos accusam essa elegancia arabe; tal é por exemplo o texto, apresentado pelo snr. Herculano: «quicquid novo cultu in antiquis basilicis splendebat, fuerat que, *temporibus arabum*, rudi formationi adjectum.» (1) Nas antigas basilicas resplandeciam os ornatos, accrescentados no tempo dos arabes á rude fabrica. Tal é o modo como o snr. Herculano interpreta este texto, pela rudeza da architectura wisigothica comparada com o esplendor da architectura arabe. Mais tarde, quando pela reacção wisigothica os arabes foram submettidos, os captivos eram obrigados a trabalhar nas construcções dos mosteiros; d'este modo os ultimos restos do byzantinismo acabaram de amalgamar-se com a belleza e pompa oriental.

As artes em Portugal têm sido estudadas de leve; fala-se d'ellas com enthusiasmo mas com pouca critica.

(1) Memoriale Sanct. Liv. III, cap. 3, apud Herculano, *Hist. de Portugal*, t. III, pag. 174.

Dos primeiros monumentos architectonicos de Portugal, como Santa Cruz de Coimbra, Sam Vicente de Fóra e Alcobaça, dizia o director da Academia de Bellas-Artes em 1843: «N'estes edificios não ha o estyllo gothico d'aquelle tempo; nem o estyllo arabe da Hespanha no seculo XI se reconhece ali; têm um typo, um *caracter luzitano*, porque a Luzitania existiu sempre como uma região, como uma nação, como um povo particular e separado da união geral, mesmo no tempo em que a Hespanha foi successivamente invadida por potencias estrangeiras...» (1) Qual será este *caracter luzitano* da architectura? Sousa Loureiro attribuindo a fundação da capella de Nossa Senhora da Oliveira, de Guimarães, e de Santa Maria de Almacave, de Lamego, a tempo anterior á fundação da monarchia, apresenta as egrejas de Santa Maria de Tarquere junto a Lamego, e a de Santa Cruz de Coimbra como *luzitanas, cuja architectura é ainda bastante simples*. Tal é o caracter que lhes nota. (2)

A architectura não é uma fórma d'arte em que se phantasie a capricho; de todas as fórmas é a mais influenciada pelas ideias do tempo. A architectura portugueza no seculo XII, não podia deixar de ser byzantina, pendendo para se fundir com o gothico, e se alguma feição *luzitana* apparece na cathedral antiga, é simplesmente a reunião do gothico-byzantino com o

(1) Apud. Raczynscky, *Lettres*, VI, app. B. p. 106.
(2) Opinião de Roquemont.

arabe, por effeito dos mouros cativos que trabalhavam nas construcções do tempo. Assim como se deu a fusão, posto que incompleta da raça goda e sarracena, formando o *mosarabe*, assim como d'este elemento novo *mosarabe* nasceram o direito novo dos *foraes* e das communas da Peninsula, um *rito* novo da egreja, e uma poesia popular que veiu a formar no seculo XIV os *romanceiros* da tradição, assim tambem se formou uma architectura nova, o accôrdo do bysantino-gothico e do arabe na egreja christã. Quando as creações artisticas estão no seu periodo symbolico ou inconsciente, têm uma logica fatal, que é a sua verdade. Diz o Conde de Raczynski: «Os Portuguezes, no meu entender, deixaram provas do seu gosto constante pelas obras de architectura. *A perfeição dos seus monumentos, sob o ponto de vista da execução, bem prova que esta arte é verdadeiramente nacional.*» (1)

«Uma circumstancia que prova mais fortemente ainda, que a architectura, mesmo nas épocas mais remotas, devia até um certo ponto ser filha do paiz, é a perfeição com que a pedra foi sempre trabalhada e esculpturada aqui, e o gosto, a nitidez com que todos os *ornamentos* foram e são ainda hoje executados.» (2)

O nome que deve ter esta architectura, filha do genio do nosso povo, e que lhe dá um certo caracter de originalidade que tanto lhe falta, não seremos nós

(1) Cart. XXVIII, p. 458.
(2) Id. Ibid.

que o imporemos; deixâmos a designação a um verdadeiro artista, que teve em Portugal mais do que ninguem a intuição das cousas bellas, e que supria a falta de sciencia por um tino raro e gosto primorosissimo. Eis o que diz Garrett, talvez levado pelo que ouvira aos viajantes illustrados com quem falara: «E aqui a proposito, porque se não hade adoptar na nossa Peninsula esta designação de *mosarabe* para caracterisar e classificar o genero architectonico especial nosso, em que o severo pensamento christão da architectura da meia edade, se sente relaxar pelo contacto e exemplo dos habitos sensuaes moirescos, e de uma luxuosa elegancia?» (1)

Fique a legitima designação de architectura *mosarabe*, como o unico documento da originalidade do povo portuguez.

O portuguez tem o genio architectonico; Roquemont foi o primeiro que lhe descobriu esta tendencia. É ainda a influencia exterior da natureza que fez este povo architecto, como o fez tambem navegante. O norte de Portugal abunda em excellente pedra para construcções grandiosas, tem o granito duro, para as formas eternas, apto para reproduzir a rudeza byzantina; de facto, é ao norte de Portugal aonde se encontram os primeiros e mais venerandos trabalhos de architectura, não tão delicados como os rendilhados lavores da pedra calcárea do sul, mas em maior numero e em todas as

(1) Garrett, *Viagens na minha Terra*, t. II, p. 55.

edades, como productos de uma necessidade vital. Este genio artistico acha-se comprovado na lingua do proprio povo; consulte-se a linguagem oral ou a linguagem erudita das academias e dos classicos, faltam-nos completamente os termos que exprimam as necessidades artisticas, não temos technologia de pintura ou de esculptura; porem na architectura ha uma riqueza immensa de vocabulos, ainda hoje empregados pelo mais humilde alvenér. As Constituições apostolicas mandaram que a Egreja fosse edificada em forma de uma nau voltada para o Oriente; Portugal comprehendeu este sentimento maritimo e aventureiro do christianismo, transpoz os mares, no meio das invasões dos turcos na Europa, como quem descobria novos climas para alargar o Evangelho. Foi Portugal o unico povo que soube fazer a mirifica alliança da Architectura e do sentimento maritimo. Em quanto a Egreja mystica alentava este povo, elle era creador, edificava Belem, a Batalha; depois que a auctoridade canonica prevaleceu, e o Concilio de Trento foi mandado observar em Portugal como lei vigente, uma esterelidade de morte accommetteu para sempre os portuguezes. Isto que se vê pela architectura mostra-se tambem na poesia. Celticos pelo sangue e pelo genio, escolhemos das grandes tradições epicas que percorriam a Europa na edade media, as que participavam do amor e da aventura; conhecemos a melhor parte dos romances da Tavola Redonda, lidos nas côrtes dos nossos monarchas; este germen espontaneo de creação, em vez de florir, ficou abafado pelo espi-

rito latinista, que impoz uma rigorosa admiração da antiguidade; a lingua, em vez de seguir o impulso da creação popular, essa força centrifuga, como se pode chamar á rusticação das linguas romanas, foi cada vez a moldar-se mais sobre a syntaxe latina, seguiu a força centripeta, pelo trabalho artificial dos traductores ecclesiasticos, e do absoluto predominio da theologia, que occupava todas as intelligencias.

2. Direito e Poesia

Profundamente creadora, a raça *mosarabe* mostrou a espontaneidade do seu genio em duas grandes formas da actividade do sentimento, a Religião e a Arte; na ordem dos factos mais verdadeiramente humanos, manifestações da intelligencia e da consciencia, o Direito e a Poesia, se nos revela esta raça a uma altura surprehendente; participando da fecundidade germanica e da sensibilidade do arabe, que não seria o *Mosarabe*, se causas superiores o não deprimissem e annulassem no baixo povo, hoje explorado pelo catholicismo e pelas monarchias? Para o *Mosarabe*, o direito não era uma imitação scientifica dos codigos romanos, como era o codigo Wisigothico privativo da classe aristocratica; não era uma fórmula ambiciosa da theocracia imposta nos concilios nacionaes; era uma cousa mais simples, mais sensata, era o codigo natural sanccionado pela realidade pratica da vida em uma forma consuetudinaria e não escripta; a lei em vez de ser uma

prohibição, validada por penas atrozes, era uma garantia commum mantida pela consciencia, e immutavel na sua successão tradicional. No momento em que o godo-*lite* se viu desassombrado do godo nobre, que ante a invasão arabe se refugiara nas Asturias, a tolerancia dos conquistadores deixou aos seus costumes locaes uma liberdade franca; o symbolismo germanico da grande poesia dos codigos barbaros floresceu de novo; o *mallum* antigo, ao ar livre, ou á sombra da arvore secular, tornou-se a assemblêa em que se invocava o costume; a individualidade germanica reappareceu na prova dos *juratores;* as cerimonias juridicas supriram outra vez as formulas abstractas do romanismo do Codigo Wisigothico; o sentimento da verdade tornou outra vez a natureza testimunha da sua authenticidade no *Ordalio*. Todos estes caracteres são privativos do Direito dos *Mosarabes*, não escripto durante o periodo que vigorou pela tolerancia dos Arabes, e ainda se encontram imperfeitamente esboçados nas Cartas de Foral, reduzidos a letra quando a restauração senhorial e o poder monarchico trabalharam para absorver em si esse elemento popular, que constitue o fundo da nacionalidade da Peninsula. Assim, os Foraes nunca poderão ser comprehendidos emquanto os historiadores procurarem interpretal-os á luz do direito romano, ou os julgarem homogeneos com o codigo Wisigothico. O momento em que este direito consuetudinario começou a ter forma escripta coincíde com o da formação de *terceiro estado* na Europa; em nenhuma legislação

se proclama com mais clareza a independencia do trabalho, a egualdade humana, a liberdade territorial; o foral tem prestações que não são uma extorsão fiscal como se julga, mas a compra do colono que assim vae remindo a posse de si mesmo. Quem se lembrou nunca de vêr nos Foraes uma doação de mera liberalidade real? os jurisconsultos que propagaram este erro ignoravam a organisação da sociedade portugueza, e a da Europa da edade media. Já no seculo XVI, a pretexto de reformar as palavras velhas dos Foraes, e de reduzir as moedas antigas ao dinheiro corrente, colorindo tudo isto com o motivo de querer decretar uma lei geral, Dom Manoel, pela mão dos seus jurisconsultos romanistas, falsificou os Foraes do Reino annulando-lhes as garantias que o *mosarabe* ali escrevera, e introduzindo uma forma desnatural da propriedade — a Enphyteose romana. Desde esse dia o povo portuguez ou mosarabe estacionario ficou sem direito seu; e, decahido já pela intolerancia do catholicismo, esqueceu-se com o tempo das suas tradições juridicas, do seu energico symbolismo, da sua independencia local, da garantia da sua carta. O resultado bem cedo se fez conhecer, pela irremediavel decadencia politica manifestada na invasão dos Philippes, e sobre tudo pela sua ignorancia e falta de interesse pelos negocios politicos d'hoje, o que é o mais claro symptoma de uma nação morta.

O povo portuguez ainda hoje allude nos cantos tradicionaes, aos costumes do tempo das cartas de Foral;

canta sem comprehender a sua ruina. Esses mesmos cantos epicos, que formam os *Romanceiros* da Peninsula, passaram longos seculos desappercebidos, e somente hoje é que o espirito critico do nosso tempo os escuta com seriedade, para recompôr a vida apagada d'esta infeliz raça. O estado de *Malado* lá está lembrado no romance da *Filha do rei de França;* a *Sylvaninha*, como mulher é desherdada por seu pae segundo o costume do direito germanico; o punhal deixado por Carlos Magno entre sua filha e *Gerinaldo;* o adulterio castigado com a pena de fogo no *Dom Claros d'Alem-Mar;* o *cabello atado*, symbolo foraleiro da mulher casada, repetido inconscientemente na cantiga; a expulsão do fidalgo da pousada do burguez, como no Foral do Porto, Coimbra e Santarem, ainda cantada no nosso tempo de egualdade civil no romance de *Santa Iria*, tudo isto denuncia uma raça que se annulou, e se vae extinguindo pela cretinisação. A *quitara* instrumento que o arabe usava nas serenadas e nos descantes ás bellas, tão usada pelos Abencerrages apaixonados da nossa Peninsula, é ainda a *guitarra* que tanto caracterisa os romances populares. De umas vezes é a *Sylvaninha* que vae tocando na sua *guitarra*, que muito bem a tangia, indo ao longo do corredor ensoando a namorada *aravia* que tanto enlouquecera seu pae; é tambem pelas festas de Sam João, tão celebradas pelos arabes, que o pobre preso, que ousou levantar olhos para a filha do rei, toma o baixão para consolar as magoas de sua mãe. E' tambem

pela influencia bondosa da mulher, segundo os costumes arabes, que no romance de *Virgilios* se salva o prisioneiro. Vê-se em tudo a alliança do genio germanico e arabe a constituirem-se em uma raça distincta; nada revela tão claramente este phenomeno estupendo como a poesia dos *Romanceiros*. Nenhum critico de Hespanha ou da Allemanha os citou ainda sob este ponto de vista maravilhoso e verdadeiro. Mas a verdade é grande, diz o proverbio oriental, ella triumphará. Como diz o senhor Herculano na *Historia de Portugal*, a *raça mosarabe* occupou com maior amplitude o territorio da Beira; esta descoberta da historia feita por via dos documentos juridicos, confirma-se á evidencia na poesia popular portugueza. Já Garrett com o seu genio intuitivo confessava que os romances recolhidos da tradição oral da Beira apresentavam versões mais completas, mais extensas e de um colorido mais primitivo; falando da *Bella Infanta*, diz elle: «No corrigir do texto segui, como faço quasi sempre, a lição da Beira Baixa, que é a mais segura.» Falando de *Bernal Francez*, diz: «foi aperfeiçoada pela collação com as diversas copias das provincias do Norte, especialmente da Beira Baixa, que são, no meu entender, as mais seguras, segundo já observei tambem.» Herculano, apesar de não ter conhecido o genio artistico da raça *mosarabe*, explica com as suas descobertas historias o phenomeno que a intuição de Garrett descobria na poesia popular da Beira; ali tambem encontrámos versões de romances que completavam romances antigos

que andam fragmentados nas collecções hespanholas, como o *Conde Grifos Lombardo*. Ultimamente recebemos da tradição oral da Ilha de Sam Jorge mais outro romance ainda até hoje não recolhido, que parece dictado pelo mesmo genio que inventou os *Niebelungens*:

—Eu bem quizera, senhora
Com ella fallar um dia!
«Isso como pode ser,
Se na sala aonde assisto
. . . .
Cinco guardas estariam?
—Diga a sua qualidade,
Que então lhe responderia.
«A primeira guarda era
Um velho que não dormia;
A segunda guarda era
Uma campana garrida;
A terceira guarda era
Uma leôa parida;
E a quarta guarda era
Um rio que bem corria;
Mais a quinta guarda era
Os dois manos que eu tinha.
—Pois essas guardas, senhora,
Com todas m'eu haveria.
Esse velho que não dorme
Eu o adormentaria;
Essa campana garrida
Meto-a em agua fria;
Essa leôa parida
Dava-lhe pão, que comia!
Esse rio que bem corre
Eu de nado o passaria;
E esses dois manos vossos
Eu com elles dormiria. (1)

(1) Ao mesmo cavalheiro a quem devo os thesouros dos *Cantos populares do Archipelago açoriano* agradeço esta valiosa communicação de tão raro monumento.

Na poesia germanica e scandinava era um dragão que guardava o thesouro escondido no fundo do rio. A imaginação popular portugueza para o apaixonado faz da donzella um thesouro, defendido por um rio, por um velho que não dormia, por uma leôa parida; o mesmo genio que inventou este maravilhoso nos *Eddas* e no *Niebelungen*, a mesma tendencia phantastica revelada no *Pant'cha Tamtra*, fundiram-se na alma dos *mosarabes*, cuja impressão foi tão profunda, que ainda mesmo quasi esquecida revela esta fatalidade do sangue e dos instinctos atávicos.

Vimos até aqui por factos dispersos quanto era profundo e poetico o genio dos *mosarabes*, unico e exclusivo elemento do baixo povo portuguez. Mas desgraçadamente esta raça vigorosa e extraordinaria, talvez creada para grandes destinos, foi annulada por causas desencontradas. O sentimento religioso do seu culto tolerante e sem condemnação, foi combatido surda e tenazmente pelo catholicismo, religião da morte e da ambição sacerdotal; prohibiu-lhe o tomar parte na liturgia, amaldiçoando os seus cantos nas egrejas. As creações da Arte foram tambem abafadas não só por esta pressão moral e triste da aristocratisação do culto, como pela exclusiva admiração votada aos modellos da antiguidade classica e á symetria de Vitruvio. O nosso povo foi sobretudo architecto; os vocabularios estão cheios de palavras arabes que ainda hoje se usam na linguagem technica das construcções; influenciado pelo sangue e pela educação arabe a quem

repugnava a representação da figura humana, o nosso povo não cultivou a esculptura.

A influencia da poesia arabe sobre o nosso povo é evidente; não é preciso citar a fórma do *olgribait* e *salgribait* para conhecer a origem do nosso verso de redondilha empregado nos romanceiros; (1) basta lembrarmo-nos que os cantares á *desgarrada* ou *desafios*, que ainda hoje se usam pelas nossas aldeas, são de origem arabe, e pelos provençaes foram imitados na forma dos *torneyamen* e *tensões*. Os arabes, tanto os de Hespanha como os outros, são, como diz Fauriel, o unico povo aonde se encontram estes despiques poeticos; (2) e nos costumes populares portuguezes é onde se conserva na sua pureza esta primitiva forma, de que publicámos alguns fragmentos no *Cancioneiro popular*, e nos *Cantos do Archipelago*. Á maneira dos *raonis* dos jograes arabes de Hespanha, que andavam de terra em terra cantando por officio, temos ainda hoje as companhias de cantores vagabundos, improvisando pelas ruas a redondilha mourisca, e ainda acompanhados pela *guitarra;* mas como o desenvolvimento industrial faz julgar esta profissão como uma inercia, os improvisadores acompanham os cegos para se defenderem pela compaixão e pela caridade. A bella e sentidissima classe dos romances sacros ou ao *divino*, em que o velho e novo Testamento se acham dramatisados com

(1) *Historia da Poesia popular portugueza*, p. 32; *Cantos do Archipelago*, p. x.
(2) *Histoire de la Poesie provençale*, t. III, p. 237.

a maior audacia, desprezando a versão canonica pela tradição credula, que outra origem tem na rhapsodia do nosso povo, senão uma origem arabe? Em nenhum outro povo se encontra o romance sacro a não ser em Hespanha, nas collecções do seculo XVI, e em Portugal. É do genio arabe que lhe veiu esta liberdade de creação poetica; foram tambem os arabes que imprimiram egual feição aos velhos poemas provençaes:— «É em arabe, que se encontram os primeiros exemplos d'estas falsificações romanescas das narrativas venerandas da Biblia e do Novo Testamento.» (1) Como nos romances tradicionaes, o povo conserva allusões frequentes ao symbolismo dos Foraes, sem comtudo se lembrar hoje da sua antiga independencia politica, o mesmo se dá com o sentimento da cavallaria arabe. No romance do *Mouro atraiçoado*, (2) allude ao *galab* ou *galaba*, que designa o exercicio de todas as virtudes da cavallaria:

> Não temo senão *Gabello*
> Filho da minha egua baia.

O povo não comprehendendo já esse impulso do homem para a gloria, para os feitos denodados, para a galantaria e pujança nas armas, expresso pela palavra *galaubia*, conservou confusamente a designação, e deu-a como nome ao valente corredor, ao cavallo de quem o mouro, vendo-se assaltado de repente, se temia.

(1) Fauriel, *Hist. de la Poesie Provençale*, t. III. p. 340.
(2) *Cantos do Archipelago*, n.º 47. p. 313.

No antiquissimo romance da *Mora Moraima* está uma reminiscencia da sociedade do godo *lige* em convivencia com o arabe; aí se encontra o cruzamento da raça, pelos amores transpondo as antinomias da nacionalidade.

A decadencia do *rito mosarabe* coincíde com a extincção das garantias politicas do povo portuguez; no mesmo seculo em que entrava em Portugal o espirito romanista que renascera nas Universidades da Europa, triumphou tambem o rito romano. Dom Diniz ressuscitara a pouco e pouco as tradições cesaristas dos Codigos na sua nova Universidade, ao mesmo tempo que em 1331, o rito romano se assenhoreava da sua Capella. O povo era expulso do templo, prohibindo-lhe aí os seus cantos liturgicos; invadido na immunidade dos seus Foraes pelas *Leys de Partidas*, era escarnecido por causa da sua poesia, nas canções provençalescas unicamente admittidas na côrte d'este monarcha.

Trez grandes decepções que bastavam para deixar um povo para sempre mudo! Faltavam ainda as fogueiras da intolerancia catholica. O Papa Eugenio IV impoz-nos o *rito romano*, acceitado por D. João II e Dom Manoel; sob estes dois monarchas o genio dos *Mosarabes* continuou a ser anullado, em poesia pelo *Cancioneiro geral*, que desprezou a rica efflorescencia dos romances populares, e em direito pelas *Ordenações Manoelinas*, que unificaram a legislação, extinguindo subrepticiamente as garantias locaes faroleiras.

Para acabar esta obra infernal da morte de uma

nação, cretinisando o povo portuguez e matando n'elle *o genio mosarabe*, nasceu Dom João III, que deu entrada á Inquisição e ao queimadeiro, distrahindo a plebe com a exaltação fanatica dos espectaculos de morte. D'aqui em diante raro se descubrirá o espirito *mosarabe* ou melhor uma feição *nacional* n'este desgraçado povo portuguez. O conhecimento d'esta ruina é que inspira o lyrismo triste de Gil Vicente.

Do seu genio musical, no seculo XVII, apesar dos terrores da fogueira do Santo Officio e da invasão estrangeira, ainda se falava com admiração (1); e este conservou-se mais tempo, bem como a poesia, porque era a sua unica consolação. O seu Direito, revelado admiravelmente nas Cartas de Foral, foi completamente abafado pela renascença do Direito Romano propagado pelos monarchas e pelos civilitas, com o Direito Canonico, imposto pelo catholicismo absorvente. Da extinção do seu direito veiu a sua queda no mais crasso absolutismo até 1820. E até a sua Poesia, que tanto consolava esta raça entristecida, essa mes-

(1) Falando da musica, na provincia do Minho, diz o Marquez de Montebello, na *Vida de Manoel Machado de Azevedo:* «Con gran destreza se exercita la musica, que es tan natural en sus moradores esta arte, que succede muchas vezes a los forasteros, que passam por las calles, particularmente en las tardes del Verano, parar, y suspender-se, escuchando los tonos, que a coros cantam, con fugas y repeticiones, las moçuelas, que para exercitar la labor de que viven les es permittido, por tomar el fresco, hazerla en la calle. Al que ignora la musica engañan, pensando que la saben, y al que es diestro en ella, desengañan, que de todas las artes es naturaleza la maior mestra.» Cap. V, pag. 44.

ma, que cantava feitos heroicos, que não offendia os poderes constituidos, foi durante seculos julgada *desprezivel*, sendo supplantada pelos cultistas provençaes na corte portugueza, pelos latinistas ecclesiasticos, pela admiração banal e imitação mediocre dos modellos das litteraturas classicas, e pelo *Index Expurgatorio!* Uma vez extincta a actividade intellectual e sentimental do povo, que lhe restava senão vegetar, mas estiolando-se cada vez mais n'este meio esteril.

D'aqui em diante perde-se para sempre o veio *nacional* em todas as obras da litteratura portugueza; tudo o mais que temos a julgar é tão portuguez como pode ser de todos os outros povos, porque não tem feição distincta, nem alma, nem intenção.

---

§ III

EPOPÊAS DA EDADE MEDIA EM PORTUGAL

Influencia da lingua d'*Oil*. — Os poemas de Carlos Magno em Portugal — Cyclo dos Amadizes. — Influencia da lingua d'*Oc* — Escholas dos trovadores portuguezes. — Influencia ingleza no tempo de Dom João I. — O cyclo de Arthur e da Tavola Redonda — O Sam Graal portuguez. — Influencia classica das tradições latinas. — O Cyclo greco-romano. — Principio da influencia hespanhola: Os Contos decameronicos.

Estudado o genio artistico dos *mosarabes*, ou o elemento propriamente nacional, vejamos quaes as forças que o aniquilaram, forças que na maxima parte constituiram a sociedade portugueza. Sonhando a independencia do territorio que fôra dado em dote a sua mulher, o Conde Dom Henrique chamou para Portugal colonias francezas para, depois de radicadas no sólo, accudirem ao grito da liberdade da terra.

A este poderoso elemento colonial se deve a implantação entre nós das grandes legendas epicas da *lingua d' Oil*, dos poemas dos troveiros. A vinda dos cavalleiros francezes ás guerras da Cruzada, a sua passagem por Portugal, contribuiu tambem para essa disseminação das tradições poeticas do cylco carolino

que agitava a Europa. Os poucos trovadores provençaes que acompanhavam a Cruzada, pouco influiram para o desenvolvimento das canções lyricas da lingua d'Oc, porque a imitação provençal veiu-nos dos usos palacianos que então eram communs a todas as côrtes da Europa, actuando particularmente sobre nós a poesia da côrte da Galliza e da Catalunha, os fidalgos italianos que acompanharam para Portugal D. Mafalda, e os aulicos trazidos de França por D. Affonso III.

Diz-se: «quasi que não ha provincia e districto em Hespanha, em que não penetrassem francezes ou costumes francezes;» (1) pecca a asserção por absoluta e não por falta de verdade. Henrique de Borgonha, pae de Affonso Henriques, deixou a seu filho um condado com todas as condições para se transformar em um reino. Por esta influencia se estabellecerem em Portugal os frades de Cister, que segundo, Victor Le Clerc substituiram o rito *isidoriano (mosarabe)* pela liturgia gallicana; esta ordem religiosa, pelo seu caracter anti-artistico e inimigo do bello, (2) teve uma preponderancia immensa nos primeiros seculos da monarchia, e talvez obstasse á manifestação do genio portuguez. As cartas dos Foraes têm grandes analogias de redacção e de garantias politicas com as communas francezas; na reforma judicial do tempo de Dom Affonso III, Conde de Bolonha, os Corregedores imitam os *Missi dominici*

(1) Helferich et Clermont, *Les communes française en Espagne et en Portugal*, pag. 2. Apud Victor Le Clerc.
(2) Renan, *Etat des beaux arts au XIV siècle*, pag. 156.

dos Capitulares de Carlos Magno; Dom Diniz recebe lições da difficil poetica provençal de Aymeric d'Ebrard, de Cahórs, dando-lhe a dignidade de Bispo em compensação do seu merecimento litterario. O luxo e galanteria da corte portugueza n'este reinado, aonde se versejava com damas, e aonde se cantavam as ricas novellas de cavalleria, acham-se como simile fielmente retratados nas paginas vivas de Froissart.

Dois vigorosos poderes tinham explorado o homem na edade media, arvorado em systemas os principios que serviam o seu interesse.

O Feudalismo e a Egreja organisaram-se á imitação um do outro, nas suas gerarchias, na mutua dependencia dos seus membros.

A Egreja dominava pelo terror moral, o Feudalismo pela pressão physica; ambos pelo obscurantismo. Uma tinha a *servidão voluntaria*, o outro a *servidão adscripticia;* a *humildade* evangelica, e a *fidelidade* do lite levavam á mesma negação da dignidade do homem. O papa compara-se ao sol em Gregorio VII; os imperantes são a lua, corpos opacos que só podiam receber a luz, ou a investidura de Roma; elle tinha tornado os reinos da Europa seus feudatarios, de quem recebia alcavalas em paga das regalias espirituaes; elle tinha substituido as grandes pestes com as excommunhões e interdictos, continuado a ignorancia com o manopolio dos homens de talento, e em logar das invasões do Norte e da Africa encetou as guerras cruentas da religião. Como *Renard*, que engana *Isengrin*, o Feuda-

lismo unico rival que a Egreja temia, por possuir as grandes propriedades, cahiu na rede; ella lisongeou-lhe o instincto da bravura, soprou-lhe um resto de fervor religioso e deu-lhe para empreza cavalleirosa — a conquista do sepulchro de Christo. É no momento em que o Feudalismo se sente atacado por todos os lados, que se torna conhecida a sua poesia, o canto do cysne moribundo. Os barões longe de seus solares, sujeitos á *prescripção* adoptada do direito romano pelos jurisconsultos, feridos na sua nobreza pelos *Livros de Linhagens*, privados dos seus direitos antiquissimos pelo uso da *revogabilidade* das doações, ouvindo mais alto que a sua trombeta o sino da communa, obrigados a prestar homenagem dos seus castellos aos reis, que até então eram seus eguaes, — os Barões, com a sua irritabilidade senhorial, atiraram-se á revolta.

O sentimento da independencia inspira as sublimes creações do *Cyclo de Carlos Magno*.

Quando os Barões conheceram o erro do seu enthusiasmo, era tarde. A poesia do feudalismo é uma saudade e um desafogo, mas quasi sempre um grito de indignação. A lenda precisa *localisar-se* e agrupar-se em volta de um mesmo vulto; Carlos Magno tornou-se o centro d'esta vigorosa efflorescencia que estava a extinguir-se.

Na Italia e na Hespanha os cantos carlingianos cantam de preferencia as suas derrotas, as infamias dos seus filhos, representam-no ridiculo e covarde; da parte dos seus vassallos um valor extraordinario e uma

altivez desmedida. O conde de Borgonha, vindo á Peninsula, casando com Dona Tareja, trazia comsigo as tradições epicas do seu paiz; os barões que iam á Cruzada e aportavam a Lisboa antes de transpôrem as columnas de Hercules, inflammavam a sua coragem ouvindo constantemente dos seus menestreis as tradições heroicas. O conde de Bolonha, Dom Affonso III, chegou a imitar a organisação judicial dos Capitulares de Carlos Magno. Mas as tradições carlingianas que possuimos são todos dos romances populares. *Dom Garfos* é o que mais caracterisa o cyclo; *Gerinaldo* é a tradição do seu pagem Eghinart; *Dom Claros de Montalvar* é a lenda dos amores de uma sua filha.

1. *Influencia da lingua d'Oil*

As tradições cavalheirescas do norte da França espalharam-se em Portugal no tempo de Affonso Henriques, com a passagem dos cavalleiros que iam pelo Mediterraneo á Terra Santa. Estes o ajudaram na conquista de Lisboa, e no descanso do arraial se desenfadavam cantando as suas legendas nacionaes: «Eodem quoque tempore venerunt quedam naves exinsperato *de partibus galliarum*, plene armatis viris votum habentes ire in Jerusalem, eumque venissent ad Portum Gaye, et intrassent Dorium, audivit hec Rex, et gavisus est cum eis, erant enim fere septuaginta, et paccitus est cum eis ut irent ad Ullixbonam ipsi per mare et ipse cum

Dom João I. Era de França que nos vinham então todas as ideias novas, tanto em politica, como em litteratura, como nas grandes tradições epicas.

A formação do monachismo foi um resultado do caracter social da Europa. No meio d'esta elaboração lenta e mysteriosa de raças, de religiões que se substituiam, de leis que se formavam, de linguas que se estavam discriminando na grande confusão, de litteraturas que nasciam para traduzirem os novos sentimentos do mundo moderno, havia um silencio prodigioso que envolvia o grande genesis. Caíra-se no periodo do *mutismo* de que fala Vico. Nada se sabe do seculo X, é a penumbra divina, aonde os olhos não alcançam as cousas assombrosas que se passam lá dentro. A sociedade ainda não tem sociabilidade; as linguas novas têm uma dureza que as não deixa exprimir a volubilidade da paixão, a liberdade ainda se arreceia da permanencia da sua conquista. É a partir do seculo X que se espalham pela Europa esses cantores vagabundos, sahidos da Provença, que vão levar a todos os povos a boa nova da fraternidade, recordar-lhes um passado de poucos annos, os costumes que só vivem na tradição, falando de amor, sorrindo, cantando façanhas e proezas de heroes para distrahir o vulgo dos terrores da Egreja, d'esse pezadello medonho da meia edade. O *canto* dos jograes veiu soltar da sua aphonia as linguas neolatinas, tornal-as communicativas, escriptas. Era uma lei fatal da historia. Todas as linguas começam pelo *canto*. *Singuen* e *saguen* exprime essa ideia nas lin-

guas germanicas, como o *cantar* e *decir* dos romances hespanhoes. Os jograes são *decidores*. Assim os nossos primeiros documentos em lingua vulgar são tambem em verso, e é n'esta circumstancia que está o seu principal valor.

O fragmento do poema de *Cava* está escripto em uma linguagem que não é a do *Cancioneiro do Collegio dos Nobres*, quasi contemporaneos um do outro; no Cancioneiro apparece a lingua provençal destacando o dialecto galleziano-portuguez das outras linguas da Peninsula; no fragmento de *Cava*, ha a confusão de todas as linguas, franceza, italiana, castelhana, provençal e normanda; são as formas indeterminadas da linguagem ainda não fixada. Isto longe de provar que é apocrypho, pelo contrario fundamenta a sua authenticidade. A traducção da *Regra de Sam Bento*, feita no seculo XII, publicada por Frei Fortunato de S. Boaventura, apresenta um mixto egual de palavras de differentes linguas. Os mais antigos monumentos da poesia franceza são em trez dialectos differentes; (1) o mesmo se encontra na velha poesia da Italia até ao seculo XII. (2)Os monumentos mais antigos da poesia portugueza,

(1) O hymno a Santa Eulalia, de um ms. do seculo XII; apud Du Meril, *Poesie scandinave*. pag. 233. O poema sobre Boccio, e as peças publicadas por Lebeuf, *Dissertations sur l'histoire*, t. II, pag. 326–330, d'après du Meril.

(2) Sainte Palaye publicou versos de Rambaut de Vaqueras em patuás genovez de 1226: *Mem. da Academia das Inscripç.* t. XXIV. Verri, na *Storia di Milano*, traz uma tradução do Velho Testamento em verso milanez por Pietro de Barcape. D'après Du Muril, pag. 205 da *Poesie Scandinave*.

o poema de *Cava*, a canção do *Figueiral*, as *Canções a D. Violante* por Egas Moniz, e a do *Traga Mouros*, não tem sido bem interpretados. Primeiro que tudo são authenticos; pelo menos os argumentos que os derrogam são meras asserções infundadas, e que os criticos (1) repetem não indo mais longe do que aventou João Pedro Ribeiro.

É simples vêr alguma alteração n'estes monumentos, não por serem aprocryphos, mas por terem sido alterados na tradição. A *Canção de Figueiral* era popular e da boca do povo foi recolhida; a poesia em quanto anda na tradição acompanha os progressos da lingua e dos costumes. O mesmo se pode affirmar das canções de Egas Moniz que de provençal só appresentam o gosto e não as palavras, porque não permaneceram fixadas nos pergaminhos, como as da colleção do Collegio dos Nobres, mas seguiram os caprichos da versão oral.

Á similhança da lingua d'*Oc* e da lingua d'*Oil*, a lingua portugueza, como a franceza, fixou-se pela fusão de dois dialectos distinctos. A lingua d'*Oc*, do Meio Dia da França, a lingua dos trovadores e das canções, e a lingua d'*Oil*, ou do Norte, a lingua dos *Fabliaux*, e da formação da prosa, offerecem pontos

(1) Raynouard, na *Grammatica das linguas romanas*, Discurso preliminar, pag. 40, sustenta que o fragmento do poema de *Cava*, achado no Castello da Louzã, em 1187, não é do seculo VIII, como o disseram. O mesmo segue Balbi, no *Ensaio de Statistica;* mas pela analyse e estudo do monumento convencemo-nos da sua antiguidade, a qual não ultrapassa o seculo XII.

completos de analogia, com o dialecto *galleziano* fallado até á Extremadura, e com o dialecto *algarvio* fallado até ao sul de Portugal. O galleziano é o nosso provençal, e foi, pelas descobertas philologicas, reconhecido como a primeira linguagem poetica de toda a Hespanha.

É n'elle que temos os nossos Cancioneiros; o dialecto algarvio, serviu para os primeiros escriptos em prosa, como se demonstra pelos raros monumentos do tempo de Dom Diniz. Na canção de *Figueiral* se encontra:

> Lingua de *aravias*
> Eu as falarey

E n'aquelle fragmento de romance conservado no *Cancionero General* de 1557, se lê tambem :

> Hablome en *algaravia*
> Como quien la sabe hablar.

O sabio Antonio Ribeiro dos Santos, nos seus estudos sobre a *Poesia portugueza*, foi o primeiro que aventou esta ideia, hoje repetida, fazendo-a valer pela auctoridade do seu nome. No dialecto algarvio achase sempre empregada a expletiva *ei* e no dialecto galleziano a expletiva *ai*.

A influencia normanda na poesia popular portugueza data da vinda do Conde de Bolonha para substituir no throno seu irmão Sancho II. A lingua franceza era

a lingua da cortezia, cavalheiresca, facil; falavam-na os reis da Inglaterra e os seus barões; na Italia Bruneto Latini escrevia n'ella, e Dante apresentava-a como o meio que espalhara todas as grandes tradições entre os povos modernos. (1) Os allemães a preferiam, pela rudeza da sua lingua, e no *Tristan* de Gottfried apparecem versos em francez. (2) Renan, no discurso sobre o *Estado das bellas artes no seculo XIV*, fala da importancia que os cantares francezes gosavam por este tempo na Europa: «Uma passagem do poema sobre Bertrand du Guesclin, attesta a sua voga em Portugal.» (3) No *Auto dos Quatro tempos*, de Gil Vicente (4) lê-se esta rubrica: «Até chegarem ao presepio vão cantando uma *cantiga franceza*, que diz:

> Ay de là noble
> Villa de Pariz etc.

o que prova, pela simples allusão d'estes dois versos, que era muito sabida. Esta confusão das linguas, que se encontra na edade media, creou a fórma poetica do *Descorts*, e o mesmo Gil Vicente a usa nos seus Autos, como a usaram no drama Briccio e Giacomo Ricci. A influencia normanda ainda que não seja provada na poesia popular senão por inducções e parallelos de roman-

(1) De *Vulgari Eloquio*, t. I, c. 10.
(2) Du Meril, Op. cit., p. 321, not. 3.
(3) Op. cít. t. II, p. 287.
(4) Obr. t. I. p. 92, Edição de Hamburgo.

ces, é comtudo manifesta na formação da lingua portugueza.

Seguindo a tradição classica, quando a poesia popular latina estava já em decadencia na Europa no seculo XII, em Portugal no seculo XIII encontramos um poema escripto em versos latinos, que celebra a tomada de Alcacer do Sal em 1217; o poema é escripto por um soldado francez, dos que aportaram a Lisboa na sua viagem para a Terra Santa, sob o commando dos condes Guilherme de Hollanda e George de Wied. O poema, como se descobre pelas letras iniciaes das primeiras sete strophes, é offerecido a *Suérius*, o Bispo de Lisboa, que ao ver aportar a 21 de Julho a frota dos Cruzados, os animou para que fossem á tomada do forte de Alcacer do Sal; no poemá, o auctor confessa-se como uma criatura obscura, chama-se *Gosuinus*, como se deprehende das primeiras letras achrosticas das ultimas outo strophes. No poema, descrevendo a chegada dos Cruzados arribados a Lisboa pelas tempestades, aponta o anno:

> Annos in christum cum volvis mille ducenta
> Denos cum septem.......................

O poema está escripto com a sonoridade das tempestades virgilianas. O bispo Sueiro falou aos dois chefes da expedição propondo-lhe a extremada empreza; o Bispo de Evora, o Abbade de Alcobaça, os Grãos-mestres do Templo, do Hospital e de Sam Thiago secun-

dam o pedido; os chefes falam em conselho aos seus capitães que votam pelo assalto ao forte de Alcacer do Sal, á excepção dos Frisões, que foram continuando a sua derrota para a Terra Santa, com mais de outenta navios. De facto havia aqui com que formar um poema; Gosuinus attribue o feito aos francezes, não por que exclua a gloria que aos portuguezes competiria n'aquella conquista, mas como para ferir os Frisões que não accederam. O poema descreve todos os acidentes do cerco e da tomada, com uma rudeza epica, caracteristica da meia edade. O genio francez, creador do cyclo carlingiano, mais amigo do *valor* dos feitos de armas do que do *maravilhoso* do cyclo de Arthur, não traz a lenda das chronicas portuguezas, que attribuem a victoria do diminuto numero dos cavalleiros a uma legião de anjos que os veiu ajudar no assalto. Alcacer do Sal foi definitivamente tomada a 21 de Outubro de 1217; os Cruzados partiram a cumprir o seu voto para a Terra Santa na primavera de 1218; o poema de Gosuino, é como um adeos de despedida do desconhecido soldado ao intrepido Bispo Sueiro, que lhe proporcionara aquelle feito de armas. O ultimo hemistichio do derradeiro verso é saudoso e triste: *nec tibi notus eram* (1). É uma excellente peça litteraria do tempo de D. Affonso II.

No *Amadis*, a ficção da lingua d'Oil funde-se com

(1) Monumenta hist. *Scriptores*, fasc. I, p. 102. Ms. d'Alcobaça, n.º 207.

os poemas do cyclo da Tavola Redonda. Quem o escreveu tinha presente as situações dos romances que então mais lisongeavam as imaginações do seculo XIV. Vasco de Lobeira poz em prosa, ligando as aventuras cavalheirescas mais conhecidas em volta de um mesmo typo, o que já andava escripto em verso; Cervantes fez um processo analogo, invertendo porem a cavallaria em acções ridiculas. Pela natureza da novella do *Amadis* se vê que ella podia nascer tanto em Portugal, como em outro qualquer paiz, por isso que a novella não é mais do que uma reminiscencia. Na côrte portugueza de Dom Diniz, nasceu essa novella; conhecendo-se pouco em Portugal esses romances do cyclo da Tavola Redonda, ainda havia certa novidade em repetir em prosa as aventuras tantas e tantas vezes romanceadas. A novella portugueza é um symptoma do gosto do tempo; os poemas tradicionaes das grandes acções tornaram-se prosa distractiva na ociosidade das côrtes. O cyclo carlingiano não podia estar puro em uma monarchia constituida.

Diz Victor Le Clerc, um dos homens que mais conheceu a historia litteraria da edade media:

«Nos *Amadizes*, os quaes são *derivados dos Lancelot e dos Tristãos*, e aonde se tem querido vêr o ideal do amor cavalheiresco, a bella Oriana concede tudo antes do tempo tanto esperado em que os imperadores e os reis hãode vir assistir ás nupcias.» (1) De facto estes romances eram conhecidos em Portugal

(1) *Hist. Litt. au siècle XIV* p. 483.

no tempo de Dom Diniz, que cita no seu Cancioneiro o romance de *Tristam e Iseult*, e o proprio Azurara, que fala do Vasco de Lobeira, tambem cita o romance de *Lancelot do Lago*. Este problema litterario do *Amadis* resolve-se, analysando o processo da sua formação. Diz mais Le Clerc: «Quando o poema francez de *Amadas*, que em 1365 fazia parte dos livros de um conego de Langres, e que ainda subsiste, tiver sido vulgarisado; quando o poderem comparar ao *Amadas* inglez, áquelle bravo, que os fragmentos publicados em 1840 e 1842, segundo differentes textos manuscriptos, concordam em represental-o como o mais brilhante modello de lealdade, de bravura e de respeito cavalheiresco; quando principalmente se fizer uma ideia mais justa e mais completa da alluvião de romances em prosa que, nos primeiros cento e cincoenta annos da imprensa, para corresponder, tanto em Hespanha como em França, ao enthusiasmo da moda, multiplicaram á compita os nossos antigos poemas, allongando-os com digressões importunas, com conversas alambicadas, com uma ampla brigada de gigantes, fadas, encantadores, será então occasião de perguntar, se foi sem fundamento ou se com rasão que o velho traductor francez do *Amadis* hespanhol, Herberay des Essarts, nos disse que descobrira *alguns fragmentos escriptos á mão em lingua picarda*, e de decidir se este romance de aventuras, cujo plano pouco se prestava aos embellecos do perfeito amor, por isso que começa por onde os outros acabam, nas-

ceu em Portugal, em Hespanha ou em outra qualquer parte.» (1) A questão acha-se magistralmente collocada. O *Amadis*, pode ser uma versão do mesmo romance *Amadas* quer viesse da tradição franceza ou ingleza; originalidade poetica nenhuma litteratura da edade media a tem, a não ser a franceza; o que se discute é a forma em prosa. Quando o principe Dom Affonso pediu a Vasco de Lobeira que alterasse a situação em que Briolanja estava menos pudicamente tratada, este facto, que traz o texto mais antigo que existe, o de Garci Ordonhes de Montalvo, designam que existia uma lição anterior á hespanhola, pelo que respeita á rubrica conservada pelo traductor, e outra lição anterior áquella emendada a pedido do principe. Seriam essas por certo os poemas ainda em verso, e que o escriptor portuguez, anonymo ou Vasco de Lobeira transformaram em prosa ampliando longamente, com situações e peripecias tiradas dos poemas de cavalleria da *Tavola Redonda*, quasi todos conhecidos na corte de Dom Diniz, como em outro logar provamos.

No Discurso sobre o *Estado das letras no seculo XIV*, Victor Le Clerc, fala de D. Diniz n'estes termos: «Portugal, que cita com honra nos seus fastos civis e militares Diniz, cognominado o Rei *lavrador* e o Pae da patria, fundador em 1308 da Universidade de Coimbra, e Affonso o Bravo, um dos vencedores dos Mouros em Tarifa,—trabalha tambem para aperfeiçoar a

(1) *Etat des lettres au XIV siècle*, 3.me partie, p. 15, t. II.

sua lingua nacional, e assignalar-se-ia já agora nos annaes das letras, se podesse attribuir com certeza a Vasco de Lobeira, morto segundo dizem em 1403, a primeira redação do famoso *Amadis de Gaula*, que todavia não é, como se vê pelo texto mais antigo hoje conhecido, o hespanhol, senão uma imitação prolixa dos poemas da *Tavola Redonda* e dos Romances de Aventuras, taes como o nosso romance de *Amadas*. Mas o mesmo seculo e o mesmo paiz legaram á posteridade outras aventuras mais patheticas e menos fabulosas, como a de Ignez de Castro.» (1)

Littré é tambem da mesma opinião de Victor Le Clerc, sobre a origem franceza da novella de *Amadis;* falando de *Idoine e Amadas*, escreve: «*Amadas* lembra o cyclo dos *Amadizes*, que, certamente hespanhol no seculo XV, tem, porventura, ligações com mais antigas composições francezas.» (2) Agora a nossa opinião, depois do estudo do velho poema da lingua d'*Oil.*

A novella do *Amadis de Gaula*, é uma transformação natural de um romance dos troveiros do norte da França, do mesmo modo que muitos *flabiaux* em verso se transformaram na prosa decameronica de Boccacio. A maior parte dos criticos, que têm impugnado a origem portugueza d'esta novella, desconhecem a transformação fatal, que se continúa até ao seculo XVI e XVII até chegar ás novellas pastoraes; os que têm confron-

(1) Op. cit. Tomo I, p. 153.
(2) *Dictionaire*, compl. de la préface, p. LIV.

tado, sempre superficialmente, o *Amadis de Gaula* com os versos do *Amadas et Ydoine*, reconhecem algumas analogias, concluindo pela disparidade, sem notarem que sete mil nove centos e trinta e seis versos de redondilha não podiam dissolver-se em quatro grossos livros de prosa compacta sem se ampliar largamente o quadro da ficção. Contra a prioridade da redacção portugueza do *Amadis*, levantou-se Gayangos, dizendo que já em 1359 o citava o Chancellar Lopez de Ayala, no *Rimado de Palacio*, bem como Pero Ferus, Migir capellão de Segovia, Juan de Tordesillas e Francisco Imperial; e que sendo Ayala captivo na batalha de Aljubarrota em 1383, n'este tempo Vasco de Lobeira tinha vinte annos, por isso que fôra armado cavalleiro depois da batalha, contando apenas quatorze annos ao tempo que Ayala citara o *Amadis*. Todos estes argumentos são chronologicamente verdadeiros, mas não philologicamente. Nenhuma das auctoridades do seculo XIV que citaram o *Amadis*, declara que conhecera a versão em prosa; pelo contrario Ayala citando-o a par de *Lançarote*, dá a entender que conhecera a versão poetica. De mais, sendo o chanceller Ayala desterrado para Inglaterra em 1367, ali escreveu parte do seu *Rimado de Palacio*, e é mais natural de crêr que ali conhecesse a versão ingleza do *Amadace*, a qual já se acha citada no livro de Gower a *Confissão do Amante*, escripta a pedido de Ricardo II.

A transformação do nome de *Amadas*, do troveiro francez, em *Amadis* é devida á pronuncia ingleza de

Amadace. Na citação de Pero Ferus o *Amadis* vem junto com *Rey Arthur*, e *Dom Galaaz*, *Lançarote*, *Tristam*, *Carlos Magno* e *Roland*, todos escriptos em verso, o que leva a crêr que o romance do *Amadis* andava ainda na forma poetica. As allusões constantes que se encontram na novella do *Amadis* aos romances do cyclo da Tavola-Redonda, e as imitações de muitos outros romances francezes, mostravam claramente que essa novella não era invenção pura do genio portuguez, mas filha legitima da grande poesia da edade media.

A Portugal cabe a gloria indisputavel de ter sido o primeiro paiz aonde as ficções epicas receberam a linguagem vernacula da burguezia—a prosa. Assim cremos, que a questão do *Amadis* já não póde versar sobre a genuina invenção portugueza, mas unicamente sobre a primeira transformação em prosa. A origem poetica do *Amadis* é franceza, vindo para Portugal a ficção por intermedio da forma ingleza de *Amadace.* Na livraria de El-Rei D. Duarte, que fôra de seu pae Dom João I, existia o livro de Gower, intitulado o *Amante*, aonde se fala do *Amadis;* a grande influencia e relações litterarias que tivemos com a Inglaterra no seculo XIV torna admissivel esta asserção. Foi pela Inglaterra que entrou em Portugal a poesia do grande cyclo da Tavola Redonda.

Herberay des Hessarts foi o primeiro que aventou a origem franceza de *Amadis*, citando um velho poema; seguiu-se-lhe Huet e Tressan, mas nenhum appresentou a prova. Attribuia-se o asserto áquelle

instincto malicioso que fez decidir com graça uma questão entre dois litigantes que disputavam a posse de uma ostra. Depois d'esta renovação profunda dos estudos historicos, e da descoberta dos poemas francezes da edade media, foi Victor Le Clerc o primeiro que fez a aproximação da novella do *Amadis de Gaula* com o poema de *Amadas et Idoine.*

O bom critico Littré adoptou tambem a opinião do sabio continuador da *Historia Litteraria da França;* Du Puymaigre, fala n'esta aproximação, mas não a acceita, explicando a formação do *Amadis* pela imitação constante d'outros romances da edade media; Baret, tratando da *Influencia do Amadis de Gaula*, apenas encontra algumas relações ou analogias insignificantes com o poema do seculo XIII; porém Hippeau, editor do *Amadas*, reconhece que esta these merece um sério exame, e largos desenvolvimentos. (1)

Dando-se a transformação de um poema versificado para prosa dramatica e descriptiva, ampliada por grandes discursos rhetoricos, as analogias entre estas duas composições não se devem procurar na fórma, mas no pensamento e nas situações. A novella do *Amadis de Gaula* foi lida e celebrada durante toda a edade media, por isso que é o livro onde o sentimento de fidelidade entre dois amantes se encontra mais vigorosamente descripto. O romance de *Amadas et Ydoine*, é

(1) No tomo III da *Historia da Litteratura portugueza* satisfazemos este empenho.

egualmente inspirado pelo mesmo sentimento de fidelidade. Aqui temos uma absoluta identidade de thema ou de essencia; tanto *Amadas* como *Amadis* servem na côrte de um rei, por cuja filha *Oriana* ou *Ydoine* se apaixonam, e para merecerem-na vão nobilitar-se nas armas a fim de serem armados cavalleiros. É durante as suas longas e arriscadas aventuras que tanto o donzel como a filha do rei se mostram animados de uma sublime fidelidade, terminando a acção por se merecerem como sonhavam. Na redacção em prosa, tanto pelo seu caracter como pelo gosto do tempo, os innumeros episodios, as historias genealogicas, e os longos discursos fazem esquecer a simples trama que facilmente deixaria aproximal-a da versão poetica d'onde tirou a origem. Em outro logar trataremos da historia da formação da novella de *Amadis;* no emtanto sempre accrescentaremos aqui mais alguns paradigmas. *Amadis*, apesar da nobreza do seu nascimento, teve uma infancia obscura, e só pelo seu garbo e gentileza é que foi tomado pelo rei Languinés de Escocia para a sua côrte. *Amadas*, tambem occupava na côrte do duque de Borgonha um logar secundario, como filho do Senescal. *Oriana* era filha do rei Lisuarte, e foi na côrte de Languinés, que *Amadis* a encontrou na festa á sua chegada da Dinamarca. Foi n'esta situação que nasceu o amôr de *Amadis*, do mesmo modo que o amôr de *Amadas* por *Ydoine*: «*Amadis* tinha então doze annos, mas pelo seu corpo e pelos seus membros bem parecia ter quinze; servia a rainha e era muito amado d'ella e de to-

das as damas e donzellas; mas logo que ali chegou *Oriana*, filha do rei Lisuarte, a rainha lhe deu o donzel do mar para a servir dizendo:—Amiga, eis aqui um garção que vos servirá. Ella respondeu que era do seu agrado. Esta palavra penetrou de tal fórma o coração do donzel, que d'ali em diante nunca mais lhe saíu da lembrança. E nunca, como esta historia o conta, em dias de sua vida se enfadou de a servir, e seu coração lhe foi sempre dedicado, e este amôr durou tanto quanto ambos viveram.» (1) No romance de *Amadas*, vêmos esta mesma situação. O Duque de Borgonha déra um grande festim; o Senescal n'esse dia veiu servil-o á mesa como lhe pertencia; a seu lado seu filho *Amadas* ia-o ajudando, senão quando o duque mandou o donzel servir sua filha *Ydoine:*

Et Amadas devant son père
Devant son père, à la table ere,
Cui puis avint maint aventure.
Li dus l'apela à droiture,
Le mès li commande à porter
Sa belle fille et presenter,
Qui tint à une part sa feste,
Com pucele de haut geste.
Comme courtois et afaitiés,
De cest message se fist prest.
v. 209 a 219.

En l'esgarder de la pucele
Li saut au cuer une estincelle,
Qui de fine amor l'a esprit;
Jà en est tos mas e suspris,

(1) *Livros de Cavallerias*, p. 30. Colleç. Ribadaneyra.

E entrés en si grant effroi,
Qu'il ne set nul conseil de soi;
Ne set s'il a joie ou doleur,
Ou amertume, ou douceur;
Ne set se il la vit ou non
Par songe ou par avision; etc.
v. 243 a 252.

Não é para aqui o desenvolvermos o problema da formação do *Amadis de Gaula;* n'esta novella ainda se encontram alguns nomes com pequenas alterações da redacção primitiva; por exemplo *Garinter*, que se encontra na versão em prosa, não será uma reminiscencia de *Garinet*, da versão poetica? (1)

Já tocámos a ideia da communicação do *Amadas* pela influencia que exerceu em Portugal no seculo XIV a litteratura ingleza; este facto explica tambem a razão por que a acção do *Amadis de Gaula*, francez na sua origem, está collocada na Bretanha e na Escossia, o paiz d'onde nos vieram tambem os romances do Cyclo da Tavola Redonda; essa geographia romanesca era a que estava mais na predilecção da moda, e por isso foi preferida. Assim ficam derrogadas as hypothezes sobre as allusões do *Amadis* á historia dos Plantagenetas, e á morte de Sam Thomaz de Cantorbery. A rubrica, onde se declara que o Infante Dom Affonso pedira que fosse emendado o episodio de Briolanja, e a citação de Vasco de Lobeira como auctor de *Amadis de Gaula*, feita por Gomes Eannes de Azurara são

(1) *Amadas et Ydoine*, v. 2688.

documentos irrefragaveis, que se podem obscurecer por diversos pontos de vista capciosos, mas não destruir. A verdade é, que a versão unica que existe do *Amadis*, de Garci Ordonhes de Montalvo, em hespanhol, é de 1492; e que d'outra lingua o poderia ter traduzido, se nenhuma outra nação, a não ser Portugal, possuia a primeira redacção em prosa da velha epopêa franceza? O trabalho de Dom Pascual de Gayangos é excellente, como peça litteraria, mas pecca pela base na argumentação. Por onde poderia começar este nosso povo o seu labor litterario, depois de fechado o cyclo de creação da edade media, senão pela linguagem da prosa! De facto, na Europa, fômos nós o primeiro povo que teve os Codigos mais perfeitos. Viemos tarde, coube-nos a linguagem do senso commum.

O phenomeno litterario da transmutação do poema em verso *Amadas y Ydoine*, na prosa da novella de Vasco de Lobeira o *Amadis de Gaula*, não é novo na edade media; era quasi uma lei geral. Não vêmos o poema de *Blanchefleur*, tornar-se na mão de Boccacio o *Filicopo*, novella largamente desenvolvida á custa da pureza do sentimento primitivo do poema? Podemo-nos servir d'esta lei achada pelo grande medievista Du Méril: «Os habitos litterarios da edade media complicam desgraçadamente todas as questões de origens com difficuldades insoluveis, se se não deixar ao sentimento o tirar as conclusões, quando, escaceando os dados precisos, o raciocinio se dá como incompetente.» (1)

(1) Du Meril, Intr. de *Blanchefleur*, p. XXXVII.

2. *Influencia da lingua d'Oc*

No meio da confusão de povos, de linguas, de costumes e de religiões d'onde havia saír a Europa moderna, um bem singular destino estava reservado á Provença. Era ella, que havia de imprimir unidade n'estes desencontrados elementos, soltando as linguas pelo *canto*, tornando-as faladas, divulgando as tradições heroicas, apostolando a fidelidade e o amor como presentimento da egualdade das gerações novas. Durante o periodo das invasões dos barbaros do Norte permaneceu quieta a Provença, apenas alvoraçada pela passagem dos Wisigodos que se precipitaram sobre a Peninsula, e pelos Bourguinhões então polidos já pela sua permanencia em Italia. Flôr bafejada pela amenidade do meio dia da França, recebendo os restos da cultura grega e a paixão arabe, foi ella o nectario tranquillo aonde se formou o mel da civilisação que deu a provar a todos os povos da Europa. No seculo XI accodem os provençaes á corte de França; (1) cento e cincoenta annos mais tarde já se acham diffundidos pelo territorio francez o mesmo gosto poetico e galanteria provençal; usavam-se esses certâmes poeticos aonde concorriam com suas trovas e canções para celebrarem o casamento dos principes, ou o grau de cavalleiro que recebiam. Em Italia, segundo Folgore de San Geminiano era uso:

(1) Pelo casamento de Constança com Roberto no anno 1000. Radulphus Glaber, apud. Duchesne, t. IV, p. 38; Du Meril, 307.

Cantar, dançar alla provenzalesca. (1)

Dante queixa-se do uso immoderado da lingua provençal: «Questi fanno vile lo parlare italico, e prezioso quello de Provenza.» (2) Mas era tão precioso o modo de falar provençal, que Dante, no seu *Purgatorio* não se póde eximir a pôr na bocca de Arnaldo Daniello trez tercetos provençaes. Na Allemanha não era desconhecida a lingua, nem a poesia provençal. No poema do *Parzival* se lê, que as verdadeiras tradições vieram de Provença para a Allemanha:

Von Provenz in Tustsche lant
Die rechte mere sint gesant. (3)

Mas os poetas provençaes não achavam melodia nas linguas do norte; pareciam-lhe latidos de cão: «E lor parlars sembla lairas de cans,» como diz Peire Vidal.

O governo suave da Provença continuado na mesma familia por mais de duzentos annos, aprimorou a galanteria corteză, que tanto distingue as canções dos seus poetas; quando se extinguiu o herdeiro masculino, em 1092, a corôa de Provença passou para o Conde de Barcellona, pelo casamento com a unica herdeira da familia de Borgonha. Os poetas acompanharam a côrte que transpoz os Pyrineos e veiu fixar-se na

(1) *Poeti del primo secolo*, t. II, p. 175. Apud Du Méril.
(2) *Convito*, p. 95.
(3) *Parzival*, p. 388. É esta a verdadeira interpretação do texto, vid. Quinet, *Oeuvres*, t. x, p. 349.

Hespanha. Um facto similhante se deu pelo casamento dos Condes de Barcellona, que lhes fez pertencer o reino de Aragão. Os reis, que tambem poetavam em lingua limosina, abriram nas suas côrtes couto aos poetas provençaes, principalmente depois da cruzada de morte contra os *Albigenses*. O maior elogio que se póde fazer do sentimento e elevação dos trovadores é vel-os abraçarem o partido dos perseguidos. A crusada contra os albigenses não era uma guerra religiosa; déram-lhe esse caracter para imprimir-lhe mais ferocidade; era simplesmente um esforço sublime da França municipal e semi-republicana do meio-dia, contra a França feudal e monarchica do norte. (1) Muitos trovadores se refugiaram na Hespanha, no tempo de Pedro II de Aragão, que morreu em 1213 defendendo a causa d'elles na batalha de Muret; entre esses citam-se os nomes de Hugues de Saint-Cyr, Azémar le Noir, Pons Barba, Raimond de Miraval e Perdrigon. (2)

Em Portugal já encontramos canções provençaes do tempo de D. Sancho I e trovadores citados no *Nobiliario* do Conde D. Pedro com mais de trezentos annos de antiguidade. É natural que no séquito do Conde Dom Henrique viessem alguns trovadores. Na côrte de Dom Diniz encontrámos um trovador de Cahors, Aymeric Ebrard, que lhe ensinava a fazer versos em lingua provençal. (3) Porém se não sabemos

(1) Morin, *France an Moyen âge*, p. 82.
(2) Ticknor, Cap. XVI Litteratura provençal em Hespanha.
(3) *Noticias Chronologicas da Universidade*, p. 5. Guizot, *Civillisation en Europe*, leç. X.

o nome d'esses trovadores estrangeiros temos as canções no preciosissimo monumento da Ajuda, conhecido vulgarmente com o titulo de *Cancioneiro do Collegio dos Nobres*, aonde se encontra não só a lingua com o requebro provençal, senão tambem os segredos rythmicos da sua complicada e artificiosa poetica.

A lingua d'Oc, ou a lingua provençal exerceu uma influencia culta na lingua portugueza pela vinda dos trovadores á Peninsula; o portuguez já se havia começado a differençar do galleziano pela acção que exerceu a lingua d'Oil com a vinda do Conde de Borgonha, D. Henrique, acompanhado do séquito de seus cavalleiros e vassallos. Foram as fórmas poeticas que determinaram as fórmas prosodicas da lingua. Sempre a lei philosophica de Vico: as linguas dos povos começam pelo canto. O trovador era mais *cantor* do que poeta; assim o canto fixava o rythmo da lingua, e adoçava por meio de synalephas as terminações barbaras que lhe tinham deixado as invasões germanicas. É principalmente esta a grande acção que exerceu o provençal na Italia e na Hespanha. As mesmas fórmas poeticas, como a *lôa* e o *dizer*, os *Nataes* ou *Vilhancicos* se encontram em todas as linguas romanas, como expressão de um sentimento commum aos povos do Meio Dia da Europa.

Um facto incontestavel por onde se vê a grande analogia entre o portuguez e o provençal, está no paradigma que fez M. Raynouard, traduzindo uma canção de Camões na lingua dos trovadores:

PORTUGUEZ	PROVENÇAL
Melhor deve ser N'este aventurar Vêr e não guardar Que guardar e vêr. Vêr e defender Muito bom seria, Mas quem poderia?	Melhor deu esser En est aventurar Vezer e no guardar Que guardar e vezer. Vezer e defender Molt bon seria Mas qui poiria? (1)

Este facto vale mais do que todos os argumentos. As linguas da Europa confundiam-se entre si, pelos cantos que os jograes levavam de terra em terra; a canção fazia-se entender pela musica. O provençal, o francez, o italiano eram a linguagem das côrtes e dos amôres. O *Descorts*, era uma especie de poema, então muito usado, composto em cinco linguas differentes. Depois da grande confusão das raças, vinha tambem a confusão das linguas. (2)

A formação dos *futuros* nas linguas romanas, é composta do indicativo presente do auxiliar *haver*, e do infinito do verbo: *Amar=ei–ás–a*. No provençal encontramos exemplos de uma egual formação, mas disjuntivada por artigos ou pronomes, «como, diz Saint Pelaye La Curne — se previssem que um dia viessem a confundir o verbo auxiliar com o verbo principal.» Eis

(1) Raynouard, *Poésie des Troubadours*, t. VI, p. 385.

(2) La Curne de Sainte Palaye, *Mem. de l'Académie des Inscriptions*, t. XXIV, pag. 671, traz um *descorts* de Rambaut de Vaqueiras, do seculo 13.°, em provençal, italiano e francez.

alguns futuros tirados da leitura de poetas provençaes, pelo citado escriptor:

Comptar vos ai	Contar-vos-hei, ou contarei
Dar vos n'ai	Dar-vos-hei, ou dar-ei
Dir vos ai	Dir-vos-hei
Donar lo us ai	Dar-vol-o-hei
Donar t'eu he	Dar-te-lo-hei. etc. (1)

Foi por certo pelo uso da lingua provençal, como linguagem da galanteria e do amôr, que então servia em Portugal na côrte de Dom Sancho I, que a lingua portugueza se começou a destacar do dialecto galleziano, «as quaes ambas eram antigamente quasi uma mesma nas palavras, e nos diphtongos e pronunciação», como diz Nunes de Leão na *Origem da Lingua Portugueza*. Do uso do provençal na poesia, temos a auctoridade da celebre Carta do Marquez de Santillana ao Condestavel de Portugal: (2) «É despues fallaron esta arte que mayor se llama, é el arte commun, creo, en los reynos de Galliçia é Portugal, donde non es de dubdar que el exerçiçio destas sciencias mas que en ningunas otras regiones é provincias de España se acostumbró; en tanto grado, que no ha mucho tiempo quatesquier decidores é trovadores destas partes, ago-

(1) *Memorias da Academia de Bellas Letras* — Mem. de S. Pelaye La Curne, sobre um Descort de Rambaut de Vaqueiras, — t. XXIV, pag. 684.

(2) Obras do Marquez de Santillana, publicadas por D. José Amador de los Rios, (1852) p. 12.

ra fuessen castellanos, audaluçes ó de la Extremadura, todas sus obras componiam en lengua *gallega ó portugueza*. É aun destas es çierto resçevimos los nombres del arte, asy como maestria mayor é menor, encadenados, lexapren é mansobre.» (1) Segundo o glossario que Amador de los Rios poz á sua edição do Marquez de Santillana, *arte de lexapren* era o nome que se dava a certo artificio de metrificação em que se repetia como primeiro verso de cada strophe o ultimo da anterior; isto vêmos no Cancioneiro do Collegio dos Nobres; esta designação provinha dos dois verbos *lexar* e *prender*. *Mansobre* era um artificio de consoantes no meio e no fim do verso, e era de dois generos, *sencillo* ou menor, e *doble* ou maior. Como se vê pelo Cancioneiro de Baena: «Sin doble mansobre, sencillo ó menor.» (2)

D'este testemunho do Marquez de Santillana quer o academico J. C. N. Carvalho Portugal tirar as seguintes conclusões: «1.º que em Galliza e Portugal se praticou a arte de trovar mais cedo do que em nenhumas outras regiões de Hespanha; 2.º que a linguagem em que nas ditas provincias de Portugal e Galliza se compunham estas trovas e cantares era uma lingua propria e particular que se falava, ou em que se escrevia a poesia, e por imitação adoptada n'este mesmo genero de litteratura pelos castelhanos, andaluzes e estreme-

(1) Al illustre Señor don Pedro, muy magnifico Condestable de Portugal, el Marquez de Santillana etc.

(2) Pag. 261, copl. 1. — Vid. Op. cit. de Amador de los Rios, p. 565 e 568.

nhos. Podemos por consequencia concluir que em Portugal e Galliza se criou e formou um dialecto á parte, mais harmonioso e poetico que o castelhano, uma lingua *provençal-portugueza* ou gallega, differente dos dialectos communs da Hespanha em geral.» (1)

O aperfeiçoamento da lingua portugueza, que se destacara totalmente da galleziana, proveiu, segundo a opinião dos philologos J. Pedro Ribeiro (2) e Frei Joaquim de Santa Rosa de Viterbo (3) da convivencia da côrte e discretear palaciano, que faltava na Galliza; e segundo Mayans, o facto de ter livros e ser escripta, tornou-a principal. (4)

Quasi todos os fidalgos portuguezes uzavam do poetar provençalesco; a linguagem dos Cancioneiros por certo que nunca foi falada, mas contribuiu bastante para fixar a prosodia da lingua. No mais antigo monumento da poesia portugueza o *Cancioneiro do Collegio dos Nobres* ou *da Ajuda*, é aonde se encontra mais caracterisada a poetica provençal. Todo aquelle artificio de strophes são uma imitação directa da Provença. Temos bastantes exemplos da *arte de leixapren.*

Os trovadores da eschola da Gascunha, Cercamons, Marchebrusc e Pierre de Valeira floresciam pelo seculo XII; suppõe-se que as suas poesias fossem conhe-

(1) *Panorama*, 1844, p. 272.
(2) *Dissert. Chronolog.* t. I.
(3) *Elucidario*, Advertencia.
(4) «El portuguez en el qual comprehendo el gallego, considerando aquel como principal porque tieve libros i dominio aparte, etc.» *Orig. de la leng. port.*

cidas em Portugal. Marchebrusc pede a Deos que vele pelo rei de Portugal:

> En Castella et en Portugal
> Non trametré aquestas salutz;
> Mas Deus los sal
> Et en Barcelona atretal
> Et ueis las valors son perdutz.

Estas poesias chegaram na tradição a Portugal. De todos os trovadores provençaes só restam documentos de Piere Vidal, em cujas poesias diz elle que frequentou a côrte portugueza. (1) Dom Sancho II, foi casado com Dona Dulce, filha de Raymundo Berenger, IV conde de Provença e rei de Aragão.

O romance de *Brancaflor*, tambem se encontra na versão oral portugueza; segundo o troveiro popular, o Conde Flor foi captivo quando vinha da Romaria de Sam Thiago:

> Deram com o Conde Flores
> Que vinha da romaria,
> Vinha lá de Santiago
> Santiago de Galliza.
> Mataram o Conde Flores,
> A condessa vae captiva; (2)

Falando das duas versões francezas do seculo XIII, diz Du Méril: «As duas versões concordam egualmente

(1) Baret, *Les Troubadours*, p. 192.
(2) Romanceiro ger. p 38.

em fazer notar a escravidão de Brancaflor como uma especie de martyrio: as peregrinações ao tumulo de Sanctiago eram bastantes populares em França no seculo XII e XIII, e elles conciliavam d'ante-mão á heroina a sympathia de todos os bons christãos, suppondo que foi durante uma d'estas piedosas romagens que os seus parentes foram atacados pelos pagãos e reduzidos ao cativeiro.» (1) A hospitalidade paga-se na edade media com cantos, como no tempo de Homero; assim podemos concluir, que a versão do grande poema de *Brancaflor*, que ainda se canta na Extremadura, veiu para Portugal pelos peregrinos francezes do seculo XII e XIII, existindo n'esse tempo na côrte de Dom Diniz, o poema jogralesco, como se vê pela passagem do seu *Cancioneiro* (p. 52). Esta versão veiu para Portugal pelas relações com os poetas provençaes, e podemos mesmo avançar que fôra escripto em lingua d'Oc; os nomes de *Flores* e *Brancaflor*, que se conservam na canção de Dom Diniz, são de forma provençal. Raynouard traz a canção provençal mais antiga aonde se cita o romance:

> Quar plus m'en mi abellida
> Non fis *Floris* de *Brancaflor*. (2)

Como outra canção o diz, *Brancaflor* era um romance querido das damas, por causa do sentimento de

(1) Du Méril, *Introducção* á ed. *de Brancaflor*, p. XIX.
(2) *Poes. des Troub.* t. III, p. 25.

fidelidade entre os dois amantes; esta mesma predilecção fez que o poema de *Amadas y Ydoine* encontrasse em Portugal a forma que o tornou universal.

O dialecto galleziano foi a segunda lingua escripta depois da formação das linguas modernas da Peninsula. Separada de Castella por continuas revoltas, a Galliza pela sua independencia veiu a formar um dialecto differente, falado entre Douro e Minho, o qual pelo estabelecimento da dynastia do Conde de Borgonha e influencia da lingua franceza ou *lingua d'Oil* formou a lingua portugueza. A unidade do dialecto gallecio-luzitano foi successivamente desaparecendo pela cultura palaciana da corte de Portugal, pelos mestres estrangeiros chamados para o ensino da Universidade, e pela imitação dos trovadores provençaes que os fidalgos portuguezes seguiam nas suas canções.

É certo que a unidade do dialecto galleziano proveiu da unidade do territorio, e já Strabão chamava aos Callaicos luzitanos, vindo o galleziano a fixar-se entre Douro e Minho pelas conquistas de Alfonso VI. Os *Canticos* de Alfonso o Sabio, se se não acceitar a authenticidade da traducção manuscripta da historia de Servando, por Pedro Seguin, são o mais antigo monumento do dialecto galleziano distincto do portuguez. É n'estes *Canticos* que predomina o caracter da poesia provençal, e talvez pela influencia que a lingua d'*Oc* exerceu sobre o galleziano é que Alfonso X a escolheu para as suas poesias lyricas religiosas,

como a mais adoptada e susceptivel de exprimir as subtilezas do sentimento. (1)

A lingua em que estão escriptos os primitivos monumentos poeticos portuguezes é a lingua *galleziana*, falada ao Norte de Portugal, desde o Minho até Coimbra. É a contar do seculo XII que data a sua formação. A Galliza possuia então uma côrte, e nada influe mais para o aperfeiçoamento de uma lingua do que a cortezania. A prova está na inversa; desde que a Galliza foi reduzida a simples provincia, o gallego nunca mais progrediu. Nos castellos feudaes vivia-se uma vida faustosa; Froissart descreve maravilhosamente o viver do castello do Conde de Foix. As côrtes excederam-nos em grandeza; já não era o jogral que vinha contar noticias das peregrinações longiquas; agora os cavalleiros, ao depôrem as armas, depois das correrias, sentavam-se ao brazeiro, lisongeando as damas com as suas canções galantes.

Era dever de todo o homem de guerra, de todo o bom cavalleiro, saber brandir a espada e discretear com as damas. Os guerreiros do Norte tambem deviam saber poetar.

Muitos espiões entravam no arraial inimigo vestidos de jograes; ás vezes o canto servia para dar noticia do plano. Os cavalleiros portuguezes, occupados

(1) «Alphonso X de Castella, que tinha reunido em volta de si alguns trovadores mais distinctos, imitou a poesia provençal, se é que não escreveu em provençal.» Ticknor, *Op. cit.* trad. de Magnabal, p. 205.

em banir do territorio o poder sarraceno, depois de largas sortidas, voltavam triumphantes, vindo descançar, discutindo nas *cortes de amor*. Gonsalo Hermingues, lança-se em uma manhã de Sam João ao campo dos mouros, quando elles estavam distrahidos com festas; a espada não lhe falseia; derruba em volta de si como um leão, e não lhe bastando o triumpho nas armas quer a gloria do amor, arrebata comsigo a bella Oriana. É elle proprio que celebra este feito denodado na canção de *Tinhera-bos, non tinhera-bos;* Goesto Ansur libertando as donzellas do tributo infame, apaixona-se tambem por uma das cativas; a sua canção do Figueiral dá idea do seu enthusiasmo.

A lingua *galleziana* foi a primeira em que se poetou na Peninsula iberica; confirma-o o testimunho do erudito Marquez de Santillana e os monumentos que existem; era a lingua poetica usada. A lingua da prosa, a lingua dos usos da vida era falada em toda a Estremadura até ao Algarve; Goesto Ansures allude a ella quando diz: *Lingua de aravias, eu las falarey.* Na canção antiquissima da *Mora Moraima* a mourinha do bello rosto abriu a porta a um christão que lhe veiu falar linguas de *Aravias*. De facto a lingua arabe tinha em si o germen da prosa; a Koran não é em verso, mas em periodos regulares e cadentes, no que se chama prosa biblica.

O arabe entrou em grande parte na formação da lingua portugueza; forneceu principalmente as pala-

vras *technicas;* o galleziano é composto quasi todo de palavras abstractas, proprias para exprimir as necessidades sentimentaes.

Os documentos em prosa, quasi todos legaes, e algumas traducções fragmentadas da Biblia, não são em lingua *galleziana*. A lingua da prosa e do verso, as linguas *aravia* e *galleziana*, estão entre si como as linguas d'*Oc* e d'*Oil.* O galleziano emprega acintemente a expletiva *ai*, a aravia emprega a expliva *ey;* ambas as expletivas na sua pronunciação correspondem á contracção do artigo *Oc* e *Oil.* Não é isto uma mera hypothese; já deixamos indicados os factos. Quem primeiro firmou esta descoberta com a authoridade do seu nome, foi o erudito Antonio Ribeiro dos Santos. Foi já pela segunda vez aventada em um trabalho futil, mas sem denunciar a origem. Na lingua galleziana estão escriptos os Cancioneiros do seculo XIII e XIV, chamados do Collegio dos Nobres ou da Ajuda, e o da Vaticana ou de Dom Diniz. Os philologos portuguezes não conheceram estes monumentos; João Pedro Ribeiro quando teve noticia do Cancioneiro da Ajuda já havia publicado os seus estudos de critica historica; os bellos e gigantescos trabalhos sobre as linguas romanas não era conhecidos entre nós.

Andava-se ás cegas ácerca da origem da lingua portugueza, e não se ia mais longe do que foi o celebre verso de Camões falando da

qual, quando imagina,
Com pouca corrupção crê que é a latina.

Portanto estes Cancioneiros foram durante seculos letra morta. O Cancioneiro de Dom Diniz esteve perdido até ao tempo de Dom João III na Bibliotheca Vaticana, e d'ahi em diante até ao anno de 1846; o Cancioneiro do Collegio dos Nobres foi revelado a Portugal por um inglez curioso e rico. A ignorancia dos escriptores portuguezes com relação aos seus primitivos monumentos litterarios foi causa de se imprimir á lingua uma feição nova.

Emfim, o portuguez não teve um desenvolvimento natural; os versos antigos que Garcia de Rezende colligiu no *Cancioneiro Geral* de 1516, mostram que a tradição provençal galleziana não estava interrompida; mas o proprio collector respeitava aquellas reliquias sem saber porquê. Que differença entre o portuguez popular empregado por Gil Vicente nas suas comedias de cordel, e a prosa alatinada das Chronicas monasticas e monarchicas! Até Fernão Lopes a lingua portugueza segue um desenvolvimento natural; o dialecto *galleziano* e o *aravio* vão insensivelmente a fundiremse, á medida que se vae estabelecendo a unidade de territorio. A construcção latina seduz os outros escriptores, preoccupados do hyperbaton até ao fastio, como Frei Luiz de Sousa e Jacintho Freire de Andrade.

A lingua portugueza alatinou-se artificialmente, e de todas as neo-romanas é a que está mais rude e e a mais proxima do seu typo.

Do mesmo modo que as canções provençaes mobilisaram as linguas, dobrando-as a todas os caprichos

de uma poetica artificiosa, aos segredos do *leixapren* e *mansóbre*, ás exigencias da rima encadeada, aos córtes do verso nos seus hemistichios, o mesmo fizeram ellas com a vida do sentimento. Depois do direito feudal ter aberto um abysmo intransitavel entre o castellão e o servo, a canção provençalesca veiu estabelecer a *egualdade diante do amor*. O artificio do trovador não consistia em mostrar a docilidade da lingua rude que se amoldava a todos os requebros, em *achar* os melhores recursos poeticos para a canção nova; mas em velar, em encobrir o sentimento que o fazia erguer os olhos para a castellã orgulhosa. Um olhar de compaixão da gelosia avara, precipitava o scismador em uma melancholia eterna, em uma louca inspiração. O sorriso furtivo que pagara a canção fervente, alentava-o durante a quadra em que tinha de hybernar no seu alvergue afastado; quando vinha a estação das flores, e a frescura e alegria do Abril o trazia como a andorinha ao solar do castello, elle repetia todas as canções que ideára com a saudade do seu amor. Todos os phenomenos da alma estão ali descriptos: o sentimento da sua inferioridade, o olhar generoso que o levantou da terra, a abnegação do mundo por um relance descuidado, o receio de que advinhem a paixão que o traz de longe, a esperança de a vêr mais de perto, o temor de não merecer o seu agrado, e a lembrança triste de uma ausencia forçada, tal é a ordem de sentimentos das Canções dos trovadores. O *Cancioneiro do Collegio dos Nobres* é composto sobre esta mesma córda; não só a lin-

gua, como a forma poetica, como a natureza dos sentimentos, provam a antiguidade e o valor d'este rico e tão desestimado monumento. Os nossos Trovadores tambem se apaixonavam pelas castellãs, sem conhecer o abysmo que os distanciava. João Soares morreu de amores por uma Infanta da Galliza; Bernardim Ribeiro, que no seculo XVI imitava os *salaos* provençalescos, tinha os mesmos sentimentos quando nos paços da Ribeira namorava a Infanta Dona Beatriz. A maior parte das Canções gallezianas do nosso Cancioneiro são anonymas; algumas, posto que não tragam nome do auctor, vêm assignadas na collecção vaticana, tal como a de João Vaz, *Muyto ando triste no meu coração.* O mysterio em que todas as canções provençaes se envolvem está na disparidade das condições. Se através do verso se comprehendesse o nome idolatrado, ai do Trovador. Raros são os nomes que se encontram nos Cancioneiros. As legendas terriveis dos ciumes e das vinganças feudaes corriam de castello em castello. Macias, o Enamorado morre de amor.

Mais dolorosa era a legenda dos amores de Brennberger: foi a Vienna, á corte do Duque de Austria; a Duqueza deslumbrou-o com os seus encantos: «Como era feliz quem pudesse abraçal-a!» O Duque escutara attentamente o nobre trovador, e depois de perceber a paixão pela Duqueza, mandou-o agarrar, e que lh'o trouxessem. «Cavalleiro! tu amas a minha mulher, e pagarás a tua audacia com a vida.» E immediatamente mandou-lhe cortar a cabeça e tirar o coração, de

que se fez um saboroso guisado. A' meza deu-o a comer á Duqueza, perguntando-lhe se adivinhava de que era aquelle prato. «Não sei, disse a dama, mas gosto muito.»—Então sabe; é o coração de Brennberger, que gostavas tanto de ouvir, e que tanto te distrahia.» A Duqueza levantou-se da meza e não tornou a comer nem beber. Durou apenas onze dias. (1) A tradição d'estas vinganças muitas e muitas vezes veiu perturbar a monotonia dos solares feudaes; o barão, ao vêr o menestrel, sorria-se de desconfiado. Na tradição portugueza, no romance de *Gerinaldo*, está perpetuado o facto que consummou a formação civil do mundo moderno antes da unificação dos Codigos. O uso de poetar, adoptado nas Cortes era contagioso; os reis por seu turno distrahiam-se dos cuidados da guerra *procurando* rimas, trovando. Os trovadores italianos, hespanhoes e portuguezes eram da mais alta nobreza. O *Nobiliario* cita o nome de muitos cavalleiros portuguezes da corte de Dom Sancho I e Dom Affonso II; Baiam, Cogominho, Esgaravenha e outros foram *bos trobadores*, como diz o Nobiliario no seu laconismo heraldico. Pedro de Aragão, Affonso o Sabio, eram poetas; os nossos monarchas pertenceram á eschola provençal. Dom Diniz aprendeu os segredos complicados da poetica provençal de Emeric Ebrard, natural de Cahors, que foi Bispo em Portugal, dignidade frequente nos homens de letras. Dom Diniz des-

(1) *Tradições allemãs*, de Jacob Grimm, t. II, 252.

naturou o verso portuguez adoptando o endecasyllabo em logar do octosyllabo do genio da lingua. Seu filho o Conde de Barcellos tambem deixou um Cancioneiro; a pedido de Affonso IV, ainda infante, se emendou o *Amadis;* Dom Pedro I, ou talvez Dom Pedro, neto de Dom João I, o qual foi rei de Chypre, tem versos no Cancioneiro de Resende; Dom Duarte (1) e Dona Philippa (2) sua irmã tambem escreveram em verso.

Escreve Frederic Diez: «Portugal possuiu desde o meado do seculo XIII a poesia das canções, emanada dos fidalgos, cultivada por elles, que não pode encobrir o seu prototypo provençal. Emprega o idioma galleziano, tambem experimentado pelos poetas hespanhoes, e n'elle nos legou um especimen de grande importancia, um Cancioneiro (publicado por sir Lord Stuart, *Fragmentos de um Cancioneiro inedito*, Paris, 1823), colleção de cantares de um só poeta contemporaneo de Affonso X. Se as formas poeticas são rigorosamente as dos trovadores, de longe em longe accusam a nacionalidade, mas não deixam suppôr o conhecimento familiar da forma provençal. Os versos de dez syllabas predominam nas estrophes, que se correspondem pela rima, e a dedicatoria segue a combinação estabelecida. Ha uma analogia surprehendente na contextura, e em nenhuma das canções pudémos descubrir vestigios de tradu-

(1) No Catalogo dos seus Livros de uso cita o seu *Cancioneiro.*

(2) Vid. o *Cancioneiro Popular*, 1867, p. 402.

cção.» (1) Foram as primeiras palavras que o nosso monumento provençal obteve da critica; tudo o mais que se tem dito não vae mais longe. Varnhagem vulgarisou a ideia de que o Cancioneiro era de um só poeta, e personificou a asserção de Diez no Conde de Barcellos. Diez, com o senso critico experimentado, foi o primeiro que revocou a data do Cancioneiro para traz de mil e trezentos; ninguem como elle estava no caso de descobrir os vestigios de traducção se os nossos trovadores palacianos plagiassem os poemas e canções da lingua d'Oc. Este juizo do professor da Universidade do Bonn, foi um excellente ponto de partida para a critica, apesar de menos exacto.

Uma grande distancia separa o *Cancioneiro de Dom Diniz* do *Cancioneiro do Collegio dos Nobres;* são ambos escriptos na mesma lingua, com a differença, que as canções do tempo de Dom Sancho I e Dom Affonso II empregam a lingua galleziana naturalmente, e Dom Diniz de um modo artificial; ellas descrevem as phases da paixão com a metaphysica da epoca, com a verdade da realidade; os amores de Dom Diniz são phantasticos, têm um ideal de convenção para pretexto da cantiga. Porem o que separa mais os dois codices é o estado da propria poesia provençal. No *Cancioneiro do Collegio dos Nobres* estava a eschola provençal florescente, o *jogral* não era tido ainda como um mercenario; era um trovador tão nobre como

(1) *Poesie des Troubadours,* Part. v., p. 237.

qualquer outro, com a differença, que ia no sequito de outros trovadores mais afamados. No *Cancioneiro de Dom Diniz* o monarcha bem se queixa d'aquelles cantores que vão em uma quadra certa do anno cantando de amor de porta em porta, não porque elles soffram a paixão que retratam, mas para irem recebendo a paga do seu mister. O *jogral* agora era um homem de condição baixa que não sabia compôr, mas decorava os cantos dos trovadores, e ia repetil-os muito longe, nos castellos desertos, nos casamentos dos principes, na coroação dos reis. A collecção Vaticana traz o nome de muitos jograes a par dos nomes dos trovadores cavalleiros; pertence portanto á epoca da decadencia. O *Cancioneiro do Collegio dos Nobres* além de ser em pergaminho, e o outro em papel, está escripto em uma codice pela mesma forma das poesias provençaes italianas. Nem só da Provença vieram para a Peninsula as tradições poeticas, quando a lucta do Norte feudal da França contra o Meio Dia municipal, produziu a crudelissima guerra dos Albigenses. A Hespanha abriu um azylo aos perseguidos trovadores; as côrtes accolheram os desgraçados; mas tambem pelo cruzamento das casas reinantes se trocavam os costumes. Dona Mafalda vindo de Italia ser rainha em Portugal trazia o cortejo dos seus trovadores; pelo menos na lingua portugueza se encontram vestigios, como se pode vêr na *Regra de Sam Bento* traduzida em vulgar. Os cavalleiros allemães que vinham á Cruzada tambem por cá repetiriam os cantos dos seus Minnessin-

gers, as allegorias eternas do *Sam Gral* e do *Titurel.* De que parte, recebêmos directamente a influencia? De todas. Os unicos estudos que se tem feito sobre as nossas antiguidades provençaes são estrangeiros.

Bellermann estudou os antigos cancioneiros portuguezes. Assim como nos falta em tudo a originalidade, falta-nos tambem o senso para comprehender: se alguns trabalhos temos sobre as nossas cousas, devemol-os a Scheffer, Balbi, Bouterweck, Rackzinscky, a Ferdinand Denis, a Wolf, e Adamson, que com a predilecção de verdadeiros sabios têm profundado a nossa historia social, politica, litteraria, artistica, biographica e estatistica. Sirva-nos a vergonha para estimulo.

A poesia provençal na côrte portugueza teve uma influencia sinistra; foi, em primeiro logar, um objecto de moda; os reis brindavam-se com os codices das suas cantigas. O Marquez de Santillana recordava-se de ter visto em casa de sua avó Dona Mecia de Cisneros um Cancioneiro de Dom Diniz; elle mesmo fez um presente de um Cancioneiro dos seus versos a Dom Pedro, principe de Portugal, filho do Duque de Coimbra. Mas a influencia desastrada consistiu em perder-se o criterio do bello, a ponto de considerarem a poesia popular como uma cousa grosseira e sem valor. Os cantos populares, com que os peregrinos pagavam o agasalho, com que o servo ás vezes pagava a *redevance* ao senhor, foram banidos. A liturgia fechou-lhes as portas do templo; as côrtes só achavam bello o gosto provençalesco. O marquez de Santillana chamava *in-*

fimos e *baixos*, de *servil condição* os que compunham estes cantos e os que se alegravam com elles. Alma das grandes epopêas seculares, genio creador das theogonias e do direito, povo, confunde-os em um só verso das tuas sirventes, emquanto a indignação te não leva a vêr de que côr é a nobreza d'elles. Á custa dos dois Cancioneiros provençaes perderam-se os ricos thesouros da poesia popular, asphyxiou-se o genio *mosarabe*.

Até ao tempo de Dom João I, em que o povo revive, não dá elle signal de vida; está mudo, como no seculo X.

Os primeiros monumentos da sua poesia coincídem com a revolução que o elevou a terceiro estado, que fez temido o *Braço popular*. É santa a origem das cantigas do povo ao Condestavel Nun'Alv'res, como monumento de liberdade e de creação poetica. Não será este o unico combate que a cantiga, com que o povo se alenta, hade soffrer. Recapitulemos os factos:

a) Eschola galleziana

1112—1279

Durante o seculo XII e XIII a lingua portugueza, que pela cultura palaciana se ia tornando independente da galleziana, tornou-se a linguagem peculiar da poesia. Affonso o Sabio usou d'ella nas suas canções, o que levou Sarmiento a dizer que escrevera em portuguez. Da preferencia que se dava a esta lingua para expri-

mir os sentimentos poeticos, fica uma prova na auctoridade do Marquez de Santillana, na sua Carta ao Condestavel de Portugal. Dos trovadores que cultivaram esta lingua, falou o Conde Dom Pedro no seu *Nobiliario*, e da sua antiguidade, diz Faria e Sousa: «apparecen en este libro seys poetas de casi 400 annos de antiguidad unos, é mais de 300 otros.» (1) O monumento que encerra as poesias d'estes trovadores é o chamado *Cancioneiro do Collegio dos Nobres*, achado no expolio dos Jesuitas, e trazido em 1825 para a Bibliotheca da Ajuda, d'onde tomou o titulo. A natureza das canções que se conservam n'este monumento da primeira eschola provençal portugueza, appresenta caracteres distinctos, que não as podemos confundir com as imitações de outra qualquer epoca. A tradição provençal acha-se ali na sua pureza; primeiramente o trovador nunca assigna a sua canção; é inspirado ainda pelo impossivel, pelo receio que lhe surprehendam o segredo da sua alma; raramente allude ao nome d'aquella a quem adora, e diante d'ella appresenta-se com uma passividade de tal forma que faz da mulher o ente forte. É este o caracter dos primeiros poetas da Provença; apesar d'isto Diez não pôde descobrir n'este Cancioneiro imitação alguma directamente feita sobre as canções mais vulgurisadas. A pureza d'este periodo, que basta para constituir uma eschola, faz-se tambem notar por um absoluto silencio ácerca dos *jograes*. Por

(1) *Notas ao Nobiliario*, Plana 120, n.º 18.

certo que ainda não existiam em Portugal n'este tempo; ainda a canção amorosa não se tinha tornado um mister mercenario.

Analysando o lado da metrificação, tambem encontramos outro caracter peculiar a este periodo, são os artificios da poetica, taes como os *encadeados*, *lexapren*, o *mansobre*, e o *joc-partix*, que lembra algum tanto a poesia arabe nos dialogos imitados tambem na *desgarrada* popular. N'esta epoca encontramos apenas um verso em francez usado como centão, e esse verso pela lingua como pelo pensamento pertence a algum poema da lingua d'Oil. Thimotheo Lecussan Verdier na Introducção que escreveu á edição que Lord Stuart fez d'este Cancioneiro, dá-o como muito anterior ao tempo de Dom Diniz. Sem attender á lingua galleziana, nem ás allusões historicas, Varnhagem esforçou-se por attribuil-o ao Conde de Barcellos, mas a falta de verdade das suas conclusões foram por elle proprio confessadas, (1) annunciando uma melhor edição das *Trovas e Cantares*. O Cancioneiro, hoje chamado da Ajuda, é escripto em pergaminho, o que denota a sua antiguidade comparado com o de Dom Diniz, escripto em papel.

Por todos estes caracteres de ideia e de forma, póde-se determinar a existencia d'esta eschola *anonyma* desde Dom Affonso Henriques até ao fim do reinado de Dom Affonso III.

(1) *Cancioneirinho de Trovas antigas*, Vienna, 1870.

b) Eschola jogralesca

1279—1357

Durante este periodo a poesia provençal recebeu uma transformação fundamental na sua essencia; suffocado o esplendor da Provença pela terrivel cruzada contra os Albigenses, a poesia desceu até ás classes miseraveis da sociedade, tornando-se nas mãos d'ellas um mister. O *jogral* substituiu o trovador; ia de terra em terra, acompanhando o cantor apaixonado, recolhendo de memoria as suas canções e repetia-as depois nas praças diante das multidões que lhe atiravam o seu pequeno obulo, com que se alimentava. É frequente encontrar-se nos trovadores protestos virulentos contra a invasão jogralesca; Astorga no seu *Poema de Alexandre,* tem medo que o tomem por *jogral*, e diz: «Mester trago fermoso, no es de *ioglaria.*» Tambem no *Cancioneiro de Dom Diniz*, o rei trovador fala contra aquelles que só cantam em certo periodo do anno, na estação das flôres indo de porta em porta para explorar a caridade. Este caracter abre uma scisão profunda entre a epoca de Dom Diniz e a eschola galleziana. No chamado *Cancioneiro da Vaticana* encontramos a par dos principaes fidalgos e infantes o nome de bastantes jograes; taes são, por exemplo, Affonso Gomes, *jograr* de Sarria; Ayras Paes, *jograr;* Diogo Pezelho, *jograr;* Lopo, *jograr;* a par d'estes se encontram os nomes de clerigos e burguezes. N'este periodo a poesia provençal, por isso que é uma imitação artificiosa, torna-se

mais subtil e casuista, tem menos realidade e menos paixão; o trovador como não põe na canção a verdade da sua alma, não receia assignal-a com o seu nome; já o não assustam as tradições de Brennberg. No *Cancioneiro da Vaticana* apparecem com frequencia imitações dos cantos populares, a que o Marquez de Santillana chama *serranas e decires portuguezes*. E que significam as *serranilhas* tão bellas de el-rei Dom Diniz, senão uma exagerada influencia da poesia dos jograes? Accrescem a estes caracteres o conhecimento das mais bellas ficções poeticas do cyclo de aventuras; assim vemos allusões de Dom Diniz comparando-se a *Tristão* em uma das suas coplas, chamando ao objecto das suas trovas uma *Iseult*. Em quanto á metrificação, tendeu a tornar-se menos natural, substituindo-se o verso da redondilha popular no endecasyllabo á maneira limosina. Como monumentos d'este periodo temos o *Cancioneiro de Dom Diniz*, publicado por Lopes de Moura, em Pariz, e o *Cancioneirinho de trovas antigas*, publicado por Varnhagen em Vienna, extrahidos ambos da vasta collecção manuscripta que se conserva em Roma na Bibliotheca do Vaticano.

c) Eschola intermediaria

1357 — 1438

Assim como durante o seculo XII e XIII a lingua galleziana exerceu uma absoluta influencia na poesia hespanhola, impondo-se como a lingua mais harmonisa

e correcta, a contar do seculo XIV dá-se a reacção, que começa primeiro por imitações simples, até que no seculo XV nós os portuguezes esquecemos a nossa lingua para poetarmos em hespanhol. Nas luctas entre Dom Fernando I, com Henrique de Trastamara, por causa das suas pretenções á corôa de Castella, muitos fidalgos hespanhoes se refugiaram em Portugal; vendo-se com os seus bens sequestrados por terem seguido o partido de Dom Fernando, o monarcha portuguez enriqueceu-os em demasia doando-lhes muitas villas e alcaidarias. É a contar d'este tempo que se exerce a influencia da poesia hespanhola em Portugal; n'este tempo tambem se refugiou em Portugal Vasco Pires de Camões, terceiro avô d'aquelle que escreveu os *Lusiadas*. No tempo de Affonso V ainda eram conhecidos os seus versos, por isso que fala d'elles o Marquez de Santillana. No *Cancioneiro de Baena*, vem citado tambem o nome d'este poeta. (1) A este tempo pertencem tambem os versos de Affonso Giraldes, á batalha de Salado, hoje perdidos, e ainda vistos no seculo XVIII por Bluteau. Vasco de Lobeira tambem escreveu duas canções no *Amadiz*, que seguem a mesma norma provençal. João de Mena começou tambem a ser admirado em Portugal; o Infante Dom Pedro tinha relações directas com elle, e chegou a dedicar-lhe uma das suas poesias; João Rodrigues del Padron, devera ser de muito cedo conhecido em Portugal por causa dos seus

(1) Tomo II, p. 175, 176 e 187. Edição de Leipzig.

amores com a rainha Dona Joanna filha do nosso rei Dom Duarte. Os versos do Hernã Peres de Gusman tambem cá foram traduzidos. Mas para caracterisar a poesia d'este periodo nenhum documento póde ser mais importante do que a celebre Carta do Marquez de Santillana ao Candestavel de Portugal, que lhe mandara pedir o Cancioneiro das suas poesias. N'essa carta o velho Marquez fala-lhe como mestre, faz-lhe uma breve e sensata historia da poesia antiga e da edade media, e lá lhe cita o nome do Arcipreste de Hita, de Rabbi Santob, de Pero Lopes de Ayala e de Francisco Imperial. El-Rei Dom Duarte tambem cultivou a poesia, por isso que pelo catalogo dos *livros dé uso* encontramos citado um Cancioneiro seu. Os caracteres d'esta eschola acham-se melhor accentuados na poesia que se cultivou na ultima metade do seculo XV e principio do seculo XVI, e por isso lhe chamamos *eschola intermediaria*. Muitas das poesias que pertencem a este periodo se perderam, e foi o abandono em que ellas iam caindo que levou Garcia de Resende a colligir o *Cancioneiro geral*. N'este periodo os poetas hespanhoes tambem escreveram em portuguez–galleziano; taes são Villasandino, Macias o Enamorado, o Arcediago do Toro, Pero Gonzalez de Mendoza, Jerena, e o Marquez de Santillana. (1)

(1) Pidal, *De la Poesia Castellana*, p. LXXXI, t. I, do Cancioneiro de Baena.

d) Eschola hespanhola

1438—1516

Este periodo comprehende os poetas do reinado de Affonso v, Dom João II e principio do de Dom Manoel; os versos de Stuniga, Manrique, Juan de Mena e Juan Rodrigues del Padron, exercem sobre a nossa poesia uma influencia capital. Ideia e fórma são imitadas directamente de Hespanha; faz-se cá o que se fazia nas côrtes de João II e Henrique IV. Os casamentos reaes com princezas de Castella tornam a lingua hespanhola usual na côrte portugueza; os poetas preferem esta lingua para escreverem as suas composições; no *Cancioneiro* de Resende vinte nove poetas escrevem em hespanhol; taes são Dom João de Menezes, o Coudel Mór, Alvaro de Brito, Duarte de Brito, Dom João Manoel, D. Rolym, Diogo Miranda, Fernão Telles, Fernam Brandam, Gaspar Figueirôa, Affonso Peres, Gonzalo Mendes Sacoto, Gregorio Affonso Badajoz, o Prior de Santa Cruz, Dom João, camareiro mór, Pedro Mem, Sancho de Pedrosa, Infante Dom Pedro, Pero Secutor, Conde de Vimioso, Luiz Anriques, João Ruiz Castello Branco, Francisco de Saa, Manrique de Sá, Nuno Pereira, Duarte Resende, Manoel de Goyos e Garcia de Rezende. (1) A imitação hespanhola continuou-se ainda no seculo XVI, a ponto de Damião de

(1) Facto observado por P. J. Pidal, *Canc. de Baena,* t. I, p. LXXXII.

Goes notar a grande importancia que tinham na côrte portugueza os *chocarreiros de Castella*, e de Jorge Ferreira se queixar do despotismo com que as trovas hespanholas se apossaram do nosso ouvido. A intensidade com que a eschola hespanhola se radicou em Portugal conhece-se pelas grandes luctas que se ergueram com as imitações italianas, começadas por Sá de Miranda.

3. *Influencia ingleza*

Tavola Redonda

Os romances carolinos, talvez perdidos na tradição das primeiras dynastias portuguezas, e tornados a achar na memoria, quando a côrte de Dom Manoel imitava a côrte de Fernando e Isabel, são todos de origem hespanhola. Estavamos fóra do movimento da Europa, e a revolução intima que se passava não era aqui comprehendida; por isso, os romances carolinos que temos não se prendem a nenhum facto particular da historia; são peripecias vagas, lances imprevistos de armas e amores que despertavam a curiosidade a todas as imaginações. O cyclo carolino caracterisa-se tambem pela composição anonyma.

Á poesia do *Feudalismo* oppoz a *Egreja* uma poesia sua; queria combatel-o até nas imaginações vulgares, nos cantos que alegravam o povo. Porém essa poesia da egreja é artificial, e imitada d'aquella que estava condemnada a ser desthronada. As modernas descobertas mostram que o Cyclo de *Arthur* ou da *Tavola*

Redonda era imitação do cyclo Carlingiano. O pouco ou nada que se sabia da realidade historica de Arthur, favorecia a imaginação dos legendarios, já acostumados a fabricarem vidas de Santos. O Cyclo da Tavola Redonda prega constantemente a fidelidade á Egreja como o caracter de um perfeito cavalheiro. Os feitos de bravura vão sendo substituidos pelo amor, e o amor torna-se vago, intangivel, um devaneio aério que leva o cavalleiro pelo mundo á busca de uma gota de sangue de Christo ou do cópo por onde bebeu na ceia com os Apostolos. O Cyclo de *Sam Gral* é uma degeneração das lendas de Arthur. Com a vulgarisação das tradições fastidiosas e allegoricas de Sam Gral estava creada nas imaginações a cavalleria celeste. Até a Egreja chamou a uma das suas phases *militante*, e fez do Diabo o hypogripho, Centauro que os cavalleiros combatiam. As lendas da Tavola Redonda lançam mão do recurso do *maravilhoso*. A final tanto milagre assombrava o vulgo; acceitou as tradições porque não tinham realidade historica. Em um povo catholico e papista como o portuguez, não admira encontrarem-se tão intimamente radicadas as tradições da *Tavola Redonda*. Pelo casamento de Dom João I, com Dona Philippa, filha do Duque de Lencastre, é que historicamente se conhece a introdução do cyclo de Arthur em Portugal; quando foi escripta a novella do *Amadis* muitas novellas da *Tavola Redonda* já se acham ali imitadas, como *Blanchefleur*. No Cancioneiro provençal de Dom Diniz se allude ao romance de *Yseult* e *Tris-*

tão. Muito tempo se acreditou que o genio provençal era sómente lyrico; as epopêas provençaes foram modernamente descobertas por Fauriel e Diez. Portanto os poemas da *Tavola Redonda* citados por Dom Diniz, datam em Portugal desde a guerra dos Albigenses. O poema da guerra dos Albigenses, publicado por Fauriel, acha-se contido na prosa allegorica do *Amadis.* No tempo de Dom João I os bons ditos eram tirados das chronicas cavalheirescas. O Condestavel Nun'Alv'res imitava os costumes dos cavalleiros da Tavola; como a valentia dos guerreiros provinha ás vezes da virgindade, Nun'Alv'res imitava *Galaaz*, por quem sentia predilecção.

Dom João I, no cerco de Coria, chasqueava os cavalleiros portuguezes por não terem tocado a barbacan; serviu-se para isso queixando-se de não ter comsigo nenhum *Galaaz*, ou *Lançarote*, personagens do cyclo de Arthur. Um cavalleiro, lembrado da primitiva independencia portugueza, retrucou, que aos cavalleiros faltara sim um bom rei Arthur, Flor de lis, que sabia conhecer o valor.

Esta predilecção de Dom João I pelo cyclo poetico inglez, continuou na familia do monarcha. Era o genio da filha do Duque de Lencastre que se continuava. Dom Henrique tem a alma de um aventureiro bretão; a crença fervorosa e o amor da patria levam-no a inaugurar a grande série das descobertas maritimas do mundo moderno. A livraria de Dom Duarte, como consta do seu catalogo dos *livros de uso*, achado na Car-

tucha de Evora, compõe-se em grande parte de romances de cavalleria, *Tristão*, *Galaaz*, *Merlim!* Dom Fernando, o Santo, era dado aos livros mysticos, e Dom Pedro andou pela Allemanha correndo aventuras contadas nas suas *Partidas* escriptas por Gomes de Santo Estevam, especie de Chronica resumida pelo gosto da *Chronica de Pedro Niño* de Gutierre de Games. A alma celtica do povo portuguez, que apparece nos livros mais genuinos da sua litteratura, como os *Luziadas*, a *Historia tragico-maritima* ou as prophecias nacionaes, foi o movel que nos levou por mares nunca d'antes navegados. As viagens dos monges bretões, as narrativas do claustro de Cluenferl, as lendas monasticas de Kadock, Barontus, de Sam Brendam devassando as regiões do norte, contemplando as auroras dos polos, e vendo á superficie dos mares as maravilhas do creador, muitas e muitas vezes seduziram a imaginação dos primeiros descobridores portuguezes attrahidos pelo maravilhoso da geographia antiga. A admiravel Odyssea monachal das viagens de Sam Brendan acha-se citada na *Chronica da Conquista de Guiné*, de Gomes Eannes de Azurara.

O narrador descreve os sustos dos nossos mareantes diante das superstições da velha geographia. As *Ilhas encantadas* da tradição celtica surgem vagamente na mente do povo portuguez; Camões, profundamente nacional, quando resumiu no seu poema o genio d'este povo, quiz consolar os cansados navegantes com o sonho deleitoso da geographia da *Ilha dos Amores*,

das Ilhas Fortunatas, da Antilia, da Athlantida. Quando a nacionalidade portugueza esteve prestes a extinguir-se, foram os bellos sonhos do genio celtico que alentaram no seu desalento o povo atraiçoado pela nobreza e pelo clero. Dom Sebastião, querendo imitar os antigos monarchas saxões, que se acompanhavam de menestreis nos seus combates, vae sepultar no seu estouvamento a nacionalidade portugueza na Africa. O povo escolheu-o na sua tradição, guardou-o, á similhança de Arthur, em uma ilha encantada, d'onde hade vir elevar este povo decahido.

A lenda de Merlim era, podemos dizel-o, vulgar em Portugal; assim contribuiu para a formação do sonho dos Sebastianistas. O Licenciado Soropita, que escreveu no seculo XVI, descrevendo o *Descobrimento das Ilhas da Poesia* diz: «andaram assim sobre pentem, até chegar á praia onde os aguardava a fusta encantada em que o sabio Merlim foi fazer armação aos bacalhaos á costa do Hellesponto.» (p. 102). N'este tempo em que nascia o espirito critico, as lendas poeticas das raças celticas iam cahindo no ridiculo. Comtudo o povo acreditando ainda n'ellas, obedecia ao seu genio. Quando os Doze de Inglaterra foram com Magriço desaggravar as damas inglezas, o senso commum ia minando pela base a cavalleria. O seculo de Dom João I é contradictorio n'este ponto: o povo eleva-se a terceiro estado, e a cavalleria campeia galhardamente na *Ala dos Namorados* e da *Madre Silva* que nos salvaram das ambições de Castella. Nunca o genio celtico d'este povo se

mostrou tão claramente como no tempo de Dom João I. Nas lendas populares da tradição oral, *Jesus Mendigo*, a lenda mais commum aos povos do Meio Dia, anda pelas provincias apostolando a caridade.

Esta investigação do veio *celtico* na litteratura levou-nos a procurar factos, que se encontram antes da primeira Renascença; assim temos de retroceder. Duas epocas brilhantes se notam na longa edade media; são como dois oásis de um deserto esteril, duas constellações brilhantes em uma noite cerrada.

O seculo XIII e o seculo XVI são os periodos denominados primeira e segunda Renascença; da primeira data o acordar do sentimento do mundo moderno, do segundo data o acordar das consciencias, e a revelação exterior das formas d'Arte. Ambos estes admiraveis cyclos do espirito se estenderam a Portugal; porem o caracter *semita* da Egreja obstou entre nós ao despertar da intelligencia, de modo que sómente a segunda renascença da Europa, fixada no seculo XVI, começou aqui no seculo XV, no tempo do infante Dom Henrique e da eschola de Sagres.

Ao conhecer o vulcão da intelligencia na convulsão latente, a Egreja pressentiu seculos antes a Reforma; o egoismo tem um instincto maravilhoso da conservação, e Roma, como dizia o Papa Leão X, entendia que a fabula de Christo não tinha rendido bastante. Não contente de condemnar o *livre exame* pela bocca de Sam Paulo, amedrontou as imaginações curiosas de explorar o desconhecido com as legendas tene-

brosas do Fausto. Portugal foi dos primeiros paizes aonde appareceu a lenda do sabio seduzido pelo diabo.

No seculo XIII, estavam vivas em Portugal na maior parte as tradições celticas; n'este tempo a historia fundava-se principalmente nos monumentos poeticos, e o Conde Dom Pedro, fazendo a genealogía de Arthur, segue os versos dos poemas do Cyclo da Tavola Redonda, principalmente do *Roman de Brut*. Eis como conta o nascimento do Rei Arthur: «E huum dia teue corte (o rei Vterpandragom) e forom hi todos seus ricos homeens com sas molheres. E veo hi hum Conde de Cornoalha e trouve hi sua molher que avia nome Ygerna (Ginebra) e veo muy bem afeitada e muy ricamente aparelhada, e ella era a mais fermosa molher de toda a terra. E quando vieerom aa mesa hu se assentou elrrey a comer oolhoua elrrey e nom pode mais comer, tanto se pagou d'ella, e nom fazia all senom oolhala dos olhos. E pensou em seu coraçom que se com ella nom jouvesse que morreria. Este conde seu marido soubeo e levantou-se da mesa com sa molher e foysse para huum seu castello que auia nome Tinteol. (Tinturel.) E elrrey foyo cercar com toda sua óste e emviou por Merlin e veo a elle por seu comsselho, e tanto fez e tanto baratou que morreu aquelle conde e ouve elrrey por molher esta dona, e ouve della huum filho que ouve nome *Artur*. o que disserom Artur de Bretanha, omde ouvistes fallar que fuy muy boo.»—«Morreu Uterpandragom e rreynou seu filho Artur de Bretanha, e foi boo rey e lleal e conquereu todollos seus

emmiigos, e passou por muytas aventuras e fez muitas bondades bondades que todollos tempos do mundo fallarom delle. Este rrey Artur fez huum dia em Chergerliom (Caerléon) sa cidade côrtes. E estas côrtes foram muy boas e mui altas. A estas cortes veeron doze çavalleiros messegeiros que lhe enuiava Luçius Liber que era emperador de Roma que sse fezesse seu vassallo rrey Artur e que teuesse aquella terra de sua mãao. E se esto nom fezesse que lhe mandaria tolher a terra por força e que faria justiça de seu corpo. Quando esto ouviu o rrey Artur foy muito irado e mandou chamar toda sa gente que armas podiam levar. E quando foy a Sam Miguel em monte Gargamo combateosse com o gigante que era argulhoso e vençeo e matou, o Luçius Liber quando soube que rey Artur hia sobre elle chamou sa oste e toda sa gente e sayolhe ao caminho. E lidarom ambos e vençeo elrrey Artur foy arrancado ho emperador. E elrrey Artur quando moveo da Bretanha por hir a esta guerra leixou a sa terra a huum seu sobrinho que havia nome Mordech.» — «Este Mordech que avia a terra em guarda do rrey Artur e a molher quando elrrey foy fóra da terra alçousse com ella e quislhe jazer com a molher. E elrrey quando o soube tornousse com sa oste e veo sobre Mordech. E Mordech quando o soube filhou toda sa companha e sayo a elle aa batalha. E elles tiinham as aazes paradas para lidar no monte Cambelet, e acordousse Mordech que avia feito grande traiçom e se entrasse na batalha seria vençido. E enviou a elrrey que saysse a

departe e falaria com elle, e elrrey assy o fez. E elles que estavam assy en esta falla sayo huma gram serpente do freo a elrrey Artur, e quando a vyo meteo maão á espada e começou a emcalçalla e Mordech outrossi. E as gentes que estavam longe viram que hia huum após ho outro, e foramsse ferir humas aazes com as outras e foy grande batalha, e morreo Galuam (Gauvain) o filho de rrey Artur e huma espadada que trazia sobressada, que lhe dera *Lançarote do Lago* quando entrara em reto ante a çidade de Ganes. Aqui morreo Mordech e todollos boos caualleiros de huma parte e de outra. Elrrey Artur teue o campo e foy mall ferido de trez lamçadas e e de huma espadada que lhe deu Mordech, e fezesse levar a *Islaualon* (Ilha de Avalon) por saar. Daqui em diante nom fallemos d'el se he vivo se he morto, nem Merlim non disse del mais, nem eu nem sey ende mais. Os bretões dizem que ainda he vivo.» (1) Esta historia do rei Artur foi encontrada no meado do seculo XII por um arcediago de Oxford, Walter Calenius, em um livro antigo da Armorica; traduziu-a em latim Geoffray de Monmouth; em 1155 Robert Wace a recompoz em versos francezes de outo syllabas, com o titulo de *Roman de Brut*, conhecido pelo conde Dom Pedro, bem como as outras composições dos troveiros, tal como a historia romanesca de *Merlim*, e de *Lancelot do Lago*, ambas citadas por Azurara. No Cancioneiro de Dom Diniz, como já apontámos, faz-se allusão

(1) Mon. Hist. vol. I, *Scriptores*, fascic. II, p. 244.

a *Tristam* e a *Yseult*. Todo este cyclo poetico fôra implantado pelas colonias provençaes e borgonhezas do Conde Dom Henrique, pela passagem dos cavalleiros francezes para a Cruzada, bem como pela imitação da côrte ingleza no tempo de Dom João I. Sobretudo, o cyclo de Carlos Magno tende a obliterar-se diante das ficções e aventuras amorosas do Cyclo de Arthur; o genio celtico do nosso povo sente nos primeiros seculos da monarchia uma sympathia profunda por essas tradições epicas, e em Portugal, são ainda hoje populares as tradições das ilhas encantadas. Estavamos, como estes factos que apontamos o mostram, no veio da meia edade, com elementos para formarmos uma litteratura rica e espontanea; porém o cultismo palaciano e a egreja catholica pendiam mais para submetter-se á servidão da cultura latina que esterilisou este povo.

Na côrte de Dom João I, o rei popular que primeiro do que ninguem conheceu em Portugal o valor da burguezia, a poesia cavalheiresca teve um desenvolvimento grandioso. A novella em prosa nasceu no seu reinado, se é que o Vasco de Lobeira, que se encontra na lista dos mancebos que armou cavalleiros depois da batalha de Aljubarrota, é o auctor do *Amadis de Gaula;* e n'este caso o Amadis, tirado do poema de *Amadas y Ydoine*, veiu para Portugal com as estreitas relações da côrte ingleza, por isso que existe uma antiga versão ingleza d'este poema. A côrte de Dom João I adoptou a pragmatica da corte ingleza, e os usos litterarios dos serões do paço. Assim se propagou em Por-

tugal o cyclo dos romances da Tavola Redonda; cá se adoptou o uso da lingua franceza como a linguagem dos aulicos, egualmente empregada na côrte de Inglaterra. As divisas da brilhante pleiada dos filhos de Dom João I eram segundo os velhos poemas de cavalleria e em inglez: «El-rei Dom João I, trazia na orla das armas uma letra que dizia: *Por bem.* E a rainha Dona Philippa de Lencastre, sua mulher, outra que respondia a esta em inglez, que dizia: *Me contenta.* O Infante Dom Fernando seu filho, o Santo, trazia uma capella de hera com seus cachinhos e no meio d'ella a Cruz de Aviz, de cuja cavalleria era Mestre. O Infante Dom Pedro, uma Capella de carvalho, com suas bolotas, e no meio umas balanças; e nas Armas reaes, no banco de pinchar, em cada pé, d'alto a baixo, mãos, e por cima umas letras escriptas muitas vezes que diziam: *Dizer*, e em cada palavra d'estas um ramo de carvalho com bolotas. O Infante Dom João, que foi Mestre de Santiago, casado com a neta do Condestabre D. Nuno Alvares Pereira, trazia uma Capella de ramos de Sylva com cachos de amoras, com as bolsas de Santiago no meio, e trez conchellas em cada huma, com uma letra em inglez, que dizia: *Com muyta razão.* O Infante Dom Henrique, Mestre de Christo, trazia as armas do mestrado e as antigas de Portugal, e ao redor um cinto largo de correia, que abroxava no cabo debaixo, e uma fivella, que fazia volta com a correia, e em inglez a letra dos cavalleiros da Garrotêa, que elle tambem era, e dizia: *Contra si faz quem mal cuyda.*

E uma Capella de carrasco, e no banco de pinchar trez flores de Lyrio em cada pé.» (1) Na grande lucta em que a nação portugueza deu o primeiro symptoma de vida politica, as batalhas tambem foram dadas segundo a ordem cavalheiresca, floreando com galhardia a *Ala dos Namorados* e os *Cavalleiros da Madre Sylva*. O Condestavel tinha na sua mocidade imitado a vida de *Galaaz*, onde se continha a summa da Tavola Redonda, como tão ingenuamente se conta na sua *Chronica* anonyma escripta antes de 1453. A lenda dos *Doze de Inglaterra*, que foram commandados por Magriço em desaggravo das damas, é propria do seculo de Dom João I; as *Sete partidas do Infante Dom Pedro*, escriptas por Gomes de Santo Estevam, o nosso Gutierre de Games, pertencem ao mesmo genio da aventura que se revelara em Portugal no fim do seculo XIV. Os filhos de Dom João I eram poetas, como Dom Duarte e D. Pedro.

A côrte de D. João I era uma academia litteraria; liam-se e discutiam-se as obras mais queridas da edade media. O Mestre de Aviz imitava o rei *Arthur*, como o Condestavel a *Galaaz;* a allusão satyrica feita pelo monarcha no cerco de Coria, revela-nos que os demais cavalleiros tambem imitavam outros heroes dos poemas francezes. No *Leal Conselheiro*, conta el-rei Dom Duarte as boas conversas que elle e seus irmãos tinham com

(1) Francisco Rodrigues Lobo, *Côrte na Aldeia*, dialogo II, p. 26, ediç. 1722.

seu pae; discutindo as regras como se poderiam bem traduzir as obras classicas, o Infante Dom Pedro traduzia o livro de Cicero *De Officiis;* muitas obras da livraria de Dom Duarte eram vertidas para portuguez; por influencia da côrte ingleza vieram para Portugal as relações maravilhosas de *Sam Brendan*, as prophecias de *Merlim*, a *Confissão do Amante* do poeta inglez Gower, o livro de Bromyard das *Pregações*, e talvez Chaucer. As tragedias de Seneca eram já conhecidas por Azurara, que as lêra na livraria de Affonso v, herdada de seu pae Dom Duarte. A estas palestras litterarias assistiam os cavalleiros portuguezes mais distinctos, e isto dá el-rei Dom João I a entender, na fala que fez aos fidalgos que ficaram em Ceuta em 1415, citando-lhes uma passagem do Livro *Regimento de Principes*, trazendo-lhes á memoria, que muitas vezes o *haviam lido na sua camara*. Levados pela imitação da côrte ingleza, os infantes imitavam os typos poeticos das tradições saxonias; o rei Alfredo era poeta, e vestido de scaldo, com a sua teorba, cantando, penetrou muitas vezes nos arraiaes do inimigo; á imitação d'elle o generoso Infante Dom Pedro, que fez proezas galhardas na Allemanha, tambem poetava, restando-nos um monumento intitulado o *Desprezo do mundo;* seu filho Condestavel de Portugal tambem lhe herdara a inspiração. O inclyto Dom João I escrevia como os monarchas mais celebres, como Affonso o Sabio; escreveu o livro da *Corte Imperial*, o tratado da *Montaria;* e seu filho Dom Duarte a encyclopedia por-

tugueza da edade media, que se intitula *Leal Conselheiro*. Foi tambem por meio das ficções poeticas que germinou em Portugal a ideia da descoberta do Oriente, espalhada desde o reinado de Dom João I com a versão da lenda do *Preste João das Indias*. Acabara a influencia dos trovadores da lingua d'Oc; com Dom João I viera a influencia dos troveiros do Norte, da lingua d'Oil, por meio das communicações da côrte Ingleza. N'esta grande enchente de poesia, que se expande em Portugal no seculo XIV, o povo, ao mesmo tempo que mostrava autonomia politica, que se constituia em terceiro estado, tambem manifestava a sua moral em cantos, datando d'este tempo os seus primeiros monumentos poeticos, essas canções cantadas á porta do Convento do Carmo onde vivia o Condestavel, e sobre a sua sepultura pela Paschoa florida.

Sobre a lenda das viagens de Sam Brendam, lê-se na *Chronica da Conquista de Guiné*, por Azurara: «Bem he que alguns deziam, que passara per ally sam Brandam,...» (1)—Nas notas á edição de Paris, accrescenta o Visconde de Santarem: «Segundo esta tradição, dizia-se que Sam Brendam tinha aportado em um navio no anno de 565 a uma parte da equinocial. Conservou-se esta entre os habitantes da Madeira e da Gomeira, os quaes julgavam ver a dita ilha ao Oeste em certo tempo do anno.» — «Azurara conheceu esta tradição da edade media por alguma

(1) Pag. 45.

copia do Ms. do seculo XIII intitulado *Imago Mundi de dispositione Orbis* de Honorio d'Antun, e esta circumstancia é tanto mais curiosa, que Azurara não podia ter tido conhecimento do famoso *Mappa mundi* de Fra Mauro, que só foi feito entre os annos de 1457 e 1459; e ainda menos do planisferio de Martim de Bohemia, (1492) que se conserva em Nurembergue, onde se vê desenhada junto da equinocial uma grande ilha com a seguinte legenda:

Anno 565 S. Brandam chegou com o seu navio a esta ilha.» (1)

O livro das prophecias de *Merlim*, que se encontra citado entre os livros de uso d'el-rei Dom Duarte, e a tradição dos claustros bretrões mostram a existencia do veio celtico na poesia portugueza. As Ilhas encantadas são uma creação poetica da vida aventureira dos mares, de que Camões se aproveitou admiravelmente nos Lusiadas.

Na Chronica de Ruy de Pina (2) se diz, descrevendo a festa de Dom João II: «antre os quaes El-Rei para desafiar as justas que havia de manteer, veeo primeiro momo, envencionado *cavalleiro do Cirne* com muita riqueza, graça e gentileza.» O romance do *Cavalleiro do Cyrne* era pelo menos conhecido de tradição em Portugal. (3)

(1) Visconde de Santarem, loc. cit.
(2) *Ineditos da Historia portugueza*, pag. 126.
(3) O *Cavalleiro do Cyrne* é uma especie de romance de cavalleria, cheio de encantamentos e duellos; pertence ao seculo

O romance de *Yseult* andou tambem na versão popular; conhece-se pelo episodio da *herva fadada*, que entretece a acção. O nome de *Yseult* acha-se transformado em *Yseu* no *Cancioneiro geral* de Garcia de Resende, em *Ausêa*, nos romances hespanhoes e em *Ausenda* na versão oral portugueza. Tambem o nome de *Ydoine* se converteu em *Oriana* na novella do *Amadis.* A este proposito diz perfeitamente Du Méril: «em uma epoca em que a poesia apenas se transmittia de bocca em bocca, infidelidades de memoria deviam alterar por assim dizer naturalmente os nomes, desprotegidos de outra qualquer recordação.» (1)

A lenda dos amôres de *Merlim* era conhecida em Portugal; d'elles fala Diogo de Pedrosa, no *Cancioneiro geral:*

O que foy d'esse Merlym
E d'outros antes d'aguora,
Ysso a de ser de mym
Por vossa fylha senhora. (Fl. 57.)

O cyclo de *Sam Greal* ou da cavalleria celeste tambem foi vulgar em Portugal; extractamos de Varnhagem a seguinte descoberta:

XIV, começado por Jehan de Renault e terminado por Graindor. Já era conhecido em Portugal no tempo de Dom Duarte, em cujos *livros de uso* se encontra a *Conquista d'Ultramar*, aonde vem inserido o *Cavalleiro do Cysne*, para exaltar a historia de Godofredo de Buillon. Ticknor. *Hist. da Litt. hesp.* p. 45, not. 1. Cap. III.

(1) Introducção ao poema de *Blanceflor*, p. XV.

«Da parte d'este (livro dos *Cavalleiros da Tavola Redonda e Demanda de Santo Greal*) que respeita a Lançarote, existe uma versão livre, contemporanea de D. João I, na Bibliotheca Imperial d'esta Corte (Vienna) escripta em pergaminho e com o maior esmero possivel, e facil será obter d'ella uma copia.

«Não contem, é verdade, o principio; mas nas 199 folhas existentes se encerra a parte mais importante da novella, com circumstancias que não se encontram no texto francez, apesar de citado pelo escriptor.

«Ácerca do *Santo Greal* tivemos occasião de vermos ha uns 24 annos, (1846) em Lisboa, outro manuscripto intitulado: *Livro de Josep abarimatia Intitulado a primeira parte da demanda do Sãto grial ata a presete ida de nunca vista treladado do proprio original por ho doutor Manuel Alvez corregedor da Ilha de Sã Miguel Deregido ao muy alto e poderoso principe el Rei Dom João ho 3.º deste nome Elrrei nosso Sñor.*

«N'este livro se trata muito de Vespasiano e de Tito e de sua influencia na conquista de Santo Greal. Pertence ao mesmo cyclo do famoso livro impresso em 1496 (unico exemplar conhecido e infelizmente incompleto) da Bibliotheca Publica de Lisboa, chamado *Istorea do Emperador Vespasiano.*

«Na dedicatoria do manuscripto se lê:

—«Com esta ousadia comecey a tresladação do presente livro que a V. A. hofereço. O qual eu achei em Riba Damcora em poder de hua velha de mui antiga idade no tempo que meu pay C.ᵈᵒʳ de Vossa Corte ser-

viu V. A. de C.[or] Dantro Douro e minho. O qual livro segundo por elle pareçe he spto em pergaminho e iluminado. E a caise de dozentos annos que foi spto trata muitas antiguidades e materias bôas como V. A. por elle veraa.»—

«Conclue (na folha 311, v.) com esta notavel declaração, que bem podera ter sido inventada:

—«Este livro mandou fazer João Sanches mestre escolla d'Astorga no quinto ano que o estudo de Coimbra foy feito, e no tempo dopapa Clemente que destroio a ordem del Temple e fez concílio geral em Viana e pos ho entredicto em Castela e neste ano se finou a rainha Dona Constança em Sãa Fagundo e casou o Infante Dom Felipe com a filha de D. A.º ano de 13 bijs anos.»—

«O Ms. da *Tavola Redonda* existente em Vienna, consiste (sem principio) em parte do *Canto* ou *Romanço de Lançarete*, tirado da copia franceza de Elie de Boron, segundo consta do mesmo texto.

«Parece que o Codice, que é um volume grosso, fazia parte de uma collecção maior, comprehendendo o *Brado de Merlim*, e *Estoria de Tristam.*

«Em todo o caso o manuscripto de Vienna é mui importante, como specimen de uma fiel amostra de *linguagem litteraria* portugueza no principio do seculo XV. Ahi se vê mui usado o *ren* e *en* no mesmo sentido que os trovadores os usaram.

«Este Ms é o n.º 2594 da Bibl. Imperial, e pode-se vêr ácerca d'elle mais circumstanciada noticia no

Tom 14, (p. 183 a 184) da classe da Historia Bibliologica das Mem. da Academ. das Sciencias de Vienna.»(1)

No seculo XV a leitura das novellas cavalheirescas era frequente em Portugal; fazia-se em ajuntamento de pessoas, em voz alta, isto é, sómente um lia e os outros ouviam, e passava-se adiante, sem se repetir para não interromper o fio da narrativa. El-Rei Dom Duarte reprova este modo de ler, quando fala no seu livro da *Ensinança de bem cavalgar:* «E os que esto quizerem bem aprender, leam-no de começo, pouco, passo, e bem apontado, tornando alguas vezes ao que já leerom pera o saberem melhor; *cá se o leerem ryjo, e muyto juntamente, como liuro de estorias, logo desprazerá, e se enfadarom del, por o nom poderem tambem entender nem renembrar*, por que regra geeral he, que desta guisa se devem leer todollos livros dalgua sciencia ou ensynança.» (2) No povo tambem se conhece a influencia ingleza

Ainda no seculo XVIII, os rapazes costumavam cantar pelas ruas os cantos da Paixão e do Natal. Bluteau, no Supplemento do Vocabulario traz esta curiosa noticia: *Charola de rapazes*. «Era como um andorsinho, coberto com papel ou papelão a modo de arco ou abobeda com suas varas atravessadas, em que lhe pegavam os rapazes, e com elle *andavam cantando pela Quaresma cantigas da Paixão*, porque levavam na charola imagensinhas de barro da paixão de Christo. Tirou-se

(1) F. A. Varnhagem, *Cancioneirinho de Trovas antigas*, nota 51, pag. 164 a 170.
(2) *Leal Conselheiro*, p. 500.

o uso d'esta devoção pueril, porque ás vezes se ajuntavam outros para lhe arrombarem a charola, e com isto jogavam muitas pancadas, e saiam muitos feridos.» No capitulo IV do *Vigario de Wakefield*, Goldsmith, falando de uma aldeia, diz: «Cantavam o *Carol* do Natal...» Nodier define como canto alegre, ou hymno, do italiano *carola*, derivado da baixa latinidade *choreola*. No velho francez *Carole* significa dansa em redor, como se encontra no *Les amours de Ronsard*:

> Quant au printemps tu les menes danser
> Dans le verger l'amoureuse *carole*.

Jorge Ferreira de Vasconcellos na *Aulegraphia*, (acto IV, sc. V,) traz a phrase, «soltam a *carola* a esperança.» Na linguagem popular tambem se dá o nome de *carola* á pessoa dada a festas de devoção, novenas, ou que influe em se armar divertimentos, dansas etc.

Por tanto, por esta simples palavra se descobre uma poesia extincta, talvez originada dos Nataes da edade media, e que appresenta caracteres da audacia do povo e do seu instincto de parodiar as cousas divinas.

Os jurisconsultos da Europa cavaram a morte da edade media; serviram-se da esquadria da rasão contra a espontaneidade nativa. Defendendo o povo contra os barões, aphyxiaram a liberdade popular, tirando-lhe as garantias locaes e submettendo-as aos Codigos geraes formados segundo o espirito do Direito Romano e das ficções juridicas das Academias. O que se deu na Eu-

ropa da Edade Media, passava-se com as mesmas circumstancias em Portugal; aqui as tradições cavalheirescas dos feitos de guerra, as aventuras de galhardia como se faziam no tempo de Dom João I, foram esquecidas á força; já não havia um Condestavel para tomar como modello na sua vida guerreira ao cavalleiro *Galaaz*, como ingenuamente conta a sua Chronica, nem um Mestre de Aviz para excitar os seus companheiros de armas com o exemplo de *Lançarote*, *Galafre* ou *el-Rei Arthur*. João das Regras ao lado do Condestavel é o homem da toga, guarnecido dos textos legaes, com que chega a tornar-se mil vezes mais potente; venceu o jurista na grande lucta da burguezia contra o feudalismo. O desembargador Ruy Fernandes, codificando o *Regimento de guerra portuguez*, em vez de ir procurar as virtudes que devem ornar um cavalleiro nos poemas gigantes da edade media, levado do pensamento de fazer renascer a lei romana, propõe tambem para modello de cavallerias os feitos dos gregos e romanos. Assim a tradição classica desapossava a memoria das deslumbrantes figuras animadas pelos velhos troveiros, esses Quatro filhos de Aymon, Ogier, Durandarte, o Cid. O Doutor Lopo Vasques, e os Desembargadores Luiz Martins e Fernão Rodrigues, aprovaram este triumpho do senso commum, que fazia nascer a edade da prosa em Portugal. Falando do cargo de Alferes mór, diz a *Ordenação Affonsina:* «Os Gregos e Romaños forom homees, que usaram muito de guerrear e em quanto o fezerom com siso e entendimento vence-

rom e acaborom o que quiserom; e elles forom os primeiros, que fezerom em como fossem conhicidos os grandes senhores nas Cortes dos Principes e nas batalhas, e nos outros feitos de grande façanha. — E consirando elles como em semelhantes feitos as gentes, e povoos se cabdellassem bem, por guardarem principalmente o serviço de seus senhores, teendo o muito por honra assinada, chamarom os que traziam as sinas principaeas dos Emperadores e dos Reyx *Signifer*, que quer tanto dizer como Official, que leva a signa do principal senhor da hoste. — Chamarom ainda Preposito, que quer tanto dizer como Adiantado sobre as outras companhas da hoste, e esto porque em aquel tempo elle julgava os grandes feitos, que aconteciam em ella. Estes nomes usaram em Espanha, ataa que se perdeo a terra, e a guaanharom os Mouros, e despois que a percalçarom os Christaaõs, chamarom a este officio Alferes, e assy ha hoje nome.» (1)

Falando do cargo de Mordomo, o *Regimento de Guerra* faz outra vez a aproximação erudita com os monumentos da antiguidade: «em algumas terras lhe chamaõ Senescal... e ainda o chamarom os Sabedores antigos assy como *Senex*, que quer tanto dizer em latim como velho, por razom que tem officio honrado: e *Calculus*, que significa pedra, com que os antigos faziaõ suas contas...» (2) Quando fala dos Conselhei-

(1) *Ord. Aff* Liv. I, tit. 56.
(2) Idem, ib. tit. 57.

ros do Rei, a vontade popular nem é pressentida; o *verna*, o companheiro do heroe, o que lhe falava a linguagem do senso commum ou *vernacula*, e lhe vencia a impetuosidade irresistivel por uma lembrança engenhosa, está substituido no *Regimento* pela auctoridade de Seneca, de Salomão e de Aristoteles: «Em Cordova houve huu grande Phylosopho chamado Seneca, o qual fallou de todalas cousas mui bem e com razom, e mostrou como os homees ham de seer percebidos nas cousas que ham de fazer, acordando-se e avisando-se sobre ellas antes que as façam e disse assy: que huu dos sisos, que o homem deve de haver, he conselharse sobre todolos feitos, que quizer fazer e obrar ante que os comece, etc. —E porém disse El-Rey Salamon, que no mundo nom ha maior desaventura que haver homem seu inimigo por conselheiro ou privado, ca se o conselheiro fosse muito seu amigo, se nom houvesse em si boo siso, ou boo entendimento, nom poderia bem conselhar, nem teer puridade das cousas, que lhe dissessem, etc.—E porem disse Aristoteles a Aleixandre como em maneira de castigo, que se conselhasse com homem, que amasse sua boa andança e que fosse entendido de boo siso natural; e poz semelhança em esto aos olhos quando oolham, por trez razoens: A primeira, por que os olhos veem de longe as cousas, e se as ante nom catam, nem esguardam bem, nem as conhecem: A segunda, que choram com os pesares, e rim com os prazeres: A terceira, que se çarrom quando algua cousa se quer chegar a elles para tanger o que está den-

tro.—A taaes devem seer os Conselheiros d'El-Rey, que de mui longe saibam catar, e examinar as cousas e conhecellas ante que dem conselho: etc.» (1)

N'este *Regimento*, em que o espirito da cavalleria da edade media está afogado pelo Direito Romano e pelas tradições classicas, o filho do povo, o jurisconsulto não se esqueceu de introduzir tambem uma ficção juridica com que se nobilitava e erguia a par dos cavalleiros; entre os meios para adquirir nobreza, diz que se adquire não só por linhagem, mas tambem *pelo saber*, *bondade*, *costumes e qualidade*. (2)

Em um povo aonde as novellas de cavalleria tiveram um desenvolvimento prodigioso, não havendo ficção romanesca que se não encontre ligada á nossa tradição litteraria, em um povo levado pelo genio da aventura maritima que iniciou a civilisação moderna, em Portugal aonde o sentimento do *amor* é um dos caracteres mais distinctivos, encontra-se a cavalleria da edade media arvorada em instituição civil! Comparem-se as cerimonias cavalheirescas dos velhos romances com as praxes estabelecidas no *Regimento da Guerra portuguez*, e vêr-se-ha como a tradição viva na alma do Infante Dom Pedro, que correu as sete partidas do mundo, toma uma forma legal para se immolar debaixo da esquadria logica e unitaria da codificação romana imposta á nação pelos juristas burguezes. Comparemos o ceri-

(1) *Ord. Aff.* Liv. I, tit. 59.
(2) Idem. ib. tit. 63.

*

monial com que um escudeiro era armado cavalleiro. Eis a prosa ingenua do *Regimento da Guerra:* «mandaarom os antigos, que Escudeiro, que fosse de nobre linhagem, huu dia ante que recebesse Cavalleria, deve teer vigilia; e em esse dia, que a tever, des o meo dia en diante ham-no os Escudeiros de banhar, e lavar com suas maaõs, e deitallo no mais aposto leito que puderem haver; e alli o ham de vestir os Cavalleiros dos melhores panos, que teverem, e calçar. E des que este alimpamento houverem feito ao corpo, ham-lhe de fazer outro tanto a Alma, levando-o aa Igreja, em que hade começar a receber trabalho de voontade, pedindo a Deos merecee, que lhe perdoe seus peccados, e que o guie, perque faça o melhor em aquella Hordem, que quer receber em maneira, que possa defender sua Ley, e fazer as outras cousas, segundo lhe comvem; e que el lhe seja guardador e defensor aos perigoos, e aos embargos, e aas outras cousas, que lhe seriam contrairas. E deve-lhe sempre vir em mente como quer que Deos he poderoso sobre todalas cousas, e pode mostrar seu poder em ellas quando e como quiser, que assinadamente ho he em feitos d'armas, ca em sua Maão he a vida, e a morte pera dalla, e tolhella, e fazer que o fraco seja forte, e o forte seja fraco. E em quanto esta Oraçõm fezer ha d'estar em giolhos ficados, e todo al em pee em mentre o soffrer puder.... passada a vigilia, tanto que for dia deve primeiramente ouvir Missa, e rogar a Deos, que o guie em seus feitos pera o seu santo serviço: e despois hade vir o que o hade fazer Caval-

leiro e perguntar-lhe se quer receber Hordem de Cavallaria; e se disser que sim, ha-o de perguntar se a manterá assi como deve manteer; e despois que lho outorgar, deve lhe de calçar e poer as esporas, ou mandar a alguu cavalleiro, que lhas calce.... E fazemno d'esta guisa por mostrar, que assy, como ao cavallo pooem as esporas de deestro, e de seestro pera fazello correr direito, que assy o deve elle fazer em seus feitos enderençadamente em guisa que nom torça a nenhua parte; e des i hade cingir-lhe a espada sobre o brial, que vestir, assim que a cinta não seja muito suxa, mas que se chegue ao corpo. Pero antiguamente estabelecerom os nobres homees os fezessem Cavalleiros seendo armados de todas suas armas, bem assy como quando houvessem de lidar, mas as cabeças nom teverom por bem que as tevessem cubertas.......... E des que lhe a espada houver cingida, deve-lha de sacar da bainha, e meter-lha na maão deestra e fazer-lhe jurar estas tres cousas: a primeira, que nom recee morte por sua Ley, se mester for; a segunda por o seu senhor natural; a terceira, por sua terra. E quando este houver jurado deve-lhe dar huma pescoçada, por que estas cousas sobreditas lhe venham em mentes, dizendo que Deos ho guie a seu santo serviço, e lhe leixe comprir o que alli prometteo. E despois desto o hade beijar em signal de fé, e de paz e de irmandade, que deve seer guardada antre os Cavalleiros: etc....... Decingir a espada he a primeira cousa, que devem a fazer despois que o Ca-

valleiro novel for feito...... E a este que lhe decinge a espada, chamam-lhe padrinho, etc.» (1)

N'este simples extracto vemos a parte mais symbolica do cerimonial cavalheiresco; o legista de vez em quando cita a tradição dos antigos a quem quer seguir, mas no meio vae explicando o sentido allegorico, como uma cousa, que já se não comprehende. Os poemas da edade media foram o reflexo da vida da sociedade feudal; sobre uma pequena base de realidade os troveiros criaram um mundo de ficções, que constitue propriamente a cavalleria. De modo que no seculo XIV e XV, está outra vez de pé o cerimonial cavalheiresco, o ponto de honra, a aventura, não como actos vitaes, mas como imitações quixotestas, imitadas das novellas, que se liam com excessivo gosto nas côrtes e palacios dos principes. O jurista legalisando os usos cavalheirescos, tinha principalmente em vista o avocar ao rei o privilegio exclusivo de fazer fidalgos, de conferir nobreza. Confrontemos agora a prosa da lei com a linguagem dos velhos poemas da edade media. Na *Ordene de Chevallerie de Hugues Tabarie*, Saladino pede ao cavalleiro, seu prisioneiro de guerra, que lhe confira a cavalleria; Hugues de Tabarie, que é o cativo, recusa-se a isso dizendo, que a ordem de cavalleria não pertence a um infiel; ao cabo de rasões, resolve-se a conferir-lhe o grau: «— Senhor, já que não posso recusar-me a isso, fal-o-hei sem detença. E começou-lhe a ensinar tudo o

(1) *Ord. Aff.* Liv. I, tit. 63, § 20—24.

que lhe convinha fazer, mandou-lhe compôr os cabellos, a barba e o semblante, como convem a um cavalleiro novel, depois mandou-o metter-se em um banho. Então começou-lhe o Soldão a perguntar o que aquillo significava. Hugues de Tabarie responde: — Senhor, este banho em que vos banhaes, significa que, como a criança pura de peccados sae da pia baptismal, assim deveis de sair sem nenhuma villania, e tomar um banho de honra, de cortezia e de bondade.—«É bem entendida esta ordem, disse o rei, graçâs a Deos.» Depois que saiu do banho, deitou-se em um bello leito, que estava muito bem arranjado. — «Hugues, dize-me sem falta a significação d'este leito.» — Senhor, este leito quer dizer, que se deve pela cavalleria conquistar no paraiso o logar que Deos concede aos seus amigos. É esse o leito do repouso; quem não fôr para lá é bem tollo.—Depois que esteve algum tempo no leito, vestiu-se de roupas brancas que eram de linho. Então Hugues lhe disse em seu latim :—Sire, não desprezeis estas roupagens brancas; dão-vos a entender que o cavalleiro deve conservar pura a sua carne, se elle quizer chegar a Deos. — Em seguida vestiu-lhe uma tunica vermelha. Saladino admirou-se vendo o principe fazer-lhe isto. «Hugues, disse elle, o que significa esta tunica?— Hugues de Tabarie respondeu:— Sire, esta tunica vos dá a entender que vosso sangue deveis derramar pela santa Egreja defender, afim que nada a possa hostilisar; cá o cavalleiro deve fazer tudo o que agradar a Deos.—Depois calçou-lhe uns pantufos negros, e disse:

—Sire, com certeza, isto vos adverte, por este calçado negro, que tereis sempre em memoria a morte e a terra onde haveis de jazer, d'onde vindes e para onde voltareis. Vossos olhos devem olhal-o para que não caiaes em orgulho, que orgulho não vae bem a um cavalleiro; deve sempre ter simplicidade.—«Tudo isto é facil de entender, disse o Rei; não deixa de me agradar.» Depois levantou-se em pé e em seguida o cingiu com um cinto branco; logo Hugues lhe metteu as duas esporas nos pés e disse:—«Sire, assim como quereis que o vosso cavallo seja animado a bem correr quando o ferires com esta espora, estes acicates significam que tenhaes gravado no coração o servir a Deos toda a vossa vida. Depois d'isto cingiu-lhe a espada....» A narração do troveiro francez em nada differe dos paragraphos do jurista da *Ordenação Affonsina;* em ambos se encontra um artificio que não é o da velha cavalleria; o troveiro era sarcastico, inventava situações á similhança dos factos que só se davam com os barões; o jurista decretava uma imitação forçada em um codigo aonde se estabelecia a unidade nacional sob o sceptro do monarcha. É com razão que se considera o *Regimento da Guerra* como o necrologio da cavalleria portugueza; este ultimo lampejo de vida foi-lhe communicado pela leitura das novellas e poemas anglo-normandos; os seguintes factos servem de prova.

Duas vezes encontramos citado o poema de *Tristão* nos escriptores antigos portuguezes; a primeira, no Cancioneiro de Dom Diniz, e a segunda no Catalogo

dos Livros de uso de El-rei Dom Duarte, que o herdara de seu pae. Estas duas simples referencias nos explicam o facto da influencia de duas litteraturas da edade media em Portugal; o *Tristão*, citado por Dom Diniz, que tomava lições da poetica provençal e a cultivou na sua corte, que outra versão pode ser, senão a que se attribue a Chrétien de Troies, escripta segundo se crê de 1190 a 1210? O *Tristão*, citado por Dom Duarte, que teve uma educação como a de um principe de Inglaterra, e que na côrte de Dom João I aprendera a admirar a litteratura anglo-normanda, que reinou quando começava na Europa a edade da prosa, que outra versão póde ser, senão a extensa novella em prosa traduzida por mandado do rei Henrique III de Inglaterra, que reinou de 1227 a 1272?

Á falta de monumentos primitivos que ou não se conservaram por incuria ou por ignorancia se perderam, só podemos por simples inducções recompôr a nossa historia litteraria. Tambem por citações particulares descubrimos a existencia em Portugal, no seculo XIV de todo o cyclo da *Cavalleria celeste*, que se compõe da *Demanda de Santo Greal*, *Lancelot do Lago*, *Tristão* e *Merlim;* o primeiro existe na Bibliotheca de Vienna; o segundo acha-se citado por Azurara, e o terceiro e quarto por Dom Duarte. Na extensa allusão de Fernão Lopes ao cyclo da Tavola Redonda, se fala em um romance hoje perdido, que era conhecido na côrte de Dom João I; diz Mem Rodrigues de Vasconcellos:

«ex me eu aqui, que valho tanto como *Dom Quea:*» (1) *Dom Quea* era o senescal de el-rei Arthur, que nas versões inglezas se chamava *Kay*, e nas versões provençaes se escrevia *Quet*, como vêmos por esta passagem do romance de *Flamenca:*

> L'autre dis com retene un an
> Dins sa prison *Quet* senescal
> Lo deliet, car li dis mal. (2)

Pela pronuncia ingleza de *Kay* e pela transcripção portugueza de *Quea*, conservada por Fernão Lopes, se vê que Mem Rodrigues de Vasconcellos citava o romance pelas versões anglo-normandas, que predominavam na côrte de Dom João I. Apesar do filho do Dr. Antonio Ferreira dizer que o *Amadis* fôra composto no tempo de Dom Diniz, explica-se o facto pela existencia da versão poetica do Norte da França; devida á influencia anglo-normanda é que entrou em Portugal a versão em prosa do *Amadace*, do mesmo modo que o *Tristão* citado por Dom Diniz é francez, e o que possuia el-rei Dom Duarte lhe viera da côrte de Inglaterra. Tanto a pronuncia ingleza de *Quea*, (*Kay*) como a de *Amadis*, (*Amadace*) indicam a sua proveniencia. Todos estes factos tornam evidente a acção da litteratura ingleza da edade media em Portugal no seculo XIV.

(1) Fernão Lopes, *Chronica*, Part. II, cap. 76, p. 190.
(2) Fauriel, *Hist. de la Poésie provençale*, t. III, p. 481.

4. *Influencia erudita*

Cyclo Greco-Romano

Assim como a grande poesia da *Tavola Redonda* denotava uma degeneração e decadencia do *Cyclo Carlingiano*, o apparecimento dos poemas *greco-romanos* depois das ficções bretãs revela já a esterilidade do genio epico da edade media, (1) que se esgotava nas luctas da liberdade burgueza não menos sublimes. A tomada de Constantinopla concorreu bastante para a vulgarisação da cultura classica e das tradições eruditas; os heroes dos poemas medievaes foram arrebicados pelo gosto grego e latino, e os vultos da mythologia acommodaram-se á exigencia da sociedade culta. Bastaria esta tendencia e influencia da moda, para trazer a Portugal o cyclo greco-romano, se na classe aristocratica, nos historiadores e ecclesiasticos não estivesse já entranhada a admiração por todas as formas rhetoricas.

A mesma scisão que se encontra no genio do godo aristocrata e no godo-lige, emquanto á sua religião, direito e poesia, reapparece na constituição da nacionalidade portugueza.

O godo das Asturias tornado já fidalgo leonez, veiu como suzerano e donatario tomar posse do territorio da conquista, impôr o seu direito senhorial ás povoa-

(1) Fauriel, *Historie de la Poésie Provençale*, t. I, p. 19.

ções existentes que a contingencia da guerra desmembrava da convivencia dos Arabes.

A aristocracia leoneza, ía acceitando as doações regias feitas ao passo que avançava a conquista de Portugal. Tendo estes netos dos godos das Asturias desnaturado e condemnado a seu culto de Odin, falsificado o seu direito com a imitação dos costumes e leis romanas, abandonaram tambem a sua poesia, abafada pela intolerancia do catholicismo; ignorantes e alheios a toda a cultura intellectual, representam entre nós o elemento *classico* da litteratura, não pelo que pensaram, mas pela grande protecção que deram aos latinistas ecclesiasticos, e pelo deprezo absoluto em que deixaram a lingua e as creações artisticas do povo. A lingua provençal galleziana era falada nos serões dos seus solares, na casuística impalpavel dos seus amores, ao passo que abandonavam a rude linguagem das *aravias* aos factos da vida civil que o baixo povo praticava.

No seculo XV e XVI a fidalguia portugueza abandonava de vez em quando a lingua materna para poetar ou escrever em hespanhol; a lingua do povo permaneceu immovel, e ainda hoje se lê nos romances tradicionaes com o mesmo timbre e feição com que a usaram Fernão Lopes e João de Barros. (1)

(1) Este facto já foi notado por um philologo francez em uma carta ao Visconde de Santarem: «cette langue que le peuple parle beaucoup mieux que les savants et les lettrés qui s'eloignent tant de la parole du Camoens, phénomène unique dans l'histoire des langues.» Pierquin de Gambloux, *Attila, sous le rapport iconographique*, § 1.º Paris, 1843.

Á Peninsula tinha de ser o paiz aonde mais se deveria conservar o espirito da antiguidade classica conservado por via do latim. Muitos dos grandes escriptores romanos eram hespanhoes; eram de Hespanha alguns dos seus imperadores, como Trajano, Marco Aurelio, Adriano e Theodosio; o geographo Pomponio Mela, o agronomo e naturalista Columella, o moralista Seneca, o epico Lucano, o epigrammatista Marcial, o rhetorico Quintiliano e Silio Italico pertencem ao sul da Europa, á Hespanha, á terra que conservou a tradição classica. Por isso não admira que o imperio da Litteratura latina se exercesse mais duramente sobre nós. O portuguez Sam Damaso fez uma revolução na poesia latina, baseando a metrica não sobre a *quantidade*, mas na *accentuação*, origem da grande e bella efflorescencia dos hymnos da egreja. Santo Isidoro foi um dos focos da tradição latina; no testamento de D. Mumadona vem citadas as suas obras. Carlos Magno, na renovação dos estudos, seguiu tambem a tradição latina: «Domnus rex Carolus iterum a Roma artis grammaticae et computatoriae magistros secum adduxit in Franciam, et ubique studium literarum expandere jussit.» (1) Por quasi toda a Europa divagavam tambem os homerides latinos, cantando a guerra de Troya, como diz o verso de Beneois de Sainte More:

> Qui du latin ou je la truis
> se j'ai le sens e je le puis
> je voudrai ci en romans metre, etc.

(1) Mai, *Classicorum auctorum monumenta*, t. v, p. 405, apud Du Méril, *Poesies du* XII *siecle*, p. 29, not. 3.

O livro da *Historia de Troya* ornava a rica livraria d'el-rei Dom Duarte, em uma versão aragoneza; e as tradições latinas d'esse cyclo poetico já as conhecia pelo poema do *Amante*, ou *Confessio amantis* de Gower, que viera de Inglaterra para a sua livraria. A grande sympathia geral por essa cidade abrasada, fez com que quasi todos os povos filiassem a sua nobreza nos troyanos foragidos. Os Francos attribuiam a sua origem aos troyanos, do mesmo modo que os ramanos; tanto nos escriptores como nos documentos legaes se acha esta asserção; Luiz XII escolheu na batalha de Ravenna a divisa: *Ultus avos Trojae;* Pharamundo muda o seu nome em Priamo; e os antiquarios portuguezes attribuiam ao vagabundo Ulysses a fundação de Lisboa, levados pela analogia do nome Olyssipo com o do Capitão grego.

O cyclo erudito dos romances da edade media existiu em Portugal apenas na classe culta, e nunca chegou a vulgarisar-se; são poucas as allusões que nos restam, para recompôr os vestigios das epopêas grecoromanas entre nós, mas temos a historia nacional, que está cheia d'essas fabulas. No cyclo greco-romano tambem se comprehendem os personagens da Biblia, como *Jesué*, *Judas Machabeu*, e *Salamão;* a nossa historia arreia-se com as vetustas tradições da guerra de Troya, com os évos gregos e com a genealogia dos patriarchas. Citemos de passagem alguns factos: segundo o geral dos historiadores e chronistas portuguezas até á moderna renovação da historia por Herculano, *Tubal* veiu

ás Hespanhas e fundou a cidade de Setubal; *Elysa*, neto de Noé, fundou a cidade de Lisboa, «por que na mais bem apurada chronologia, a *Elysa*, e não a *Luso*, filho ou companheiro de *Baccho*, nem a *Ulysses*, se deve verdadeiramente attribuir a primeira fundação d'aquelle celebre emporio do mundo, e a primeira origem dos Lusitanos; pois tudo o mais que dos outros fundadores posteriores se escreve, dado que assim succedesse, foi reedificação e augmento e não primaria origem, do que temos bons exemplos, e muitos bem posteriores.» (1) N'esta pequena citação se resumem todas as lendas nacionaes greco-romanas; a que teve mais voga, e que ainda anda na tradição popular é a da vinda de Ulysses á Lusitania e a sua fundação de Lisboa; segundo a auctoridade do academico revisor do livro de Dom Rodrigo da Cunha, *Noé* e *Tubal* jazem sepultados no cabo de Sam Vicente, d'onde lhe veiu o antigo nome de *Promontario sacro*. As origens biblicas, sustentadas pelos latinistas ecclesiasticos, chegaram a supplantar as origens gregas e troyanas. A fundação da cidade do Porto, foi attribuida por Frei Bernardo de Brito aos gregos que com Diomedes, depois de destruida Troya, passaram á Hespanha; Salgado de Araujo attribuia a mesma fundação a Menelau, firmado no dizer Virgilio, que Menelau, se desterrou depois da guerra de Troya ás columnas de Pretheo; a aldeia de Fão, de En-

(1) *Catalogo dos Bispos do Porto*, na prefacção previa de Antonio Cerqueira Pinto, § 13

tre Douro e Minho era tambem attribuida a fundação de Phano, rei da ilha de Chio. Uma outra opinião de um erudito do seculo XVIII, dava como fundador da cidade do Porto o principe *Callais* filho de Boreas, rei da Thracia, e um dos mais celebres argunautas. Todas estas opiniões são de tal forma disparatadas e ridiculas perante a historia, quanto interessantes para recompôr a influencia que entre nós exerceram os pseudo-Dares, os pseudo-Ditys e pseudo-Calisthenes, e como os grandes poemas do cyclo greco-romano tiveram em Portugal o valor de Historia verdadeira e nacional. Seria impossivel que em um povo, que tanto se ufanava das suas origens troyanas e gregas, o poema da *Guerra de Troya*, a *Historia de Vespasiano*, o poema de *Alexandre* não fossem recebidos com predilecção. Portugal não exerceu influencia litteraria alguma sobre a Europa; mas se tivesse tomado parte nas grandes creações epicas da edade media, teria mais do que nenhum outro povo confundido as raias que separam a historia da poesia.

O latim era a lingua da cultura, da sciencia, das pessoas illustres, dos altos dignatarios da egreja, dos embaixadores e homens de côrte; assim, na mente popular, tudo quando significa sciencia, esperteza, argucia, se exprime ainda hoje pela palavra *ladino*.

Lingua *ladina*, veiu a designar a linguagem scientifica, academica, mesmo differente do latim puro. Diz el-rei Dom Duarte, no *Leal Conselheiro:* «e nom screvo esto per maneira scollastica, mas o que leeo per livros

de latym e de toda *lingua ladinha*, do que algua parte se me entende, concordo com a pratica cortezãa na mais conveniente maneira que me parece.» (1) Covarruvias diz: «a gente barbara de Espanha llamava *latinos* en tempo de los romanos á los que hablaban la lengua romana: e como estes generalemente eran mas sabios que los naturales Españoles, quedó el nombre de latinos para los que entre elles eran menos bozales, e de latino se corrompió facilmente en *ladino*.» (2) A palavra *latino* e *ladinho*, significava de preferencia linguagem escripta. Resta-nos enumerar as novellas do cyclo erudito conhecidas em Portugal.

A *Historia do Imperador Vespasiano* é uma d'aquellas novellas, producto do predominio das tradições classicas da edade media sobre as tradições nacionaes; pertence ao cyclo greco-romano. Extractaremos para aqui a noticia d'este curioso livro, dada pelo sr. Herculano: «A este impressor, (Valentim de Moravia) devemos a publicação da *Estoria do mui nobre Vespasiano, emperador de Roma*, talvez o mais curioso monumento da arte typographica em Portugal nos fins do seculo XV. Das estampas e caracteres d'este livro (que parece ser impresso com os mesmos typos da *Vita Christi*), se verá a que ponto subiu logo em nosso paiz não só a typographia, mas até a gravura em madeira... — A *Historia de Vespasiano* consta de vinte e nove capitulos,

(1) Op. cit. p. 168.
(2) *Dicc. da Academia Espanola*, verb. cit.

nos quaes se tratam varios feitos d'aquelle imperador e de seu filho Tito e outros que dizem respeito ao christianismo e á morte de Archelau e de Pilatos: as estampas são allusivas ao texto, acham-se ao principio de cada capitulo; mas talvez para poupar despeza, repetidas as mesmas de espaço a espaço. Fecha a obra por uma subscripção em que se diz ser impressa por Valentim de Moravia em Lisboa, no anno de **1496.** O unico exemplar conhecido que d'ella resta é o que existe na Bibliotheca publica de Lisboa.» (1) Em outro logar, falando o sr. Herculano das novellas portuguezas de cavalleria, diz: «Esta *Historia de Vespasiano*.... não é senão uma novella de cavalleria pertencente ao cyclo greco-romano. Ha ahi, na verdade, alguns factos historicos; mas os costumes e as particularidades da narração não passam de meras ficções. Que a obra seja uma traducção não nos parece duvidoso. Na subscripção d'ella se diz que fôra ordenada por Jacob e Josep-abarimatia, que a todas aquellas cousas foram presentes. Isto indica bastantemente a origem estrangeira do livro. Se, porém, nos lembrarmos de que José de Arimathea figura nos romances do cyclo do *Santo Greal*, como tendo recebido o sangue de Christo n'esse celebre Vaso, é naturalisimo que o novelleiro, auctor da *Historia de Vespasiano*, se lembrasse de lhe attribuir a propria composição, tanto mais que era quasi como lei entre os romancistas, dar uma origem mys-

(1) *Pan.* t. I, p. 164.—Ha outro na Bibliotheca do Porto.

teriosa ou ao menos remota ao fruto de suas imaginações. Accresce, para mais fundamentar a nossa opinião, que M. Fauriel menciona uma *historia-romance* da destruição de Jerusalem por Vespasiano escripta em provençal, e que elle classifica como livro connexo com o cyclo das novellas do Santo Greal. Este romance, que segundo nossa lembrança, existe manuscripto na Bibliotheca Nacional de Paris, é, com toda a probabilidade, o original da novella portugueza.» (1) É porém mais natural, que esta novella seja uma collecção de lendas tiradas do *Gesta Romanorum*, principalmente das que tratam de Vespasiano e de Tito, com mais alguns extractos da *Legenda Aurea*, de Voragine, como se costumava fazer na edade media e se acha na *Demanda do Santo Greal*, do tempo de Dom João I, que existe na bibliotheca de Vienna.

Nos versos de Luiz Anrriques, á tomada de Azamor em 1513, se ennumeram os personagens do cyclo greco-romano, servindo de termo de comparação para os heroes portuguezes:

> Volvamos a falla : o gram *Gudufredo*
> d'aqueste gram *Carlos* direy sas façanhas,
> nom menos desforço do gram *Jesue*
> em sua vitoria grandezas tamanhas.
> Nunca de *Rroma* se vio, nem Espanhas
> tam gram capitam, nem mais esforçado. (2)
> . . . .

(1) Herculano, *Pan*. t. IV, p. 8.
(2) *Canc. Geral*, fol. 103, v. col. 2.

O poema de *Alexandre*, do cyclo greco-romano, foi conhecido em Portugal não por via das versões dos infatigaveis troveiros, nem das strophes de Lamber li Cort, mas na genuina fonte oriental d'onde tiveram origem. D. João de Castro pediu a Aleixo de Carvalho, em 1546, que lhe procurasse uma *Historia de Alexandre;* este se dirigiu a Luiz Falcão, que a obteve do goazil Hemires em lingua persica, sendo com muito trabalho encontrada. (1) Quanto á origem oriental dos poemas de *Alexandre*, diz Du Méril: «É com certeza a origens orientaes, á admiração patriotica dos gregos, que se prendem os numerosos poemas da edade media, que se espalharam por toda a Europa e gratuimente popularisaram a sua memoria.» (2) Entre os *livros de uso* de El-rei D. Duarte, conhecidos pelo catalogo da sua livraria achado na Cartucha d'Evora, encontra-se um intitulado o *Livro da Guerra*, que não é mais do que uma versão latina do *Liber Alexandris de Prœlis*, que se acha repetido na livraria de D. Duarte sob outro titulo *Guerra de Macedonia*. O Livro da *Guerra de Macedonia* existia na livraria de João de Bourgonha, escripto por Jehan Nanquelin; é para notar que uma grande parte dos livros d'esta riquissima livraria do seculo XV, se encontrava na livraria de D. Duarte. Diz o author do livro: «à la requeste et principallement au commandemmant de tres hault, noble et puissant seigneur

(1) *Floresta de Romances*, p. XXXIII, e *Vida de D. João de Castro*, p. 509, ed. 1835.

(2) Du Méril, Introd. de *Blanchefleur*, p. CXVII.

monsigneur Jehan de Bourgogne conte d'Estampes... ay mis et fermet mon propos de mettre par escript les nobles faiz d'armes, conquestes et emprises du noble roy Alixandre, roy de Macedone, selon ce que je l'ay trouvet en ung livre rimet, dont je ne sais pas le nom de l'aucteur, fors qu'il est intitulé histoire Alixandre.» (1) D. João de Castro conheceu a versão em lingua persica da *Historia de Alexandre;* foi exactamente essa versão a que teve curso entre os troveiros da edade media; no seculo XI, Simeão Setth, protovestiario da corte de Constantinopla, traduziu do persa para grego essa historia, vindo da sua origem oriental já bastante revestida de efflorescencia de fabulas imaginosas. (2) *A Guerra de Macedonia*, da livraria de D. Duarte, era as *Gestas de Alexandre* do cyclo greco-romano da edade media. Não admira que um rei poeta, cujos irmãos e sobrinhos sagravam uma grande predilecção á poesia, tivesse na sua livraria os grandes poemas que enchiam de assombro as imaginações da Europa. Era naturalissimo o encontrarem-se vestigios d'este cyclo erudito em uma nação que sacrificou a sua originalidade ao respeito da antiguidade.

Falando das origens orientaes da *Historia de Alexandre*, diz Berger de Xivrey, nas *Traditions teratologiques:* «alem da descripção de muitos paizes, uns tratam da viagem ao paraiso, outros da corresponden-

(1) Berger de Xivrey, *Teratologie*, p. XLIII.
(2) Chassang. *Hist. du Roman*, pag. 440.

cia com a rainha dos Amazonas, com Didimus ou Lyndimus, rei dos Brachamanas; *digressões provenientes dos antigos textos gregos e orientaes.*» (1)

O romance do amor de *Achilles* por *Polixena*, tornou-se celebre na edade media; encontra-se no *Romans de Troie*, do seculo XIII, e na tragedia *Achilleis* de Albertino Mussato. Só na epoca alexandrina é que este episodio, considerado como o ultimo reflexo da imaginação grega, entrou no cyclo das *Historias Troyanas*. Segundo as tradições heroicas, Achilles, morre no campo da batalha, ferido por uma setta de Apollo; os poetas que seguiram Hygino, Philistrato, Pseudo-Dares, Pseudo-Dictys e Tzetzes, matam Achilles em um logro que lhe armam os parentes da troyana Polixena, por quem ardia de amores. Jorge Ferreira de Vasconcellos seguiu nos seus romances da Historia de Troya esta ultima versão, e a mesma se encontra em Hespanha no *Cancionero de Romances*, que se reimprimiu em Portugal em 1581. Nas locuções populares portuguezas repete-se: «Destruição de Troya venha por todos.» (2)

No celebre manuscripto a *Corte Imperial*, capitulo IX, allude-se a um poema o *Ovidio da Velha:* «bem sabedes que huu grande poeta muy genhoso e muy sotil ante os outros poetas foy o que ouve o nome *ouvidio naso* e foi gintil. E este fez muitos livros antre os quaes antes da sua morte compos huu livro que

(1) Obra cit. p. XLVI.
(2) Jorge Ferreira, *Ulyssipo*, act. I, sc. 5, fol. 57.

chama *ouvidio da velha* e este livro foi achado em no seu muymento cõ os seus ossos en hua causela de marfim. Em o qual livro antre outras cousas elle diz em esta guisa que se segue. A planeta que chamam Jupiter que he hua das sete planetas ha propriedade e condiçõ de significar fé e religiom. E as outras seis planetas cando Jupiter se conjunta cõ cada hua delas, entom se levanta hua ley, assy que como som seis planetas, afora Jupiter assy conve que seiam seis especies de ffe e de crrenças desvairadas. E destas seis dise ele já som quatro ataa este tempo presente.» O manuscripto segue na exposição da conjuncção dos planetas até chegar á religião christã.

No capitulo XII, diz: «todas estas cousas sobre ditas que dise o poeta ouvidio naso som scriptas em aquele seu livro que chamam *ouvidio da velha*, o qual vos diviades a saber pelas quaes cousas bem parece que este poeta gentil asas profetizou de Jehsus xpõ e da sua ley e rraramente segundo avedes ouvido.»

Este poema o *Ovidio da Velha*, que appareceu no seculo XIV escripto em latim com o titulo *De Vetula*, passou muito tempo por anonymo. Hoje conhece-se o seu auctor, é Richard de Fournival. Hippolite Cocheris, tendo publicado em 1861 uma antiga traducção franceza de João de Lefevre, restituiu por uma critica engenhosa o nome do primitivo auctor. Ovidio e Virgilio foram os dois poetas mais dilectos da edade media. Virgilio era tido como o oraculo de toda a sciencia; os theologos viam n'elle um propheta, os juristas

um jurisconsulto; elle conservou nas escholas a tradição do bello e do sentimento antigo. Ovidio foi mais popular; as suas *Matamorphoses* agradavam á imaginação ávida de phantasmagorias: os pregadores serviam-se dos versos de Ovidio para moralisar. O extremo culto do vulgo por Ovidio deu causa a uma immensidade de obras apocryphas; o poema *De Vetula*, é um d'esses contos attribuidos no seculo XIII e XIV ao poeta. O *Ovidio da Velha* está dividido em tres cantos:

I Como Ovidio vivia quando não era amoroso. N'este ponto se ennumeram infindas puerilidades.

II Como elle vivia quando a velha lhe tramava falsas entrevistas.

III Como vivia quando não tornou a ser amoroso. N'este ponto o poeta se entrega a meditações philosophicas, astrologicas e religiosas.

A citação que se encontra no livro da *Corte Imperial* é tirada do canto III, como se verá pela doutrina. Como viria para Portugal o livro de Richard de Fournival? A *Vetula* fazia por certo parte da Livraria de João I. Correndo o catalogo de D. Duarte, vemos que no seculo XIV tinhamos relações directas com a França, e que os mercadores de Livros, cuja voga começava, se faziam pagar só por principes.

A parte que ainda hoje resta do cyclo troyano são os romances de Jorge Ferreira de Vasconcellos, que elle inseriu na sua novella cavalheiresca o *Memorial dos Cavalleiros da Tavola Redonda;* alguns d'elles, como o que começa:

No templo de Apollo Achilles

tem grandes analogias com o romance anonymo hespanhol, publicado no *Cancionero de Romances de Anvers*, em Lisboa em 1581, que principia:

Oh cruel hijo de Aquiles.

bem como o outro:

Ala que el sol se ponia

No romance da morte de Achilles, de Jorge Ferreira de Vasconcellos, se encontram tambem analogias com este outro do *Cancionero de Romances:*

En las obsequias de Hector.

Ao Cyclo greco-romano tambem se deve prender a historia da *Imperatriz Porcina* (1), romanceada por Balthazar Dias, que tirou a narração de Vicente de Beauvais do *Speculum historiale*, que é o unico dos escriptores da edade media que não attribue essa ficção a Carlos Magno. (2) Depois de fechado o cyclo da creação poetica, as nossas academias e philologos eruditos, querendo recompôr a historia nacional, adoptaram todas as ficções que andavam na imaginação dos povos da edade media, e as converteram em historia.

(1) *Floresta de Romances.* p. 104.
(2) *Historia da poesia popular portugueza.* p. 189.

A formação do reino de Portugal, quando as imaginações do periodo epico estavam em plena elaboração poetica, não podia deixar de offerecer assumpto heroico para um grande poema, quando principalmente a constituição d'esta nacionalidade se firmava sobre a destruição do dominio dos Arabes na Peninsula, pensamento que inspirava o genio francez e provençal. No poema de *Fierabras*, se encontra esta intenção; Gui de Borgonha é a personificação do Conde Dom Henrique; Floripar representa Dona Thereza; Agramene é uma allusão a Lisboa. (1) Fauriel foi o primeiro que presentiu este facto. Na analyse do romance de *Fierabras*, diz: «Creio entrevêr em algumas particularidades e no desfecho do romance de *Fierabras*, uma allusão romanesca á creação do reino de Portugal. Affonso VI, rei de Castella, conquistou em 1093 aos Arabes uma parte dos territorios entre o Douro e o Tejo, e d'elles fez um condado que deu com uma de suas filhas a Henrique de Borgonha, joven e valente senhor que viera em seu auxilio d'além dos Pyreneos; este condado chamado Porto-Cale, do nome da sua capital, engrandecido pelas conquistas do seu primeiro senhor, veiu a ser o reino de Portugal. Entre a fundação d'este reino e o desenlace de *Fierebras*, não ha, é verdade, relação alguma de datas ou de pessoas; mas cumpre considerar, que para os romancistas do seculo XII e XIII, toda a historia, tanto nacional como estrangeira, se reduz a algumas tradições cada vez mais alteradas e

(1) Fauriel, *Histoire de la Poesie provençale*, t. III, p 9.

falsificadas, sobre as quaes bordaram sem escrupulo, sem outro designio mais do que o de exaltar as imaginações contemporaneas. Fazer do reino de Portugal um reino de Agramene; de um Henrique um Gui de Borgonha; de uma filha de Affonso VI, uma princeza sarracena convertida; transportar para o oitavo seculo um acontecimento do seculo onze, tudo isto é quasi historico para qualquer d'esses romancistas.» (1) O caracter altivo de Dona Tareja tal como se conservou na historia está em harmonia com o retrato de Floripar, feito no poema; este facto ajuda a comprovar a grande lei discoberta por Fauriel: «que não ha epopêa primitiva que não seja por algum ponto a expressão de um acontecimento ou de uma idéa.» O romance de *Fierabras* ainda existe em lingua d'Oil e lingua d'Oc; por qualquer d'estas fontes poeticas se introduziu no cyclo medieval portuguez. Por este facto se vê que o genio mediévico nos indicava a poesia da nossa historia nacional, mas que o espirito erudito e latinista nos não deixou comprehender, nem seguir.

5. *Contos decameronicos*

São os contos da edade media a fórma da arte em que as linguas começaram a ser usadas na prosa.

O que nós fizemos ao velho poema de *Amadas*, fel-o tambem Boccacio, no *Decameron*, ás epopeas francezas

(1) Id. p. 29.

do seculo XII e XIII; fel-o insensivelmente o povo convertendo as narrações jogralescas em contos oraes. Coincíde esta transformação com a grande reacção do senso commum contra a prepotencia feudal e clerical; os contos são companheiros das revoltas communaes, e o espirito de aggressão revela-se n'elles pelo sarcasmo e pela desenvoltura. Na tradição portugueza andou o conto do *Rei Lear*, só agora descoberto. Havia uma forma de contos, que se narravam á meza dos grandes senhores, a que na edade media se chamou *rumor;* na baixa latinidade, esta palavra designa novella. Serão estes *rumores* ou novellas os que os menestreis cantavam á mesa dos principes, e que se usaram tambem entre nós, como se vê na descripção do festim pelo casamento do principe Dom Affonso, nos versos de Ayres Telles:

> Depois ledos tangedores
> A a vinda da princeza
> Fizeram fortes *rumores*....

Em uma poesia popular latina da edade media, se encontra:

> Ad mensam magni principis
> est *rumor* unius bovis; etc.

No *Ruodlieb*, tambem *rumor* vem empregado no sentido de *conto* e de novella. Du Méril, de quem tiramos estes factos, encontrou em Horacio esta mesma palavra com egual sentido. (1) No seculo XVI, na bella

(1) Du Méril, *Poesies populaires latines du Moyen-Age*, p. 127.

linguagem camoniana, *rumor* ainda tinha o mesmo sentido de conto, como o usou Ayres Telles:

> E junto donde nasce o largo braço
> Gangetico, o *rumor* antigo *conta*,
> Que os visinhos, da terra moradores,
> Do cheiro se mantem das finas flores. (1)

Os contos decameronicos tiveram tambem a sua forma em verso; foram os poetas provençaes que os inventaram, os chamados *novellistas* (noellaire.) D'este facto temos uma clarissima prova em Sá de Miranda, que cita a poesia provençal, e que conservou sob a forma de imitação a fabula da *Chuva de Maio*, inventada pela primeira vez pelo trovador Pedro Cardinal. O primeiro que descobriu esta origem foi Sismondi, repetiu-a Costa e Silva, mas nem um nem outro explicaram o facto, que parece anómalo e extravagante se desconhecermos as phases porque passou a tradição provençalesca em Portugal.

Dos contos da edade media, fala el-rei D. Duarte: «E da questa guysa erramos per este desassessego: se no tempo de orar e ouvir oficios dyvynos, nos conselhos proveitosos, fallamentos ou desembargos, *levantamos storias, recontando longos exempros.*» (2)

D. Duarte era essencialmente moralista; para elle os livros de *estorias*, ou Novellas de cavallarias eram mera diversão de passatempo, «para despender tempo ou se desenfadar com o livro *destorias*, em que o enten-

(1) Camões, *Lusiadas*, c. VII, est. 19.
(2) *Leal Conselheiro*, p. 192.

dimento pouco trabalha por entender ou nembrar.» (1)

Dom Duarte amava a moralidade por meio de *Exemplos*, isto é breves contos ou parabolas. No *Leal Conselheiro* vem uma d'estas, a que elle chama *das duas barcas*, e que mandou escrever pelo seu confessor Frei Gil Lobo: «huu conselho apropriado das *duas barcas*, que Frei Gil Lobo, meu Confessor, que Deus perdoe, screveo por mynha envençom e mandado, porque em huu fallamento assy lhe rasoei; e disseme que lhe parecia boa semelhança, porem lhe disse que o escrevessa, e nom lhe furtando seu trallado, a envençom foy minha sollamente, e porem em conta das cousas por mym feitas volla faço screver.» (p. 435) O Visconde de Santarem queixa-se de Barbosa não citar nem o manuscripto, nem o auctor de que fala D. Duarte; mas sem rasão, porque este *exemplo* das *duas barcas* é um simples capitulo do *Leal Conselheiro*, como se vê a pag. 447, cap. LRIIII. No mesmo livro tambem se cita o exemplo ou conto do *Filho prodigo*, tam vulgarisado em todas as formas da arte na edade media (2) A forma do *Exemplo* não é mais do que o grande uso dos contos populares introduzidos nos sermões a pretexto de aproveitar o gosto do vulgo para lhe incutir a moralidade. O *verna* do mundo antigo triumphou no burguez, cuja linguagem franca se tornou a prosa legal e vernacula; os que pretendem refrear o seu impulso de liberdade, tem de renovar os mythos

(1) *Leal Conselheiro*, p. 7.
(2) *Leal Conselheiro*, p. 81,

esópicos, e falar-lhe nas ficções dos *exemplos*. Passado este vento da liberdade, a egreja baniu os contos populares das prédicas.

A Reforma acabou com os *Exemplos* ou contos allegoricos nos sermões, que foram a alma das tradições da edade media. Calvino diz na *Epistola a Sadoleto*, que uma parte dos sermões até então se passava, «*em fabulas divertidas e especulações recreativas, para excitar e mover o coração do povo á jovialidade.*» Os nossos escriptores mysticos incorreram n'esta condemnação de Calvino; os seus livros são um manancial para a formação do Decameron portuguez; mas os contos divertidos e facetos tornaram-se historias tenebrosas e infernaes para aterrarem a multidão.

O povo volveu-se aos seus primeiros contos de fadas, em que, sem ter consciencia, fazia a sua terrivel historia nos seculos mudos. Jorge Ferreira de Vasconcellos, que sabia a linguagem do povo portuguez e todas as suas crenças, cita o conto da *Gata Borralheira*: «Pois eu tambem não quero *gatas borralheiras*.» (1) Gil Vicente repetiu o conto oriental da *Bilha de Azeite*.

Nos escriptos litterarios ainda de longe em longe se descobre alguma allusão ás collecções de contos mais vulgares da Europa.

Mestre André de Resende, antiquario de Evora, tambem era conhecedor dos contos que ainda se repetiam no seculo XVI, restos das tradições do *Gesta Ro-*

(1) *Ulissypo*, fol. 32. v.; e fol. 14.

manorum. Na vida do *Infante Dom Duarte*, contando como elle se fizera doente para escapar á lição do jurisconsulto Gaspar Moreira, põe estas palavras na bocca do Infante: «eu por não lêr me fiz doente, mas confesso-vos que quando vi o Cardeal assim torvado, foi a minha vergonha tamanha, que me alterei como vistes. Ora Senhor, leixemos a febre e falemos em coisas de passa-tempo. *Comecei-lhe então dizer patranhas graciosas*, com que o tornei alegre, etc.» (1) N'este tempo, como era de *peste e mui suspeitoso*, seguia-se o remedio adoptado nos jardins do Pampinea do Decameron.

Só no seculo XVI é que Gonçalo Fernandes Trancoso, colligiu os principaes contos da edade media, não com o espirito secular e revolucionario de Boccacio, Bandello, Bonaventure de Perriers, Streparole ou Luiz XI, mas com o intuito catholico de uma collecção de *exemplos* para pregadores. Na tradição popular temos encontrado bellas versões oraes, que tem origem em Rabelais no *Decameron*, no *Hitopadessa* e no *Gesta Romanorum;* recolher estes contos desenvoltos, longe de parecer uma degradação moral, seria fazer um grande trabalho de reconstrucção, mostrando á Europa o periodo decameronico do nosso povo.

Tanto na litteratura hespanhola como portugueza, dominadas pelo espirito auctoritario do catholicismo, e pela tradição viva das obras classicas da antiguidade,

(1) Cap. III.

os ramos interminaveis do *Roman du Renard*, não chegaram a lançar cá a sua florescencia. Apenas alguns vagos anexins fazem lembrar uma ou outra peripecia do grande poema das revoltas communaes e do sarcasmo da burguezia. Diz Du Méril: «Nos poemas do *Renart*, não podia haver outra superioridade real senão a argucia e a força, d'onde resultavam tendencias democraticas e anti-sacerdotaes, que os impediriam de adquirir uma grande popularidade nos paizes aristocraticos ou profundamente catholicos. Tambem os inglezes, os hespanhoes e os italianos não tiveram poemas do *Renart.*» (1) Em Portugal prevaleceu o mesmo principio, e se alguma coisa se conhece do *Renart* é por via das allegorias esópicas; em um Auto de Jeronymo Ribeiro fala-se em *raposias* no sentido de lôgro e argucia.

Recapitulação

O espirito *germanico* das epopêas da edade media revelou-se em Portugal na creação do Romanceiro dos *Mosarabes;* porem as epopêas heroicas desenvolvidas pelo genio francez não poderam encontrar condições para o seu desenvolvimento, por causa da excessiva admiração pela cultura latina, que atrophiou a espontaneidade das classes elevadas, taes com o clero e aristocracia. Apesar de tudo, vímos por este capitulo que a tradição litteraria da edade media não foi extranha

(1) *Poesies populaires latines anterieurs au XII siècle*, p. 26.

a Portugal; mas infelizmente esse mesmo modo como as epopêas francezas foram conhecidas, revela que não as comprehendiamos. Na *Chronica de Turpin*, acha-se citado o nome de Portugal. (1) Funesta lembrança teve o pseudo-chronista em recordar-se d'este nome, por que, pretendendo dar-se por contemporâneo de Carlos Magno, a palavra Portugal, desconhecida em todos os documentos anteriores a 1069, descobre o intuito da falsificação. (2) Um romance do Cyclo de Carlos Magno, pertencente ao ramo dos poemas da lucta com os seus vassallos, sobre o *Duque João de Lançam*, acha-se citado por Azurara: «ca sem embargo de so em todollos regnos fazerem geeraees cronicas dos rex d'elles, nom se deixa porem de screver apartadamente os feitos d'alguns seus vassallos, quando o grandor d'elles he assy natural de que se com rasom deve fazer apartada scriptura; assy como se fez em França do *duc Joham senhor de Lançam.*» (3) Azurara alludia a um poema carolino do seculo XIII, e não a nenhuma chronica ou historia; aconteceu-lhe o que se deu com Philippe de Mouskes na sua *Chronica rimada*, que o resumiu, attribuindo-lhe valor historico. Portugal foi talvez o unico paiz que ouviu falar da *Chanson de Jehan de Lanson*, apezar do que d'ella diz Leon Gautier: «Poucas canções ha que tenham tido popularidade

(1) Terram Portugallorum Dacis et Flandris dedit. *Chron. Turpinis*, cap. XVIII.

(2) Leon Gautier, *Les Epopées françaises*, t. I, p. 71.

(3) *Chronica da Conquista de Guiné*, p. 4, ed. de Paris.

menos vasta, e menos duravel. As nações estrangeiras não parecem tel-a conhecido, e não existe d'ella versão em prosa.» (1) Pelo facto de Azurara citar a *Canção do Duque João de Lançon*, se vê a pouca importancia que o cyclo carolino tinha em Portugal; primeiramente o poema pertence a esse cyclo de epopêas em que Carlos Magno é exposto ao mais pungente escarneo; em segundo logar, Azurara citando-o não o comprehendia, como o não comprehendeu tambem Philippe de Mouskes; e citou-o comparando-o á nossa bella *Chronica anonyma do Condestavel! Lanson*, heroe da familia de Judas e Ganelon, equiparado ao santo Nun'Alv'res!

Dom Affonso III não podia deixar de introduzir na sua côrte os costumes que observara em França; o que fez com os *Missi Dominici*, com certeza o faria abrilhantando as suas festas com os *jograes* francezes. Nas festas que se fizeram em Melun, quando Dom Affonso foi armado cavalleiro, o rei Sam Luiz deu cincoenta livras aos menestreis que a ellas assistiram; este facto acha-se conservado nos documentos para a historia de França, (2) e para nós revela a influencia que teria exercido admitindo a poesia franceza na côrte de Portugal. O uso da Çanfonha peculiar nos primeiros seculos de Portugal e ainda hoje popular na Galliza, leva-nos

(1) Leon Gautier, *Les Epopées françaises*, t. II, p. 249.

(2) *Historiens de France*, t. XXII, p. 24 de la préface; e p. 589. Apud Leon Gautier, *Les Epopées françaises*, t. I, p. 373, not. 2. Acham-se inscriptos 20 menestreis, pagos de 20 a 30 sous. (2,0,26, fr. 38 centimes.)

a presentir o canto das *Canções de Gesta* durante a primeira dynastia. Eis como em um Ms. da edade media se descreve a Çanfonha: «Chama-se em França Cymphonie um instrumento que os cegos tocam cantando a Canção de Gesta, e tem este bello instrumento doce som e mui agradavel de ouvir.» (1) Similhante ás *Ordonnances* francezas, que permittiam ao jogral passar as pontes satisfazendo a sua paga com uma canção, encontramos em Portugal uma disposição do tempo de Dom Sancho II, em que concede a dois jograes *Bonamis* (do francez *bon ami*) e *Acompaniado*, o lograrem uns casaes, pagando annualmente um *Arremedilho*. Segundo Viterbo, *arremedilho* era uma especie de comedia; hypothese inadmissivel, se nos lembrarmos que o facto se dá no seculo XII; no *arremedilho* ha a corrupção do velho termo *rumor*, com que no seculo XII se exprimiam os cantos recitados á meza dos principes, as Canções de Gesta e os contos.

Quando Dom Pedro I prohibiu os instrumentos musicos que não fossem a trompa ou a corneta, para não effeminarem os animos, seguia as disposições da Egreja, exaradas nas *Summas* do seculo XIII. Abrindo a *Summa Vitiis* de Guillaume Perrauld, vê-se a origem da disposição, apparentemente caprichosa de El-rei Dom

(1) Citado por Leon Gautier, *Les Epopées françaises*, t. I, p. 393: «On appelle en France cymphonie ung instrument dont les aveugles jouent *en chantant la chanson de geste*, et a cet instrument beaux doux son et bien plesant à oyr.» Jean Corbechon, *De Proprietatibus*, fl. 237, ms.

Pedro: «O ouvir canções é muito para se temer... Tambem são muito para se temer os instrumentos musicos, pois que tocam e amollecem os corações humanos.» (1) Da aproximação d'estes dois factos não se conclue que Dom Pedro I prohibisse a grande poesia popular; em uma *Summa de Penitencia*, préga-se a maior complacencia para os jograes que cantam Canções de Gesta, e condemnam-se os que cantam cantilenas lascivas. Tambem nas *Leis de Partidas*, que tiveram vigor em Portugal por este tempo, se prohibe a todo o bom cavalleiro ouvir outros cantos que não sejam de feitos de armas. Por todos estes tres factos inductivamente acreditamos na vulgarisação dos grandes cyclos epicos da França em Portugal. Quando o Conde Dom Pedro escreveu o *Nobiliario*, as allusões aos *doze Pares de França* eram tão usuaes entre os fidalgos, como no tempo de Dom João I as allusões frequentes aos personagens da Tavola Redonda.

Em uma citação dos *Livros de Linhagens*, em que se allude aos *Doze Pares*, se encontra o vestigio das Canções de Gesta francezas: «muitos rricos homeens que iam para lhes acorrerem disseram a el-rey dom Fernando que nunca viron cavalleiros nem ouviram falar que tam soffredores fossem e pozeram-nos em

(1) Apud Leon Gautier, *Les Epopées françaises*, t. I, p. 783: «Auditus cantionum valde est timendus... Musica etiam instrumenta multum sunt timenda: frangunt enim corda hominum et emolliunt, et secundum verbum sapientis, essent fragenda.» Fol. 28.

par dos *doze pares.*» (1) A creação dos Doze Pares apparece nas mais antigas canções de gesta francezas, taes como o *Chanson de Roland*, a *Viagem a Jerusalem*, e em *Renaud de Montauban* (2).

O texto portuguez em que se faz a referencia aos Doze Pares é do principio do seculo XIV; portanto é natural que qualquer d'essas tres epopêas fosse em Portugal conhecida. No *Karlamagnus Saga*, *Gui de Bourgogne*, *Otinel*, *Fierabras*, *Simon de Pouille*, *Ogier le Danois*, *Huon de Bourdeaux*, *Galien Restoré*, cita-se a instituição dos *Doze Pares;* estes poemas, como mais modernos, pouco teriam influido para a diffusão da lenda em Portugal, em um tempo em que começava o dominio absoluto dos poemas da Tavola Redonda.

Nos cantos populares portuguezes apparece de longe o espirito dos poemas da edade media, ás vezes revelado nas mais pequenas circumstancias da linguagem. No *Passo de Roncesval*, cantado em Traz os Montes, se fala:

Nos *portos* de mal passar. (3)

Nas epopêas francezas, *porto* tem o sentido de desfiladeiro, garganta do monte, fauce entre dois combros; assim se chamava ao desfiladeiro dos Pyrenneos. N'este sentido é usado na *Chronica de Turpin*, e na *Roman de Guarin:*

(1) Mon. Hist. *Scriptores*, fasc. III, p. 283.
(2) Leon Gautier, *Epopées françaises*, t. II, p. 184.
(3) Romanceiro geral, p. 89, n.º 34.

As *pors* d'Espagne s'en est entrez Roland. (1)

A verdade popular que resplandece n'este simples vestigio de uma dicção hoje não comprehendida, vale mais do que todos os documentos da litteratura culta. A moeda com que no seculo XIII se pagava aos jograes que vulgarisavam as Canções de Gesta, era uma especie de ceitil chamado *poitevine;* na nossa giria popular ainda se emprega a palavra *patavina* como signal do diminuto valor de uma cousa.

O Cyclo de Carlos Magno, não podia propagar-se em Portugal, não só pela exagerada influencia latina, senão tambem pela elaboração epica de Hespanha, aonde os heroes carolinos foram supplantados pelo Cid (2) e Bernardo del Carpio, e egualmente pela forma classica dada aos poemas da edade media na Italia por Pulci, Boiardo e Ariosto. Esta influencia italiana é evidente em Sá de Miranda, que cita Turpin, Roland, e Ogier le Danois, pela leitura dos classicos da Renascença:

Grandes cosas se cuentan de como a escuras
D'aquelles tiempos de vista *Turpino,*
A estranos cuentos orejas seguras

El hadado *Roldan, Reynaldo, Dino*
Que le fuera fortuna mas cortes
De sus riquezas, un tal Paladino.

(1) Factos recolhidos em Du Cange, *Gloss.* v. Portus, e interpretados por Fauriel, na *Hist. de la Poesie Prov.* t. III.

(2) Já no meado do seculo XV, Azurara cita «*os feitos do Cid Ruy Dias*», com certeza a *Chronica rimada*, anterior ao *Poema do Cid*. Vide *Chr. da conquista de Guiné*, p. 4, ed. de Paris,

Rogel, del ingenioso ferrares,
Tanto alabado, en tan sabroso estillo
Astolpho aventurero y vano ingles.

Camões tambem citava *Roldão* e o vão *Rogeiro*, através da influencia italiana, como se vê pela fórma: «E *Orlando*, inda que fôra verdadeiro.»

Quando Franco Barreto commentava estes nomes, procurava nas *Eneadas* de Sabellico as indicações historicas, em vez de indagar os poemas carolinos. Não obstante todo este exclusivismo classico, o povo foi nacionalisando os nomes dos paladins: de *Roland*, fez Roldão; de *Renaud de Montauban*, fez Reinaldos de Montalvão; de *Ogier le Danois*, Dones Ogeiro e Ogeiro o Dão; de *Olivier*, Oliveiros; de *Bauduin de Vannes*, Valdevinos; de *Richer*, Ricardo; de *Garin de Monglane*, Garinos; de *Naimes le Bavarois*, Duque Maime; *Gaifier de Bordeaux*, Gaifeiros; *Didier*, Dirlos; *Huon*, Dudão; *Eghinart*, Gerinaldo, Reginaldo e Eginaldo; de *Aude*, amante de Roland, Alda, usado nos nomes da nossa nobreza. (1) Por aqui se vê a assimilação popular, que foi abafada a ponto de se acharem reduzidos entre nós esses grandes poemas a truncadas *folhas volantes*.

Com a grande tendencia classica, a que obedeciamos, deviamos fatalmente adoptar aquellas poesias que mais recordassem a antiguidade grega ou romana; as-

(1) *Cancioneiro e Romanceiro geral portuguez*. t III, pag. 167; e t. V, pag. 66. No povo ainda se fala em *Ferrabras* (Fierabras) e em *Floripes* (Floripar).

sim é completa entre nós a influencia provençal. O poema provençal *Historia da cruzada contra os Albigenses*, fala na guerra de Portugal com Castella. Adoptámos tambem de preferencia os poemas cultos da Tavola Redonda e do Cyclo greco-romano. Temos um grande numero de lendas épicas em prosa sobre Dom Affonso Henriques; aconteceu-nos como á Provença, aonde se não perdera a tradição latina: aí abundavam as grandes lendas épicas, mas não poderam receber uma fórma poetica. Depois de termos visto, como a bella raça dos Mosarabes foi reduzida á esterilidade, estes factos bastam para deixar em evidencia como a tradição latina nos matou para sempre a originalidade.

Epopêas da Edade Media hypotheticamente conhecidas em Portugal, por isso que se acham imitadas na novella Amadís de Gaula, por Vasco de Lobeira.

Epopêas	
Meliadus de Leonnoys Partenopeus Fregus e Gallienne Histoire de Claris et Laris Helias (Ramo do Cavalleiro do Cysne) Chevalier à la Charette	Provamos detalhadamente no tomo III da *Historia da Litteratura Portugueza*, aonde se trata especialmente da formação do *Amadís de Gaula*.

QUADRO das Epopêas da Edade Media conhecidas em Portugal, ou que a elle se referem.

CYCLO	TITULO DOS POEMAS	SECULO	CONHECIMENTO OU ALLUSÃO
CYCLO CAROLINO	Fierabras	XII	Allusivo á fundação de Portugal.
	Chronica de Turpin	XII	Cita o nome de Portugal.
	Canção do duc Jehan de Lanson	XIII	Azurara, Chronica de Guiné.
	Amadas et Ydoine	XIII	Versão primitiva do Amadis de Gaula.
	Cruzada contra os Albigenses.	XIII	Refere-se a Portugal.
	Poema de Bertrand du Guesclin	XIV	Conhecido em Portugal segundo Renan
	Cavalleiro do Cysne }	XV	Citado em Ruy de Pina.
	Godofredo }		Citado no Cancioneiro Geral.
CYCLOS DA TAVOLA REDONDA E S. GREAL	Roman de Brut	XIII	Seguido no Nobiliario de D. Pedro.
	Livro de Joseph Abarimatia (1 P. da Demanda do S. Greal).	XVI	Visto em Lisboa, em 1846, por F. A. Varnhagem.
	Romanço de Lançarote do Lago (Fragmento do Santo Greal).	XIV	Ms. do tempo de D. João I, conservado na Bibliotheca de Vienna
	El-Rei Arthur, flôr de Lis	XIV	Citado por Fernão Lopes.
	Gauvain	XIII	Nobiliario do Conde D. Pedro.
	Tristão e Yseult	XIII	No Cancioneiro de D. Diniz
	Estorea de Tristão	XIII	Idem, e Livraria de D. Duarte.
	Merlim	XV	Citado por D. Duarte.
	Galaaz	XV	Idem, e por Fernão Lopes.
	Summa da Tavola Redonda	XIV	Na Chronica do Condestavel.
	D. Quea	XIV	Citado por Fernão Lopes.
	Brancaflor	XIII	No Cancioneiro de Dom Diniz.
	Viagem de S. Brendam	XV	Na Chronica de Guiné.
	Sem Ventura Isêa	XVI	Da vertão hespanhola de Reynoso.
CYCLO GRECO-ROMANO	Historia de Troya	XV	Na Livraria de Dom Duarte.
	Historia de Alexandre	XVI	Possuia-o Dom João de Castro.
	Guerra da Macedonia	XV	Na Livraria de Dom Duarte.
	Julio Cesar	XV	Idem, ibidem.
	Livro de Hanibal	XV	Idem, ibidem.
	Ovidio da Velha	XIV	Citado no Ms. da Corte Imperial.
	Historia de Vespasiano	XV	Existe na Bibliotheca de Lisboa.
	Livro de Salomão	XV	No Catalogo dos livros de uso de El-Rei Dom Duarte.

§ IV

PRIMEIRAS BIBLIOTHECAS PORTUGUEZAS

As Bibliothecas na edade media. — Testamento de D. Mumadona. — Santa Cruz de Coimbra. — Cabido do Porto. — Desembargador Mengacha. — Os livros encadeados *(concatenati.)* — Livraria de El-Rei Dom João I e Dom Duarte — D'onde vinham os livros para Portugal. — Influencia da côrte ingleza. — Relações com Hespanha. — Quadro da litteratura do seculo XV, em Portugal. — Testamento do Infante Dom Fernando. — A Livraria de D. Affonso V descuberta nas citações de Azurara. — Estado da litteratura no seculo XV, até á descuberta da Imprensa. — Os Judeos introduzem a Imprensa. — Livros celebres da edade media, que se conheceram em Portugal.

Ao abrir este capitulo sobre a Livraria de Dom Duarte e o estado da illustração portugueza deduzido das obras que se acham citadas nas memorias do tempo, não podemos deixar de nos servir da bella e santa fórmula de benção dos livros, usada nos mosteiros antigos: «Senhor! que a virtude do teu Santo Espirito desça sobre estes livros, que os purifique, os abençôe, os sanctifique, esclareça docemente o coração d'aquelles que os lêem, e lhes dê a verdadeira intelligencia; con-

cedei-nos tambem o conservar-nos fieis aos preceitos emanados da tua luz, cumprindo-os, segundo tua vontade, pelas boas obras.» (1) Sente-se n'esta fórmula o terror da liberdade da rasão, que se desprende da inercia theologica; os livros são o pômo vedado; quem ousará tocar o fructo sem que se lembre da sciencia de que fala o Genesis! A fórmula conservada por Martene, pressente o movimento critico da Renascença e da Reforma, mas não o condemna. Os livros exerciam um deslumbramento e fascinação; respirava-se a antiguidade. Os altos preços tornavam o livro um thezouro: as amisades estreitavam-se, confiando-os por emprestimo para extrair copias, e fazer leituras d'esses monumentos. A arte apoderava-se d'elles, illuminava-os, historiava-os, cravejava-os de diamantes e perolas, fechava-os com rendilhados feixos de prata. Os reis presenteavam-se mutuamente com preciosidades d'esta natureza.

O encanto, a magia que os livros produziam na alma dos espiritos ávidos de sciencia no seculo XV, é inexplicavel! Ricardo de Bury, em 1344 dizia, falando de Paris, aonde se especulava com as copias dos escriptores antigos: «Ali estão as Bibliothecas mais suaves que todos os perfumes, ali vergeis aonde florescem innumeraveis livros; além, os prados da Academia, os passeios dos peripateticos, as alturas do Parnaso, o portico dos stoicos; ali reina Aristoteles, o arbitro da arte,

(1) Martene, *De antiquis ritibus Eclesiae*, L. II, cap. 22.

como da sciencia, o unico oraculo da melhor doutrina n'esta região sublunar; ali, Ptolomen e Genzachar medem por figuras e numeros o epicyclo e a excentricidade dos planetas; ali Paulo revela os mysterios, Denys coordena e distingue as hyerarchias; ali, tudo quanto Cadmo e os Phenicios inventaram de grammatica está representado em letras latinas pela virgem Carmente; ali, abertos os nossos thesouros, desatados os cordeis de nossas bolsas, sentimo-nos felizes por espalhar o dinheiro, e affigura-se-nos que os livros inapreciaveis nos custam apenas um pouco de terra e de pó.» (1)

Que lyrismo, que effusão verdadeira da alma diante d'esse banquete da intelligencia! Traduzimos essas linhas, não para apresentar, como Victor Le Clerc, o quadro da actividade litteraria de Paris, mas para aproximal-as das expressões de Dom Duarte, aonde brilha o mesmo sentimento: «E posto que aa primeira pareça nom sentirem proveito de o veer nem ouvir, saibbam que o leer dos boos livros e boa conversação faz acrecentar o saber e virtudes, como crece o corpo, que nunca se conhece, senom passando per tempo: de pequeno que era se acha grande, o delgado fornido; e assy com a graça do Senhor o boo studo, filhado com boa tençom de simpres faz sabedor, do que bem nom vive, temperado e virtuoso. E de tal leer avemos tres

(1) Vid. *Hist. Litt. de França*, por Victor Le Clerc, t. I pag. 319.

proveitos: primeiro, despender aquelle tempo em bem fazer; segundo, acrecentar em boa sabedoria; terceiro, por o cuidado, quando estiver occioso, avendo lembrança do que leeo nom se occupar em alguns nom boos pensamentos, ante retornando ao que aprendeu acrecentar em boo saber e virtudes.» (1) Em outro logar diz o rei: «E para esto me parece cousa bem proveitosa estudo de bons livros, em que a vontade se torne a pensar, cessando dos outros proveitosos pensamentos em que he duvydoso aturar continuadamente. E quem houver desejo, per si novamente screver algua cousa, que mal nom seja, nem se dando mais a tal estudo, ou screver por fogir aos necessarios cuidados e trabalhos que a seu stado convém, val para este descorrymento da vontade, e para tirar nojos, sanhas, fantesias, e acrecentar sempre com a graça de Nosso Senhor Deos em boo saber e virtude.» (2)

No seculo XV, reinava em França uma actividade espantosa no commercio e reproducção manuscripta de Livros. No capitulo LXIII cita Hugo, do qual diz o Visconde de Santarém: «O conhecimento que elrei Dom Duarte tinha de muitas obras compostas em França, nos faz acreditar que este auctor, que elle cita, é Hugo de Sam Victor...» (3) Os Livros que Azurara cita, entre elles o *Regimento de Principes*, vinham

(1) *Leal Conselheiro*, pag. 7.
(2) Idem, pag. 74.
(3) Idem, pag. 349, not. 1

na maior parte de França; já desde o seculo XV que os francezes se empenhavam em traducções. É notavel a predilecção que a lingua franceza achava em quasi todas as côrtes. As divisas dos nossos cavalleiros eram em francez. Brunetto Latini no seculo XIV, elogia a lingua franceza, e no seculo XVI dizia Frei Luiz de Sousa, o purista da lingua portugueza: «era n'aquelle tempo a lingua franceza estimada e corrente entre os principes por cortezam e polida.» Na Livraria de Dom Duarte figuram os mais bellos exemplares da poesia franceza, que foi a unica poesia dos povos da Europa, a contar do seculo XII: *Merlim*, *Galaaz*, *Tristam*, *Historia de Troia*, *Julio Cesar*. Azurara cita o *Lancelot do Lago*, Dom Diniz cita *Blanchefleur*, e *Iseult*, bem como se memóra por vezes no *Cancioneiro geral* de 1516. O livro de *Vespasiano*, ainda hoje se encontra na Bibliotheca de Lisboa.

Na Livraria de Dom Duarte nota-se que uma grande parte dos livros são traduzidos; no corpo da obra do *Leal Conselheiro*, o monarcha dá noticia dos diversos livros que mandara traduzir; Tito Livio, Valerio Maximo, Seneca, e a Biblia estavam em vulgar. Assim se usava nas livrarias seculares. Nas bibliothecas religiosas das Communidades os livros eram quasi sempre os originaes, principalmente sendo latinos. (1)

(1) «As bibliothecas do clero possuiam de ordinario os auctores latinos em original; os seculares em traducções.» Victor Le Clerc, *Hist. Litteraire de la France*, t. I, p. 355.

Os exemplares dos livros antigos, que, antes da descoberta da imprensa, eram uma especulação dos copistas, costumavam ser comprados no mercado estrangeiro por intervenção das Feitorias, e por ellas remettidos para a livraria dos reis de Portugal. «Estas Feitorias, diz João Pedro Ribeiro, precederam á invenção da Typographia no seculo XV; pois tendo todas de remetter para a Livraria d'El-rei as obras que se fossem publicando, succedeu virem as primeiras edições até triplicadas e quadroplicadas e assim permaneceram até os nossos dias. Entre ellas, a primeira edição de Plinio, já tão rara no seculo XVII, que Harduino, aproveitando-se d'ella, deu maior valor á sua nas correcções ás que lhe precederam, como se a tivesse feito de Codices manuscriptos, sendo colhida d'aquella do seculo XV, e como se verifica da sua confrontação.» (1) Por esta mesma via julgamos ter sido feita a acquisição da Livraria de Dom Duarte, fundada com parte dos livros que recebera de el-rei Dom João I, seu pae; foi, com certeza, o commercio externo, florescente no seculo XIV e XV, o qual fazia tratados com os reis de Inglaterra, como o de Duarte III em 1354, que vulgarisou entre nós os livros mais celebres da antiguidade e da edade media. Visitemos agora pela sua ordem as velhas Bibliothecas portuguezas:

No testamento de Dona Mumadona, de 959, deixou ella ao mosteiro de Guimarães, os seguintes livros:

(1) *Reflexões philologicas*, n.º 4, p. 11, not. a.

«*Viginti libros ecclesiasticos. Antiphonarios* III.[os] *Organum. Comitum. et manuale Ordinum. psalterios Duos. passionum et precum. Biblioteca. moralium. regulas* II.[as] *Canonem. Vitas patrum cum gerenticon. Apocalipsin. Etimologiarum. Istoria ecclesiastes. Dedeca psalmorum virorum illustrorum et sub una cortex regula beati pacomii. passionarii Ambrosii. Benedicti, Isidori. et Fructuosi. et regula puellarum et alium libellum quod continet it est regulas Benedicti. Isidori. et Fructuosi. liber dialogorum. Institutionem beati effrem. Libello quod continet vita beati martini episcopi. et virginitate beate marie virginis.*» (1) No Testamento de S. Martinho de Frexeneda do anno 976, vem citados: «libros ecclesiasticos et spirituales.» (2)

Do Mosteiro de Sam Rufo foi mandada para o Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra a seguinte collecção de livros:

— Santo Agostinho, *Commentario a Sam Joham Evangelista, e ao genesis:*

— *Praticas sobre o Evangelho de Sam Matheus e Sam Lucas.*

— O *Exameron* de Santo Ambrosio.

— O *Pastoral* de Santo Ambrosio.

— Beda, *Sobre Sam Lucas.*

«E enviaromnos santo agustinho *sobre Joham evangelista*, e sobre o *genesy*, que se chama adliteron, questom sobre sam mateu e sam lucas, e o examerom de

(1) *Mon. Hist. Diplomata et Chartae*, vol. I, fasc. I, p. 64.
(2) Id. ib., p. 66.

santo ambrosio, o pastoral de santo ambrosyo, beda sobre sam lucas pelas quaes cousas somos muito obrigados ao convento de sam Ruffo, ca nos ajudou sempre muito bem» etc. (1)

No seculo XIV, encontra-se memoria da existencia de uma livraria do Cabido da Sé do Porto. Eis o que se lê no *Catalogo dos Bispos do Porto:* «No anno de Christo de 1331, em dois de Maio.... fez o bispo D. Vasco doação á Sé do Porto, de certos livros, que se guardassem na sua livraria, e que se não pudessem nunca vender ou empenhar; mas se algum Capitular os quizesse ler em sua casa, deixasse um penhor, para que se lembrasse de os restituir brevemente: os nomes dos livros vão escriptos na mesma doação, e de alguns d'elles temos agora bem pouca noticia.» (2)

Além da Bibliotheca de Dom Duarte, temos noticia da existencia de outra, que o desembargador Diogo Affonso de Mangacha legou por seu testamento a um Collegio que deixou que se fundasse em Coimbra: «*E que os meus livros se ponham por cadeias dentro das ditas casas.*» Tambem diz: «entre as obras de Barthold e sobre o Digesto *tenho hum Chino* em pergaminho, apenhado do Doutor Joaham Pereira, por 1,500 r.» (3)

(1) Vida de Dom Tello, escripta por Mestre Alvaro da Mota da ordem dos pregadores, tornado em linguagem na era de Christo de 1455.

(2) Obr. cit. p. 94, da Parte II; aí cita a existencia d'esta doação no *Censual do Porto*, fol. 120 a 127.

(3) J. P. Ribeiro, *Dissert. Chron.* t. II, Doc. n.º XVI, pag. 260.

No *Leal Conselheiro*, capitulo LVIII, mandou el-rei Dom Duarte inserir um tratado de Diogo Affonso, sobre a prudencia. O Visconde de Santarem, nas *Memorias para a Historia e theoria das Cortes*, (1) diz, que foi este desembargador, que em 1439 fez o discurso da corôa (oração de Proposição) nas cortes de Lisboa de 10 de Dezembro. Era costume da edade media fechar os livros em armarios; em 1329 o Cardeal Michel du Bec deixou os seus livros aos Carmelitas sob condição de os encadearem (*incatenentur*). (2) *Catenatus*, quer dizer, segundo Le Clerc, os livros guardados para uso commum. Isto se confirma com a phrase de Mangacha. No catalogo da Sorbona de 1338, vem o titulo do livro, o doador, e o custo; (3) no testamento de Mangacha dá-se a mesma circumstancia, marcando o preço e o primeiro possuidor.

Os livros eram presos por uma cadeia á estante em que se costumava lêr; d'este modo se evitava a subtracção. Vulgarmente a phrase *catenar* um livro, longe de tornar defeza a sua leitura, significava o facultarlhe o uso ao publico.

No seu testamento o infante Dom Fernando descreve o livro, se é de papel, começado a usar no tempo de Dom Diniz; indica a sua proveniencia: «Item um livro de papel por latim de muitas cousas mysticas que foi do Thesoureiro de Evora.» No Catalogo de

(1) Tom. I, p. 24, n.º 97.
(2) Victor Le Clerc, *Hist. litteraire*, t. I, p. 339.
(3) Id. p. 345.

*

Dom Duarte por vezes vem marcada a proveniencia, ou o copista. Assim se usava na catalogia da edade media, como teremos occasião de notar.

O Infante Santo deixou a Fernão Lopes, sem escrivão de puridade, o livro intitulado *hermo espiritual.* Um livro era um dos mais ricos presentes, d'aqelles bons tempos. Os mais altos personagens não se pejavam de pedir livros emprestados. Em 1345 o Duque de Normandia pedia a Pierre des Essarts um livro que continha o *Saint Graal*, *Merlim* e a *Conquista de Jerusalem* por Saladino. (1) Dom Duarte cita no *Leal Conselheiro* bastantes livros que se não acham no catalogo dos seus livros de uso.

Não será mau dizer o preço de certos livros, que se acham cotados nos catalogos de alguns reis e principes do seculo XV, e que tambem foram possuidos por Dom Duarte, ou conhecidos em Portugal:

— *Troye la grant.* 32 livres parisis. Vid. N.º 71

— *Lancelot du Lac.* 125 livres (Em 1404 custou 300 escudos de ouro.)

— *Tito Livio*, 150 livras tornezas, e 500 livras um exemplar illuminado.

— Um *Tito Livio* e um Boecio, custaram em 1397 ao Duque de Orleans, 337 livras e 10 soldos tornezes.

— A traducção latina das nove partes de Aristoteles, em 1340 custara a um religioso de S. Bertin 21 soldos.

(1) Victor Le Clerc, *Hist. litt.* pag. 193, t. I.

Nos livros de Jean de Saffres, em 1365 acham-se os seguintes preços, de livros que tambem enriqueciam a livraria de Dom Duarte: Vid. N.º 32.

—*Merlim*, 15 gros. Vid. N.º 71.

—*Troie* la graut, 12 gros.

—*A Rosa*, 4 florins.

—*Galaaz*, 4 florins. Vid. N.º 35.

—Um caderno de *Tristam*, 1 florim, e um outro *Tristam*, 20 francos de ouro. (1) Vid. N.º 29.

No seculo XIII, um Codigo custava cincoenta maravedís e umas Decretaes egual quantia; soubemol-o pelo testamento do Bispo do Porto Dom Julião II, feito em 1298: «*Item mandamos Velasco Facundi Thesauraris Ecclesiae Portucalensis, quinquaginta marabitinos, in quibus emat unum Codicem legalem. Item mandamus Petro Fernandi Canonico nepoti nostro, quinquaginta marabitinos, in quibus emat unum velumem Decretalium.*» (2)

Uma das principaes Bibliothecas da edade media, foi a que El-Rei Dom Duarte formou no seu palacio; era rival na qualidade da de Carlos VI e de Luiz duque de Anjou. Formada em parte com os livros que pertenceram a Dom João I, foi constantemente enriquecida pelas encommendas ás nossas feitorias nos principaes mercados da Europa. Dom Duarte era um perfeito amador de livros; desgraçadamente não teve o

(1) Victor Le Clerc, *Hist. litt.* pag. 335, t. I.
(2) *Catalogo dos Bispos do Porto*, pag. 59.

prazer de assistir á descoberta da imprensa, que tanto veiu augmentar a Biblioteca de seu filho Affonso v. O catalogo dos seus livros foi pela primeira vez publicado nas *Provas da Historia Genealogica* (1) com o titulo: *Memoria dos livros de uso d'El-rei Dom Duarte, a qual está no livro antigo da livraria da Cartuxa d'Evora, donde a fez copiar o Conde da Ericeira, Dom Francisco Xavier de Menezes.* Para que se conheça a grande importancia d'esta sumptuosa livraria portugueza do seculo XV, aqui reproduzimos o catalogo, numerando-o, e acompanhando os titulos mais salientes com uma noticia bibliographica:

1 — O Pontifical.

2 — Marco Paulo, latim e linguagem em 1 volume.

Este livro já era conhecido em Portugal desde 1428, epoca em que Dom Duarte começou a escrever o *Leal Conselheiro.* Foi trazido de Veneza para Portugal pelo Infante Dom Pedro. O visconde de Santarem suppõe que Azurara se servisse d'este manuscripto para a sua Chronica, que foi escripta antes de 1453, porque a edição das viagens de Marco Polo é de 1484. Azurara cita-o na *Chronica da Conquista de Guiné* para comprovar os costumes orientaes. (2) «Este livro, diz o citado visconde de Santarem, que aliás exerceu gran-

(1) Tomo I, pag. 54, — Tambem no *Leal Conselheiro*, edição de Pariz, pag. XX XXII.
(2) *Op. cit.* pag. 227.

de influencia nos descobrimentos, não só era lido nos principios do seculo XV pelos nossos sabios, mas até uma das mais antigas traducções que d'elle existe é a portugueza, publicada por Valentim Fernandes, com a viagem de Nicolau Veneziano, etc. dedicada a el-rei Dom Manoel, Lisboa 1502, 1 volume em fol. gothico, que existe na bibliotheca publica de Lisboa.» (1) Na Livraria de Dom Duarte já existia uma traducção do exemplar trazido pelo infante Dom Pedro.

3 — Viatico.

4 — As Collações que escreveu João Rodrigues.

Collações que foram do arcebispo de Sam Thiago (N.º 8.)

Livro dos Padres Santos, que foi de João Pereira (N.º 76.)

As Collações de letra pequena (N.º 79.)

Estes quatro volumes são uma só obra; designam o livro ascetico, composto por Sam João Cassiano, que se intitula *Collações dos Santos Padres*. Era lido em todos os claustros da edade media, e Dom Duarte tanta estima fazia d'elle. que não se contentava de possuir um exemplar sómente. Na Regra de Sam Bento vem recommendada a leitura das Collações: «*Lagat unas Collationes, vel vitas Patrum.*» A vida dos Padres do deserto era escripta por Sam Jeronymo, o Plutarco do christianismo, e tambem existia na livraria reli-

(1) Id. ibid.

giosa do Infante Dom Fernando o Santo. No cap. III do *Leal Conselheiro*, cita Dom Duarte as divisões que os philosophos faziam da vontade: «no livro das *Collações dos Santos Padres*, se demostra que geralmente som quatro.» Em outro logar cita o nome do auctor do livro: «E antes convem no tempo da paz viver como nos conselhou Sam Joham...» (Pag. 30) Em outro logar cita: «E o primeiro, que pertence ao temor, no *livro das Collações* se apropría á fé...» (Pag. 40) Dissertando sobre a vangloria, cita outra vez as *Callações dos Santos Padres*, e o livro dos *Estatutos*, escripto tambem por Sam João Cassiano, que o monarcha cita pelo seu nome «sam Johan Casyano.» (Pag. 75.) A pag. 77, cita outra vez o *livro das collações*. A pag. 83, cita ainda o livro das *Collações*, em que traz o conto de um monge doestado pelos infieis para mostrar a excellencia da sua relegião. Outra vez a pag. 109, dissertando sobre a tristeza; este capitulo XVIII é todo tirado de S. João Cassiano. O cap. 41, como o auctor confessa, é tirado *do livro das collações* (Pag. 228).

5 — **Miracula Sanctorum.**

Este livro assim intitulado é a *Legenda Aurea*, de Jacques de Voragine, escripta no seculo XIII; a grande admiração dos credulos é que deu este titulo aureo ao livro, que apenas se chamava *Lenda dos Santos*. Antiquissimas traducções francezas, italianas e inglezas tornam provavel que fosse este o livro que enriquecia a livraria de Dom Duarte, aonde se encontra tudo o que andava mais em voga na edade media.

6 — **Blivia** (Biblia).

A Biblia manuscripta era incontestavelmente o livro mais rico de todas as livrarias, não só pela sua grandeza, como pelos trabalhos de illuminura, ourivesaria, e encadernação que o revestiam de um luxo inexcedivel.

7 — **Breviario.**

É natural que fosse do rito *mosarabe*, por isso que o rito romano só começou a ser imposto, no reinado de Affonso v. Attendendo ao gosto litterario que se nota na livraria de Dom Duarte, e á sua predilecção pela fórma encyclopedica, é provavel, que este livro seja o *Breviario de Amor*, de Matfre Ermenguau, escripto em 1288, no qual trata a historia do mundo, a theologia, a medicina, a botanica, o direito, a philosophia, a moral, a zoologia, em 27000 versos de redondilha. Sobre este livro, de que existem varias copias, vêr Frederic Diez, *Der Troubadours*, pag. 222, da ed. franceza.

8 — **Collações que foram do Arcebispo de Sam Thiago.**

Acham-se citadas no *Leal Conselheiro*, a pag. 23. Vid. supra, N.º 4.

9 — **Dialectica de Aristoteles.**

Livro devido á influencia da litteratura e sciencia dos arabes em Portugal; imprimiu á philosophia por-

tugueza o caracter scholastico que tanto resplandeceu no seculo XVI entre os Commentadores conimbricenses.

10 — **Dialectica de Avincena.**

Por uma citação da *Corte Imperial*, e por esta se vê quanto a litteratura e sciencia arabes eram conhecidas em Portugal. No celebre Ms. de Dom João I, vem longas passagens de *Koran*, quando na Europa ninguem ainda o tinha lido. Qualquer livro de Avincena era julgado no seculo XIV *valde sumptuosum et grave.*

11 — **Valerio Maximo.**

Talvez o original latino. Vid. infra, N.º 51.

12 — **Epistolas de Seneca com outros Tratados.**

Durante a edade media tinha-se como certo a existencia de relações estreitas de amizade entre Sam Paulo e Seneca; foi esta tradição que salvou os seus manuscriptos. As *Epistolas*, no dizer de José de Maistre, com leves alterações mereciam ser declamadas de um pulpito por Bourdaloue ou Massillon. Dom Duarte era profundamente christão; o livro de Seneca entrára na sua livraria, uma das mais ricas antes da descoberta da imprensa, com todo o respeito que cerca a doutrina de um apostolo. (1) Os christãos dos primeiros seculos publicaram diversos tratados em nome

(1) Esta questão do christianismo de Seneca, e das suas relações com S. Paulo, está largamente tratada por Amedée Fleury, *Saint Paul et Senèque*, 2 volumes.

de Seneca; tal é a origem do tratado *De Superstitione*. Muitas das tragedias de Seneca foram representadas nos claustros da edade media; e na renascença do Theatro moderno, os escriptores italianos, francezes e portuguezes não se inspiraram de Eschyllo ou Sophocles, mas simplesmente de Seneca. As *Epistolas* de Seneca são escriptas a Lucilio; n'ellas se encontra a mais pura das philosophias, aquella que não pertence a eschola alguma, e se deriva toda do coração. Com estas *Epistolas* andavam juntos outros tratados apocryphos e anonymos, formando com o texto de Seneca, um livro com o titulo de *Seneca Christianus*. As *Epistolas* julgam-se escriptas imaginariamente por Seneca a Lucilio; é uma ficção empregada para expôr a sua philosophia prática.

13 — **Regimento de Principes.**

Este livro pertenceu á livraria de Dom João I; elle o citou aos seus cavalleiros em Ceuta em 1415. O *Regimento de Principes* é o livro do *Gouverment des Princes*, escripto por Gilles de Rome para Philippe o Bello. Gilles foi Bispo de Burges, e o primeiro monge agustiniano que se doutorou em Paris (1). Dom Duarte lia-o com frequencia: «o livro do *Regimento de Pryncipes*, que compoz Frei Gil de Roma.» (2)—« E diz no Livro do *rregymento de Pryncypes*, que por trez cousas pertence aos Rex e Senhores seer prudentes...»

(1) Victor Le Clerc, *Hist. litt. de la France*, t. I, p. 61, 83, 84.
(2) *Leal Conselheiro*, p. 282.

(1) Em outro logar cita: «o livro do *regimentos dos Principes*, em que se declaram os peccados e fallicimentos que pertencem a todos os estados, oficios e hydades.» (2) Vid. infra o N.º 33.

14 — Pastoral de letra antiga.

Livro de Sam Gregorio, como se conhece por duas citações do *Leal Conselheiro:* «como diz Sam Gregorio no seu livro *pastoral.*» (3) E mais adiante: «mando aquy tralladar dous capitullos do dicto livro *pastoral*, que fez Sam Gregorio sobre a virtude da liberaleza.» (4)

15 — Declaraçam sobre as epistolas de Seneca.

Seneca foi tido durante a edade media como philosopho christão, que sentira a verdade do Evangelho no seio do paganismo, assim como Virgilio. A *declaraçam sobre as epistolas* era talvez algum commentario feito pelo proprio monarcha. Dom Duarte no *Leal Conselheiro* cita-o com frequencia. (5) Vid. o N.º 12.

16 — Agricultura que foi de João Pereira.

Talvez uma traducção *De re rustica* de Collumella.

(1) Id., p. 288.
(2) Id., p. 191. — Vêr a importante nota da *Chronica de Guiné*, p. 259, not. 1, pelo Visconde de Santarem.
(3) Op. cit., p. 207.
(4) Id., p. 240.
(5) Op. cit., p. 49, 242, 251, 258, 313, etc.

Dom Duarte possuia outro exemplar, herdado de seu pae. (Vid. N.º 57.) Dom Duarte não se esquece de indicar a proveniencia dos seus livros. D'este mesmo João Pereira, recebeu elle o *Livro dos Padres Santos*. (Vid. N.º 74.) Naturalmente é este mesmo o Doutor Joham Pereira a quem o Desembargador Mengacha comprou o *chino em pergaminho*.

17 — **Livro da Quinta Essencia.**

Um dos muitos livros de Alchimia, que Dom Duarte ainda respeitava. Vid. o N.º 25.

18 — **Hum livro pequeno, que começa:** *Si cupis esse memor.*

Este livro é um tratado de mnemonica chamado *Ars magna*, de Raymundo Lullo, muito usado na edade media. A este livro allude Dom Duarte, nas palavras: « E per o saber da *arte memorativa*...» Assim entende o Visconde de Santarem (not. 1, p. 11). Dom Duarte era versado nas doutrinas de Raymunde Lullo, como se vê pelo *Leal Conselheiro:* « e aynda que os Raymonistas muito demonstrem.» (p. 205). E em outro logar: « ca mestre Reymon, em huu livro que fala da enteençom primeira e segunda...» (ib., p. 394).

19 — **Outro dito, que começa:** *Domine meo illustri potenti do comité Nicalao Petroldo.*

Desconhecido.

20 — **Os Cadernos da Confissão, que escreveu João Calado.**

Talvez uma versão do inglez do livro de Gower *Confessio Amantis*, imitado por Dom Duarte no *Leal Conselheiro*. (Vid. N.º 30.) Ou talvez as *Oras da Confissão*, compostas pelo Infante Dom Pedro. Vid. N.º 44.

21 — **Livro dos Evangelhos.**

Talvez o que traduziu sua irmã Dona Pelippa de Lencastre, que foi freira. Os livros da Escriptura deleitavam immensamente, pela graça dos contos e pela moralidade. Estes livros chegaram a ter auctoridade nos tribunaes. Ordinariamente convergiam para elles todas as attenções dos illuminadores, que os historiavam, e dos ourives, que os recamavam de pedras e lhes fundiam bellos feixos de argentaria. Sob o ponto de vista artistico era a livraria de Dom Duarte bastante rica. Vid. N.º 6, 22 e 23.

22 — **Actos dos Apostolos.**

Uma das primeiras traducções portuguezas, feita antes do pensamento de vulgarisação suscitado pela Reforma, mas em Portugal pressentido pelo espirito dos mosarabes.

23 — **Genesy.**

Vid. N.ºs 21 e 25.

24 — **Historia geral.**

Este livro é a *Historia Geral de Hespanha*, mandada traduzir por Dom Diniz. Em Coimbra, em 1863, o doutor Antonio Nunes de Carvalho começou a publicar este livro, copiado em Parìs na Bibliotheca Imperial. Eis o seu titulo: *Historia geral de Hespanha, composta em Castelhano por El Rei de Leão e Castella Dom Affonso, o Sabio, trasladada em Portuguez por el rei Dom Diniz ou por seu mandado, e continuada na parte que diz respeito a Portugal até ao anno de 1455, no Reinado d'El rei Dom Affonso V.*

25 — **Livro de Salomão.**

Não é nenhum livro solto do velho Testamento, mas algum d'esses numerosos escriptos attribuidos ao sabio Rei durante a edade media. Segundo Eusebio (*Preparatio Evangelica*), Salomão escreveu ao Rei do Egypto Vaphra, e ao Rei de Tyro, Sidon e Phenicia, duas cartas, mandando-lhes pedir obreiros para o Templo. Fabricio as colligiu dos velhos manuscriptos e as publicou na sua collecção dos *Codex Pseudepigraphi Veteris Testamenti*. Segundo Josephus, o rei de Tyro dirigiu a Salomão varias perguntas enigmaticas, que seriam talvez no gosto dos *Dialogos de Salomão e Marculpho*, tam populares na Europa da edade media. Attribuem-se a Salomão immensas obras de demonologia, interpretação de sonhos, magia e alchimia. Os troveiros deliciavam-se em arranjar enigmas, e de os resolver em nome de Salomão. Marculpho era um

rustico que lhe fazia as perguntas e muitas vezes embaraçava o Rei. Na Bibliotheca do Rei encontrou Du Cange um supposto Testamento de Salomão. Por estas simples indicações se póde vêr qual a natureza do livro que enriquecia a bibliotheca de Dom Duarte. Para esta questão póde-se vêr: Champolion, *Magasin Encyclopedique*, 1815, t. II, p. 383; Meon, *Fabliaux*, t. I, p. 426; *Analetabiblion* du marquis D. R., t. I, p. 182; e Gustave Brunet, *Les Evangiles apocryphes*, p. 358 (1863).

Não se deve de entender que seja algum dos livros da Biblia, como Proverbios ou Cantares; no Catalogo de El-Rei Dom Duarte dá-se o nome de *livro* ordinariamente ao que é romance ou novella; assim *Livro* de Tristão, *Livro* do Conde de Lucanor, *Livro* de Galaaz, *Livro* da Conquista do Ultramar. O *Livro de Salomão* é essa legenda rabbinica, vulgarisada na Europa no seculo XII, a qual fazia de Salomão o centro de toda a sciencia da Magia, com o espirito da qual se escreveu os dialogos do rei com um certo Marculpho, personificação do espirito burguez. O *Livro de Salomão*, é, no nosso entender, esse dialogo attribuido ao Conde de Bretanha; Salomão diz um pensamento profundo, e Marculpho não cessa de retorquir-lhe com uma verdade egualmente profunda, mas contraria. Exemplo: «Quem muito dorme pouco apprende.» Contrario: «Antes burro vivo, que letrado morto.» — «Faze bem não cates a quem. — Não faças bem não, te virá mal.» Dom Duarte era poeta, como se vê não só pela sua

traducção em verso da oração de *justo juiz*, como pela nota do seu *Cancioneiro*, hoje perdido; nada mais natural do que, como principe poderoso, ter comprado os principaes livros da poesia do seculo XII, XIII e XIV. Le Roux de Lincy considera este livro como formado pelos escholares das Universidades no seculo XII, aproximando o nome de Marculpho como uma corrupção de *Marco*, d'aquelle que se julga ser o auctor dos Proverbios do Catão.

26—**Chronica de Espanha.**
Talvez o original do N.º 24.

27—**Dita de Portugal.**
Talvez as Chronicas de Fernão Lopes, ou antes a continuação da *Historia geral*, «na parte que diz respeito a Portugal.» Vid. N.º 24.

28—**Livro dos Martyres.**
Por ventura algumas *Acta Sanctorum* ou Agiologio. Pouco interessante.

29—**Livro de Tristam.**
O arrebatado Carlos VI, lia estes romances do *Saint Graal*, *Lancelot do Lago* e *Tristam;* para elle traduziu João Galeim o *Regimento de Principes* de Frei Gil de Roma, bem como a vida e os feitos de Julio Cesar. Isto em 1397. No Catalogo de Dom Duarte se acha esta

mesma litteratura; o monarcha cercara-se de todos os livros que então formavam a educção de um principe.

Ao mesmo Carlos VI, vencedor de Roosbeke, dedicou Honoré Bonnet o livro da *Arvore das Batalhas*, que figura na livraria do nosso rei Dom Duarte.

Na livraria de Luiz, Duque de Anjou, havia uma traducção de Valerio Maximo; da *Cidade de Deos* de Santo Agostinho; da *Vida dos Padres;* da *Politica* de Aristoteles, e do *Regimento dos Principes*. As mesmas riquezas possuia El-Rei Dom Duarte e seu irmão Dom Fernando. Na livraria de Luiz, Duque de Anjou, tio de Carlos VI, existiam tambem dois exemplares de Valerio Maximo; Dom Duarte tinha egualmente dois exemplares. Luiz XII trouxe da Italia, entre outros volumes de Visconti e dos Sforza, um livro em que estavam reunidos o *Saint Graal*, *Merlim*, e os *Sete Sabios*. O romance de *Merlim*, tambem estava na Livraria de Dom Duarte, e é natural que andasse adjuncto a outros romances do mesmo cyclo. O *Tristão* é com certeza uma versão anglo-normanda em prosa.

30 — O Amante.

O livro do *Amante*, é naturalmente uma versão do livro *Confessio Amantis*, collecção de contos de John Gower. As relações da Côrte Ingleza, por intervenção do casamento de Dona Philippa de Lencastre com Dom João I, assim como vulgarisaram cá os romances da Tavola Redonda, tambem podiam vulgarisar o livro do contemporâneo de Chaucer.

O titulo da obra é o seguinte: «*Confession Amantis, that is to saye in englisshe the Confession of the lover, made and compyled* by John Gower, squyre. London, 1838. in-fol.—Nos livros do uso de El-rei Dom Duarte vem citadas duas obras que nos parecem formar um unico livro: *Os cadernos da confissão, que escreveu João Calado*, e o *Amante*, citado dez linhas abaixo. Dom Duarte, cita o Livro do *Amante*, o qual imitou na maneira de colligir os preceitos moraes do *Leal Conselheiro:* «Fiz tralladar em el alguns capitullos doutros livros, por me parecer que fariam declaraçons e ajuda no que screvia. E no começo d'elles se mostra donde cada huu he tirado, filhando esto exemplo d'aquel aúctor do *livro do amante*, que *certas estorias em elle screveu*, de que se filham grandes boos conselhos e avisamentos.» (p. 609.) Esta citação prova a verdade da nossa hypothese.

A *Confissão do Amante* é um longo poema inglez de John Gower, formado de uma grande selecção de contos de origem franceza, e imitações de João de Meung. Elle extrae assumptos de Ovidio, dos velhos poemas francezes Lancelot, Tristam, Amadas, Partenopeus de Blois, e mesmo cita Dante. O Visconde de Santarem diz: «É para sentir que o auctor deixasse de indicar algumas vezes o nome dos auctores dos livros que cita. Este silencio porem nos indica que a leitura do livro do *Amante* era então mui seguida, que El-rei julgava sufficiente o titulo do livro, pois todos os litteratos conheciam o nome do auctor.» (pag 9, not. 2.)

31 — **Livro de Montaria que compilou o virtuoso Rei Dom João.**

Este livro passou para a livraria d'el-rei Dom Duarte, que d'elle fala: «E semelhante o muy excellente e virtuoso Rei, meu Senhor e Padre, cuja alma Deos aja, fez huu *livro das horas de Santa Maria*, e *salmos* certos para finados, e outro da *Montaria*.» Por esta citação do *Leal Conselheiro* se vê que Dom João I além de escriptor era tambem compositor. O *Livro da Montaria* é talvez extractado do *Livro de la Monteria*, que mandou escrever Affonso XI. (Vid. N.º 65.)

32 — **Merli.**

Romance do cyclo da Tavola Redonda, introduzido em Portugal pelas relações de Dom João I com a côrte ingleza. Andava quasi sempre juncto com o livro de *Tristão*. (Vid. N.º 29.)—No *Cancioneiro geral* cita-se muitas vezes *Merlim*, e as suas prophecias estão na Torre do Tombo. Assim como aportuguezámos os nomes dos paladins carolinos, o mesmo fizemos com os de Arthur: *Myrdhinn* é a fórma bretã de Merlim.

33 — **Regimento de Principes.**

Este livro já se acha repetido no N.º 13, o que nos leva a suppôr que seria um exemplar proveniente da Livraria de el-rei Dom João I, que herdou seu filho el-rei Dom Duarte; e o segundo exemplar era a traducção feita pelo Infante Dom Pedro, da qual fala Barbosa Machado na *Bibliotheca Luzitana*. O snr Hercu-

lano diz que fôra mandado traduzir pelo Infante Dom Pedro. (1)

34 — Segredos de Aristotiles.

Este livro é a obra intitulada *Secretum secretorum*, que, como diz Warton: «É uma obra cheia de tolices, que a edade media attribuiu sem escrupulo a Aristoteles.» Andou traduzida em latim, de um supposto original grego, e em arabe; restam bastantes exemplares manuscriptos. O da Bibliotheca imperial de Paris, pertencente ao seculo XIV, diz que Aristoteles compozera esta obra na sua velhice, narra os prodigios que fizera, provando que subira para o céo em um carro de fogo. O livro foi traduzido em hebreu, em italiano, em inglez, em francez, em flamengo, e pelo titulo do catalogo da livraria de El-rei Dom Duarte se vê, que tivemos tambem uma traducção portugueza. No seculo XII, tambem andou bastante em voga uma traducção em verso, de Pedro de Vernon. (2) No *Leal Conselheiro*, vem duas vezes citado: «cá tal rey louva muyto Aristotilles no seu livro *de Secretis Secretorum*, e nom sem razon.» (Pag. 176 e 301.)

35 — O Livro de Galaaz.

Romance de cavalleria do cyclo da Tavola Redonda; era no seculo XIV lido e tomado por modello das

(1) *Panorama*, t. IV, p. 7.

(2) De la Rue, *Recherche sur les bardes*, t. II, p. 359, 362. — *Violier des Histoires Romaines*, (edição elzeviriana) p. 430.

virtudes da cavalleria pelo Condestavel Nuno Alvares Pereira, como se sabe pela sua *Chronica anonyma;* os cavalleiros portuguezes no cerco de Coria, como conta Fernão Lopes, tambem o citaram a Dom João I. Vid. *Historia da Poesia popular portugueza*, part. II, p. 161. Vid. supra § III, p. 142.

36 — O Livro da Cetraria por Castellão.

Original castelhano da traducção portugueza possuida por Dom João I. Vid. N.º 55.

37 — O Livro das Trovas de El-rei Dom Diniz.

No seculo XV o Marquez de Santillana na sua Carta ao Condestavel de Portugal, lhe diz que se lembrava de o ter visto em criança em casa de sua avó Dona Mecia de Cisneros. Provavelmente seria este o exemplar recolhido na livraria de Dom Duarte, se é que não ficou talvez em Hespanha, como podemos crêr pela revelação de Varnhagem, que descobriu na mão de um alto personagem uma copia exacta da que existe em Roma. O exemplar portuguez perdeu-se, e mesmo offuscou-se de todo a noticia d'elle; sómente no reinado de Dom João III é que foi de novo achado na Bibliotheca do Vaticano, aonde existe actualmente sob o n.º 4804 d'onde foi copiado pelo Visconde da Carreira, e publicado em Paris em 1847 por Caetano Lopes de Moura, contendo 177 cantigas do monarcha-trovador. Este Cancioneiro completa hoje o quadro da nossa poesia provençal jogralesca, junto com o *Cancioneirinho de trovas antigas*, publicado por Varnhagem.

38 — **Livro da Corte Imperial.**

Esta obra pertenceu á livraria de el-rei Dom João I, e quasi que a podemos attribuir á penna d'este illustrado monarcha; é uma obra no gosto mystico das novellas de cavalleria celeste. Da livraria de Dom Duarte passou para os frades de Santa Cruz de Coimbra, d'onde veiu para a Bibliotheca do Porto, depois da extincção dos conventos. Para que se faça uma ideia d'este preciosissimo monumento da nossa litteratura, aqui apresentamos pela primeira vez o indice e parte do prologo.

Ms. 803 da Bibliotheca do Porto. Livro de pergaminho in-4.º grande, de 134 folhas. Foi da Livraria de Santa Cruz de Coimbra. Lê se na folha do titulo:

«*Este livro he chamado corte enperial o qual livro he dafom Vasques de calvos morador na Cidade do porto.*»

Segue-se o index:

Este livro he chamado corte enperial em que he desputada a ffé christam com os Judeos, e mouros segundo claramente se mostra nos capitolos em esta tavoada escriptos. por saber a quantas folhas faz além do primeiro prologo.

O codice termina com esta rubrica: *In finitum esto librum quem is escripst abeat paradissum. Amen.*

O caracter da letra varía bastantes vezes, bem como a qualidade da tinta, que em varios sitios está alterada. Eis o Prologo da *Corte Imperial* e a razão do titulo do livro:

«Em nome de deus, de nosso senhor ihu x.º sem o qual toda cousa he vaidade. A fim principal porque o ho home he creado he esta, para se nembrar do senhor deus e para o amar, e para o entender. E como sei a verdade que quanto ho home mais conhece deus tanto se pode nembrar dele, e tanto o pode mais amar e servir e honrar. Porem para o senhor deus seer mais e melhor conhecido e entendido he composto este livro que he chamado *corte Imperial* e tal nome lhe he feito porque asy como na corte do Rey e do emperador ou doutro alto principe sooe aa seer trautados os grandes negocios e os altos feitos e as arduas questões determinadas, asy este livro trauta de grandes cousas e de muy altas questões assy como da essencia de Deos e da trindade e da encarnação divinal e d'outras materias proveitosas para conhecer e entender o senhor deus segundo o poder da fraqueza humanal, provando todo por autoridades da santa scriptura cõ declarações e exposições de doutores e per razões evidentes e necessarias e dizeres de barõees sabedores (declarados) (1) de latim em liguagem portugues cõ protestaçom de correições e emenda da santa Egreja e doutra qual-

(1). (interlinea.)

quer pessoa que o melhor entender.» (Segue-se uma invocação a Deos.)

Na folha dois supponho encontrar o nome do auctor do livro: «E em as tuas pessoas divinaes da que eu pecador *iohan* do começo este livro nõ como auctor e achador das cousas em elle contheudas, mas como simples ajuntador d'ellas em huu vellume.» O manuscripto n'este ponto acha-se um tanto respansado; a palavra *iohan*, se é que outra cousa se não lê, ajuda a hypothese de que a obra seja de Dom João I, e que como tal se acha no catalogo de Dom Duarte.

O livro começa: «Reaes cortes fez o celestial emperador por grande proveito e honrra de todo o senhorio. Estas cortes foram feitas em huu campo muy grande e muy fremoso todo comprido de verdura e de flores de muytas e desvayradas collores e de precioso odor. E todo o campo era cercado em redor de muytas arvores muy fremosas, que davam fruytas muy doces e muy saborosas e de muytas guisas. E arredor do campo corriam muytas aguas muy lympas que saíam de muy claras fontes, que em aquelle campo naciam...» E por este theor segue uma formosa descripção do sitio, e da gerarchia dos personagens que entre si argumentavam dos mysterios da fé.

39 — **Livro da Lepra.**

Algum tratado de Medicina da eschola arabe. Vid. N.º 10.

40 — **Livro de Logica.**

Provavelmente a *Summula* de Pedro Julião, por isso que se cita sem nome de auctor, por sêr o livro mais vulgar nas escholas da edade media. No Catalogo de Dom Duarte não acontece assim com Aristoteles e Avicena. N.os 9 e 10.

41 — **Livro das Pregações.**

Talvez a *Summa Predicantium* do theologo John Bromyard, do seculo XIV; o livro é uma collecção de contos ou conceitos predicaveis, em ordem alphabetica, tirada do *Gesta Romanorum.*

42 — **Libro das Meditações de Santo Agostinho e das Confições.**

Existia tambem na livraria do infante Dom Fernando. Dom Duarte o possuía em duplicado. N.º 68.

43 — **Caderno das Commemorações.**

Talvez os assentos particulares de Dom Duarte, com referencia a datas, como elle costumava.

44 — **Livro das Oras do Espirito Santo.**

Obra liturgica.

45 — **Cadernos das cidades e villas de Portugal.**

Talvez uma primeira tentativa de Cadastro.

46 — **Livro da Virtuosa Bemfeitoria.**

Existe na Academia Real das Sciencias: «Á vastissima colheita que estes livros offerecem, poderiam ajuntar-se muitos outros subsidios tirados de outros *ainda agora ineditos, dos quaes occorre mencionar a* Virtuosa Bemfeitoria *do Infante Dom Pedro, de que existe copia na Academia*, etc.» (Adv. da 2.ª edição do Elucidario, p. III) No *Leal Conselheiro* tambem se acha citado este livro, indicando o nome do auctor (P. 169): «e o Infante Dom Pedro, meu sobre todos prezado e amado irmão, de cujos feitos e vyda som contente, compoz o *livro da virtuosa bemfeitoria* e as horas da comfissom.» E mais adiante; falando da virtude da liberaleza, diz: daquesta virtude no *livro da virtuosa bemfeitoria*, que meu sobre todos prezado e amado irmão o Infante Dom Pedro compoz, he bem e largamente trautado.» (P. 173.)

47 — **Livro das Ordenações dos Reis.**

Hoje publicado com o titulo de *Ordenações del-rei Dom Duarte*, nos *Monumentos historicos* da Academia.

48 — **O livro dos Officios da casa de algum rei.**

Era uma compilação de alguns titulos tirados da lei de *Partidas*, com referencia ao pessoal da casa real; na Bibliotheca de Alcobaça existiu um livro intitulado *Regimento de El-rei Dom Diniz dos Soldados e Familiares de sua casa.* Os sabios editores das Ordenações Affonsinas, dizem que este Regimento tinha o nome de Dom Diniz, por ser formado dos excerptos da tradução das *Partidas*, mandada fazer por este monarcha.

Dom Antonio Caetano de Souza tambem publicou nas Provas da Historia genealogica outra versão do *Regimento dos Officios da guerra e casa*, not. IV, prova 161. Quando Dom Duarte mandou o desembargador Ruy Fernandes formar as primeiras Ordenações, entregar-lhe-hia por certo este livro que hoje figura nas Ordenações Affonsinas, achado em um manuscripto do Porto, faltando nos manuscriptos da Merceana e de Santarem. O titulo vago com que se encontrava no Catalogo de Dom Duarte, denota apenas que se não julgava sêr da côrte de Dom Diniz, mas só extractado da lei geral da Peninsula, a lei de *Partidas*. No manuscripto do Porto, o titulo é tambem vago: *Regimento dos Officiaes da Casa real*. Este livro andava solto, e depois de formada a compilação Affonsina continuou a andar distincto, por isso que se encontra citado nas *Decisões* de Cabedo, que não conheceu estas Ordenações. (1)

49 — **Bartolo.**

As obras de Bartholo, seriam talvez trazidas para Portugal por João das Regras na sua volta da Universidade de Bolonha. No seculo XIV os reis estimavam em muito estes commentadores do direito imperialista. Cabe aqui apresentar alguma noticia sobre o preço dos livros juridicos no seculo XIV:

Em 1318 o arcediago de Tulle, compra um Decreto de Graciano por 66 livras.

(1) *Ord. Affon.* Prologo, t. I, pag. XV.

Em 1374, em Paris, Jean de Beauvais livreiro, vende as Decretaes por 34 francos sem o commentario de Henri do Bohic.

Em 1333, as Institutas custam 30 soldos parisis.

Em 1340, em Tolosa as Pandectas custaram 30 livras pequenas.

Em 1333, em Avinhão venderam-se:

Disgetum Vetus, 28 florins.

Infortiatum, 32 florins.

Disgetum Novum, 16

Em 1358, um Digestum Novum em Paris é pago por 8 dinheiros de ouro. (1)

50—**Marco Tullio, o qual tirou em linguagem o Infante Dom Pedro.**

Vide N.º 59.

51 — **Livro da Guerra.**

Talvez uma traducção portugueza do livro de Vegecio, *De Re Militari*, por isso que no *Leal Conselheiro* (p. 290) cita Vegecio *lyvro da cavallaria*.

52 — **Livro do Conde de Lucanor.**

É o livro mais importante de Dom João Manoel; collecção de quarenta e nove contos, imitações do gosto oriental, tirada em parte da *Disciplina clericalis*. O *Conde de Lucanor* encerra muitas anecdotas, que se

(1) Vide Le Clerc, Op. cit. t. 1, pag. 325.

transmittiram depois nas collecções da edade media; são designadas com o nome de *Exemplos*, titulo conservado por Gil Vicente e Sá de Miranda. Embora não tivessemos o *Gesta Romanorum*, as fontes d'esta celebre collecção encontram-se na livraria de Dom Duarte; taes são Cicero, Seneca, Valerio Maximo, o *Conde de Lucanor* e a *Conquista de Ultramar*. Diz Gustave Brunet: «Em Hespanha e na Italia, não se encontram traducções inteiras do *Gesta Romanorum*, mas a litteratura d'estes dois paizes reproduziu muitas vezes a influencia das narrativas que formavam esta collecção.» (1) Os mesmos se entende com Portugal.

53 — **Julio Cesar.**

Julio Cesar como typo poetico figura em um poema da edade media intitulado *Le Roman de Auberon*, aonde o dão por filho de Brunehaut, e neto de Judas Machabeu; Julio Cesar faz uma peregrinação á côrte do rei Arthur, casa com a fada Morgue, irmã do rei, e tem dois filhos S. Jorge e o anão Oberon. (2) Por aqui se vê como Julio Cesar era comprehendido pelos troveiros da edade media.

54 — **Conquista de Ultramar.**

Narrativa das guerras da Terra Santa mais novellesca do que historica. Uma parte é traduzida de Gui-

(1) *Violier des Histoires romaines*, p. XXXVII.
(1) Leon Gautier, *Les Épopées françaises*, t. I, p. 369.

lherme de Tyro; o caracter do heroe principal é fundado sobre as aventuras do *Cavalleiro do Cysne;* attribue-se a Affonso o Sabio; Ticknor e outros, entendem que elle apenas mandara fazer esta compilação. A *Gram Conquista de Ultramar*, continuou a ser conhecida no reinado de Affonso v, por isso que vem por muitas vezes citada no *Cancioneiro geral.* Jorge Ferreira tambem cita esta collecção:

> assy o diz outro texto
> na *conquista d'ultramar.*
> *Canc. geral,* t. III, p. 531.

55 — Livro da Cetraria, que foi d'El-rei Dom João.

Talvez alguma obra de Affonso o Sabio. Dom Duarte no *Leal Conselheiro*, pag. 169, cita todas as obras d'este monarcha com louvor. Este livro é dos que formavam a Bibliotheca de D. João I. Vid. N.os 31, 57 e 58.

56 — Orto do Sposo.

Este livro a não ser alguma novella allegorica, parece uma traducção do *Cantico dos Canticos*. Pelo menos o versiculo: *Lectulus noster viridis*, dá logar a esta hypothese, bem como: *vineam meam propriam non custodivi*. A Donzella dos Cantares compara a sua belleza a uma vinha: «eu tenho a minha formosura e a minha innocencia, que são o meu *orto*, a minha vinha, que eu soube guardar.» D'estas citações se vê que *Orto do Sposo* é um titulo metaphorico, que compete perfeitamente ao *Cantico dos Canticos*, o qual não teve pri-

mitivamente este titulo, (1) achando-se allusões em Jeremias que o designam pelo titulo de *Voz do Esposo.*

57—**Agricultura, que foi d'El-Rei D. João.**

Em vista do grande empenho que os nossos monarchas mostravam em possuirem traducções dos livros da antiguidade, é provavel, que a *Agricultura* seja a obra do agronomo Siculus Flaccus, que tambem ornava a livraria de Carlos v de França. Sobre a egualdade entre os livros dos nossos reis com os reis de França, vid. N.º 29.

58—**Arvore das Batalhas.**

Livro escripto por Honoré Bonnet, prior de Salons de Cran, nascido na Provença; viveu no tempo de Carlos VI. Esta obra foi impressa pela primeira vez em 1481, em Leão; (2) era bastante vulgar no seculo XV. Quando *Tirante el Blanco*, adormecido sobre o seu cavallo, foi dar a uma ermida aonde Guilherme, conde de Warwich, fazia vida solitaria, achou-o lendo a celebre novella de cavallaria que se *intitula Arvore das Batalhas.* Este livro foi lido por El-rei D. Duarte que o cita: «nossa fe se pode creer sem myllagres com tantas mortes de santos, heresias, ypocrisias, cysmas, symo-

(1) Renan, *Cantique des Cantiques*, p. 92.
(2) Hist. de l'Academie des Inscriptions e Belles Lettres, t. XVIII, vem uma excellente noticia do abbade Sallier — P. Paris, *Les Ms français de la Bibliotèque du Roy*, t. V.

nyas, como d'ellas em somma se faz mençom no *livro da arvore das Batalhas.*» (1)

59—Marco Tulio.

O N.º 49 indica-nos uma traducção de um tratado especial de Cicero, *De Officiis*, pelo Infante D. Pedro; a presente citação designa com certeza as obras completas, por que no *Leal Conselheiro* vem citado o tratado *De Amititia* (2), e outros tratados, que mostram ser a doutrina de Tullio vulgarisada em Portugal. (3) É porem mais certo ser uma traducção mandada fazer por D. Duarte a Affonso de Carthagena, Bispo de Burgos, a qual hoje existe na Bibliotheca do Escurial. (4) Eis como o cita Ferreira Gordo: «Livro de Março Tulio Cicero, llamado la retorica, trasladado em Romance por el muy Reverendo D. Affonso de Carthagena, bispo de Burgos a instancia del muy esclarecido Principe Dom Duarte, Rey de Portugal.»

60—Livro das Trovas d'El-Rei Dom Affonso, encadernado em couro, o qual compilou F. de Montemor novo.

São as canções de Affonso o Sabio em numero de quatro centas e uma, em versos de seis e doze syllabas, imitações da poesia provençal, escriptas em dialecto galleziano. Ticknor, *Hist. da Litt. hesp.* c. III, p. 40.

(1) *Leal Conselheiro*, p. 86.
(2) Idem, p. 242.
(3) Id., p. 246, 248, 256, 258, etc.
(4) *Mem. de Litter. portug.* t. III, p. 88.

Dom Duarte faz na sua catalogação a historia d'este livro, mostrando que o Cancioneiro fôra colligido por um portuguez. É de crêr que não tivesse a disposição conhecida.

61 — **Valerio Maximo, em Aragoez.**

Vem citadas as obras d'este escriptor romano no *Leal Conselheiro*, cap. L, ácerca da prudencia, justiça, temperança, e fortalleza. (Pag. 282.) Vid. N.º 11.

62 — **Guerra de Macedonia.**

Novella do cyclo greco-romano. Vid. o § III: *Epopeas da Edade Media em Portugal*, p. 180.

63 — **O Livro da Romaquya.**

Será porventura o conto colligido por Dom João Manoel no *Conde de Lucanor*, cap. XIV. Vid. N.º 52.

A Romaquya era a mulher do Rei Ben Avit, de Sevilha. Que era novella sabemol-o, pela regularidade com que no catalogo de Dom Duarte se chama *livro* a esta ordem de escriptos. Talvez se escrevesse este titulo *Romachia*, e fosse uma versão portugueza do *Gesta Romanorum*, que na edade media se traduzia caprichosamente: *Violier des histoires romaines*, etc.

64 — **Capitulos que El-Rei Dom Duarte fez quando em boa hora foi Rei.**

As actas e artigos das côrtes em que foi jurado rei, depois da morte de Dom João I.

65 — Livro de Monteria por castellão.

É o original da traducção que possuia Dom João I. Vid. N.º 31.

66 — Livro de papel velho que trata dos costumes dos homens e de outras cousas.

É muito provavel que seja esta obra o pequeno livro de Seneca *De Moribus*, que é um centão dos pensamentos moraes escolhidos nas obras do philosopho. Porem este tratado *De Moribus* é attribuido por Curion, Fabricio e Ernesti a Sam Martinho da Braga, e como tal impresso na *Bibliotheca veturum Patrum.* (1) O tratado *De Moribus*, segundo Amedée Fleury, fazia parte de um tratado chamado *Formula honestae vitae*, dedicado por Sam Martinho de Braga ao rei Mirou. (2) O facto d'esta juncção, explica-se no titulo dos *Costumes dos homens e de outras cousas*, o que justifica a nossa hypothese.

67 — O Acypreste de Fysa.

As obras do celebre Juan Ruiz, mais conhecido pelo nome de Arcipreste de Hita, e contemporaneo de Dom João Manoel, no reinado de Affonso XI. Os seus versos, de uma forma variadissima, tem uma grande desenvoltura, proveniente das imitações dos *Fabliaux* francezes. É de todos os poetas da Peninsula o que

(1) Tomo X, p. 385.
(2) Saint Paul et Sénèque, t. I, p. 15 e act. I.

mais representa a influencia da lingua d'Oil. As suas poesias trazem numerosos *exemplos* ou contos, como o *Conde de Lucanor*. É natural que houvesse em portuguez uma tradução do Arcipreste de Hita, por isso que o apologo do *rato e da montanha* foi achado em uma folha de pergaminho de um livro de Santa Cruz de Coimbra, trazido para a Bibliotheca do Porto pelo sr. Diogo Kopke, e hoje depositado na Bibliotheca Nacional.

68 — **Livro de Anibal por portuguez.**

Por certo, novella de cavallaria do cyclo greco-romano. Dom Duarte tambem allude a elle no *Leal Conselheiro*, pag. 297.

69 — **Livro de Montaria.**

Pela simplicidade do titulo, talvez o *Libro de la Monteria*, de Affonso XI. Vid. N.º 31 e 65.

70 — **Um livro das Meditações de Santo Agostinho, que trasladou o moço da Camara.**

Dom Duarte cita um pensamento de Santo Agostinho ácerca dos que querem gosar a alegria dos Santos sem soffrer os trabalhos. (*Leal Conselheiro*, p. 33.) Donde se vê que Dom Duarte consultava todos os livros que possuia. Vid. o N.º 42.

71 — **Hestoria de Troya por Aragoes.**

É sem duvida o livro intitulado *Historia Trojana*, Guidonis de Columpnis, que vem citada no Catalogo dos Manuscriptos da Bibliotheca do Rei, (t. II, pag.

232.)—Guido de Columpnis, era siciliano e viveu pelo seculo XIII.—Fabricius, na *Bibliotheca da Meia Edade*, (t. II, p. 131, col. 2) fala de uma edição da *Historia de Troya*, feita em Colonia, em 1477. Mr. de la Porte du Theil, traz na interessante noticia sobre este autor, as variantes do *Ms. 5696* confrontadas com a edição existente na Bibliotheca do Rei.

O livro de Guido dalle Colonne foi terminado quando muito em 1285; é uma imitação de Pseudo-Darés. Ha muitas outras versões, todas posteriores a 1438, epoca da morte de Dom Duarte. (1) A historia de Troya vem citada tambem no *Nobiliario* do Conde Dom Pedro: «E per esta razon moveramsse todas as gentes das terras, e veerom sobre a Troya e teveromna, cercada dez annos. E ouve hi grandes fezendas e mortes, grandes cavallarias, assi como falla na *ssa estorea.*» (2)

A *Historia de Troya* foi conhecida em Hespanha por causa da profunda erudição do Chanceller Lopes de Ayala, que a tornou conhecida na Peninsula. No retrato que d'este grande historiador deixou seu sobrinho Fernam Peres de Gusman, se lê: «Amava muito as sciencias, e entregou-se bastante aos livros e historias, e tanto, que apesar de ser um bom cavalleiro e

(1) A bibliographia do Cyclo troyano da França, Italia, Inglaterra e Allemanha, está feita por Du Meril, *Poesias do seculo XII*, p. 32.

(2) *Mon. Hist. Scriptores*, vol. I, fasc. II, p. 236.

de grande discrição na pratica do mundo, foi comtudo tão inclinado á pratica das sciencias, e passava a melhor parte do seu tempo a ler e a estudar, não obras de direito, senão de philosophia e de historia. Por sua causa foram em Castella conhecidos livros que d'antes o não eram, taes como *Tito Livio*, que é a mais digna leitura romana, a *Queda dos Grandes*, os *Moraes de Sam Gregorio*, o livro de Isidoro *De summo bono*, de Boecio, a *Historia de Troya.*» (1) Ayala em 1385 foi captivo na batalha de Aljubarrota, vencida por Dom João I; este monarcha devia conhecer os seus grandes meritos litterarios revelados anteriormente no seu desterro em Inglaterra, e é natural, que assim como conversava com os seus cavalleiros sobre litteratura citando o *Regimento de Principes* e os romances da *Tavola Redonda*, recebesse do chanceller Ayala noticia de alguns livros que mais tarde se encontram na Livraria de Dom Duarte. Cremos que a *Historia dé Troya* de Guido dalle Colonne, romance tirado de Darés Phrygio, fossê introduzida em Portugal por Pero Lopez de Ayala, bem como muitos dos livros de Litteratura hespanhola que enriqueceram a livraria de Dom Duarte. Ayala, durante o captiveiro em Portugal teve azo para distrações litterarias, por isso que sendo prisioneiro escreveu o livro intitulado: *De la Caza de las aves, de sus plumages e dolencias e amalecimientos.*

(1) Noticias de la calidad y circumstancias de Dom Pedro Lopez de Ayala. — Chronicas, t. I, p. 26.

72—**Livro de Rumelião.**

Novella de cavalleria, hoje desconhecida.

73—**Livro d'Estrologia.**

Astrologia judiciaria, da eschola arabe ou de Ptolomeu.

74—**Livro de resar d'El-Rei em que está a Confissão geral.**

Talvez o *Livro das Oras de Santa Maria*, feito por seu pae Dom João I, citado no *Leal Conselheiro*, pag. 169. É provavel que esta Confissão geral, que lhe estava appensa, seja tambem o *Livro das Oras da Confissão* escripto por seu irmão o Infante Dom Pedro.

75—**Livro das Trovas de El-Rei.**

Dom Duarte era tambem poeta; d'elle existe a Oração do *Justo Juiz*, conservada no *Leal Conselheiro*. Pelo seu Catalogo vemos que se perdeu totalmente o livro ou Cancioneiro dos seus versos.

76—**Livros dos Padres Santos que foi de João Pereira.**

Vid. N.º 4 e 8.

77—**Livro da Primeira Partida.**

Fragmento do *Septenario* de Affonso o Sabio, codigo conhecido com o nome de *Sete Partidas*, compilado das Decretaes, do Digesto, do Codigo Justinianeo e do Fuero Juzgo.

78—Dous livros de Martins Pires.

Estas obras vêm citadas no *Leal Conselheiro*, de modo que podemos formar uma ideia do seu conteúdo. No cap. LXVI, diz: «vy em huu livro que se chama, *verdades da theologia*, huã (repartição) dos peccados, que me pareceo bem, a qual vos mandey tornar em nossa linguagem, e aquy screver por averdes delles mais comprida enformação. E dos pecados que pertencem a cada huu estado, em huu lyvro, que fez huu, que se chama Martym Perez, he feita boa declaraçom, segundo vos já demostrei; e quem d'elles quyzer aver comprida enformaçom veja o dicto livro, porque lhe dará pera ello grande ajuda.» (1) É natural que um d'esses dois livros de Martim Pires fosse uma traducção da *Summa das verdades da Theologia:* «Avendo scripta esta repartiçom dos pecados suso declarada, vy a que diante se contem em huu livro, que chamam *Soma das verdades da Theologia;* e por me bem parecer, para poderdes aver desto mayor conhecymento, a mandei tornar do latym em nossa linguagem e aqui tresladar...»(2) E mais: «segundo se poderá veer em huu livro de Martym Pires, em que toca os pecados que pertencem aos senhores de mayor e mais somenos estados...» (3)

79—Collações de letra pequena.

Vid. N.os 4 e 8.

(1) *Leal Conselheiro*, p. 352.
(2) Id. cap. LXVII, p. 353.
(3) Id. p. 160.

80—**Livro de cavalgar, que el-rei Dom Duarte compilou.**

Este livro é o ultimo do seu Catalogo; cita-o no cap. LXXXI do *Leal Conselheiro*, signal de que já estava escripto entre 1428 e 1437: «Com esto concorda huu capitullo que no *livro de cavalgar* avia scripto, o qual aquy fiz tralladar.» (P. 398) Pelo titulo da obra se vê que Dom Duarte o compuzera *em sendo Iffante*. Esta obra esteve totalmente perdida, e nenhum bibliographo portuguez a conhecia, antes de ter sido achada na Bibliotheca Real de Paris, no codice n.° 7007; foi depois publicada no fim do volume do *Leal Conselheiro*. Da *Arte de cavalgar*, diz Duarte Nunes de Leão, na *Chronica de Dom Duarte*, falando das suas obras em termos vagos: «Outro livro para os homens que andam a cavallo *que parece daria alguns preceitos de bem cavalgar*, e governar cavallos.» (Cap. XIX) Estas phrases de Duarte Nunes, como já notou o Visconde de Santarem, provam que o chronista não vira a obra. Frei Bernardo de Brito, no Elogio de Dom Duarte, repete tambem os mesmos termos vagos: «deixou um livro da arte de cavalgar e domar bem um cavallo». Na lista das *Obras manuscriptas do mesmo monarcha*, (p. XVIII) vem: «3.° *Livro da Ensinança de bem cavalgar toda sella* — de cuja obra não se encontrou em Portugal até hoje nem mesmo um só fragmento do texto, que damos pela primeira vez *completo.*»

Resta-nos falar do destino de alguns d'estes livros, e de alguns outros que foram conhecidos em Portugal.

«Dos livros que ajuntou Dom Duarte, apenas sabemos da existencia do intitulado *Corte Imperial*, e de um fragmento do *Regimento de Principes*. Tudo o mais quasi com certeza se poderia talvez dizer, que, ou o tempo consummiu, ou jaz sepultado por Bibliothecas estrangeiras, como succede ás obras do mesmo monarcha.» (Hercul. *Pan.* t. IV, p. 7) De facto em 1820 foi descoberto na Bibliotheca Real de Paris o codice 7007 contendo o *Leal Conselheiro*, e o *Livro da Ensinança de bem cavalgar*, por El-Rei Dom Duarte; o *Cancioneiro de Dom Diniz*, achado em Roma no tempo de D. João III, foi copiado do codice 4803 e publicado em Paris em 1847; o livro da *Virtuosa Bemfeitoria* do Infante Dom Pedro, existe na bibliotheca da Academia das sciencias de Lisboa; a *Corte Imperial* existe na Bibliotheca do Porto. Muitos dos outros livros foram impressos pelas nações a que pertenciam; os demais desappareceram totalmente.

El-Rei Dom Duarte cita frequentes vezes Catão, e deve-se entender sempre o livro intitulado *Distica de Moribus*, de Dionysius ou Valerius Cato, celeberrimo na edade media por causa dos pensamentos e maximas moraes que appresentava. Diz Leroux de Lincy: «De todos os livros de moral empregados durante a edade media para a instrucção da mocidade, o mais celebre é o que tem o nome do Dionysio Cato. É uma collecção de preceitos dividida em quatro partes, aonde a sabedoria antiga do paganismo está misturada com o ensino dos primeiros christãos. É bastante difficil avançar quem seja o verdadeiro auctor d'esta collecção, e mui-

tas e extensas dissertações se escreveram infructuosamente a este respeito no seculo XVII. Esta obra foi durante muitos seculos attribuida a *Catão o Antigo*, que a compozera, dizia-se, para educação do seu filho. Mas é facil o convencermo-nos de que nem Catão o Censor, nem Catão de Utica poderiam ter escripto este livro, ao menos como elle está, pois que Virgilio, Ovidio e Lucano ali vem citados entre os poetas cuja leitura é recommendada. O sabio Fabricio fixa com razão a data dos *Distichos* no seculo II da nossa era, e no reinado do imperador Valentiniano.» (1)

Dom Duarte tambem conheceu o livro da *Vita Christi*, celebre na litteratura portugueza: «E naquesto esso medes concorda hua parte daquelle livro da *Vita Xpõ*, que fez segundo dizem, que por el nom se nomea, huu freire da ordem dos Cartuxos, das maneineiras porque Nosso Senhor Deos consente que tenham os malles e afflicções a boos e a maaos, a qual me parece muyto bem, e por isso o mandei aquy tralladar com sua oraçom, como screveo no fym de cada huu capitulo do dito livro.» (Cap. LXXXV, pag. 409) Em 1483, no certame poetico do *Cuydar e suspirar*, que houve nos serões da Corte de D. João II, diz o Condel mor:

(1) *Livre de Proverbes français*, t. I, p. 42; na introducção, faz Le Roux de Lincy a historia dos Disticos de Catão durante a edade media; e cita tambem o numero de traducções francezas que se fizeram. Isidoro de Sevilha, já os recomendava nas suas *Glosas;* as citações no *Leal Conselheiro* provam a grande importancia que o livro gosava ainda no fim da edade media.

«a comanhos
sygnaes sam de vida tiste!
e que males são tamanhos,
sospiros obras estranhas!»
como os grosa Vita Christe. (1)

Pelo confronto da citação de Dom Duarte com a do Caudel mór se comprehende a graça do trovador palaciano, que encobertamente apodava aquillo mesmo que D. Duarte mais admirava. No tempo d'el-rei D. Duarte, ainda a *Vita Christi* passava por anonyma; este livro foi scripto por Ludolpho Cartuziano, da Saxonia, em 1330; no tempo de Dom Duarte, ainda não existia traducção portugueza, e da *Vita Christi* fez traduzir no capitulo 86 do *Leal Conselheiro*, o capitulo 8 da primeira parte.

O livro foi mandado traduzir pela princeza Dona Izabel, Duqueza de Coimbra, ao abbade do mosteiro de S. Paulo, Fr. Fernando de Alcobaça; depois de revisto pelos frades de Xabregas, foi mandado imprimir por Dom João II e D. Leonor, em Lisboa, em 1495. Por tanto, no tempo do Caudel a obra ainda era manuscripta, mas já talvez andassem glosas das orações com que fechavam todos os capitulos.

Do infante D. Fernando, o Santo, diz o snr. Herculano: «Fernão Lopes e Frei João Alvares foram feitura sua; e provavelmente, não nos louvariamos hoje d'esses dois homens, dos quaes um deu o primeiro impulso

(1) *Cancioneiro Geral.* Fol. 9, col. 1.

á nossa linguagem historica, e outro á nossa linguagem oratoria, se a boa sombra de D. Fernando os não fizesse medrar.» (1) A livraria do Infante prova o bom gosto litterario, e sobre tudo o seu gosto religioso.

Livros citados no Testamento do Infante Dom Fernando: *huma brivia pequena por latim. Item hum flos sanctorum. Item hum livro de pregações de Frey Vicente por lingoagem. Item hum livro que chama Crimaco.* (2) *Item hum Evangeliorum. Item hum Caderno de canto de Santa Maria das Neves.* (Varios cadernos de officios liturgicos.) *Item o livro das Collações dos Padres, e estatuta Monachorum. Item os sermõens de Santo Agostinho por Latim. Item um livro de lingoagem que chamão rozal d'amor.* (cit. no Index de 1624). *Item hum livro das meditações de S. Bernardo. Item hum livro de lingoagem que chamão Stimulo amoris. Item o Soliloquio de Santo Agostinho e de suas meditações em linguagem. Item outro livro que chamão Izac* (Izea?) *em linguagem. Item um livro de papel por Latim de muitas cousas misticas que foi do Thezoureiro de Evora.* (Ennumera tambem alem de Missaes e Antiphonarios,) *Item hum livro da vida de S. Jeronymo em lingoagem. Item o livro da Rainha Dona Ilizabeth. Item dous livros piquenos de Orações etc. bem como o livro dos moraes de San Gregorio: «Item leixo a Fernãm Lopez meu*

(1) Pan. t. IV, p. 6.

(2) No *Leal Conselheiro*, pag. 344, cita-se uma obra de S. João Climaco, e outro das pregações.

Escrivão da puridade hum livro de linguagem que el me deu que chamão hermo espiritual.» (1)

A *Imitação de Christo*, foi tambem conhecida em Portugal, no seculo XV; Frei João Alvares, secretario do Infante Dom Fernando o Santo, depois de ter voltado para Portugal, quando morreu em Africa o Infante, foi a Roma e á Belgica; de lá mandou para o Paço de Sousa, d'onde era abbade commendatario, uma copia do livro da *Imitação de Christo*. Mandou trez cartas, publicadas por João Pedro Ribeiro nas *Dissertações Chronologicas*, uma traducção da *Regra de Sam Bento*, e outras traducções de sermões *Aos irmãos do Ermo*, attribuidos a Santo Agostinho. (2) Suppõe-se ser esta traducção da *Imitação* a que se imprimiu em Portugal no principio do seculo XVI. Não podemos citar a *Imitação de Christo* sem apresentar um resumo das conclusões descobertas por Victor Le Clerc, ácerca da sua redacção e auctor.

O livro é de diversos auctores, e de differentes epocas. (Autorisado por Suarez.)

Livro I e II — Linguagem humilde. Provêm talvez da Cartuxa do seculo XII.

Livro III — O escriptor d'este livro está familiarisado com a antiguidade profana; tem uma linguagem mais viva, mais animada, compraz-se com grandes imagens. Escripto por algum monge do seculo XIII.

(1) José Soares da Silva, *Mem. de D. João* I. Doc. t. p. 150.
(2) A edição da *vida do Infante Santo* feita pelo seu secretario é de 1527.

Livro IV—Aquí a theologia é sabia e subtil. Este livro pode bem attribuir-se ao seculo XV.

Antes de Gerson, um seculo, era conhecido um manuscripto do 1.º livro em França.

Alvar Pelagio, conhecido pelo nome de Paes, frade franciscano desde 1304, fala da tradição dos *trez impostores*, conhecida em Portugal no seculo XIV. Os tres impostores eram Moysés, Jesus Christo e Mahomet, formando mais tarde o assumpto de um livro attribuido a Frederico II. O sabio Victor Le Clerc, que viu o manuscripto em que Alvar dá esta noticia, nos prestará a sua authoridade: «Em uma obra inedita, *Collyrium fidei contra haereses*, Alvar faz menção de um certo Thomaz Scot, umas vezes minorita, outras frade pregador, com o qual tinha muitas vezes discutido, e que se achava então nas prisões de Lisboa, por ter ousado repetir por toda a parte que houve no mundo tres impostores, *tres fuisse in mundo deceptores*. Como é que esta impiedade tão antiga, e que Gabriel Barlette no seu sermão sobre Santo André, attribue por antecipação a Prophyrio, tinha chegado até Lisboa?» (1)

Resta-nos falar da soberba livraria de Dom Affonso V, cujo catalogo recomporêmos pelas citações de Azurara.

Azurara cita a *Divina Comedia* de Dante na *Chro-*

(1) Ms. lat. n.º 3372, fol. 76, apud Victor Le Clerc, *Estat des lettres au XIV siècle*, t. II p. 46.

nica do Conde D. Pedro de Menezes: «aquelle famoso poeta Dante; na sua primeira cantica etc.» (1)

Na *Chronica de Guiné* cita as sentenças de Sam Thomaz, e de Sam Gregorio, (p. 10) Orosio, (p. 11) Marco Polo. (ib.) Cita egualmente as *Metamorphosess* de Ovidio, e as tragedias de Seneca *Phedra* e *Hypolito* (p. 12.) Lucas de Tuy, continuador da chronica de Isidoro de Sevilha, (p. 22) Cicero (p. 23) Sam Jeronimo e Salustio (p. 36) a *Ethica* de Aristoteles (p. 37) Valerio Maximo, (p. 38) Lucano (p. 39) Cicero (p. 41) Seneca, S. Chrisostomo (p. 42)—«Os quaes poucos som, segundo diz *Seneca na primeira tragedya*, os que usam bem do tempo da sua vida, nem que pensem a sua brevidade.» (p. 43) Cita as viagens de Sam Brendam, talvez conhecidas, segundo o Visconde de Santarem pelo Ms. do seculo XIII *Imago Mundi de Dispositione orbis* de Honorio Autun (p. 45) Santo Agostinho, *De civitate Dei* (p. 76) *Decadas* de Tito Livio; e Valerio Maximo *Summa da Historia Romana* (p. 76) D. Rodrigo de Toledo, Flavio Josepho das *Antiguidades dos Judeus* (p. 29) Gualter, *das gerações de Noé* (p. 94) as *obras dos Romões*, Gesta Romanorum? (p. 148) Vejecio *De Re-Militari* (p. 148) A Scriptura Santa, Seneca, Tito Livo (p. 149) Paulo Vergeryo, *Ensinança dos moços fidalgos*, (p. 84) Bernardo, *Regimento da casa de Ricardo* senhor do Castello Ambrosio (p. 224) O Livro de Marco Paulo, (p. 227) Frei Gil de Roma, *Re-*

(1) *Ineditos da Academia*, t. II, p. 466.

gimento de Principes, (p. 253) Aristoteles, Tolomeu, Plinyo e Homero, Esidro, Lucano e Paullo Orosio, (p. 288) Gundofre, ou Gundolfo (p. 291) Mestre João o Ingrez ou Duns Scoto (p. 295) Lucano, canto x da *Pharsalia* (p. 300) Hermas, *o Pastor;* n'este tempo Azurara ainda o cita como não sendo apocrypho (p. 350) Mestre Pedro ou Pedro Lombardo, (p. 365) Marco Paulo (p. 380) Vegecio (p. 412) Alberto Magno (p. 458) *Da Celestial gerarchia*.—S. Thomaz, *De Potentia Dey* (p. 460) Evangelho de Sam Lucas (p. 461) Epistolas de Sam Paulo (p. 462).

Gomes Eanes de Azurara, termina a sua *Chronica da Conquista de Guiné*, dizendo que a acabou em 1453, tendo sido escripta na livraria de El-Rei Dom Affonso v. Se attendermos ao alto preço que os livros tinham na edade media, e se virmos pela historia que só os grandes principes possuíam livrarias, conclue-se que Azurara lêra estes livros não como seus, mas como pertencentes á abundante livraria de el-rei Affonso v. Alguns dos livros aqui citados eram da livraria de el-rei seu pae Dom Duarte, e pela natureza das citações de Azurara vemos que El-rei Affonso v a enriquecera com obras de philosophia e theologia.

A celebre Carta do Marquez de Santillana foi recebida em Portugal entre 1445 e 1449; pelo menos, se é que se não deparem outras provas, a datar d'este tempo foi conhecido em Portugal na côrte de Dom Affonso v o nome de Dante, já citado por Azurara, o nome de Sordello, de Petrarcha e Boccacio, de Guido

Januncello, Arnaldo Daniello, Cieco d'Ascoli, Johan de Lorris auctor do *Roman de la Rose*, e o seu continuador João de Meung, Alain Chartier, o Arcipreste de Hita, guardado na livraria de Dom Duarte, o *Rimado do Palacio* de Pedro Lopes Ayala, que esteve em Portugal no tempo de Dom João I, e a *Dança de Morte* de Dom Rabbi Santob; Micer Francisco Imperial, e Fernão Peres de Gusmão tio do Marquez de Santillana, cujas glosas do *Padre Nosso, Ave Maria* e *Te-Deum Laudamus* se encontram traduzidas em Portuguez no seculo XV. Estes nomes encerram o que ha de mais antigo e bello na poesia da edade media; é natural que muitos dos seus poemas viessem para Portugal, por isso que no *Cancioneiro geral* apparecem nomes e allusões frequentes; os fidalgos no repouso das armas galanteavam com as damas em verso, fazendo *côrtes de amôr*. Tinhamos todas as condições para crearmos uma poesia grande e original; não passámos da imitação hespanhola; não fômos nacionaes, porque não tinhamos tradição, e porque nos deixámos esterilisar pelo culto auctoritario dos exemplares latinos. A lucta do movimento classico da Renascença, começada por Sá de Miranda, era de vaidades e não de principios.

Depois da enumeração d'esta immensa riqueza bibliographica, já pela Europa havia muito tempo que estava descoberta a Imprensa. *Lux facta erat!* Só muito tarde é que ella entrou em Portugal em 1487, conhecendo-se pelo itinerario da sua introducção mais demora nos paizes dominados pelo catholicismo. Fo-

ram os judeus que introduziram a Imprensa em Portugal; este facto revela o quer que é de subrepticio e mal visto, que se confirma pela prohibição das imprensas hebraicas. De todos os elementos que formam a nacionalidade portugueza, só o *judaico* nos corrigiu as tendencias phantasticas do genio celtico, dando-nos a administração financial, o commercio pequeno, e a Imprensa. Infelizmente foi muito cedo abafada esta influencia tão necessaria, ficando nós pela força das circumstancias um povo de quixotes.

§ V

A RENASCENÇA E A REFORMA

O movimento da Renascença e da Reforma não é conhecido em Portugal. — Emulação provocada em Portugal pelo exemplo da França, Inglaterra e Allemanha. — Influencia erudita dos Paizes Baixos. — Gil Vicente é o que proclama a Reforma nos seus Autos. — Respeito de André de Resende, e amisade de Damião de Goes por Erasmo. — Dois factos que explicam a ausencia da Reforma e da Renascença em Portugal — Á falta de actividade intellectual, corresponde a imitação em litteratura: — Influencia hespanhola do seculo XV até ao primeiro quartel do seculo XVI — Influencia italiana no seculo XVI e XVII — Luctas da sua introducção.

O acordar da intelligencia e o acordar da consciencia! o retemperar-se a alma humana nas fontes vivas da natureza! o triumpho do senso commum sobre todos os erros e extorsões seculares, eis a grande revolução moral completada no seculo XVI, resumida nas duas palavras: Renascença e Reforma. Reflectiu-se a revolução em todos os factos da ordem social, e particularmente na esphera do sentimento, no dominio das creações artisticas. O estudo da influencia da Renas-

cença e da Reforma nas litteraturas da Europa está feito; de Portugal nada se sabe; parece que o ruido da tempestade não chegou cá, e muito menos, que nenhuma acção exerceu nas manifestações do genio nacional. Repugna á rasão este silencio.

Tendo os nossos principaes homens de letras viajado pela Italia no seculo XV e XVI, mandando os nossos monarchas os artistas portuguezes estudar nas escholas estrangeiras, parece impossivel que o movimento da Renascença nos fosse completamente alheio! Alguma causa poderosa abafava esse movimento? Era o catholicismo intolerante, que se levantava contra a tendencia critica da rasão. Esta explicação que só hoje nos salta ao espirito, era já conhecida pela Europa no seculo XVI, que nos olhava com uma compaixão aviltante. Confessa-o André de Resende, que viajou pela Italia e Flandres, quando diz: «quibus Lusitanum nomen gratiosum non est,» no seu discurso na Universidade de Lisboa em 1534. O movimento litterario que se revelara na Europa no fim do seculo XIV e principio do seculo XV, reflectiu-se immediatamente em Portugal; basta ver a grande protecção que D. Affonso V deu aos artistas, e basta vêr essas palavras de Azurara, quando fala: «dos clamores da grandeza dos *Alemãaes*, e da gentileza da *França*, e da fortaleza de *Inglaterra*, e da sabedoria da *Italia*.» (1) É que o progresso de toda a Europa era o primeiro resultado do genio da navega-

(1) *Chron. de Guiné*, p. 12.

ção despertado pelo infante Dom Henrique. No seculo XVI, a Europa progredia libertando-se da pressão religiosa, e Portugal estacionava para sempre, abdicando a sua rasão diante do catholicismo. Debalde incita o sabio André de Resende na Oração de 1534, a mocidade da Universidade de Lisboa para que abrace as ideias da Renascença apresentando-lhes o exemplo da Italia e da Allemanha, da França, da Inglaterra e da Polonia. Palavras vãs, que nem ainda hoje seriam bem comprehendidas: «Possem utriusque rei exempla non pauca in medium adducere, non jam ex Italia ipsa studiorum altrice, verum etiam ex Gallia, ex Britania, *ex Germania, nostra hac aetate cum Italia de literarum palma contendente*, et denique ex Sarmatia omnium quondam terrarum barbarissima.» Estas palavras de Resende, mostram-nos o grande desenvolvimente intellectual, que na Allemanha se desenvolveu depois de Luthero, chegando a disputar a palma das letras á Italia; incita-nos com o exemplo da Polonia, antigamente atrazadissima. Mas o catholicismo não deixava escutar o canto da sereia. Os bons espiritos sentiam a necessidade de seguirmos os paizes aonde se dera a emancipação da intelligencia. Quando a Renascença estava consummada, ainda Camões, cego pelo sentimento nacional, escrevia:

> Fazei, Senhor, que nunca *os admirados*
> *Alemães*, *Gallos*, *Italos* e *Inglezes*
> Possam dizer, etc. (1)

(1) *Lusiadas*, cant. X, est. 152.

Tanto na citação de Azurara, como na de André de Resende e na de Camões, nunca se fala na Hespanha, o foco aonde estava concentrado o catholicismo. Por occasião da reforma da Universidade em 1537, muitos professores estrangeiros vieram para Portugal; o facto da reforma já em si parece uma secularisação do ensino; mas em breve os professores tiveram de fugir com medo da fogueira e do carcere, e o ensino caiu completamente nas mãos do poder clerical. A tendencia critica dos espiritos foi embotada nos estereis commentarios a Aristoteles do Collegio Conimbricense; a necessidade urgente que se fazia sentir de estudar linguas para completar o trabalho da Renascença, foi anullada no estupido methodo alvarístico; os monumentos da antiguidade classica só foram permittidos ás intelligencias noveis nos retalhos e nefandas selectas dos Jesuitas.

Em toda a pressão moral ha sempre um impeto de sarcasmo, como unica vingança do opprimido. Assim como a gargalhada franca do povo foi dissipando a nevoa dos terrores do feudalismo e da Egreja, que pairava sobre a sociedade civil modelada pela velha fabula do lobo e do cordeiro, tambem a litteratura fixando os principios da Renascença, serviu-se no fragor da polemica do mesmo genio comico com que Luciano satyrisava as divindades gregas. Rabelais em França inaugura o reinado do senso commum; na Italia, as *Epistolae obscurorum virorum* abalam com o ridiculo o throno carcomido da scholastica e de uma theologia este-

ril, que ia atrophiando a rasão humana. Em Portugal, Gil Vicente é o unico homem que apresenta com toda a decisão o espirito lucido da Reforma. É sublime esta grande alma, que de creador de genio se rebaixa até á condição vil de actor, para dizer diante de dois cesaristas as grandes verdades da natureza e da rasão que abalavam a alma humana. Elle proclama palavra por palavra o credo da Reforma, condemna o que ella condemna, diante da prepotente classe sacerdotal, que se apossara do animo dos monarchas. Condemnada ao rachitismo a bella raça dos *Mosarabes* ou propriamente o elemento nacional portuguez, pela intolerancia do catholicismo que lhe prohibira as suas cantigas, Gil Vicente, o ultimo dos mosarabes, protesta contra o crime da morte de um povo, n'aquelles versos do *Triumpho do Inverno*:

> Em Portugal vi eu já
> Em cada casa pandeiro,
> E gaita em cada palheiro,
> E de *vinte annos* a cà
> Não vi gaita em gaiteiro.
> . . . .
> E agora Jeremias
> É nosso tamborileiro.

Os versos com que abre este Auto pintam a morte do povo. Mas este vulto gigante da Reforma, succumbe com a sua obra; foi como os genios que deixam uma descendencia de mediocres; o anno da sua morte, mal conhecida, coincíde com o da entrada da In-

quisição em Portugal! Debalde se procurará em outros livros da Litteratura portugueza, o espirito da Renascença ou da Reforma. Ainda assim é no nosso theatro, como a fórma a mais nacional da Litteratura portugueza, aonde esse espirito remotamente se encontra. No Auto da *Ave Maria*, escripto por Antonio Prestes, vem proclamada a superioridade da rasão diante da fé.

Os estudos de critica sobre os exemplares da antiguidade, abriram aos eruditos do seculo XVI um horisonte mais vasto do que o da rotina das escholas monachaes; foram os humanistas e os philologos os que mais concorreram para a grande obra da Reforma. Os habitos da exploração dos textos, desenvolviam o espirito do livre exame; a intelligencia acostumada a interpretar os velhos palimpsestos, a restituir a lição dos auctores classicos, a colligir e a preferir as differentes versões, a completar os textos por inducções infalliveis, a compenetrar-se do sentimento da antiguidade, como poderia abnegar das suas faculdades, e obstinar-se a permanecer nas faixas de um dogmatismo intollerante? Erasmo, Budeus e Luis Vives são os trez athletas que derrocam a philosophia caduca; diante d'elles a mole inerte da ignorancia do clero chega a estremecer.

O movimento da Reforma não se demorou a apparecer em Hespanha, apesar do immenso cordão de fogueiras que a esterilisaram talvez para sempre. O que a nossa raça *mosarabe* fizera por instincto natural da

sua crença traduzindo alguns livros da Biblia, Seriol, natural de Valença, o faz egualmente sustentando a these da necessidade das traducções da Biblia, sacrificando-se como um heroe, por esta ideia da Reforma. Em Portugal Antonio Perreira Marramaque, senhor de Basto, aristocrata dos asturo-leonezes, amigo intimo de Sá de Miranda, e que não conhece o valor da raça dos *Mosarabes*, escreveu ácerca d'este mesmo pensamento fundamental da Reforma. Foi então que a Inquisição lançou a sua rede immensa pela Europa, á similhança da *pieuvre* de Victor Hugo: quanto maior era o numero das fogueiras com que procurava extinguir a heresia, tanto mais era obscuro o processo, em que o menos que se podia perder era a honra e os bens de fortuna. Portugal, que n'este tempo se emancipára da imitação da litteratura de Hespanha, seguiu-lhe servilmente a politica, lançando fóra de si o elemento trabalhador e rico, o judeu, vencido pelo parasita e inerte o — frade. Os Paizes Baixos eram uma especie de azylo contra o fanatismo inquisitorial; parece que a rasão humana, cansada de tantas perseguições, chegou ali e desabafou, reconcentrando-se na cabeça de Spinosa! d'entre os judeus portuguezes, que ali se refugiaram, devia de nascer aquelle que foi o maximo limite da intelligencia. Defendida por diques contra a voragem do oceano, a Hollanda protegia com a sua liberdade os eruditos que ali se acolhiam. Foi d'ali que Erasmo ditava ao mundo a norma do senso commum; Damião de Goes teve amisade estreita com

Erasmo, e ao passo que a Renascença em Hespanha repetia o anexim: «Quien dice mal de Erasmo, ò es frade ò es asno», André de Resende, na sua Oração recitada na Universidade de Lisboa em 1534, proclama Erasmo o primeiro critico do seculo XVI: «Desiderius Erasmus, acerrimi vir judicii, alterque nostri seculi in judicandis scriptoribus Aristarchus.» Tambem antes de André, Garcia de Resende, que tinha predilecção por todas as fórmas da Arte, fez em seis decimas da sua Miscellanea, um quadro minucioso da Renascença. Sómente a Egreja e a Monarchia de mãos dadas, é que não conheciam o movimento! Dom João III, teve a insensata ideia de convidar Erasmo para a Universidade de Lisboa!

Damião de Goes é o que representa em Portugal as ideias da Reforma, não pelo seu trabalho, mas pelo seu martyrio; elle tratou de perto com Luthero e Melancthon, e foi amigo intimo de Erasmo. Nas proprias palavras de Damião de Goes, se vê como Dom João III, em 1533, tivera a ideia de chamar Erasmo a Portugal: «Depois que vim a Portugal... El Rei... e os Infantes seus irmãos, e outros senhores do Reino, me perguntaram com muito gosto, e mui particularmente pelo discurso de minhas peregrinações, fallando-me em Luthero e nas cousas da Allemanha... e por El Rei... saber que vira eu já Erasmo Rotherodamo e que eramos amigos, me perguntou per algumas vezes se o poderia eu fazer vir a este Regno pera se d'elle servir

em Coimbra...» (1) Por intervenção de André de Resende, é que veiu tambem para Portugal o celebre Nicolau Clenardo, do qual resta hoje uma carta em que pinta ao vivo a nossa triste miseria no seculo XVI.

Os homens da Reforma estreitavam entre si as relações de amisade; Damião de Goes jantava com Erasmo, e *inter pocula* falavam de humanidades. Foi Damião de Goes que falou do nosso Gil Vicente a Erasmo, e que lhe despertou a curiosidade de aprender portuguez. Damião de Goes frequentou a côrte de Dom Manoel, ainda novo, aonde assistiu aos autos de Gil Vicente, e na relação das festas feitas em Bruxellas pelo Embaixador Dom Pedro de Mascarenhas pelo nascimento do principe D. Manoel, em 1532, vem o nome de Damião de Goes, como um dos que assistiu á representação do *Auto da Luzitania*, escripto n'esse anno por Gil Vicente, e que ali se repetiu.

Uma das grandes influencias da Reforma, e um dos pontos que a prendem ao movimento da Renascença, foi a summa importancia que deu ao estudo das linguas; as polemicas religiosas, as traducções da Biblia em vulgar, a leitura dos Padres da Egreja para a controversia, exigiam conhecimentos linguisticos e de philologia. Melancthon recommenda a seus discipulos Homero e Sam Paulo. Tambem com o movimento da Reforma coincide o apparecimento da primeira grammatica portugueza por Fernão de Oliveira, copiada

(1) Apud Lopes de Mendonça, *Damião de Goes e a Inquisição*.

depois por João de Barros, que a escreveu para auxiliar a cathechese de uns principes indianos, que vieram a Portugal. Quando no seculo XVI tinham sido baldados todos os esforços para descobrir a lingua *sanskrita*, sómente os missionarios portuguezes na India haviam já penetrado o segredo inviolavel da lingua sagrada, typo de todas as linguas, como se vê em alguns versiculos conservados pelo padre João de Lucena, na *Vida de Sam Francisco Xavier;* tambem Fernão Mendes Pinto, nas *Peregrinações* fala do theatro indiano, como original, descoberta só agora vulgarisada. O estudo das linguas antigas tomava na Reforma da Universidade por Dom João III uma importancia decisiva. Como se explicará este facto praticado por um rei, que tinha pena de não poder ser inquisidor? André de Resende recommendava aos alumnos da Universidade de Lisboa a alliança do grego com o latim; na reforma da Universidade em 1537, vieram de Paris, para mestres de grego o Doutor Fabricio, e Buchanan; para hebraico mestre Rosetto. Não se passaram muitos annos que não tivessem de fugir todos diante do terror inquisitorial. Como é que uma Universidade, fundada primitivamente pelo clero, e entregue ao clero, podia comprehender a secularisação da intelligencia? Para annullar mais a obra da Renascença, Portugal acceitou o *Index Expurgatorio* creado pelo papa Leão X, e repellindo os judeus, deixou caír a recente descoberta da Imprensa na mais rude imperfeição, como o declara mestre André de Resende, na advertencia da citada Oração de 1534.

As doutrinas de Luthero não poderam penetrar; bastava a palavra *lutherano*, para fazer gelar de susto. Na comedia *Ulyssipo*, diz Jorge Ferreira de Vasconcellos: «Vereis se vos pergôam logo por *lutherano*.» (1) Como que se fosse uma ameaça de morte! Damião de Goes jazia para sempre no carcere do Santo Officio por menos ainda. Na comedia de *Bristo*, tambem o Doutor Antonio Ferreira allude ás doutrinas de *Luthero*. Fala o personagem Leonardo: «Não posso eu fugir do que me está ordenado.» Responde Alexandre, interlocutor: «Essa rasão é de *Luthero*, não sey se valerá.» Tambem Sá de Miranda na Elegia á morte do Principe Dom João, fala da Reforma em Inglaterra, no tempo de Henrique VIII. Camões, nos *Luziadas*, tambem condemna esse movimento; e o que é peor, é ter deixado a censura dos frades deturpar-lhe com mãos impias o seu poema eterno. Não se lhes secarem as mãos, como as de Oza ao tocar na Arca santa!

Camões condemna as luctas da liberdade da consciencia na Reforma, e levanta a missão de Portugal, occupado nas descobertas maritimas:

> Vedel-os os *Allemães*, suberbo gado
> Que por tão largos campos se apascenta,
> Do successor de Pedro, rebellado,
> Novo pastor e nova seita inventa, etc.
>
> Vedel-o duro *Inglez*............
> Entre as boreaes neves se recreia,
> Nova maneira faz de christandade, etc.

(1) Acto V, sc. I, fol. 217, v.

Pois de ti, *Gallo* indigno, que direi?
Que o nome christianissimo quizeste,
Não para defendel-o nem guardal-o,
Mas para ser contra elle e derrubal-o.

Pois que direi d'aquelles, que em delicias
Que o vil ocio no mundo traz comsigo,
Gastam as vidas, logram as divicias
Esquecidos do seu valor antigo?...
Comtigo *Italia*, falo, já submersa
Em vicios mil, e de ti mesmo adversa.. (1)

O trabalho da Egreja, para abafar a Reforma e com ella a Renascença, completou-se no escandaloso Concilio de Trento; n'esse Concilio o catholicismo separou-se do christianismo, perdeu os ultimos restos de poesia que tinha, e ficou incapaz de transmittir-se pela paixão. As decisões do Concilio de Trento foram admittidas como lei vigente em Portugal. Os monarchas, que ajudavam a obra nefanda de Roma, fizeram um crime não menor, de lesa-humanidade, creando os exercitos permanentes. Para representar completamente o estado miseravel em que caímos, basta-nos por ultimo expôr dois factos:

Em 1542, dizia-se em um documento official de Dom João III: « Consta que os gastos da Universidade tiraram demasiadamente pella fazenda real, e disso *avia queixas, por sobejarem estudantes e faltarem soldados.* » (2) Até aqui a influencia cesarista.

(1) *Luziadas*, cant. VII, est. 4, 5, 6 e 8.
(2) Frei Luiz de Sousa, *Annaes de Dom João III*, p. 404.

Quando chegou a Portugal a noticia da tremenda carnificina de Sam Bartholomeu, a 24 de Agosto de 1572, celebrou-se o acontecimento com repiques e luminarias, cantando-se na egreja de Sam Domingos um *Te Deum*, e prégando um sermão em acção de graças o celebre Frei Luiz de Granada. (1) Até aqui a intolerancia catholica, de mãos dadas com a monarchia.

Alheios á actividade intellectual da Renascença e da Reforma, tambem n'este brilhante periodo do seculo XV e XVI não tivemos originalidade. Duas litteraturas actuaram poderosamente sobre a portugueza: a litteratura hespanhola, desde o seculo XV até ao primeiro quartel do seculo XVI, e a litteratura italiana, desde 1527 até ao fim do seculo XVII. Estudemos separadamente essas duas influencias esterilisadoras.

1. *Influencia hespanhola*

a) Poesia epica

Os Romanceiros da Peninsula são a ultima creação epica da humanidade; ha n'elles duas correntes de inspiração, uma estrangeira e outra nacional. A estrangeira, e primeira que influiu sobre a creação poetica, eram os romances do cyclo de Carlos Magno, ainda no estado rudimentar de *cantilenas* soltas; este cyclo prendeu-se organicamente ao genio peninsular pelo

(1) Facto pela primeira vez apresentado por Juromenha.

sentimento epico das raças germanicas, modificado pela cultura latina dos troveiros e do espirito francez. A segunda corrente de inspiração é propriamente nacional; em primeiro logar dá-se a substituição dos heroes carolinos pelos guerreiros irmãos do povo que os cantava; esta tendencia facilitou tambem a acceitação dos romances de aventuras do cyclo bretão. Em contacto com os arabes, o povo foi tirando das suas relações sociaes não só os factos para novos cantos, como no romance de *Moraima*, mas tambem adquirindo a liberdade religiosa com que os arabes tratavam as suas tradições sagradas, como vêmos nos velhos romances ao divino. Até aqui a elaboração poetica e simultanea dos dois povos da Peninsula, hespanhoes e portuguezes. Nenhum influe sobre o outro; trabalham ambos resumindo os grandes cantos dos jograes, que percorriam a Europa, e pela fatalidade da sua raça, cantam as peripecias da sua propria vida. A Hespanha foi mais feliz; ali os romances começaram a ser recolhidos logo no seculo XV, quando as versões oraes estavam ainda na sua inteireza veneranda, quando ainda os cultistas litterarios e admiradores da antiguidade latina julgavam o romance uma cousa desprezivel, portanto, quando as ingenuas narrativas epicas não tinham sido viciadas ainda com um subjectivismo artificial.

Em Portugal dava-se a mesma corrente poetica, no mesmo momento, com a mesma intensidade, porque o povo hespanhol e portuguez é ethnographicamente só um — o *Mosarabe*. A creação dos Romances

em Portugal no seculo XIV e XV é um facto original, que se não deve julgar separado de Hespanha; as divisões politicas, os odios suscitados entre localidades nada tem de organico. Porém a rica florescencia do Romanceiro em Portugal passou completamente desconhecida; os cultistas litterarios, que tanto haviam trabalhado para a cretinisação do pobre mosarabe, nunca souberam conhecer-lhe a sua poesia. Dom Duarte cita a palavra *romanço,* sem lhe ligar outro sentido mais do que linguagem rude. Na immensa quantidade de poesias do Cancioneiro de Resende, não apparece um unico romance; apenas se descobre ali uma vaga reminiscencia da *Bella mal maridada.*

Feito um exame sincero ao que os nossos escriptores nos deixaram, chegava-se a esta terrivel conclusão: que o povo portuguez foi um povo mudo, que não teve poesia! É logicamente verdadeira a deducção, mas impossivel diante da natureza. A grande creação epica do povo portuguez no seculo XIV e XV, não foi conhecida pelos classicos, mas existiu. Cabe-nos a gloria de a termos descoberto: Quando no seculo XV foram descobertas as ilhas dos Açores, os colonos que para ali foram mandados levaram os romances como andavam na tradição oral do tempo; desde a colonisação até ao presente o baixo povo do Archipelago esteve incommunicavel com o continente de Portugal, e com tudo ainda lá se repete uma poesia vigorosa e immensa, cantada em uma linguagem contemporanea do Cancioneiro de Resende, com allusões aos costumes juri-

dicos das Cartas de Foral, que nunca ali vigoraram, e com a propria designação de *Aravias*, que determina a sua origem mosarabica, designação usada tambem por Goesto Ansures, pelos poetas do *Cancioneiro Geral*, e pelo poeta mais popular da nossa litteratura, Gil Vicente. O resultado d'esta rica descoberta está nos *Cantos populares do Archipelago açoriano*.

Exposta a espontaneidade e homogeneidade da creação épica de Portugal e Hespanha no seculo XIV e XV, abre-se o terrivel seculo XVI, cheio de pestes e fomes, e mais do que tudo do grande terror religioso e da Inquisição! O povo portuguez parece que fica por um pouco mudo. É então que os Romanceiros de Hespanha exercem uma influencia decidida em Portugal, ainda assim sómente na classe culta. De todas as formas de arte da nossa litteratura a mais nacional foi sempre o theatro; é nos escriptos de Gil Vicente, de Jorge Ferreira de Vasconcellos, de Antonio Prestes e Camões, aonde achamos allusões mais frequentes aos romances de seculo XVI. Os casamentos dos nossos principes e monarchas, Principe Dom Affonso, Dom Manoel, Dom João III e Principe Dom João, com as infantas de Hespanha, influiram immensamente para que se propagasse em Portugal o uso do castelhano. Era preciso que os cultistas tivessem impresso na lingua portugueza uma profunda feição latina, para que n'estas circumstancias se não homologasse com o castelhano.

Por este tempo dava-se em Hespanha um pheno-

meno curioso, nada menos do que a reacção de um grande facto da edade media: assim como os romances epicos tinham sido diluidos em prosa para servirem de fontes e de auctoridades historicas, dava-se tambem agora a sua contraria: as historias eram postas em romance por Sepulveda, João de la Cueva, e Garcillasso de la Vega. O romance popular recebeu uma degeneração essencial: de anonymo que era, tornou-se pessoal; de narrativo e vasto, tornou-se subjectivo e verboso; de épico tornou-se picaresco; de cantado tornou-se resado; de historico tornou-se allegorico; de desprezivel e baixo, como o julgava o Marquez de Santillana, tornou-se capaz de exprimir todos os conceitos nas mãos de Lope de Vega.

É esta a phase épica da Hespanha, que actuou em Portugal unica e exclusivamente no seculo XVI e XVII, em Jorge Ferreira, em Gil Vicente, em Bernardim Ribeiro, em D. Francisco Manoel de Mello, em Balthazar Dias, e em poucos mais. Esses homens, sinceros no seu trabalho de rehabilitação de uma forma popular, não conheciam esta verdade achada por Jacob Grimm: «O homem que procura contrafazer e tirar de si a poesia popular, de ordinario nada consegue, e inevitavelmente se descobre; fica sempre áquem ou alem da justa medida das cousas; ou não a attinge; ou a ultrapassa.» Modernamente cabe esta accusação com todo o seu pezo a Garrett, que recolheu a poesia nacional *aperfeiçoando-a* no seu Romanceiro.

Passado o primeiro impulso que fez applicar a for-

ma do romance popular ás chronicas fradescas ou latinistas, o romance popular ainda desceu mais baixo. Jorge Ferreira aproximava-o dos cantos gregos que deram origem á comedia; e diz no Prologo da Comedia *Ulyssipo*, falando da origem do theatro na Grecia: «converteram a invenção do louvor dos deoses em vituperio dos homens, indo de noite á cidade, e em cantares, segundo cá os vossos *romances* e porquês, publicavam o damno que recebiam, nomeando o auctor.» (1) Diego de Sam Pedro, na sua novella casuistica *Carcel de Amor*, tambem não comprehendia a origem heroica dos romances; attribuia-os a um pretexto de galanteria, falando das excellencias das mulheres: «Por quien se cantan los lindos romances.» Por outro lado os poetas lyricos sentimentaes glosavam em estrophes allegoricas os romances mais conhecidos; os compositores musicaes escreviam arias affectuosas para a letra do povo, que nascera ao som de uma melopêa dolorosa, ás quaes deram o nome de *tonos*.

A lingua hespanhola usada como linguagem de distincção na corte portugueza, foi tambem a que se adoptou de preferencia para os romances; tendo já citado as queixas de Jorge Ferreira e de Damião de Goes, basta-nos aqui apresentar factos analogos, que provam a mesma tendencia.

Mestre André de Resende, falando das bodas do Infante Dom Duarte em 1536, em Villa Viçosa, allude

(1) Fol. 2, v. ediç. de 1618.

ás «*canas, justas, torneos e outros jogos, seraos, danças e festas populares de folias e bailes plazenteiros.*» (1)

No Cap. 14 d'esta mesma *Vida*, fala André de Resende no uso da poesia popular em casa do Infante: «Era tão obediente á Santa Sé Apostolica e tinha em tanta reverencia o Summo Pontifice Vigario de Christo que em nenhum modo soffria ouvir fallar d'elle mal, posto que era em tempo que o Emperador Carlos v, seu primo co-irmão tinha com o Papa Clemente differenças e desgostos. Veiu ter a esta cidade de Lisboa um mancebo castelhano chamado Ortiz, *que graciosamente tangia e cantava chistes*, filhou-o o Infante, e folgava de o ouvir. O qual um dia pela sésta lhe começou de cantar com a guitarra um *Pater noster*, que contra o papa Clemente em Castella fizeram, que começa:

Padre nuestro, en quanto Papa,
Sois Clemente sin que os quadro
Sin que os quadre......

«O qual tanto que o Infante começou de ouvir, disse-lhe que se calasse e mandou-me chamar. E despejando todos da camara, dixe ao mancebo, que sem cantar o dixese presente mim. E depois olhando para mim, dixe:—Que vos parece, Mestre? anda boa a honra do Padre universal da Egreja em chistes e guitarras? Senhor, dixe eu, inda mal, por que o desavergo-

(1) Cap. 11.

nhamento do mundo é tanto. Voltou-se para o mancebo, e dixe-lhe: Olha Ortiz, aviza-te que nunca mais isso cantes nem digas, e sabe que se me vem ás orelhas, que fazes o contrario, alem de te lançar de minha casa, te darei tal castigo que seja escarmento a outros...»

Por esta importante citação se vê como os chocarreiros de Castella tinham entrada na côrte portugueza, e quanto a poesia devia resentir-se d'esta predilecção exclusivista.

Se folhearmos os escriptores que alludiram aos romances populares do seculo XVI, só acharemos referencias a versões hespanholas, e quasi sempre na propria lingua em que foram escriptas.

O unico vestigio de romance, glosado no Cancioneiro de 1516, por Garcia de Resende:

> Tiempo bueno, tiempo bueno,
> Mal me aproveché de ti, (1)

ainda se repetia no seculo XVII, como vemos em uma scena da comedia *Alfêa*, de Simão Machado. (2) Na comedia *Eufrosina*, de Jorge Ferreira, escripta depois de 1528, já se allude aos romances glosados: «Bem estaveis agora para glosar: *Recuerde el alma dormida*, etc.» (3) N'esta mesma scena cita tambem como velhos os seguintes romances: «mas, senhor meu, passou já

(1) Floresta de Romances varios, p. XI.
(2) Pag. 151 da ed. v. 1630.
(3) Act. I, sc. 1, p. 18. 1.º verso das *Coplas* de Manrique.

com a soberba dos balandraus, e todas ess'outras antigualas de *Por aquel postigo viejo. Buen Conde Fernan Gonçalves.*» E mais adiante allude aos romances postos em musica, talvez já por Valderrabano e Luiz de Milan: «Eu não vos nego que sabeis muito bem harpar um *Conde Claros*, que elles logo dizem que não ha tal musica.» (1) Na comedia *Ulyssipo*, cita alguns dos romances mais glosados: «Este meio não he de huns porretas que grosam *Retrahida está a Infante*, e *Pera que paristes madre?*» (2) N'esta comedia, escripta em 1547, vem citado o romance ainda hoje popular da *Donzella que vae á guerra:*

> Pregonadas son las guerras
> De Francia contra Aragone. (3)

É, como dissemos, no theatro portuguez do seculo XVI, aonde mais referencias se encontram aos romances populares, principalmente hespanhoes; allude-se a elles em forma de proverbio, pelo grande conhecimento que todos d'elles tinham. No *Auto da Ave Maria*, de Antonio Prestes, vem citado:

> Moro alcayde, moro alcayde,
> El de la barba velhida,
> Se eu por vos não for metida
> Nel castilho de bel sayde
> Dou Alfama por perdida.

(1) Id. Ib. p. 19.
(2) Act. v, sc. 7, fol. 256, v.; e fol. 260.
(3) Act. II, sc. 7, fol. 117, v.

E tambem estes versos de um romance fragmentado:

Yo le daria bel conde
Quanto darsele podia.

No *Auto do Procurador*, cita este romance do cyclo carolino em Hespanha, já repetido por Gil Vicente:

Vamonos, dixe mi tio.

Anrique Lopes, na *Cena Policiana*, lembra de passagem estes dois romances:

Arrenego de ti mafoma, etc.
Ali descanço as peleas, etc.

No *Auto de Rodrigo e Mendo*, Jorge Pinto allude aos celebres romances:

En el mes era de Abril
de Maio antes,... etc.
De las mas lindas que yo vi, etc.
Nunca fuera cavallero
de damas tambem servido, etc.
Helo, helo por do viene
el moro por la calçada, etc.
Riberas de Duero arriba
cavalgam los Samoranos, etc.

Tambem no *Auto do Physico*, por Jeronymo Ribeiro, se alude a este outro romance:

Sobre mi vi guerra armar
Una diz que lo llevaria.
Otra que me hade levar, etc.

Em uma carta inedita de Camões, publicada por Juromenha, abundam os versos centonicos, tirados dos romanceiros hespanhoes. Eis alguns centões de romances ainda hoje conhecidos:

Una adarga até os pechos,
Y en la mano una azagaya, etc.
Mirando la mar de Espana,
Como mengoava e crescia, etc.
Vi venir pendon bermejo,
Con tresientos de caballo, etc.
La flor de la Barbaria, etc.
Ricas aljubas vestidas
Em cima sus albernozes, etc.
Caballeros de Alcala,
No os allabarei d'aquesta, etc.
A las armas Mouriscote
S'en ellas quereis entrar, etc.
D'onde estás que te no veo,
Que es de ti esperança mia, etc,
Y que nueva me traedes
Del mi amor que alla era. etc. (1)

Este predominio dos romances hespanhoes tornou a poesia epica portugueza tão desconhecida, que só quando o movimento do Romantismo fez procurar a feição *nacional* das litteraturas, é que se começou a conhecer a existencia dos nossos cantos populares, e só muito tarde a sua originalidade.

(1) *Obras de Camões*, t. I, p, 45. Edição de Juromenha. Para completar este catalogo, vid. *Historia da Poesia popular portugueza*, pag. 23 a 30; *Floresta de romances*, p. XXXII a XLV, e p. 211.

Novellas de Cavalleria

A tradição litteraria colloca em Portugal o berço das novellas cavalheirescas em prosa; a sciencia moderna considera essas novellas como uma transformação e degeneração das epopêas francezas do seculo XII, e XIII. N'esta segunda phase das ficções cavalheirescas, a Hespanha exerceu tambem sobre nós uma acção decidida, umas vezes expoliando-nos da originalidade do nosso *Amadis de Gaula*, ou do *Palmeirim de Inglaterra*, outras vezes condemnando esta fórma da arte como frivola, e fazendo reflectir em Portugal a imitação d'esse desprezo.

Só um povo que nada contribuiu para a creação de uma poesia, que a não respeita como expressão da sua alma, é que poderia ter animo para diluir em longos periodos de desharmoniosa prosa os versos cadentes de alguma chronica rythmada, ou narração de aventuras e galanterias. Portugal na serie dos povos néolatinos foi o ultimo; nasceu por assim dizer na edade da reflexão, serviu-se da linguagem simples do senso commum. Os argumentos e factos historicos coincidem com esta lei psychica, pela qual attribuimos ao genio portuguez a transformação em linguagem vernacula, não cadenciada nem medida, do velho romance do *Amadas y Ydoine*, na novella do *Amadis e Oriana*. Tendo sido nós os primeiros a crear essa fórma moderna, fômos o ultimo povo que a abandonou.

No seculo XVI o triumpho definitivo da burguezia

pela creação do commercio, effeito da grande navegação, e o desenvolvimento da industria, tornaram a vida uma cousa séria e real. Os interesses localisaram-se, as classes fixaram-se, perdeu-se o sentimento da aventura galante; as leis romanas introduzidas nos Codigos modernos, e determinando a esphera da realeza, creando esse tribunal abstracto do Ministerio Publico, dispensaram perfeitamente os votos cavalheirescos de andar defendendo os fracos por toda a parte. O sentimento da *honra* tornou-se a virtude da probidade, indispensavel nos contractos civís. O tempo e as forças das circumstancias tornaram a cavalleria, ou os livros que sustentavam esse mundo phantastico, extemporaneos, ridiculos, como Dom Quijote, o cavalleiro da triste figura. Sancho, ou a personificação da burguezia, ao lado do heroe de papelão ía fazendo o contraste do senso commum na frequencia dos seus anexins.

Antes de Cervantes escrever a novella eterna, antes do auto de fé feito pelo cura na livraria de Dom Quijote, já os criticos tinham clamado contra o grande abuso que se fazia da leitura das novellas de cavalleria. O *Amadis*, provocava mais odios por ter dado origem ao cyclo interminavel, e foi esse justamente o que se achou poupado pelo implacavel cura de Cervantes. O livro de *Amadis* era a leitura frequente da corte portugueza; no reinado do Affonso V e Dom João II, encontramol-o citado em allusões nas trovas do *Cancioneiro* de Resende; diante de Dom João III o representou Gil Vicente em 1533, em fórma de tragi-come-

dia; no *Cancioneiro de Anvers* de 1551, o achamos em verso heroico, e a elle se refere o Doutor Antonio Ferreira, nos sonetos a Vasco de Lobeira. As novellas de cavalleria tornaram-se o passatempo palaciano; Frei Luiz de Sousa, falando da incapacidade de el-rei Dom João III para as letras, diz: «Porém de todo este cuidado se lhe não pegou mais do que uma boa inclinação para as letras e letrados, em tanto grau, que achamos posto em memoria, que quando o nosso celebrado chronista da Asia, João de Barros, compunha por passatempo a fabula do seu *Clarimundo*, a fim de polir o estylo, pera vir a escrever as verdades dos feitos portuguezes, guerras e costumes da Asia, com que despois espantou o mundo, tinha o Principe tanto gosto da lição d'ella, que acontecia tomar-lhe os cadernos e de sua mão il-os emendando.» (1) Este facto, estava *posto em memoria*, como diz o annalista, por Manoel Severim de Faria, na vida de João de Barros.

Em differentes logares das comedias de Jorge Ferreira vêmos a grande importancia que tinham as novellas de cavalleria na sociedade portugueza. Elle cita na *Eufrosina*, as *Sergas de Esplandian*, continuação do *Amadis de Gaula* pelo seu traductor Garci Ordoñes de Montalvo, tambem citadas no *Cancioneiro geral*: «ride-vos dos aphorismas de Hypocras, nem das *Xergas de Esplandião.*» (2) Na comedia *Ulyssipo* cita outras novellas, que liam as mulheres: «Já se entram

(1) *Annaes de Dom João III*, p. 8.
(2) Acto I, sc. I, p. 25.

em saber latim ou musica nenhuma cura lhes sinto. E se são lidas por *Espelho de Cavalleria*, ou *Carcel de Amor*, e o *Conde Partinoples*, e não leixam udo nem meudo: ride-vos vós de mais *Donzella Theodora.*» (1) Em outro logar d'esta comedia cita a *Conquista de Ultramar*, já conhecida por Dom Duarte: « Toda sua *conquista d'ultramar* consiste em saberem muito de provisão.» (2) O *Cavalleiro do Cysne*, que se figurava nos momos de Dom João II, tambem era lido no seculo XVI: « do qual perigo tem que contar para seus netos, como se foram o *cavalleiro do Cysne.*» (3) E tambem: «Ora digo-vos, que vós e *Caluinos da Arabia*, fazereis vida estremada.» (4)

Diz o auctor do *Dialogo de las Lenguas*: «Dez annos, os melhores da minha vida, gastei em palacios e cortes, não me empreguei em exercicio mais virtuoso do que em ler estas mentiras, em as quaes achava tanto sabor, que me deixava leva rpor ellas; e olhae que cousa é ter o gosto estragado, que se pegava em algum livro escripto em latim, que são os de historias verdadeiras, ou que, pelo menos, são tidos como taes, não podia resolver-me a acabal-os de ler.» (5) A condemnação dos livros de cavalleria era irremissivel; a historia moderna tendo de acompanhar os grandes feitos, te-

(1) Acto II, sc. VI, fol. 102, ed. 1608.
(2) Id. ib., fol. 212, v.
(3) Id. ib., fol. 214, v.
(4) Id. ib., fol. 253.
(5) *Dialogo*, p. 158, ed. 1737.

mia-se de emparelhar com as façanhas dos Paladins. Na *Historia Imperial e Cesarea*, Pedro Mexia clama com sarcasmo: «e em pago de quanto trabalhei em a recolher e abreviar, peço agora attenção e aviso, já que o costumam prestar ás proezas e mentiras de *Amadis* e de *Lisuartes* e de *Clarianes*, e de outros protentos, que com tanta razão deviam ser desterrados de Hespanha, como cousa contagiosa e damnosa á republica, pois tam mal fazem gastar o tempo aos auctores e leitores d'elles, e o que é peor, que dão mui maus exemplos e bastante perigosos para os costumes. Pelo menos são um apontoado de deshonestidades, crueldades e mentiras: e segundo se lêem com tanta attenção, é de crêr que sairão grandes mestres d'ellas. Ao menos ao auctor de semelhante obra não se deve dar credito algum, e tenho por difficultoso que saiba dizer a verdade, que haja feito um livro tão grande recheado de mentiras, depois da offensa que fez a Deos em malbaratar o seu tempo e cansar o engenho em invental-as e fazer lel-as a toda a gente, e a muitos até a acreditar n'ellas. Porque ha tal que julga terem-se passado as cousas como as lê e ouve, sendo como são a maior parte d'ellas cousas más, profanas e deshonestas. É um mui grande e danoso abuso, do qual, entre outros inconvenientes se segue grande ignominia e descredito das *Chronicas* e *Historias* verdadeiras, permittindo que andem cousas tão nefandas a par com ellas.» (1) O nosso João de Barros,

(1) *Obra cit.*, cap. I.

um dos primeiros historiadores dos tempos modernos, pensava ao contrario; elle proprio confessa, que escreveu a novella de *Clarimundo* para ensaiar-se antes de escrever as *Decadas*: «Imitando assim os Architectos, os quaes primeiro que ponham a mão na obra, a traçam e debuxam, e de si appresentam estes delineamentos de sua imaginação ao senhor, de cujo hade ser o edificio.» (1) Em quanto lá fóra a condemnação das novellas de cavalleria se tornava mais acerba, (2) a novella teve em Portugal um acolhimento extraordinario, o que levou Severim de Faria a dizer que «o gosto do vulgo se não governa pela rasão, mas por apetite, e por isso o bom de ordinario contenta aos menos.» Luiz Vives condemnava tambem a leitura dos livros de cavalleria no livro *De Christiana femina*, dizendo que os magistrados e as leis devem prohibir essas pestiferas novelas de *Amadis*, *Splandiano*, *Florisando*, *Tirante o Branco*, *Tristão*, cheios de inepcias sem fim. (3) Cervantes quando escreveu o capitulo VI da primeira par-

(1) *Decada* I, prologo.

(2) Sliernhielm, poeta sueco, nascido em 1598, no seu poema didactico *Hercules*, quando o appresenta assaltado pela Prudencia e pela Volupia, esta combate-o para o vencer appresentando-lhe as obras de Ovidio e de Rabelais, as *Cento Novelle*, o romance do *Amadis de Gaula*, e a *Diana* de Monte Mór etc. Xavier Marmier, *Hist. de la Litterature scandinave*, p. 387.

(3) «Hoc ergo curare leges et Magistratus congruit. Tum et de pestiferis libris, cujusmodi sunt in Hispania *Amadisus*, *Splandianus*, *Florisandus*, *Tirantus*, *Tristanus*, quarum inepciarum nullus est finis etc.»—No livro *De causis corruptarum artium*, Vives ainda é mais explicito: «Qui vero relegant non inveniunt, ut ratius ducant libros legere aperte mendaces,

te de *Dom Quixote*, conhecia todas as censuras, e condemnando ao pateo a livraria do cavalleiro da triste figura, sentenciada pelo Barbeiro Mestre Nicolau e pelo Cura, reclama com o seu gosto artistico pela salvação de *Amadis*, e do *Palmeirim de Inglaterra*. Antes de começar o auto de fé, o Cura quiz primeiro saber o titulo das novellas: «O primeiro que lhe deu mestre Nicolau, foi os quatro de *Amadis de Gaula*, e disse o Cura: — Parece cousa de mysterio esta, porque segundo tenho ouvido dizer, este livro foi o primeiro de cavallerias que se imprimiu em Hespanha, e todos os demais tomaram principio e origem d'este, e assim me parece que como á dogmatisador de uma seita tão má o devemos sem escusa alguma dar ao fogo. — Não senhor; disse o Barbeiro, que tambem tenho ouvido dizer, que é o melhor de todos os livros que d'este genero se tem composto, e assim como a unico em sua arte se deve perdoar. — Verdade é, disse o Cura, e por essa razão se lhe outorga a vida por agora.» (1) Quando chega a vez de ser julgado o *Palmeirim de Inglaterra*, diz o Bar-

et meris nugis refertos propter aliquod stili lenocinium, ut *Amadisum*, et *Florisandum* hispanos, *Lancilotum* et *Mensam Rotundam* gallicam, *Rolandum* italicum: qui libri ab hominibus sunt otiosis conficti, pleni eo mendaciorum genere, quod nec ad sciendum de rebus, vel vivendum, tantum ad inanem quandam, et præsentem titillationem voluptatis, quos legunt tamen homines corruptis ingeniis, ab otio atque indulgencia quadam sui: non aliter quam delicati quidam stomachi, et quibus plurimum est indultum, sacchareis modo et melleis quibusdam condituris sustentatur, cibum omnem solidum respuentes.»

(1) *D. Quixote*, P. I, cap. VI, p. 53.

beiro: «essa palma de Inglaterra se guarde e se conserve como cousa unica e se faça para ella outra caixa como a que achou Alexandre nos despojos de Dario, que a disputou para guardar n'ella as obras do poeta Homero. — Este livro, senhor compadre, tem auctoridade por dois motivos, o primeiro, por que elle por si é bom, e o outro, *por que é fama que o compoz um discreto rei de Portugal.* Todas as aventuras do Castello de Miraguarda são bonissimas e de grande artificio, as razões cortezãs e claras, que guardam e respeitam o decoro de quem fala, com muita propriedade e entendimento. Digo pois, salvo vosso bom parecer, senhor mestre Nicolau, que *este*, e *Amadis de Gaula* quédem livres do fogo, e todos os outros, sem fazer mais reclamações, pereçam.» (1)

A Novella do *Palmeirim* attribue-se a origem portugueza, e corre na tradição que fora feita por uma mulher. (2) Muito antes das impressões typographicas se acha uma tragicomedia de Gil Vicente, *Dom Duardos*, tambem attribuida ao Infante Dom Luiz, (3) que é indubitavelmente tirada da novella do *Palmeirim de Oliva*, e representada diante de el-rei Dom João III. Quanto á originalidade do *Palmeirim de Inglaterra* de Francisco de Moraes, milita a seu favor o ter estado em Paris, secretario do Embaixador Dom Francisco de Noronha entre 1540 e 1548, e ser n'este tempo que escre-

(1) *Id.* p. 57.
(2) Tradição que traz Ticknor, *Hist. de Litt. hesp.* cap. 11.
(3) Na Vida do Infante Dom Luiz.

veu a novella, e lá mesmo a imprimisse, donde veiu a traducção hespanhola de 1547 e 1548. Francisco de Moraes, segundo Barbosa (*Bibl. Luzit.* t. II, p. 209) dera o manuscripto a traduzir em francez; as edições francezas de 1553 e 55, dão-o como traduzido de hespanhol. Clemencin, considera, senão como original de Francisco de Moraes, ao menos como original portuguez. (1) O livreiro Salva julga ter cortado a questão da originalidade descobrindo a edição hespanhola de 1547 e 48, anterior á primeira edição portugueza de Evora de 1567. Salva, levado pela pertenção da originalidade de Hespanha, diz que é o auctor do *Palmeirim de Inglaterra* um poeta de Toledo chamado Luiz Hurtado, como se vê por um acrostico dedicado pelo auctor ao leitor; tendo sido em 1822 attribuida pelo livreiro Vicente Salva ao impressor Miguel Ferrer, attribuiu-a depois ao traductor castelhano Luiz Hurtado, fundado nos seguintes argumentos:

1.º A versão hespanhola do *Palmeirim* é de 1547, e a portugueza é de 1567.

2.º A intelligencia de um acrostico, que diz em quatro outavas: *Luiz Hurtado autor al leitor Salud.*

A estes unicos argumentos apparentemente verdadeiros, responde-se com a mais inconcusa realidade dos factos:

I. Em 1540, acompanhou Francisco de Moraes a D. Francisco de Noronha, que ia como Embaixador a

(1) *Edição de Dom Quijote*, t. I, p. 125, 126.

el-Rei de França Francisco I. Moraes ia na qualidade de Secretario; na Torre do Tombo, gaveta 2.ª, Maço 5.º, n.º 61.º, encontra-se uma carta autographa de Francisco de Moraes, datada de 10 de Dezembro de 1541, ao Conde de Linhares, dando-lhe varias noticias da corte franceza, e em que lhe mostra o desvanecerem-se os receios de haver guerra de França com Hespanha.

Na dedicatoria de *Palmeirim* á Infanta Dona Maria, Francisco de Moraes diz ter escripto a sua novella no tempo que esteve em França: «Eu me achei em França ha dias passados, etc.» (Já citado por Odorico Mendes.) A embaixada de D. Francisco de Noronha durou até 1543, e voltando para Portugal o seu Secretario dedicou então o livro á infanta.

Uma circumstancia nos revella que Moraes imprimiu antes de voltar para Portugal o seu *Palmeirim*, por isso que a edição de 1786 diz de uma que existia em Sam Francisco da Cidade, que era *em caracter entre gothico e redondo que dá mostras de ser impressa fóra do reino.* Nicolau Antonio na *Bibliotheca hispanica* falando de Francisco de Moraes, diz *anonymus scripsit;* d'onde se conclue que Francisco de Moraes imprimiu o *Palmeirim* estando em França entre 1540 e 1543, e que Luiz Hurtado traduzira o *Palmeirim* sobre esta edição anonyma. Prova-se que Luiz Hurtado a traduzira, por circumstancias que só se referem á pessoa de Francisco de Moraes, conservadas na sua pseudo-primeira edição de 1547. Nos Dialogos de Francisco de Moraes vem uma *Desculpa de huns amores que tinha em Paris com*

uma dama franceza da Rainha Dona Leonor, per nome Torsi, sendo portuguez, pela qual fez a historea das damas francezas no seu Palmeirim. Por causa d'estes amores, introduziu Francisco de Moraes nos capitulos 137 a 143 umas justas em louvor das quatro damas francezas Mansi, Talensi, Latranja e *Torsi;* Hurtado na sua versão de 1547 traz tambem estes 11 capitulos, inteiramente pessoaes.

A dedicatoria da obra anonyma á Infanta foi como uma declaração de que era auctor d'ella; ali fala de Dom João III, como vivo, portanto foi antes de 1556, data da sua morte; d'aqui se infere que a dedicatoria não foi para a edição de 1567, mas para alguma que não chegou a fazer-se.

II. Quanto ao segundo argumento. Salva não percebeu os versos de Luiz Hurtado, que se dá como traductor da obra impressa anonymamente em França entre 1540 e 1543:

> *Liendo* esta historia . . . .
> *Vi* ser espejo de echos formosos.

D'onde se vê que *leu* primeiro a historia, depois *conheceu* a sua belleza, e foi então que meteu mãos ao lavor. Que lavor foi esse? Elle responde:

> Robando la *fruta de agenos* huertos.

É assim entendidas, que essas quatro outavas de Luiz Hurtado tem sentido, sob pena de elle não ter senso commum pelos exagerados elogios que faz á novella.

Fique para sempre Francisco de Moraes na posse imperturbavel do seu *Palmeirim*, que teve uma extensa familia como o *Amadiz*. A Novella de *Tirante o Branco*, segundo a tradição, foi originariamente em portuguez; tambem se diz que fôra escripta a pedido de um principe portuguez. Mossem Juan de Mortorell, valenciano, dedicou-o ao Infante Dom Fernando, filho d'el-rei Dom Duarte e Dona Leonor de Aragão.

Em fim, todas as Novellas de cavalleria se prendem á nossa historia litteraria por uma certa tradição, que accusa a sua origem. Francisco Rodrigues Lobo, na *Corte na Aldeia*, toca a questão da decadencia das novellas de cavalleria e sua importancia, que começara a ser contestada no seculo XVI. Diz Leonardo do que appresentava Pindaro, estudante: «que cada vez que o ouço me parece um livro de cavallerias. Se elle tivera encantamentos escuros, castellos roqueiros, cavalleiros namorados, gigantes soberbos, escudeiros discretos e donzellas vagabundas, como tem palavras sonoras, razões concertadas, trocados galentes e periodos que levam todo o folego, podera pôr a um canto o *Amadis*, *Palmeirim*, *Clarimundo*, e ainda o mais pintado de todos os que n'esta materia escreveram; e já estive em o persuadir, que se metesse em uma empreza similhante; porém receio que se me ensoberbeça com a altiveza do seu estyllo, e despreze aos amigos.» O estudante respondeu mostrando que tem em pouca conta as Novellas de cavalleria: «se abrir as azas para compôr livros não houveram de ser de patranhas.» Responde-lhe logo

o velho Solino: «nem podeis fazer tão pouca conta dos livros de Cavallerias e dos famosos Authores que os escreveram e que mostraram n'elles a sua boa linguagem com toda a perfeição: a graça de tecer e historiar as aventuras, o decoro de tratar as pessoas, a agudeza e galanteria das tenções, o pintar as armas, o botar as côres, o encaminhar e desencontrar os successos, o encarecer a pureza de uns amores, a pena de uns ciumes, a firmeza em uma ausencia, e outras muitas cousas que recreiam o animo e affeiçoam e apuram o entendimento. Se vós tendes por desprezo compôr livros de Cavallerias, eu vos desengano, que pertencem mais cousas ao bom auctor d'elles, que a um dos Letrados philosophos ou juristas com que dezejaes de vos parecer: porque lhe importa saber a Geographia dos reinos e provincias do mundo, para encaminhar por ellas a sua historia; ter noticia dos nomes e cousas que usaram n'aquellas partes donde faz naturaes os Cavalleiros; saber o estylo da Corte, para as mesuras, gasalhados e cortezias conforme as pessoas introduzidas; conhecer da justiça, do torneio e do saráo, a ordem, as leis, e as gentilezas; entender da bastarda e da gineta; o que convem para pintar o encontro, a queda, o acerto, o desar, o brio, o descuido de um cavalleiro; debuxar o cavallo nas côres, concertal-o nas rédeas, no pisar, no arremeço, na furia, na destreza, nas carreiras, chegas e rodeios; e sobre o conhecimento de todas as sciencias e disciplinas, tambem hade ter alguma noticia dos Nigromantes antigos para os encantamentos, que servem

de bordão e valhacouto aos historiadores.» O Doutor Livio começa então a impugnar as Novellas de cavalleria com os argumentos da epoca. Francisco Rodrigues Lobo não ignorava o movimento que se passava na litteratura hespanhola, e descreve a rivalidade entre os chronistas e novelleiros. «Primeiramente, nas *historias* a que chamam verdadeiras, cada um mente segundo lhe convem, ou a quem o informou ou favoreceu para mentir; porque se não forem estas tintas, é tudo misturado, que não ha pano sem nodoa, nem legoa sem mau caminho. No livro fingido contam-se as cousas como era bem que fossem e não como succederam; e assim são mais aperfeiçoadas. Descreve o cavalleiro, como era bem que os houvesse; as damas quam castas, os reis quam justos, os amores quam verdadeiros, os extremos quam grandes, as leis, as cortezias, o trato tão conforme com a razão. E assim não lereis livro em o qual se não destruam soberbos, favoreçam humildes, amparem fracos, sirvam donzellas, se cumpram palavras, guardem juramentos e satisfaçam boas obras. Vereis que as damas andam pelas estradas sem haver quem as offenda, seguras na sua virtude propria, e na cortezia dos Cavalleiros andantes. E quanto ao retrato e exemplo da vida, melhor se colhe no que um bom entendimento traçou e seguiu com muito estudo, que no successo que ás vezes se alcançou por mão da ventura, sem a diligencia e engenho meterem nenhum cabedal. Não digo, que os livros tenham excessos desatinados, que não sejam similhantes á verdade, nem os encantamen-

tos tão escuros e desconformes, que não tenham alguma maneira de enganar o juizo; porém os livros bem fingidos como verdadeiros obrigam. Um curioso em Italia (segundo um auctor de credito conta) estando com sua mulher ao fogo lendo Ariosto, prantearam a morte de Zerbino com tanto sentimento, que lhe accudiu a visinhança a saber o que era. E no que toca ao exemplo, um Capitão valeroso houve em Portugal, que o não teve melhor o Imperio romano, que com a imitação de um cavalleiro fingido, foi o maior de seus tempos, imitando as virtudes, que d'elle se esperavam.» (Refere-se ao Condestavel, que imitou Galaaz e quiz conservar-se virgem como elle.)

«Muitas donzellas guardaram extremos de firmeza e fidelidade, costumadas a ler outros similhantes livros de Cavallarias. Na milicia da India, tendo um capitão nosso cercado uma cidade de inimigos, certos soldados camaradas, que alvergavam juntos, traziam entre as armas um livro de cavallarias, com que passavam o tempo. Um d'elles, que sabia menos que os mais d'aquella leitura, tinha tudo o que ouvia ler por verdadeiro, (e assim ha alguns innocentes que cuidam que se não pode mentir em letra redonda) os outros ajudando a sua simpleza, lhe diziam que assim era. Veiu occasião de um assalto, em que o bom soldado invejoso e animado do que ouvia ler, lhe pareceu ensejo de mostrar seu valor e fazer uma cavallaria de que ficasse memoria, e assim se meteu entre os contrarios com tanta furia, e a começou a ferir tão rijamente com a espada, que em

pouco espaço se empenhou de sorte, que com muito trabalho e perigo dos companheiros, e de outros muitos soldados, lhe ampararam a vida, recolhendo-o com muita honra, e não poucas feridas. E, reprehendendo-o os mais amigos d'aquella temeridade, respondeu:—«Ah, deixae-me, que não fiz a metade do que cada noite ledes de qualquer cavalleiro do nosso livro.» (1)

Foram estes sentimentos cavalheirescos que nos deram a independencia no tempo de Dom João I, quando os seus cavalleiros se comparavam com denodo aos da Tavola Redonda, e o proprio monarcha, se denominava rei Arthur flor de liz; estes mesmos sentimentos alargáram as nossas conquistas no Oriente; mas a edade da burguezia tinha chegado, e o nosso ultimo rei cavalheiresco Dom Sebastião, amando mouras encantadas, sonhando a conquista de Marrocos, levando comsigo já feita a corôa com que havia de ser exaltado no seu triumpho, cercando-se dos poetas que haviam de cantal-o na tuba epica, parecer-nos-hia hoje mais ridiculo do que Dom Quixote, se a este tresloucamento não estivesse ligada a decadencia irremissivel da nacionalidade portugueza.

(1) *Corte na Aldeia*, p. 9, ed. 1722.

b) Poesia lyrica

A acção que a poesia portugueza no periodo galleziano exerceu sobre a poesia castelhana, torna-se reflexa no seculo XV e no primeiro quartel do seculo XVI. A rasão do facto está, como já apontamos, na grande emigração de fidalgos hespanhoes que seguiram o partido de el-rei Dom Fernando, que depois de vencido lhe offereceu um refugio em Portugal, e no casamento dos nossos monarchas com princezes de Castella. A lingua castelhana, antes de se tornar a expressão rude a que a condemnaram os Autos populares, era a linguagem da galanteria e das canções na corte de Portugal; imitava-se cá a authoridade de João de Mena, como sabemos pelos versos do Infante Dom Pedro; o Marquez de Santillana iniciava nos segredos da poetica o Condestavel de Portugal; João Rodrigues del Padron, Macias, Jorge Manrique, Stuniga eram citados como modellos tanto em arte como em amor. A poesia lyrica tornava-se na Peninsula a ultima transformação das tradições provençaes, era inteiramente aristocratica; os nomes dos reis e da fidalguia portugueza são os unicos que nos apparecem como poetas durante este tempo. Do povo ninguem sabe; a sua poesia, perdida sempre na inspiração anonyma, não conseguiu fixar na escripta a versão oral em que andava.

A poesia lyrica era usada unica e exclusivamente nos serões do paço. Os nossos poetas são El-rei Dom

Duarte, seu irmão, o Infante Dom Pedro, sua irmã D. Philippa, seu sobrinho Dom Pedro, rei de Chypre; Dom João II, severo e implacavel, julgava o talento poetico uma *excellente manha*, e abrilhantou com as trovas dos seus aulicos os serões da côrte; elle mesmo desenvolveu em Garcia de Resende esse talento logo que lh'o descobriu. Tambem o Infante D. Luiz era poeta, como se crê pelos sonetos e Auto que se lhe attribue, e seu irmão o Infante Dom Duarte tambem cultivava a poesia, como vemos por esta passagem da sua vida escripta por André de Resende: «E tratando nas cousas da edade já mais esforçada e crecida, foi o Infante, que haja gloria, dado á musica, e tão dextro em ella, que sem prever cantava qualquer peça que lhe apresentassem e com gentil ar e melodia. Fazia trovas sentenciosas e guardava todas as leis e arte de bem trovar.» (1) A poesia lyrica, toda palaciana, era quasi sempre acompanhada do canto; e é por isso que vemos no seculo XV e XVI a musica tomar em Portugal um notavel desenvolvimento. O celebre Dom João de Menezes, poeta que Sá de Miranda respeitava, compunha coplas para canto de orgão; Garcia de Resende, tambem poeta, era um excellente guitarrista; Manoel Machado de Azevedo, imitador da poesia castelhana, e da nossa primeira fidalguia, foi um dos que em Portugal primeiro tocou alahude; Sá de Miranda, que antes da sua viagem á Italia seguia a imitação da eschola

(1) Vida, cap. VI.

hespanhola e glosava as coplas de Manrique, tambem tocava com perfeição violas de arco; e o proprio Gil Vicente, que frequentou as cortes de João II, Dom Manoel e Dom João III, era o que compunha a musica das enselladas, chacotas e villancicos dos seus Autos.

Comtudo, a dependencia mediata entre a musica e a poesia lyrica da eschola hespanhola, fez com esta acobertada com a magia do rythmo, se tornasse monotona, pobre e destituida de ideia. O metro usado de preferencia era o octosyllabo nacional, propriamente popular, rehabilitado, desde que os poetas palacianos começaram a tornar subjectivos os romances. A nossa imitação provençal usara quasi constantemente o verso de dez syllabas á maneira dos limosis, como dizia o Marquez de Santillana; foi durante a imitação hespanhola, e como primeiro resultado d'ella, que a redondilha popular se tornou aristocratica. Contribuiu para isto a accomodação da musica.

As poesias andavam em manuscripto; não havendo outro meio de publicidade, recitavam-se nos serões do passo, e os fidalgos e monarchas presenteavam-se com os seus versos. O Marquez de Santillana offereceu ao Condestavel de Portugal a collecção das suas obras. Tambem Antonio Pereira Marramaque brindou Sá de Miranda com um volume de Boscão. Chamava-se então a estes volumes, em que estavam reunidas as poesias de um ou muitos auctores, pelo nome de *Cancioneiro*. D'este costume de ter cancioneiros particulares fala Jorge Ferreira de Vasconcellos, que é o espelho dos

costumes da sociedade portugueza: «Fazem por si mundo em segredo, vivem como morcegos, *tem Cancioneiro* de boa letra e má nota, e mostram-no em particular a quantos lh'o querem ouvir.» (1) E em outra parte, falando da alliança da musica com a poesia: «tocam por semitom, passando por alguem que ouça *trova de Cancioneiro*, de que trazem a memoria acogulada.» (2) No privilegio a Paula Vicente para imprimir as obras de Gil Vicente, diz-se o *cancioneiro das obras de seu pae*. Em Hespanha, Hernan de Castilho começára o seu trabalho de collecionação para o *Cancionero general* em 1491, e só foi impresso em 1511; o facto reflectiu-se immediatamente em Portugal. Foi então que Garcia de Resende teve a ideia de formar um *Cancioneiro geral*, contendo as poesias de todos os fidalgos da corte de Affonso v, Dom João II e Dom Manoel, que seguiram fatalmente a eschola castelhana. A edição do Cancioneiro de Resende é de 1516; induz-se naturalmente que o diligente chronista começava pelo menos o seu trabalho pouco antes de 1511, isto é, quando os serões da corte de Dom Manoel estavam ainda no seu explendor, que bem depressa perderam, como se vê na queixa de Sá de Miranda; é tambem natural, que em 1514 a collecção portugueza já estivesse completamente formada, por isso que Garcia de Resende foi n'este anno a Roma, como secretario da

(1) Ulyssipo, fol. 213, v.
(2) Id. fol. 213.

Embaixada ao Papa Leão x. N'este caso deixaria os manuscriptos ao bombardeiro d'elrei e impressor allemão Hermã de Campos, o que só assim justifica o asserto dos editores de Stutgart, que o dão como collaborador de Resende.

O *Cancioneiro Geral* é o monumento completo da nossa eschola hespanhola; nasceu da imitação da ideia e da forma da colleccionação. Os editores de Stutgart representam o *Cancioneiro* de Hernam de Castilho, como o modello seguido por Garcia de Resende; temos que o Cancioneiro de Baena influiria mais no animo de Resende, pela grande analogia de profissão que se dá entre os dois chronistas palacianos. O motivo da colleccionação estava nos costumes aristocraticos do tempo; era moda a poesia nas cortes mais opulentas; Resende o confessa: «e nas cortes dos grandes prinçepes he muy necessaria na gentileza, amores, justas e momos; e tambem para os que maos trajos e envenções fazem, per trovas são castigados, e lhe dam suas emendas...»

A eschola hespanhola reinava despoticamente em Portugal. A poetica de Juan del Encina tornara-se o codigo do Parnasso; nas censuras e sarcasmos de Jorge Ferreira, vemos a importancia que ella tinha: «Eu, senhor, tenho privilegio pera obedecer á arte de Lenzina, e espojar-me pela poesia a meu sabor.» (1) Em outro logar: «e falam doçuras mais mal apropriadas e

(1) Ulyssipo, fol. 203. v.

menos fundadas, que disparate de João de Denzina.» (1) Tambem Garcia de Resende tirava a originalidade de Gil Vicente, attribuindo a Encina, a invenção dos Autos pastorís. De todos estes poetas só um comprehendia a Eschola hespanhola; esse foi Sá de Miranda, que a julgava uma ultima transformação da poesia provençal:

> Entrando o tempo mais, entrou mais lume,
> Suspirou-se melhor, veiu outra gente.
> . . . .
> Eu digo os *Provençaes*. que *inda* se sente
> O som dos brandos versos que entoaram
> As suas musas brandas, brandamente. (2)

Por esta intelligencia cabia a Sá de Miranda o inaugurar em Portugal a renascença italiana; e só elle, com o seu caracter de inteireza e boa fé podia ser um verdadeiro apostolo da arte; a antiga imitação hespapanhola, ficou sendo chamada *eschola velha.*

Ao terminar o quadro da nossa poesia lyrica do primeiro quartel do seculo XVI, lembramos esta notavel coincidencia: que a poesia italiana do seculo XII. foi a causa da primeira decadencia da poesia provençal, e que foi ainda ella que abafou este ultimo ecco da tradição provençal conservado no Cancioneiro de Resende.

(1) Ibid. fol. 214. v.
(2) Fol. 123. edição de 1612.

c) Poesia dramatica

Aonde o genio nacional tiver sido abafado, aí desapparece a creação dramatica; o theatro, é de todas as formas da arte, a que exije mais vitalidade, e a que mais se liga á manifestação da raça. Não é a Inglaterra a que possue o theatro mais original do mundo? Em um povo em que a feição da raça tinha sido anullada pelo catholicismo, pela litteratura classica, e pela monarchia absoluta, o theatro foi o ultimo a desenvolverse, e ainda assim por um impulso regio e ficticio. Portugal foi o ultimo paiz da Europa aonde se deu a renascença do theatro. Extincta a raça dos *mosarabes*, abafados na plebe que trabalha e é explorada, cretinisando-se constantemente por todos os meios, faltava-lhe a expansão que faz olhar o lado comico da vida e que inventa o drama. O portuguez não tendo festas nacionaes, como poderia então ter theatro? Faltou-nos a forma *popular*, mas tivemos a forma *hieratica* e *aristocratica* da comedia, correspondendo a esses dois poderes que asphyxiaram a inspiração dos mosarabes.

As primeiras noticias do theatro portuguez são os *mômos* e entremezes da côrte de Dom João II, a que se allude com frequencia no Cancioneiro Geral. Garcia de Resende, falando dos Autos de Gil Vicente, dava a entender que eram imitações dos eclogos pastorís de João de la Encina. Foi a rainha Dona Leonor, mulher de Dom João II, a que animou e instigou Gil Vicente para que alegrasse os serões do paço com os seus Au-

tos. Da creação popular, temos fracos vestigios, emquanto o theatro andava ligado á liturgia das festas do christianismo. Coincíde com a maior depressão dos *mosarabes* no seculo XVI a publicação das Constituições dos Bispados, prohibindo ao pobre povo a representação dos autos e entremezes no adro das egrejas. O povo não adquire usos novos de repente, pelo contrario odeia-os de morte. Estes autos e entremezes eram restos das festas religiosas e civis da edade media portugueza. Podemos dizer, que a contar do seculo XVI, desde que se consolidou a monarchia, que vigorou a codificação romana, que começaram os exercitos permanentes e que se enthronisou a intolerancia religiosa, o povo portuguez ficou para sempre triste e mudo.

Gil Vicente, o creador do nosso theatro, escrevia para os reis e não para o povo; a sua grande alma de *mosarabe* fazia-o aproveitar-se das situações populares e das tristezas das classes infimas para dar a conhecer a miseria publica. Em um Auto fala unicamente do perigo de mandar os galeões para a India com pilotos imbecís, em outro pede tolerancia para a pobre gente supersticiosa, em todos desmascara as grandes ambições do clero. O theatro Gil Vicente é popular na intenção e não na origem. É por isso, que em todas as fórmas da litteratura portugueza, sómente no theatro é que se encontra a profissão franca das ideias das Reforma. Gil Vicente toca em todos os pontos capitaes da grande lucta da secularisação da intelligencia e da sociedade, e sobre tudo na questão das indulgencias,

O que mais assombra é vêr em Antonio Prestes, no celebre *Auto da Ave-Maria*, a Rasão considerada como indispensavel para o merecimento da Fé. É este o espirito do theatro antigo portuguez, condemnado cruamente nos *Index Expurgatorios*, achando-se actualmente os titulos de centos de comedias perdidas por causa da intolerancia religiosa.

As grandes relações da côrte ingleza no tempo de Dom João I, trariam por ventura para Portugal o conhecimento dos *Mysterios* representados nos Mosteiros, se é que o nosso povo adquirindo com a eleição do seu monharca a independencia de *terceiro estado* não deu largas a este costume filho do seu tempo. Gil Vicente, introduzindo nas festas e serões da côrte o auto popular na intenção, conhecia por certo os *mysterios* inglezes; sua filha Paula Vicente sabia perfeitamente a lingua ingleza, e chegou a escrever uma grammatica. Gil Vicente viveu na côrte de Dom João II, e poderia têr encontrado na livraria do monarcha, formada das livrarias de Dom João I, Dom Duarte e Dom Affonso V, alguns exemplares do theatro popular inglez, que alí bem podiam estar juntos com a *Confissão do Amante* de Gower, com a *Summa Predicantium* de Bromyard, e de outros livros, vindos de Inglaterra.

É nos autos Autos de Gil Vicente aonde se encontram as formas da poesia da edade media, como as *neumas*, os cantos *farsis;* alí o personagem Diabo representa a mesma parte que nos Mysterios antigos. O povo teve tambem a sua hora de vingança; o Diabo

que o assombrava com tantos terrores, veiu dar motivo á gargalhada do bom senso e da tolerancia dos tempos modernos. Todos os Mysterios das velhas Companhias dramaticas não dispensam este typo para despertar a attenção do povo; o Diabo apparece sobre o tablado, medonho e caprípede, rindo-se escancaradamente, carregando com a responsabilidade dos sarcasmos, acabando por fugir aturdido diante das vaias e risadas dos espectadores. O diabo foi o primeiro personagem comico do drama moderno; d'este germen saíu Scapin, Arlequino, Palhasse, Pathelin, Sganarello, e a Celestina. Nos Autos de Gil Vicente é o diabo o que despende os pilhas de sal atellanico, é o que condemna a curia romana e a ambição clerical, ensinando ao senso commum e burguez as ideias da Reforma. Ainda entre o nosso povo se encontra a velha locução —*fazer diabos a quatro*, que teve origem dos Mysterios, em que a importancia da peça augmentava com o maior numero de diabos que entravam. Em Rabelais se encontra esta phrase: *la grande diablerie à quatre personages*, (1) derivado do mesmo costume.

Falto de uma existencia propriamente nacional, o theatro portuguez teve de imitar artificialmente: de todos os nossos poetas dramaticos, o que menos imitou o theatro hespanhol foi Gil Vicente; adoptou, é verdade, a linguagem castelhana, porque era o que estava em moda na poesia lyrica. Seguiu-se a elle Jorge

(1) Pantagruel, cap, IV, p. 52.

Ferreira, que formou as suas ideas scenicas sobre a comedia da *Celestina.* Elle a cita com frequencia: «E vós dar-lhe-heis mais virtudes que a *madre Celestina.*» (1) E: «A *madre Celestina* não soube tanta theorica.» (2) Na linguagem popular ainda hoje se fala nas artes da *Madre Celestina* resto da sua antiga affeição; João de Barros e Camões tambem citaram essa comedia portentosa, que imprimiu o caracter á nossa comedia. Francisco Rodrigues Lobo, que estudava Jorge Ferreira, e fez Autos em redondilha, tambem traz esta passagem: «Ainda me parece que haveis de chegar á *Celestina*, que postoque o officio é commum de dois, acommoda-se melhor ao feminino.» (3)

No seculo XVII já se não representava em portuguez; os *pateos das comedias*, eram mais uma especulação de caridade, do que um divertimento. Pedro Salgado e Jacintho Cordeiro escreveram em hespanhol, as comedias começaram tambem a serem divididas á hespanhola, como vemos por esta passagem de Francisco Rodrigues Lobo: «E tambem os poetas nas suas comedias, que são mais proprias para recreação e passatempo dividiram a obra em actos *a que agora chamam jornadas*, etc.»

No meio d'esta triste decadencia, falta accumular ainda a acção do theatro classico, implantado com a imitação da Renascença italiana. Á medida que se avança, mais se perde o veio nacional.

(1) e (2) Ulyssipo, fol. 158, e 197.
(3) Côrte na Aldeia, p. 67, ed. de 1722.

2. *Influencia italiana.*

a) Poesia epica

Assim como a renascença italiana do seculo de Leão x foi uma consequencia necessaria de Lourenço de Medicis, tambem em Portugal o reflexo d'esse brilhante periodo litterario e artistico começou no tempo de Dom João II, até se impôr á imitação no reinado de Dom Manoel e de Dom João III. Dom João II, correspondendo-se directamente com Angelo Poliziano, deixa descubrir a emulação que tem por Lourenço de Medicis, que procura seguir no grande movimento intellectual, que prepara o seculo XVI. A imitação italiana exerce-se primeiro na architectura e pintura portugueza. Comtudo esses dois germens de epopêa que se encontram no *Cancioneiro geral*, o poema á morte de Dom João II, e o poema á tomada de Azamor, embora não sejam ainda em outava rima, pertencem ao genero a que os italianos chamaram *poemetti*. O proprio Lourenço de Medicis e Poliziano foram os primeiros que abriram o exemplo.

Aos grandes factos do mundo politico, a reforma de Luthero, as descobertas de Vasco da Gama e de Colombo, a propagação da imprensa e a renovação dos exemplares da antiguidade, corresponde em todas as litteraturas modernas a fórma litteraria da epopêa. Absortas diante da Iliada e da Eneida, as imaginações acham-se sem audacia para inventarem a epopêa da vi-

da moderna. A França embuída no culto do antigo, esquece totalmente as cantilenas heroicas dos seus paladins, e, tendo ella dado o elemento e a forma de todas as epopêas de edade media, agora confessa-se sem cabeça epica!

A poesia italiana foi a que melhor comprehendeu o pensamento da epopêa nova; a saudade das tradições de cavalleria que se íam perdendendo, levou-a a reconstruil-a poeticamente; no fragor das luctas da sociedade burgueza as aventuras galantes suscitavam um contraste ridiculo; a epopêa cavalheiresca, como a renovaram Pulci, Berni, Boiardo, Alamani, Trissimo e Ariosto, é um mixto de enthusiasmo guerreiro e de ironias maliciosas. Exalta-se a cavalleria, mas não já com o respeito religioso da instituição primitiva. A novella de *Amadis*, que recebera a sua forma em prosa em Portugal, e que era ainda com frequencia citada na côrte de Dom João II, como vêmos pelo Cancioneiro de Resende, e dramatisada por Gil Vicente, lá foi receber na Italia, nas mãos de Bernardo Tasso a sua segunda forma poetica, do mesmo modo que as epopêas francezas. O caracter *nacional*, fundamento de todas as epopêas antigas, só podia sêr substituido pela tradição da cavalleria no momento em que ficou cerrada a edade media; o *Regimento de Guerra portuguez*, inserido nas Ordenações Affonsinas, foi desconhecido, mas qual poderia têr sido a sua influencia, vêmos na tentativa de Francisco I, em querer dar vida á instituição da cavalleria,

facto que despertou o genio de Ariosto e do Tasso. (1)

Ávidas de epopêas, todas as litteraturas se lançaram apoz o modello da Italia; em França nasceu a eschola de Ronsard; Dubellay suspirava por um assumpto nacional; mas a imitação grega e latina levada ao desespero não fez mais do que levantar a *Franciada*. E Ronsard foi condecorado pelo nosso Cardeal D. Henrique, com o habito de Christo. (2)

A imitação da poesia epica em hespanha não achava a sympathia com que foi abraçada o poesia lyrica; a classe culta, que seguia a Renascença, tinha condemnado os romances populares, que eram verdadeiras epopêas, que não conheciam. A epopêa cavalheiresca italiana não podia têr imitadores; a elaboração poetica gastava-se toda em eclogas. Os poetas hespanhoes desejavam uma epopêa seria; líam Homero e Virgilio com os olhos de troveiros, e desenvolveram debalde o genero hybrido da epopêa academica; querendo assumpto nacional, tomaram Carlos V por seu heroe: Zapata, fez o *Carlos famoso*, Urrea o *Carlos victorioso*, e Samper a *Carolêa*. A renascença erudita fizera perder á Hespanha o sentimento epico, que a fez crear as tradições heroicas que suplantaram os cyclos dos paladins francezes.

Como todos os outros povos, Portugal tambem sen-

(1) Rathery, *Influence de l'Italie sur les Lettres françaises*, p. 93.
(2) Juromenha, *Obras de Camões*, t. I. p. 9, e 487.

tia a necessidade de uma epopêa nacional. Dominado e acanhado pelo espirito classico, era o que estava em melhores condições para seguir o molde virgiliano. Os epicos antigos foram muito cedo conhecidos em Portugal; Azurara cita frequentes vezes Lucano, talvez pertencente á bibliotheca de D. Affonso V; e Homero era explicado em grego, com pasmo dos estrangeiros. Quando Sá de Miranda cita as epopêas italianas, não era com intenção de recomendal-as; para as façanhas de Roldão, de Reynaldo, de Rogel e de Astolpho elle roça pelo anexim: a palavras loucas orelhas moucas. (1) Camões tambem exigia mais seriedade nos heroes da epopêa, quería que elles fossem verdadeiros; para elle Regeiro é vão, e Orlando sem realidade. Não devemos á Italia a imitação directa da épopêa, mas devemos-lhes a forma sonora da *outava rima*, inventada por Boccacio, e vulgarisada entre nós por Sá de Miranda; e sobretudo, essa ambição litteraria de têrmos algum poêma nacional para pôr a par das epopêas da antiguidade. D'onde nos hade vir a epopêa? N'esta parte fômos mais felizes do que os hespanhoes, não cantamos um rei, mas o *peito luzitano*.

João de Barros, que, depois de Gil Vicente, é o que tem mais pronunciado o caracter de *mosarabe*, foi o primeiro que fez sentir a necessidade de uma epopêa nacional. Tinhamos descoberto o Oriente; e João de Barros pressentia que aquillo era um grande poêma. Em

(1) Vid. supra, p. 199

um panegyrico recitado em 1533, diante de Dom João III, diz da poesia heroica: «Com este fundamento ás mezas dos Principes e grandes senhores se cantavam antigamente em metro os feitos notaveis dos grandes homens donde primeiro nasceo a poesia heroica, e segundo eu tenho ouvido ainda n'este tempo os Turcos em suas cantigas louvam feitos d'armas de seus Capitães, o que se fosse usado em Hespanha e toda a Europa, se me eu não engano, mais proveito de tal musica naceria, do que nace de saudosas cantigas e trovas namoradas.» (1) João de Barros falava contra as imitações unicamente lyricas que em Portugal e Hespanha se faziam dos petrachistas e bembistas; elle queria a epopêa séria e historica. No fim da Oração recitada por André de Resende, na Universidade de Lisboa em 1534, traz o illustre antiquario um poemeto latino em que exalta a fundação de Lisboa, aonde já vem a designação epica de *Lusiadas* formada do patronimico heroico:

Inter *Lusiadas* nisi amor revocasset amatae

N'estes versos fala nos vastos dominios de Portugal, cita a *Taprobana* e muitos outros nomes que dão feição poetica. Eram os eruditos que faziam sentir a necessidade de uma epopêa nacional. Em uma Carta a

(1) Citado pela primeira vez por Juromenha, *Obras de Camões*, t. I, p. 21.

Pero de Andrade Caminha, o Doutor Antonio Ferreira incita-o para que se entregue ao trabalho de uma epopêa nacional:

> O Portuguez Imperio que assim toma
> Senhorio por mar de toda a gente,
> Tanto barbaro ensina, vence e doma,
> Porque assi ficará tam baixamente
> Sem Musas, sem sprito, que cantando
> O vá do Tejo seu ao Oriente? (1)

Ferreira escrevia estes versos depois de 1554, quando Camões estava já desenvolvendo a sua concepção, desterrado na gruta de Macau. O vaticinio de Ferreira, desejando que o filho do Principe Dom João protegesse o futuro epico, foi realisado em Camões. Mas nem João de Barros, nem Antonio Ferreira chegaram a vêr os *Lusiadas;* o chronista expirou quando Camões chegou a Lisboa, e n'esse mesmo anno Ferreira morrera da peste. Na gigante epopêa de Camões, apparecem dois preconceitos profundos, e cada qual mais contrario: a mythologia pósta em moda pela Renascença, e os milagres das lendas do christianismo. Qualquer d'estes preconceitos de eschola ou de crença era bastante para o tornar mediocre, se as impressões novas da viagem da India e a saudade da patria o não conservassem na verdadeira poesia. Foram estas duas verdades que ditaram essas epopêas em prosa dos ultimos mosarabes, as relações de naufragios, que se lêem na *Historia Tragico-Maritima.*

(1) Cartas, Liv. I, Cart. VIII.

b) Poesia lyrica

Abrindo os versos de Sá de Miranda, de Bernardes e Camões, depara-se em cada poeta dois estylos differentes, dois systemas de versificação, duas escholas; uma grande parte d'esses versos é escripta em redondilha, a outra é em verso endecasyllabo; na primeira, a estrophe é a decima e a quintilha que predominam, na segunda, é a quadra, a outava e o terceto que formam sempre a estancia poetica. Conhece-se que todos estes poetas seguiram no seu primeiro tirocinio a eschola hespanhola, que receberam a tradição conservada no Cancioneiro de Resende, e que de certo tempo em diante a abandonaram para abraçar a eschola italiana. A historia litteraria não tem entre nós investigado as causas d'esta mudança profunda da nossa poetica; o facto de substituir uma eschola pela imitação de outra, mostra-se apparentemente sem lucta. Phenomeno impossivel, principalmente no mundo das vaidades litterarias. A queda da eschola hespanhola pélo triumpho da eschola italiana foi o resultado de uma grande batalha, tanto em Hespanha como em Portugal; sómente nos versos dos proprios poetas que inauguraram a nova imitação se encontra a historia d'essas pugnas.

A poesia hespanhola tinha ficado no mesmo estado em que a deixara João de Mena; foi em 1526, que veiu para Hespanha o embaixador de Veneza Andrea Navagero, e fez sentir a Boscan o estado de atraza-

mento em que estava, apontando-lhe como modello a poesia italiana. Por este tempo viajava na Italia Sá de Miranda, e, ou tivesse noticia da revolução que em Hespanha fazia Boscan, ou porque na casa dos Colonas, com a amisade litteraria de Ruscalla e de Claudio Tolomei tomasse conhecimento dos maiores poetas italianos, logo que voltou para Portugal no fim d'esse anno, tratou de implantar a nova e mais vigorosa poesia. O Infante Dom Luiz, que mandava vir constantemente architectos de Italia para erguerem fortalezas e castelos n'este reino, apaixonou-se pelo movimento. D. Manoel de Portugal, seguiu tambem a nova doutrina; Diogo Bernardes e Francisco de Sá de Menezes, Pero de Andrade Caminha, Antonio Pereira Marramaque e Manoel Machado de Azevedo, foram os primeiros que entraram decididos na eschola italiana. A este tempo Garcillasso alliara-se a Boscan, contra Castillejo, e os que procuravam sustentar as prerogativas immemoriaes dos velhos metros; nos versos dos poetas portuguezes encontra-se uma união e solidariedade na sua obra, que por vezes parecem conservarem as antigas amisades dos poetas classicos.

Era grande a lucta de parte a parte, tanto em Hespanha como em Portugal, mas de ambos os lados faltava uma ideia philosophica, um principio fundamental, uma fórmula d'arte a sustentar ou a impugnar. A questão resumia-se unicamente no uso de certos metros! Sustentavam os partidarios da eschola hespanhola, que o metro octosyllabo é que era o unico ver-

dadeiramente nacional, e que o verso endecasyllabo era prosaico, sem melodia, e repugnante aos ouvidos. Sustentavam os poetas da eschola italiana, que o verso octosyllabo era humilde e rasteiro, improprio para exprimir os grandes conceitos e as formas epicas, como o verso de arte maior. Lucta esteril, em que uma simples noção de historia litteraria mostra que a rasão não estava de nenhum lado: o verso endecasyllabo não é privativo da Italia, encontra-se nos mais antigos monumentos de Portugal e de Hespanha; o verso octosyllabo é o córte natural e rythmico accomodado á glote dos povos neo-latinos, foi usado nos primeiros monumentos poeticos da Italia, de Hespanha e de Portugal, e existirá em quanto existir um d'estes povos que cante.

O resultado das questões da eschola italiana, ainda que batalhadas sobre principios acanhados, foi bom: leram-se os mais perfeitos modellos da boa poesia italiana, e começou-se a dar a preferencia á lingua nacional, que antes era abandonada pelo latim e pelo hespanhol. O doutor Antonio Ferreira, que escrevia de si com orgulho: «Ah, Ferreira! dirão, da lingua amigo,» foi o que mais trabalhou em propagar esta preferencia pela lingua patria. Da mesma imitação da eschola italiana tira a auctoridade, mostrando que em Hespanha e França, aonde se imitava a mesma poesia, se seguiam eguaes passos:

Garcilasso e Boscão, que graça e spritos
D'estes á vossa lingua, que princeza
Parece, já de todos na arte e ditos!
E quem limou assy a lingua franceza,
Senão os seus francezes curiosos
Com diligencia de honra e amor accesa?
E vos, ó namorados e engenhosos
Italianos, quanto trabalhastes
Por serdes entre nos n'isto formosos!
Assi enriquecestes e apurastes
Vosso toscano, que será já tido,
Por tal, qual para sempre o vós deixastes.

E depois d'estes grandes exemplos de tres bellas litteraturas, Ferreira rompe com o celebre terceto que anda na memoria de todos:

Floreça, fale, cante, ouça-se e viva
A portugueza lingua, e já onde fôr,
Senhora vá de si, soberba e altiva. (1)

N'estes tres versos se encerra a consequencia vital da introducção da eschola italiana por Sá de Miranda. Um facto não menos importante foi o estudo dos proprios poetas da renascença. Sá de Miranda, descreve nas suas *Cartas*, na forma que Dom Diego Hurtado de Mendoza usara tambem na nova poesia hespanhola, o prazer intimo com que lia na quinta da Tapada, junto da Fonte da Barroca, em casa do seu amigo Pereira Marramaque os *Assolanos* de Bembo, a *Arcadia* de Sanazarro, o poema de Ariosto, as odes e sonetos de Boscão e Garcilasso, e como ia *passo a passo* implantan-

(1) *Poemas Lusitanos*, Cartas, liv. I, cant. 3.

do em Portugal essa poesia. Em Bernardes achamos tambem citados não pequeno numero de poetas italianos:

E o vosso sobre todos mais mimoso,
Ahi conversareis mais de contino,
Digo o suave autor de *Furioso*.
Torcato, que sugeito achou divino
Pera mostrar os seus altos conceitos
Cantando Godofredo e de Aladino.
Petrarcha e Sanazarro cujos peitos,
O douto Apollo encheu d'alta doutrina,
O Bembo, e o Lasso ao mesmo Apollo acceitos
Veronica com Laura Tarracina
E aquella famosissima Victoria
Que sobre o nosso sol o seu empina. (1)

Esta carta é escripta ao Conde de Monsanto, que depois da volta de Castella se retirara para a sua quinta do Paúl junto do Tejo; Bernardes fala-lhe nos livros que elle alí estudava, o que nos leva a crêr que a eschola italiana foi logo abraçada pela nobreza, em contraposição á velha eschola hespanhola, que ficou pertencendo aos poetas plebeus. Em 1535 o Infante Dom Luiz tinha-se encontrado com Garcilasso na tomada de Tunis, e foi essa uma das suas glorias; logo em 1543 se fez em Lisboa a primeira edição das obras de Boscão. O triumpho estava definitivo e consolidado.

Faltava agora crear sobre a direcção nova. As obras dos poetas portuguezes do seculo XVI andaram muito tempo manuscriptas: os versos de Sá de Miranda

(1) Carta XXXVIII.

ficaram ineditos até 1595, os de Ferreira até 1598, os de Bernardes só viram a luz em 1595, as lyricas de Camões só em 1617, e os de Caminha só no seculo passado viram a luz. Em vista d'estes factos eloquentes, a eschola italiana não podia receber uma assimilação organica; comtudo nos versos de Camões, principalmente nos sonetos, apparece um sentimento mystico da renovação platonica dos petrarchistas que bem se quadra com a melancholia do genio portuguez. Em Hespanha as eclogas italianas recebem a uncção christã em Frei Luiz de Leão; esta tendencia corresponde em Portugal á direcção seguida por Frei Agostinho da Cruz. A poesia lyrica da eschola italiana é subjectiva, mas exageradamente pessoal; o que é um defeito diante da arte, hoje lhe dá mais merecimento para podermos por ella recompôr a historia.

c) Poesia dramatica

A imitação da Renascença italiana matou a grande obra da fundação de um theatro *nacional*, começada por Gil Vicente, impondo-nos á força os modellos da antiguidade classica. Já no seculo XV encontramos citadas em Azurara varias tragedias de Seneca, signal de que existiam na rica Bibliotheca de D. Affonso V: em 1534 já mestre André de Resende citava as comedias de Menandro, e as tragedias de Euripedes segundo os textos gregos; mas não são estes symptomas a causa da esterilidade do nosso theatro. Nós imitámos a

antiguidade com os olhos na Italia, fômos seguindo as suas pizadas. As principaes côrtes da Europa entregavam-se aos divertimentos dramaticos, os cardeaes e os grandes senhores representavam no palco; o sacerdote Bartholomeu Torres de Naharro abrilhantava a côrte do papa Leão x, com as suas comedias, e o Cardeal Bibiena não se envergonhava de trocar o barrete pelo sóco e pela palheta. A imitação d'estes usos italianos é que matou a nossa comedia nascente. Dom Manoel queria hombrear em pompa com o papa Leão x, e celebrava todos as festas do paço com um Auto; mas a influencia italiana deve determinar-se em 1528, depois que Jorge Ferreira de Vasconcellos leu nos serões do paço a sua comedia *Eufrosina*. Estava inaugurada a comedia italiana, cujo caracter consistia no uso da prosa, com exclusão completa do verso. A grande lucta que se descobre na Farça de *Ignez Pereira*, de Gil Vicente, parece um desafio litterario; e d'onde lhe poderia vir o cartel, senão d'aquelles que procuravam introduzir o theatro novo, que substituia a realidade da vida pela erudição academica? Gil Vicente não foi vencido, mas com o andar do tempo ficou extincta por si mesma a sua eschola.

Á maneira italiana, tivemos logo muito cedo o theatro particular, em casa dos grandes senhores. Quando Manoel Machado de Azevedo deixou a côrte de Dom Manoel e veiu viver na sua quinta de Entre Homem e Cavado, celebrou o nascimento do seu primeiro filho varão com divertimentos dramaticos, para honrar os

principes que vieram de Lisboa á festa do baptisado. O theatro com estas condições nada tem de nacional; ninguem vae profundar os abysmos do caracter e das paixões em uma festa domestica.

Sá de Miranda, que tinha inaugurado o novo estylo italiano na poesia lyrica, tambem ensaiou a mesma reforma na poesia dramatica; no prologo da sua primeira comedia, representa a tradição da Arte dramatica, contando as suas peregrinações desde a antiguidade classica até ao seculo XVI, e queixando-se de que os barbaros lhe tivessem mudado o seu nome de Comedia em Auto, e lhe fizessem abandonar a sua linguagem para fazel-a falar em verso. A allusão feria directamente Gil Vicente. Mas a feição italiana dada á comedia, mostra a sua inferioridade, comparada com a fórma *nacional* dos Autos; n'estes ha os typos do baixo povo, as locuções vernaculas, as superstições, as suas queixas, os seus interesses, tudo isto formando um conjuncto que deixa a livinhar um caracter, e na comedia imitada do italiano, a acção não se passa em Portugal sequer, passa-se em Palermo, com gente que nos é desconhecida, com costumes sensuaes que nos são extranhos, com aventuras que não comprehendemos, sem realidade. O Cardeal D. Henrique mandava representar as comedias de Sá de Miranda. Com a tentativa de Sá de Miranda o theatro de Gil Vicente não ficou derrocado; continuou a ser apreciado na côrte de Dom João III, e Dom Sebastião quando impubre ale-

grava-se com esses espectaculos do velho poeta, que os jesuitas tanto lhe prohibiam.

Mas como a imitação italiana pertencia aos eruditos, e no seculo XVI a erudição era uma moda até nas mulheres, foi grande o partido dos que se decidiram pela imitação do theatro classico derivado das superfetações da Italia. A comedia erudita foi acolher-se nos geraes dos Collegios de estudantes, e nos certames dos conventos dos jesuitas. Foi nos divertimentos da vida escholar que Antonio Ferreira escreveu as suas duas comedias, e que Luiz de Camões escreveu o seu primeiro Auto; foi tambem por meio de comedias que os Jesuitas fizeram a sua catechese dos indigenas do Brasil, como sabemos pela vida do Padre José Anchieta.

Durante o tirocinio da vida escholastica era obrigatorio substituir a lingua portugueza pela latina; em muitos divertimentos das ferias academicas os discipulos representavam em latim ou em grego as comedias e tragedias compostas pelos mestres. O que se passava em todas as Universidades da Europa, deu-se egualmente em Coimbra, mesmo antes da reforma de 1537. Em uma descripção do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra assim se acha relatada a vida escholastica no seculo XVI: «Sobre este terreiro em altura de quatro degraus, está um tavoleiro ladrilhado de pedras quadradas e cercado de grades de ferro, sobre o qual estão fundadas as bases do soberbo portal de magestade, torres e egreja d'este mosteiro. Em este tavoleiro ha grande concurso de estudantes que continuamente confe-

rem entre si, uns em grammatica, outros em rhetorica, outros em logica e philosophia, outros em santa theologia, outros em Medicina da vida e saude humana reparadora; e a todos é oprobrio fallar, *salvo em lingua latina ou grega*. Estes estudantes saem como enxames de abelhas de dois polidos e concertados collegios, o primeiro se diz de Santo Agostinho, e o segundo de Sam João Baptista, são as aulas ou geraes em elles ladrilhados e forrados e providos de cathedras mui artificiosas.» (1) Era no meio d'esta vida escholastica que se ensaiavam as comedias de Terencio e de Plauto, para desenvolverem a loquella. Jorge Buchanan, que foi professor da Universidade, fala d'este uso, e enumera as comedias que escreveu para os folguedos das ferias academicas. Foi entre os sinceiraes de Coimbra, que nasceu a portugueza *Eufrozina*, como diz Jorge Ferreira. No prologo da Comedia de *Bristo*, tambem Ferreira diz que a escrevera para os divertimentos da Universidade, e allude a muitas outras e melhores que se tinham representado antes d'elle. A Comedia dos *Amphytriões*, escripta por Camões em quanto andava nos bancos escholares, é tambem uma imitação de Plauto; é escripta no verso de redondilha como quem quer conciliar a eschola nacional dos Autos com a *comedia del arte*, que Sá de Miranda introduzira.

O Visconde de Juromenha dá os *Amphytriões* de

(1) Doc. Apud. Juromenha, *Obr. de Camões* t. I, p. 19.

Camões como contemporaneos dos *Estrangeiros* de Sá de Miranda.

Nas Comedias de Ferreira conhece-se o seu estudo dos modellos italianos; na Comedia de *Bristo* diz: «Quantas mais leys mais burlas, mais roubos, mais malicias.—*Assim diz o rifão italiano.*» Estes pequenos descuidos denunciam um original conhecido por Ferreira, que elle traduziu ou imitou. Leva-nos isto a suppôr se a sua comedia do *Cioso*, será uma imitação da comedia italiana *Il Geloso*, de Ercole Bentivoglio? Ferreira fez como Trissino, antes de se dedicar á tragedia cultivou tambem a comedia. Os divertimentos dramaticos das nossas escholas alcançariam por certo um novo desenvolvimento com a vinda dos estudantes portuguezes que eram em numero de cincoenta pensionados em Paris.

A renascença do theatro tragico não foi devida á imitação directa dos tragicos gregos, mas a tradição latina de um poeta da decadencia, Seneca, imitado por Albertino Mussato, por Angelo Poliziano, por Trissino, Rucellai, Alamani, Giraldi Cintio, Dolce, e segundo a opinião de Patin, tambem pelo nosso poeta Antonio Ferreira. É verdade que logo no seculo XV as tragedias de Seneca foram lidas em Portugal, mas tambem logo na Universidade de Lisboa eram lidas em grego as tragedias de Euripedes e Sophocles, e muito antes de Ferreira escrever, Ayres Victoria imprimiu em 1555 uma traducção de *Agamemnon* de Sophocles. Na Universidade de Coimbra commentava-se

Homero na propria lingua do poeta; todos estes factos levam a crêr que Ferreira iria beber na fonte viva da tradição grega. Elle mesmo era versadissimo na lingua grega, como sabemos pelas suas traducções de Moscho e de Anacreonte. Foi por este facto que o nosso theatro tragico começou tão brilhantemente, ficando a nossa comedia em escala muito secundaria. O merecimento da *Castro* de Ferreira não está sómente na fórma ou no lyrismo dos córos, está no senso artistico do poeta em saber descobrir um assumpto *nacional*, e em ter sido o primeiro que na Europa inaugurou a tragedia sobre um facto tirado da historia da civilisação moderna.

A *Sophonisba* de Trissino, representada em 1520, e escripta já em lingua vulgar, não derroga a prioridade d'esta, que primeiro revelou o que havia de tragico e sublime em um successo da historia nacional. Pelo facto de apparecerem em Hespanha duas tragedias sobre a morte de Ignez de Castro por Antonio da Silva, (pseudonymo de Frei Jeronymo Bermudez,) em 1577, poz-se em duvida se a tragedia de Ferreira seria uma imitação d'aquella. Pelo menos a data da impressão, 1598, confirmava essas suspeitas. Porem ouçâmos o senhor Martinez de La Rosa, cuja auctoridade insuspeita córta todas as incertezas em favor do tragico portuguez: «Diré lo que me parece acêrca de esta cuestion, sin engolfarme en ella, pero con llaneza y lisura: la *Nise Lastimosa* se imprimió en Madrid em 1577, y aun se sabe que estaba escrita y dedicada dos años antes; y

la tragedia portuguesa, titulada *Castro*, no se imprimió hasta mas de veinte años despues, en el de 1598; pero como el autor de esta última hubiesse muerto mucho tiempo havia (en 1569) es evidente que antes de esa época estaba compuesta su obra, aunque tardasse tanto en publicarse. Consta por otra parte, que el monge Bermudez, de nacion Gallego, residió algun tiempo en Portugal; pudo muy bien tratar alli á un humanista de tanto nombre como Ferreira; y aunque pudiera disputarse cual de ellos mostró al otro su composicion manuscrita, y aun alegarse á favor del español la anticipacion en publicarla, debo manifestar de buena fé que, cotejando entrambas obras, me parece que se descubre en la portugueza el verdadero original.» (1) Bermudez fez uma segunda tragedia da vingança da morte de Ignez de Castro *a que depois de morta foi rainha*, intitulada *Nise Laureada*, sensivelmente inferior á sua primeira composição. Bem se vê que lhe faltava um modello a quem seguir. Um facto similhante se vê na continuação que Montalvo fez do *Amadis de Gaula*, intitulada *Sergas de Esplandian*.

Desde Ferreira nunca mais os nossos poetas abandonaram o assumpto da *Castro*, como que se não existissem mais tradições para a tragedia nacional; e em todos os que a trataram de novo conhece-se a intenção de imprimir um cunho de nacionalidade ao nosso theatro, sendo elles os primeiros que a não comprehendiam.

(1) *Obras Litterarias* de Martinez de La Rosa, p. 45, Paris 1845.

---

§. VI

AS ACADEMIAS LITTERARIAS

O genio sensual da Renascença.— Influencia italiana nas Academias.— Academia da Infanta Dona Maria.—Academia dos Generosos, dos Singulares dos Annonymos. —Conferencias Discretas.—Acad·mia Sertoria.—Dom João v academico. — Decadencia da raça portugueza.— A Arcadia e os archaismos e neologismos — Retrato do povo por lord Beckford. —Influencia da côrte Franceza de Luiz XIV e XV em Portugal.— O espirito republicano é afado pelo constitucionalismo inglez.

Com o seculo XVII continuára a influencia italiana; a exagerada rethorica dos Marinistas, facilmente se introduziu coadjuvada pelo gongorismo da nossa visinha Hespanha; os requebros mysticos dos escriptores de sermonarios e livros de piedade tiveram o seu dia de explendor. A poesia, completamente alheia á verdade e ao sentimento da nacionalidade, tornou-se uma distracção da ociosidade fradesca e da sensualidade dos molinistas equietistas. A influencia italiana aqui revela-se pela moda das Academias litterarias.

O genio sensual da Renascença fizera do estudo litterario um passatempo epicurista; o culto dos exemplares gregos era uma especie de fanatismo e de vaidade; os Cardeaes entregavam-se a este culto de predi-

lecção, a ponto de resarem odesinhas gregas em vez das canones da missa, como fazia o cardeal Bembo, ou de representarem comedias, como o Cardeal Bibiena. Á imitação das Academias gregas, os eruditos italianos, com o vinculo do mesmo amor pela antiguidade, jantavam-se ora em palacios esplendidos, ora em jardins magnificos, terminando regularmente a palestra litteraria por opiparos banquetes. Assim se explica a formação de um innumero acervo de Academias italianas do seculo XVI, caprichosamente denominadas pelo titulo de *Insensati*, *Affamati*, *Negligenti*, etc. etc.

A influencia italiana estendeu-se a Portugal, e muito cedo lhe imitámos as Academias. Na Côrte de Dom João III, a Infanta Dona Maria, ultima filha de el-rei Dom Manoel, fundou uma academia de mulheres, a que pertenceram a celebre Paula Vicente, Luiza Sigêa e Angela Sigêa, Anna Vaz e outras; João de Barros descreve-nol-a aproveitando o tempo que lhe restava das suas resas em apprender latim; nos versos feitos por André de Resende á morte de Luiza Segêa, vemol-a retratada como uma polyglota assombrosa, versada no latim, no grego, no hebraico, no chaldeu, correspondendo-se com o Papa Paulo III, e dedicando-lhe o seu poema *Cintra*. No livro de Moradias da casa da Rainha Dona Catherina, Anna Vaz apparece com o ordenado de 6$000 rs. com verba de *latinas*, provavelmente mestra das outras damas; (1) n'este mesmo livro Paula

(1) Opinião de Juromenha, *Obras de Camões*, t. I, p. 31.

Vicente, que escrevera uma grammatica ingleza, e um livro de comedias, apparece-nos com assentamento de *tangedora*. D'entre esta pleiada academica, destinguia-se Dona Leonor de Noronha, traduzindo do latim as *Eneadas* de Marco Antonio Sabellico, historiador italiano.

Tambem Frei Luiz de Sousa, quando no seculo se chamava Manoel de Sousa Coutinho, formou em sua casa uma academia litteraria. Dom Francisco Manoel de Mello regressando a Portugal das suas viagens pela Italia, Allemanha e França, tambem veiu contribuir para propagação do uso das Academias. A côrte de Dom João IV, era um grande centro artistico, aonde principalmente a Musica encontrára verdadeiro acolhimento. Foi tambem ali que Dom Francisco Manoel ensaiou os primeiros tentames da Opera allegorico-mythologica, no seu *Juicio de Paris*, imitação do que pouco antes tinham feito na Italia Peri e Cacina. Os poetas e os compositores precisavam de estar em contacto; era indespensavel uma academia que os congregasse. Em casa de Dom Francisco Manoel de Mello se celebravam as reuniões da Academia dos *Generosos*, fundada por Dom Antonio Alvares da Cunha, trinchante mór de Dom João IV, e tambem em casa do fundador desde 1647 até 1668. A Academia dos *Generosos* continuou depois de 1685 a 1686, até que morto o trinchante mór, foi a Academia restaurada por seu filho Dom Luiz da Cunha, servindo então de Secretario o Conde de Villar Mayor.

Uma outra Academia não menos celebre foi a dos *Singulares;* abriu-se a 4 de outubro de 1663 em casa de Pedro Duarte Ferrão, Inquiridor das causas de sua Magestade; celebravam-se as conferencias em casa de Antonio Serrão de Castro; a esta Academia pertenceram os poetas Manoel de Galhegos, André Rodrigues de Mattos e André Nunes da Silva. Restam-nos ainda os nomes de muitas outras Academias, tal como a dos *Ambientes*, que existia em 1615, a *Sertoria*, que existia em Evora por 1630, a dos *Anonymos* por 1637; as *Conferencias discretas* foram fundadas em 1669 na livraria do Conde da Ericeira; aos domingos á noite a nobreza de Lisboa ali se reunia a discutir pontos de physica, questões de linguistica, de poesia e moral, e tudo isto sem o minimo vislumbre de philosophia, com formas sopradas, convencionaes e retumbantes. A moda lavrava na aristocracia; assim como Dom João III tinha pezar de não poder trocar a purpura pela roupeta de Inquisidor, tambem Dom João V sentia em si aspirações para um academico; no meio dos seus grandes desperdicios da fazenda nacional, mandou edificar um palacio em Roma, que offereceu á celebre Academia dos Arcades; o monarcha foi cantado em odes sesquipedaes pelos arcades reconhecidos, e recebeu a distincção de ser admittido no seu gremio com o titulo de pastor *Albano.*

Dom João V, amava o cantochão, e assim como importava da Italia os modellos de *rococó* para enfeitar a sua corte, chamou um veneziano Frei Jorge para ensi-

nar esse canto funereo em Sam José de Ribamar. O sentimento da nacionalidade estava extincto, e a grande raça dos mosarabes cretinisada; era agora bem preciso entoar o canto de morte sobre o esphacelamento de um povo. Vejamos o estudo geral da nação, e deixemos concluir se é possivel erguer-se uma litteratura em condições assim. O Monarcha, á imitação dos monarchas do seculo XVIII, cumpria á risca a divisa de Luiz XV, ou de Leopoldo; sensualidade e prodigalidade! O dia, gastava-o abrindo a bocca diante das conferencias dos ministros, e perguntando de vez em quando quanto rendia a caixa das almas, como nol-o pinta Alexandre de Gusmão; as noites, passava-as violando as freiras de Odivellas, como o revela Frei João de Sam José Queiroz. A censura litteraria estava nas mãos do boçal cardeal Cunha, que não aprovava os repertorios, sem prohibir o mau tempo, os raios e os grandes frios. O estado da nobreza consubstancia-se em um facto unico, praticado mais tarde, quando tiraram os cavallos do coche de Dom João VI e o vieram puchando desde Villa Franca até Lisboa, vindo depois para a Imprensa reclamar cada um a parte que lhe competia n'esse heroico feito! O retrato do povo é desolador. Por este tempo andava em Portugal um estrangeiro distinctissimo, observador fino, alma de artista, de uma sensatez imperturbavel misturada com certa malicia; o seu nome é conhecido em toda a Europa em rasão das bellas cartas que escreveu sobre Portugal; é lord Beckford. O retrato que elle faz da sordidez do nosso povo é desolador; diz elle que nun-

ca viu terra aonde houvessem mais mendigos, mais grotescamente esfrangalhados, com pustulas e chagas tão asquerosamente fingidas. Viviamos em plena China, e era com razão que lord Tiralwey dizia, que Portugal se dividia em duas partes, uma que suspirava pelo Messias, e outra que sonhava com a vinda de Dom Sebastião.

Em uma nação aonde a vida toda se reconcentrava na côrte, em volta do rei e dos seus aulicos, a influencia franceza tinha de ser importante, porque a França era então considerada como o modello da elegancia. Dom João V estava com os olhos na corte de Luiz XV; imitava-lhe a sensualidade, e imitava-lhe a sumptuosidade. Os fidalgos portuguezes começaram a ter nos seus jardins fontes feitas pelo cavalheiro Bernin, como se usava em França; Mafra era um arremedo de Versailles, as Aguas Livres um despique com o aqueducto de Maintenon. O conde da Ericeira tinha relações estreitas de amisade com Boileau, e traduzia-lhe a sua Poetica para nos dar um codigo do bom gosto. A *Academia de Historia Portugueza*, fundada a 8 de Dezembro de 1720, era um simulacro da Academia franceza. O theatro portuguez não existia; apenas nos divertimentos do paço se cantavam as Operas que andavam em voga, a custo de milhões com que se pagavam os *castrati*. Estava principalmente em moda o theatro tragico traduzido de Racine, de Crebillon, e os olhos que estavam desacostumados de descançar sobre a verdade da natureza, compraziam-se em admirar essas scenas

artificiaes, aonde no meio de todos os interesses que se debatem entre reis e aulicos, nunca ha uma minima indiscrição que faça lembrar, que existe o povo, aonde reside a verdadeira soberania.

Viviamos felizes n'esta santa inercia e n'esta beatifica estupidez; o povo estava bestialisado e sem consciencia; até que um dia acordámos vendo que eramos um ludibrio aos olhos da Europa. A fundação da *Academia Real das Sciencias de Lisboa* foi o primeiro symptoma do despertar; foi creada a 24 de Dezembro, de 1779, sendo o seu presidente o Duque de Lafões, e secretario Luiz Antonio Furtado de Mendonça, depois conde de Barbacena. Na Oração recitada no 1.º de Julho de 1780, vem este periodo, de grande valor historico: «Que admirados ficareis, senhores, se soubesses quam vil é o conceito que mesmo os estrangeiros fazem injustamente de nós. Quando lá fóra apparece casualmente algum portuguez de engenho mediocre, admirados se espantam como de phenomeno raro. — E como assim? (dizem) de Portugal? do centro da ignorancia? — Assim o cheguei a ouvir. — E aonde estão os vossos livros? me perguntavam; aonde os auctores? as vossas Academias? os vossos descubrimentos? As gazetas litterarias que correm guardam do vosso reino o mesmo silencio que de Marrocos. Ouvindo estes injustos opprobrios, os olhos se me fechavam com pejo, emmudecia a lingua, e a face se me cobria de confusão.» O trabalho da *Arcadia* gastou-se em questões ridiculas, e nunca os arcades sairam da

eterna controversia do uso dos *archaismos* e *neologismos*. No meio d'esta violenta pressão moral do despotismo, do catholicismo e da auctoridade academica, nasceu uma fórma de poesia, resultado fatal d'este estado psychologico: usou-se com frequencia a poesia obscena, e n'ella primaram o Diogenes da Madragôa ou Antonio Lobo de Carvalho, o Camões do Rocio ou Caetano da Silva Souto Mayor, e o repentista Bocage. No entanto levantava-se a sublime Revolução franceza para cumprir a sêde de justiça de longos seculos! Portugal nada comprehendeu do vento da liberdade; logo que as ideias republicanas vieram por meio das sociedades secretas vêr se este povo ainda estava vivo, a realeza implantou em Portugal a Policia, do antigo regimen da França, e deu o sceptro d'ella ao intendente Manique, fazendo do forte da Junqueira a nossa Bastilha. O sentimento da liberdade é eterno, e inherente á natureza do homem; quando Portugal quiz entrar no banquete da egualdade humana, levantaram-se os homens de 1820. Foi então que surgiu o vampiro das nações, a interesseira Inglaterra, e com a prepotencia do seu egoismo quiz proteger a nossa independencia, a troco de lhe abraçarmos o seu constitucionalismo; ella tem a pretenção de ter encontrado uma fórma de governo, como um ideal realisado sobre a terra. Desgraçadamente o typo do governo constitucional é creado para a raça dos anglo-saxões, e aí prospéra naturalmente; mas em Portugal foi sempre um artificio illusorio, cuja prova calamitosa, é a sua completa desmoralisação em trinta e sete annos de existencia.

Schema da Historia nacional da Litteratura portugueza

ELEMENTOS DA RAÇA	FÓRMAS DE CREAÇÃO
I — Os Mosarabes Elemento popular ou nacional, formado pela aliança do godo-lite com o arabe.	CREAÇÃO ORIGINAL Em Religião — *Rito Mosarabe.* Arte — *Ornamentação do byzantino.* Direito — *Foraes.* Poesia — *Romanceiros.*
II — Asturo-Leonezes Elemento aristocratico, formado dos descendentes do godo-nobre, modificados ao contacto das povoações ibericas.	
1.º — EXTINCÇÃO DOS MOSARABES Em Religião — Pelo Catholicismo. Em Arte — Renascença. Em Direito — Tradição dos Romanistas. Em Poesia — Classicismo. RESULTADO: Ausencia de festas nacionaes. Aspiração pelo passado.	2.º — IMITAÇÃO CONSTANTE *Das epopêas da lingua d'Oil, no seculo XII* *das canções da lingua d'Oc, no seculo XIII* *das ficções inglezas, no seculo XIV* *dos Cancioneiros hespanhoes, no seculo XV* *da Renascença italiana, no seculo XVI* *dos Marinistas e Gongoristas, no seculo XVII* *do gosto francez, no seculo XVIII* *do constitucionalismo inglez, no seculo XIX.*
III — Colonias francezas e judaicas Elemento de assimilação estrangeira.	Genio mercantil, sentimento da realidade pratica abafado com a expulsação dos judeus.

§ VII

POESIA MODERNA EM PORTUGAL

Phases da poesia moderna: Restos do *sentimentalismo* do seculo XVIII na Europa.—Os *Lakistas*, Novalis. Lamartine, Millevoye e Soares de Passos.—O sentimento religioso e o genio melancholico. — A poesia da eschola *satanica* de Byron. — Alfred Musset, Espronceda.— Exageração da personalidade. —Henri Heine.— Alvares de Azevedo e o lyrismo brazileiro. — Sua influencia perniciosa. — O sentimento popular. —Uhland, Burger, Lokart, Percy. — Renascimento do genio nacional por Garrett e Herculano. — Os soláos e as Xacaras.— A edade media theatral e melodramatica.— Criterio historico da poesia popular. — O pantheismo de Spinosa inspira o lyrismo de Goethe.—Os cyclos poeticos da historia. — Lenau e Œlenschlager. — Tennysson e Victor Hugo. — Immobilidade da poesia lyrica em Portugal. — Necessidade de introduzir o novo elemento historico.

As grandes commoções do seculo XVIII reflectiramse sobre todas as formas da arte moderna; o genio da revolução acordou o *subjectivismo;* a alma humana precisava de desabafar e inventou a musica, a mais alta manifestação da harmonia em Mozart, Beethoven, Weber e Cimarosa; a poesia, pela sua parte, deixou os moldes academicos dos epithalamios, dos *bilhetes doces*, das estrophes pindaricas, e volveu-se ao natural,

deixou de ser convencional para servir de expressão espontanea. Rousseau havia pouco antes despertado o sentimento da natureza; todos queriam um pequeno alegrete, algumas flores, uma tira azul do ceu; a vida tornou-se por moda um engraçado idylio; Florian e Gessner eram os Homeros d'esta reproducção do paiz de *Tendre*, aonde um vaso quebrado era uma ruina! Quando a poesia moderna renasceu, não pôde logo separar-se das peias melancholicas de *sentimentalismo;* teve tambem de fazer-se terna, melindrosa, doente, para ser admittida na boa sociedade. Goëthe produziu o primeiro movimento com a paixão vaporosa de *Werther*, que se tornou contagiosa, causando, segundo a tradição, varios suicidios, contagio que o cortezão de Weimar teve de combater com o livro da *Mania do sentimento;* hoje, quem lê a pequena novella, assucarada e sem realidade, esquece-se da obra d'arte para analysar o documento historico. Um exagerado subjectivismo lavrava pela Europa; as novellas tornaram-se monologos apaixonados, vibrados na mesma corda plangitiva; a França dava as *Rèvêries* de Senancourt, o *Renato* de Chateaubriand, o *Adolpho* de Benjamin Constant; d'aqui para nascer a poesia lyrica moderna ía um passo. Da Inglaterra surgem logo os poetas *Lakistas*, cantando os luares, os nevoeiros, o pôr do sol, as alvoradas, todas as emoções tenues da alma, todas as melodias brandas e aérias da harpa do coração. Coleridge implantava na Inglaterra este lyrismo infantil da moderna Allemanha; Wordsworth, fazia da

poesia um platonismo religioso, e animava todas as cousas com uma entidade moral, cujas revelações só eram comprehendidas pelo sentimento; Southey e Wilson, completavam a pleiada dos poetas moradores dos lagos de Westmoreland e de Cumberland, para quem a poesia era um pantheismo christão, uma somnolencia de extasis, uma bonança mystica contra as tempestades que acabavam de agitar a alma humana na grande hecatombe da edade media, realisada no seculo XVIII. Ao mesmo tempo que se passava este facto em Inglaterra, na Allemanha, Novalis tirava novos accentos d'esse sentimento vago e indeterminado da melancholia; a existencia tornava-se uma nostalgia e saudade da outra vida, uma prisão; o tumulo, os goivos, os cemiterios, a solidão, o crepusculo, os crepes, os dobres dos finados, foram outras tantas estrophes d'essa doença elegiaca do coração, que atacava as almas puras e sensiveis. Os poetas tomavam a serio o pêso imaginario da *sua* angustia, declamavam ao vento as mais accidentaes alternativas do *seu* melindre, choravam sobre o *seu* passado, aspiravam o futuro, commoviam quem tinha a complacencia de ouvil-os, e por fim expiravam, como outr'ora os poetas da Persia extenuados ao pé de Kaba sagrado, morrendo de um mal desconhecido, irremediavel. Em França, Lamartine foi o corypheu d'esta seita de ingenuos, propagou o genero *larmoyant*; escrevia para as meninas, queria apanhar as brizas azuladas que lhe fugiam, seguia com o pensamento as nuvens, emfim a inspiração lançava-lhe a alma em um

estado paradisíaco. Millevoye seguiu a mesma senda; porém, como Novalis, deixou-se levar pelo abandono da vida, pelo desgosto intimo que a foi minando, pela impossibilidade de tocar a realidade das coisas, unico remedio d'este languor. Sobretudo a propagação do genio melancholico na poesia moderna deve attribuir-se a Macpherson, com a invenção dos poemas de *Ossian;* a sombra dos guerreiros vagando na cerração dos promontorios, os eccos da harpa bardica perdidos dos banquetes estridentes, as lembranças das tribus extinctas, um mixto da grandeza homerica com o tom plangente do psalmo biblico e das lamentações, tornaram apetecido o genero. A poesia elegiaca apresentou uma face nova, a expressão religiosa, a imprecação crente contra a duvida e o philosophismo, que asaltavam os espiritos. Em Portugal encontram-se todas as feições d'este periodo poetico; depois dos ultimos restos da *Arcadia*, conservados por Bingre, conhecido com o titulo de *Francelio Vouguense*, e por Castilho nas *Cartas de Ecco* e na *Primavera*, Garrett antes da emigração não se pôde livrar da tutela academica, como se vê nas composições da *Lyrica de João Minimo*, das *Flôres sem fructo*, e do *Retrato de Venus*. A poesia em Portugal, ficou esterilisada pelas imitações horacianas até ao tempo da emigração. Emquanto Garrett e Herculano comiam o pão do desterro, longe da patria, acompanhavam o movimento litterario que se dava em volta d'elles no estrangeiro. Garrett comprehendeu o que era o facto do renascimento da nacionalidade pela

litteratura, e Herculano pelas tradições e pela historia. A feição lyrica dada então á poesia portugueza por estes dois escriptores, era a que predominava na Europa; Garrett foi completamente elegiaco, e mais lyrico do que epico no poema *Camões*; invoca por sua musa a *saudade*, gosto-amargo, delicioso-pungir, visão vaporosa e sensivel como todas as entidades do seculo XVIII; no fim da vida conservou-se ainda elegiaco nas *Folhas cahidas*, o principal modello do nosso lyrismo. Herculano, verdadeiro poeta, apesar do que dizem os que lhe dão só o criterio historico, foi tambem sentimental, mas a rigidez e estoicismo do seu caracter, não podendo effeminar-se na *sensiblerie* lamartiniana, levaram-no para a emoção religiosa; imitou de Klopstock, a harpa estrepitosa e prophetica na *Semana Sancta*, na *Cruz mutilada*, na *Tempestade*, e na *Arrabida*; a si mesmo se descreve no sacerdote do *Eurico*, entregue ao silencio do Calpe á composição das estrophes religiosas que haviam de ser cantadas sob as abobadas da cathedral de Hispalis. A feição verdadeiramente sentimental, dolorosa, triste, nostalgica, afinada pelos *lakistas*, pela melancholia de Novalis, pelo desalento de Millevoye, acha-se entre nós representada nos versos de Soares de Passos; traduz o poema de *Fingal* de Ossian; imita as *Balladas do Norte*, traduzidas por Xavier Marmier, exalta-se com expansão religiosa no *Firmamento*, canta a *Morte de Socrates*, segundo Lamartine, e prorompe nos gritos de desânimo e angustia nos *Anhelos* e na *Visão do Resgate*.

O espirito critico dos tempos modernos deu á poesia um novo elemento — a *duvida*. O exagerado individualismo, fazendo vêr o mundo através das impressões pessoaes, deixou a alma solitaria, descontente, sem fé, absorvida do tedio, ao passo que as leis eternas do mundo e da consciencia se iam descobrindo no campo das Sciencias naturaes e da Metaphysica. O contraste produziu a inspiração caprichosa do *humorismo*, do sarcasmo e da maldição; o lado poetico da vida era a orgia; a aspiração do futuro o aniquilamento. Tal é a eschola *satanica*, da qual Byron é o deos. O genio de Byron tem sido explicado como uma manifestação do veio saxonio na litteratura ingleza; é tambem scandinavo no impulso aventuroso que o leva pelo mundo, que o põe em lucta com a sociedade inteira; tem a impassibilidade do pirata dinamarquez, e a altivez de um lord descendente da raça normanda. No meio do egoismo inglez, da occupação da industria, das operações bancarias, Byron sobe mais alto pelo seu egoismo, desafia as tempestades, e divaga pelo mundo como um Prometheu desencadeado; sente-se levado pela amargura de *Hamlet* e pelo instincto de revolta do *Satan* de Milton. Impõe a individualidade como o supremo vulto poetico dos seus cantos. *Childe Harold* é o lord na viagem pela Hespanha, Italia e pela Grecia; *Dom Juan*, *Manfredo*, o *Corsario*, e *Lara* são as feições do mesmo typo; a cada passo sente-se pequeno diante do espectaculo da natureza, conhece o vacuo da vida em roda de si, e crê condemnados á estabilidade uma intelligencia capaz de

abranger o infinito, e um coração puro como de um brahmane, prompto para acolher o universo. O abutre da sua imaginação devora-o, como ao acorrentado dos fragüedos caucásicos; foge de si mesmo e encontra sempre a imagem da ironia quando interroga o espaço; tem o atheismo na cabeça e a aspiração religiosa no intimo, e d'este antagonismo lhe nascem os cantos do desespero. Para elle o canto é estertor, a luz é sinistra, a terra acanhada, e a esperança um pesar, um desconsolo, uma duvida expressa pela palavra *Farewell!* O estado psychico, revelado na eschola *satanica*, propagou-se por toda a Europa; na Allemanha, João Paulo Richter introduziu na abstracção philosophica esse elemento individual e caprichoso do *humorismo;* as fórmas logicas submettiam-se ás impressões de momento, a um certo modo de vêr. Henri Heine, caracterisa melhor a influencia byroniana; dotado de genio descriptivo, a fidelidade com que copía o natural é alterada pela travessura que o obriga a escarnecer de tudo; dá ás cousas proporções grotescas depois de mostrar que as sabe vêr bem; fez a aliança entre a poesia lyrica com a graça espirituosa; ala-se na mais ardente inspiração e de repente mostra-se mofador, sarcastico, e recama tudo de uma irrisão insultuosa. A sua musa parece uma ægypan que desvaira em uma campina attica, fazendo esgares ao som da frauta harmoniosa; as mudanças intempestivas, o vêr o mundo através de um prisma tenebroso, deixam uma perturbação na alma de quem lê. Em França, a mesma eschola foi implan-

tada por Alfred de Musset; poeta aristocrata, tira a inspiração do absyntho; a sua êpoca fêl-o assim; apparecendo na Restauração, em um tempo em que se condemnava a mocidade vigorosa, tão bem aproveitada por Napoleão, a ceder a actividade diante dos velhos caducos que retomavam o seu posto com a volta da Monarchia, Alfred Musset entregou-se, como toda a mocidade do tempo, a uma vida ociosa e dissipada. Cantou para os amigos a estrophe da desenvoltura, o beijo do lupanar, o brinde lascivo, a aventura do balcão e da escada de sêda, a carta almiscarada e o duello entre risos e dansas. Tambem o genio byroniano se alonga até Hespanha, e encontra lá uma àlma oppressa, a quem ensina o canto da indignição. É Espronceda; no meio das revoltas politicas, que arruinavam a sua patria, pobre e indigente, de terra em terra, vendo em volta de si um futuro negro, sente-se arrojado ao infimo das camadas sociaes; é de lá que levanta o grito em que canta a vida do *Piraia*, do *Mendigo*, do *Carrasco* e do *Diablo-Mundo*.

Em Portugal, paiz essencialmente catholico, a eschola *satanica* não teve adeptos; a melancholia lamartiniana pendeu mais para o hymno religioso do que para a imprecação da duvida e do desespero. Observando a poesia lyrica do Brasil, encontra-se uma unica feição, a constante imitação de Byron, de Musset e Espronceda.

Nas modernas revoluções da Europa, a poesia revelou-se como um auxiliar poderoso da liberdade; a

Marseillaise de Rouget de L'Isle levava as multidões; os cantos de Miçkiewick e do Poeta Anonymo da Polonia revolucionavam os estudantes da Lithuania contra a prepotencia russa; os hymnos de Alexandre Pœtefi ajudavam á causa da liberdade na Hungria; o hymno da *Maria da Fonte* fazia uma revolução em Portugal. Conheceu-se, por toda a parte, que o povo tinha tambem uma poesia, que a magia do verso não deixava de lisongear-lhe o ouvido. Esta mesma descoberta foi auxiliada pelos trabalhos da critica e da philologia sobre as obscuridades da edade media; os poetas volveram-se para o estudo das tradições populares conservadas intactas apesar do decorrer de seculos. Jacob Grimm percorre a Allemanha, e no decurso de dez annos recolhe a rica e extensa mina das tradições dos povos do Norte; o que elle fazia como erudito, para esclarecer os problemas da historia e da linguistica, os poetas tentaram-no como artistas, fazendo reconstrucções perfeitas para serem recebidas pelos academicos superciliosos. Uhland, na Allemanha, foi o poeta que mais trabalhou para a comprehensão do sentimento da alma popular; chamavam-lhe por isso o ultimo trovador; a sua imaginação de fada povoava de novo os castellos em ruinas, recompunha sobre as tradições locaes as lendas dos solares extinctos; é um propheta do passado que prégou o amor da edade media. Nas suas balladas, as donzellas tem o mesmo respeito que lhes davam nas *Côrtes de Amor;* ainda os peregrinos chegam desconhecidos da Terra Santa, e

cantam ao sopé dos castellos o lai plangitivo do ausente; o cavalleiro errante é ainda impellido pelo sentimento do amor e da justiça; a cathedral gothica ainda tem o sino que toca a revolta, ainda lá dentro nascem os amores puros e immaculados dos petrarchistas. Emfim, o canto da vida que passou, torna-se no seu plectro uma expressão da liberdade moderna.

A este mesmo tempo, Jacob Grimm recolhia os mais antigos romances hespanhoes na sua *Silva*. Na inglaterra, Lockart, guiado por Walter Scott, traduzia admiravelmente os romances hespanhoes, e o Bispo Percy, recolhia as velhas reliquias dos cantos populares dos diversos condados de Inglaterra; formavam-se sob os seus auspicios sociedades de collectores para recolherem as rhapsodias perdidas, e recompôr o poema da nacionalidade. Ainda não predominava o trabalho de erudição: era mais uma curiosidade, que tinha de se fazer valer á custa do aperfeiçoamento que lhe davam. Manchavam assim a pureza nativa que tem a expressão do povo; tiravam-lhe os traços rapidos e incisivos, semi-dantescos que elle tem quando narra; recortavam, como a um buxo de jardim, a planta do mato, aspera, selvagem, de um verde carregado, mas rescendente e vigorosa. O estudo da tradição levou a encontrar as origens da *Divina Comedia* nas tradições populares do *Evangelho de Nicodemus* e do *Purgatorio de Sam Patricio;* este estudo do genio popular coincide com o movimento constitucional da moderna Europa. Quando Garrett veiu para Portugal, encetou a colheita

dos romances do nosso povo. Começou por aperfeiçoal-os e reconstruil-os ao gosto de Uhland e do Bispo Percy; emprehendeu uma collecção em que misturava composições suas, como a *Adozinda* e *Miragaya*, com as sublimes rhapsodias achadas nas lareiras da provincia. Dezesseis romances foi o maximo da sua colheita no mundo da imaginação portugueza; alterou-lhes a verdade para apurar a linguagem e esclarecer a peripecia dramatica; e ainda assim, valeu-se dos cadernos de alguns estrangeiros curiosos que haviam começado a respigar n'este campo. Se o trabalho de Garrett era importante, os resultados foram perniciosos; a geração moderna, preparada por elle, formou logo uma edade media de cartão, falsa, recortada, sem realidade, que se acha plenamente desenhada em todos os seus emplastos nos *Dois Renegados;* a poesia lyrica esgotou-se quasi exclusivamente em *solaos* e *xacaras*, sem imaginação, sem intuição do genio do povo, sem conhecimento do espirito mediévico, sem lances originaes, sem graça, sem poesia. Herculano obedeceu a este impulso traduzindo a ballada do *Caçador feroz* de Bürger; Castilho fez o *Acalentar da Neta* em verso chuleiro; emfim a chamada *geração nova* em pêso só cantava pagens, alaúdes, castellos, trovadores, ameias, prejurios de donzellas espectros exigindo as promessas mentidas, juras ao luar, toques de campanario, emparedadas, castellãos, prestameiros, pannos de raz, espaldares; todo o guarda roupa das Cruzadas foi metido em rima, em verso de redondilha, perigoso pela sua facilidade; nas

modinhas de sala recitava-se ao piano só xacaras de mouros traídos; as meninas cantavam em familia os amores dos peregrinos da terra santa, e no theatro não era de gosto o drama de alto cothurno que, ao levantar o panno, não começasse com uma toada plangente e compassada de um soláo de amores, pelo mólde inaugurado no *Alfageme*.

Garrett ria-se de todos elles, e maldizia a vergonhosa interpretação do seu impulso. A moda passou, como passa tudo o que se macaqueia sem se comprehender. O estudo da poesia popular tomou na Europa uma nova face; descobriu-se que junto com a poesia do povo andavam de envolta os problemas da historia, a formação das linguas romanas, a fusão das nacionalidades, o genio das raças, os factos psychologicos da concepção, as crenças religiosas, o symbolismo juridico; a poesia do povo era um grito que denunciava uma alma. As descobertas das epopêas francezas do seculo XII, fonte das tradições da Europa, espalharam uma luz sobre a poesia dos povos modernos. Desde então os cantos populares foram respeitosamente colhidos; depois de dez annos de trabalho, Jacob Grimm dizia, que nunca encontrara uma unica mentira na poesia do povo. Seguindo este criterio, viemos a achar que a formação do Romanceiro da Peninsula pertence unica e exclusivamente ao genio da raça *mosarabe*, esse baixo povo que formou as cartas de *Foral*, codigos da revolta que elle proclama constantemente nos seus cantos.

Um dos factos que mais assignala o seculo XIX é o

estudo da Historia; para elle confluem todos os trabalhos, como para a corrente caudal que absorve em si todas as vertentes. As indagações parciaes da archeologia, da linguistica, tudo ajuda a comprehender o passado, em que é preciso a intuição de vidente para saber discriminar os vultos esfumados na penumbra do tempo. D'esta direcção nasceu um novo modo de escrever a historia: a fórma *pittoresca*. Agustin Thierry descreve a conquista dos Normandos com uma grandeza e traços verdadeiramente homericos; Michelet faz a historia de França espalhando, a cada pagina, movimento, vida e colorido. Por outro lado, a renovação philosophica, partindo do impulso dado no seculo XVII por Spinosa, infunde na alma um pantheismo grandioso, em que o homem tem vergonha de deixar de pé a sua personalidade. Como poderá sem a personalidade existir o lyrismo subjectivo? Goethe dizia, que a uma leitura rapida e imperfeita comprehensão da philosophia de Spinosa devia o pantheismo de todos os seus versos; o lyrismo no Jupiter de Weimar é a *Noiva de Corynthо*, uma fórmula historica, o paganismo em frente do christianismo; é o *Pescador*, a fascinação da natureza. No *Fausto* está resumida a synthese da alma humana, no processo incessante para descobrir a verdade. Com que symbolo perfeito está representada a *Renascença* pagã do seculo XVI no apparecimento luminoso e esplendido de Helena, a formosura attica, no gabinete do velho sabio! o pensamento é de Marlow, mas a ideia philosophica é tudo. A Goethe pertence o grande

progresso de ter libertado o poeta de thuribulario das velhas Academias, que só servia para fazer versos de annos, elogios de enterro, e pedir esmola em estrophes carpidas; foi elle o primeiro que mostrou ser o poeta o que mais sente, o que resume em si a alma da humanidade, aquelle que tem na sua bocca palavras de elevação, e que póde condemnar de um modo irremissivel ao eterno opprobrio. O lyrismo subjectivo foi decahindo por si mesmo; os espiritos mediocres, que seguiam a senda commum, não saíam de um vocabulario feito, de um certo numero de imagens de convenção, de rimas conhecidas; assim, provocaram o fastio e tedio que fez olhar, durante muito tempo, a poesia como uma frivolidade. Em Portugal, reinou esta phase lyrica extemporanea; andam todos os jornaes e collecções recheadas de cantos sentimentaes, vazios de sentido, copiados de uns para outros, moldados em um mesmo typo; são tudo: *Saudades*, a *Minha estrella*, o *Destino*, o *Crepusculo*, *Flor do ermo*, *Primaveras*, titulos repetidos desde o primeiro até ao ultimo versejador; a totalidade d'estes poetastros, uns arvorados em corypheus, não tendo de pensar para escrever, entrega-se á imitação de Musset, de Lamartine, de Victor Hugo, de Espronceda, e não se afastam do que está mil vezes repetido.

Da eschola *pittoresca* da Historia nasceu a tendencia historica da poesia; porque não havia esta fada encantadora animar o passado, dar vida, servir a sciencia nova? Na Allemanha Lenau, e na Dinamarca

OEhlenschlager investigam os periodos historicos, e dão conta dos resultados na estrophe énea dos seus poemas. O que Victor Hugo tentou em França com a *Lenda dos Seculos*, já em Inglaterra Tennysson emprehendera. Os seus poemas apresentam os diversos cyclos, na difficil aliança da poesia e da philosophia: é esta a tendencia da arte moderna, que se vae notando tambem na pintura e na musica. Quando em Portugal appareceram os primeiros ensaios da poesia historica, estavam desprevenidos, receberam-nos com simplicidade, acolheram-nos como um impulso dado para tirar a poesia da immobilidade do lyrismo pessoal. Que importa que as mediocridades grunhissem depois, vendo-se perturbadas na sua pósse immemorial? O facto consummou-se, *ala jacta est*.

FIM

ERRATAS

PAG.	LIN.	ERROS	EMENDAS
213	4	N.º 71	passa para a linha seguinte.
237	15	N.º 68	N.º 70
288	1	1551	1557
293	26	1548	1543
304	8	fez com esta	fez com que esta
307	1	Denzina	Lenzina
324	2	1595	1596
»	3	1617	1595
317	13	petrachistas	petrarchistas

PORTO — IMPRENSA PORTUGUEZA, RUA DO ALMADA